UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

RAQUEL RIBEIRO GUIMARÃES MOTA

A TOPONÍMIA NO ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO SOBRE OS NOMES DOS LOGRADOUROS DE ALVAÇÃO, DISTRITO DE CORAÇÃO DE JESUS – MG

MONTES CLAROS

2021

Raquel Ribeiro Guimarães Mota

A TOPONÍMIA NO ENSINO FUNDAMENTAL:
um estudo sobre os nomes dos logradouros de Alvação, distrito de Coração de Jesus/MG.

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras, do Departamento de Comunicação e Letras da Universidade Estadual de Montes Claros, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof.ª Maria do Socorro Vieira Coelho.

Área de Concentração: Linguagens e Letramentos.

Linha de Pesquisa: Teorias da Linguagem Ensino.

Maria do Socorro Vieira Coelho

Liberado em: 21/10/2021.

Montes Claros, 13 de julho de 2021.

Foto: Comunidade de Brejão - Alvação.

AUTORIZAÇÃO – AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUAISQUER MEIOS CONVENCIONAIS OU ELETRÔNICOS PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Mota, Raquel Ribeiro Guimarães.

M917t A toponímia no Ensino Fundamental [manuscrito] : um estudo sobre os nomes dos logradouros de Alvação, distrito de Coração de Jesus - MG / Raquel Ribeiro Guimarães Mota. – Montes Claros, 2021.

301 f. : il.

Bibliografia: f. 261-272.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes, Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras/ Profletras, 2021.

Orientadora: Profa. Dra. Maria do Socorro Vieira Coelho.

1. Onomástica. 2. Toponímia. 3. Ensino de Português. 4. Distrito de Alvação – Município de Coração de Jesus (MG). 5. Práticas de ensino. I. Coelho, Maria do Socorro Vieira. II. Universidade Estadual de Montes Claros. III. Título. IV. Título: Um estudo sobre os nomes dos logradouros de Alvação, distrito de Coração de Jesus - MG.

Raquel Ribeiro Guimarães Mota

A toponímia no ensino fundamental: um estudo sobre os nomes dos logradouros de Alvação, distrito de Coração de Jesus/MG.

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras, do Departamento de Comunicação e Letras da Universidade Estadual de Montes Claros, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Prof.ª Maria do Socorro Vieira Coelho – Unimontes (Orientadora)

Prof.ª Dr.ª Ana Paula Alves Mendes de Carvalho – IFMG (Banca Examinadora)

Prof.ª Dr.ª Adriana Cristina Cristianini – UFU (Banca Examinadora)

Montes Claros, 13 de julho de 2021.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me fortalece sempre que me sinto fraca.

À minha querida orientadora, Maria do Socorro, por não desistir de mim e por ser uma mulher forte e destemida.

Aos meus pais, exemplos de força, fé e determinação.

Aos meus irmãos Armelino, sempre cuidadoso, carinhoso e jovial; Hilário, sempre preocupado e cuidadoso; Ernesto, carinhoso e bom ouvinte; Nascimento, cuja missão nessa terra deve ser ajudar o próximo, pois ninguém faz isso tão bem e com tanta alegria quanto ele; Odon, extrovertido e alegre, mas, ao mesmo tempo, sério; Evaldo, silencioso, compreensivo e paciente; Miguel, barulhento e de coração puro como o de uma criança; Cida, sangue de barata, como diz a nossa mãe, mas, com uma calmaria contagiante; José, meu menino, desajuizado, mas tão carinhoso que chega a ser, às vezes "grudento"; Mirian, caçula birrenta e ciumenta, mas, por demais cuidadosa com todos e com tudo.

Ao meu esposo, por ser um companheiro em todos os sentidos da palavra, companheiro de luta na educação, matemático que soma muito à minha vida.

Aos meus filhos, Arthur e Eliza, razões de minha persistência e resiliência.

A todos os meus sobrinhos e sobrinhas, cunhados e cunhadas, em especial à Juliana por todo o cuidado com meus filhos e Evanilde, uma segunda mãe para eles, e à Elizêne, pelo apoio e pela ajuda, em especial, na confecção dos mapas.

Aos meus sogros, tios e primos.

Aos meus colegas da Escola Estadual São Sebastião, em especial à diretora e amiga Tatiana Correia dos Santos.

Aos meus colegas do Mestrado, em especial àquelas que se tornaram irmãs de luta, Daniele, Penha e Raimunda.

Aos meus queridos alunos da Escola Estadual São Sebastião, especialmente aos do 7º ano de 2019, que contribuíram, significativamente, para este trabalho.

Aos meus informantes de Alvação pela colaboração participativa, pela acolhida e pelos valiosos momentos de aprendizagem para minha pesquisa e minha vida.

À minha amiga de pedal, Jaqueline, por sempre ouvir minhas lamúrias durante os percursos.

À minha amiga, Lilian Alves, pelo incentivo e por me fazer ver minha força invisível.

Aos amigos, Rosy e Tito, por me ajudarem com meus filhos, sempre que precisava trazê-los a Montes Claros.

À amiga, Marinês, pela ajuda e espírito crítico que me fazem ver as coisas por outros ângulos.

A todos os amigos e irmãos de fé.

Aos que contribuíram direta e indiretamente na realização desta pesquisa e do meu aprendizado.

RESUMO

O objeto de estudo desta dissertação é o léxico onomástico-toponímico, os topônimos dos logradouros rurais do distrito de Alvação, município de Coração de Jesus, Minas Gerais. Com base nos documentos orientadores da educação de Minas Gerais, esta pesquisa objetivou atrelar as habilidades e competências previstas para o ensino do português para o 6º ano ao ensino e registro toponímico dos nomes dos logradouros rurais de Coração de Jesus. A investigação norteou-se pelo arcabouço teórico sobre Léxico, especificamente, o viés onomástico-toponímico, léxico e ensino e alfabetização e retextualização. A metodologia utilizada incluiu a revisão bibliográfica, a documental, a pesquisa de campo, a qualitativa, a pesquisa-ação educacional (quanto aos procedimentos técnicos) e a descritivo-explicativa (no que tange ao tipo). A pesquisa desenvolveu-se em duas etapas, a da diagnose e a da proposta de práticas de ensino. Na etapa diagnóstica, foram aplicadas atividades que objetivavam detectar os conhecimentos dos alunos sobre a toponímia local, e avaliar sua produção escrita. O resultado dos dados dessa fase revelou que os discentes desconheciam a toponímia local, e que alguns problemas relativos à escrita oriundos do período da alfabetização não haviam ainda sido consolidados, sendo o mais recorrente deles o uso de letras maiúsculas e minúsculas em total dessintonia com as normas ortográficas padrão da língua portuguesa do Brasil. Em função disso, elaborou-se uma proposta de Práticas de Ensino que abordasse algumas competências gerais previstas na Base Nacional Comum Curricular, como o "[...] conhecimento; pensamento científico, crítico e criatividade; repertório cultural; responsabilidade e cidadania". A proposta de Práticas contemplou, também, o ensino dos conhecimentos toponímicos associados ao dos ortográficos, especificamente, o das normas de uso de maiúsculas e minúsculas. Os resultados da investigação apontaram que é possível cumprir a proposta curricular, produzir conhecimentos ainda não publicados, e, portanto, inéditos, e em consonância com os documentos oficiais da educação brasileira e mineira, e desenvolver um trabalho pluridisciplinar, plausível porquanto o ensino do léxico onomástico-toponímico admite a interação com outras disciplinas que não a de Língua Portuguesa. A investigação evidenciou a importância da participação do alunado na construção de sua aprendizagem, e reafirmou que é função do professor, intermediar e orientar não apenas o ensino dos conteúdos determinados no currículo para o ano escolar em andamento, mas também aqueles de etapas anteriores, mas ainda não consolidados, procedimento que evitaria a perpetuação de erros.

Palavras-Chave: Onomástica. Toponímia. Ensino de Português. Distrito de Alvação, Município de Coração de Jesus. Práticas de Ensino.

ABSTRACT

The main thesis of this dissertation is the onomastic-toponymic lexicon, the toponyms of rural places in the District of Alvação, Municipality of Coração de Jesus - Minas Gerais. Based on the guiding documents of education in Minas Gerais, this research aimed to link the skills and competences foreseen for the teaching of Portuguese for the 6th year to the teaching and toponymic registration of the names of rural places in Coração de Jesus. The investigation was guided by the theoretical framework on Lexicon, specifically, the onomastic-toponymic bias, lexicon and teaching, and literacy and re-textualization. The methodology used included bibliographic, documentary reviews, field research, qualitative, educational action research (regarding technical procedures) and the descriptive-explanatory one (regarding type). The research was developed in two stages, the diagnosis and the teaching proposal. In the diagnostic stage, activities aimed at detecting students' knowledge of local toponyms and evaluating their writing production were applied. The result of the data from this phase revealed that the students were unaware of the local toponymy, and that some problems related to writing arising from the literacy period had not yet been consolidated, being the use of upper and lower case letters in frontal mismatch with the standard orthographic norms of the Portuguese language of Brazil the most recurrent of them. Because of that, a proposal for Teaching Practices was elaborated that addressed some general abilities and competences foreseen in the Common National Curriculum Base such as "[...] knowledge; scientific, critical thinking and creativity; cultural repertoire; responsibility and citizenship". The proposal of the Practices stage also contemplated the teaching of toponymic knowledge associated with that of spelling, specifically, the rules of capitalization. The results of the investigation revealed that it is possible to comply with the curricular proposal, produce unpublished and, therefore, unprecedented knowledge, and in line with the official documents of Brazilian and Minas Gerais education, and develop a multidisciplinary work, plausible because the teaching of the lexicon onosmastic-toponymic admits interaction with several disciplines other than that of the Portuguese language. The investigation highlighted the importance of students´ participation in the construction of their learning, and reaffirmed that it is the teacher's role to mediate and guide not only the teaching of content determined in the curriculum for the current school year, but also those from previous stages, however, not yet consolidated, a procedure that would avoid the perpetuation of errors.

Keywords: Onomastics. Toponymy. Teaching Portuguese. Alvação District, Municipality of Coração de Jesus. Teaching Practices.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Tópicos, subtópicos e habilidades do CBC-MG do 6º ano 21

Quadro 2 - Campos de atuação, objetos de conhecimento e habilidades, conforme o CRMG 22

Quadro 3 - Competências e habilidades de LP do EF I 26

Quadro 4 - Classificação dos topônimos de natureza antropocultural 52

Quadro 5 - Classificação dos topônimos de natureza física 53

Quadro 6 - Ficha Lexicográfica -Toponímica 54

Quadro 7 - Informante (W.C.R) - Atividade 1 74

Quadro 8 - Versão digitada - aluno (W.C.R) Atividade 1. 75

Quadro 9 - Informantes 106

Quadro 10 - Questionário 1 111

Quadro 11 - Primeiras informações dos alunos sobre Toponímia - Questões de 1 a 10 113

Quadro 12 - Primeiras informações dos alunos sobre Toponímia - Questões de 11 a 21 – (continuação) 114

Quadro 13 - Versão digitada – aluno (M. C. P. S) Atividade 2 131

Quadro 14 - Produção textual tema livre 132

Quadro 15 - Descrição de atividade diagnóstica produção textual 133

Quadro 16 - Atividade 4 ditado de frases (provérbios populares) 135

Quadro 17- Sistematização de atividade ditado de provérbios populares 136

Quadro 18 - Atividade 5 - A toponímia no ensino fundamental 137

Quadro 19 - Sistematização de dados ditados de frases aleatórias 138

Quadro 20 - Taxonomias de natureza antropocultural relacionadas ao homem e à sua relação com a sociedade e cultura 150

Quadro 21- Taxonomias de natureza física, aquelas relacionadas ao ambiente físico 151

Quadro 22 - Elemento que compõe a ficha lexicográfico-toponímica 153

Quadro 23 - Significado encontrado nos dicionários e site 159

Quadro 24 - Roteiro utilizado para a coleta de dados 162

Quadro 25 - Transcrição e digitação das entrevistas 165

LISTA DE FOTOS

Foto 1 - Igreja Bom Jesus (antiga e atual) - Brejinho.....36

Foto 2 - Entrada do Povoado de Canta Galo 70

Foto 3 - Escola Estadual São Sebastião - Brejinho 95

Foto 4 - Arvore Tamboril 141

Foto 5 - A motivação toponímica e a realidade brasileira.....149

Foto 6 - Embornal com material para pesquisa de campo 1.....160

Foto 7 - Embornal com material para pesquisa de campo 2.....161

Foto 8 - Bloco de anotação.....161

Foto 9 - Material para o registro fotográfico 168

Foto 10 - Placa sinalizadora do povoado de Fonseca.....260

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Onomástica 45
Figura 2 - Relação triádica..... 46
Figura 3 - Transformação de um vocábulo em topônimo 50
Figura 4 - Onomástica e interdisciplinariedade..... 71
Figura 5 - Fluxograma: redes sociais da entrevista 108
Figura 6 - Exemplo 1: informante (J. P. M. M)..... 121
Figura 7 - Exemplo 2: informante (M. A. S. L)..... 122
Figura 8 - Exemplo 1: informante (M. A. R)..... 122
Figura 9 - Exemplo 2: informante (M.C.P.S)..... 122
Figura 10 - Ditado textual - informante (M. C. P. S) 130
Figura 11 - Ditado textual - informante (M. C. P. S) - (continuação)..... 130

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Localização do Município Coração de Jesus - Mesorregiões 57

Mapa 2 - Município Coração de Jesus 58

Mapa 3 - Distrito de Alvação – Município de Coração de Jesus – Minas Gerais – Brasil 62

Mapa 4 - Distrito de Alvação no Município de Coração de Jesus 63

Mapa 5 - Carta do Município de Inconfidência 1927 - Minas Gerais 67

Mapa 6 - Características dos rios e córregos de Alvação 69

Mapa 7 - Pesquisas PPPGMPLetras - Unimontes 90

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Sistematização dos fenômenos linguísticos encontrados nos textos dos alunos 85

Tabela 2 - Categorização dos dados encontrados – 6º ano X 86

Tabela 3 - Classificação geral dos ‘erros’ 87

Tabela 4 - “Erros” na Produção Escrita – Atividade 1 87

Tabela 5 - “Erros”- Levantamento I 88

Tabela 6 - “Erros” - Levantamento II. 88

Tabela 7 - ‘Erros’ nas Atividades I e II 89

Tabela 8 - Sistematização de “erros e acertos” da atividade diagnóstica 02 126

Tabela 9 - Uso indevido de letras maiúscula e minúscula 128

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Distribuição dos participantes por sexo 115

Gráfico 2 - Distribuição dos participantes por idade 115

Gráfico 3 - Distribuição dos participantes por natalidade 116

Gráfico 4 - Distribuição dos participantes por local de residência 117

Gráfico 5 - Percentual de uso de maiúsculas e minúsculas em nomes próprios 121

Gráfico 6 - Sistematização de “erros e acertos” da atividade diagnóstica 02 126

Gráfico 7 - Percentual geral no uso indevido de letras maiúsculas e minúsculas 128

Gráfico 8 - Taxonomias encontradas 257

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABL	Academia Brasileira de Letras
ATB	Atlas Toponímico do Brasil
ATEMiG	Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBC	Currículo Básico Comum
CeANorte	Central de Abastecimento do Norte de Minas Gerais
CRFB/1988	Constituição da República Federativa do Brasil
CRMG	Currículo de Referência de Minas Gerais
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EFTI	Ensino Fundamental em Tempo Integral
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PISA	Programa Internacional de Avaliação de Alunos
PNE	Plano Nacional de Educação
SAEB	Sistema de Avaliação da Educação Básica
SEE/MG	Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
VOLP	Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 18

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 37
2.1 O léxico 37
2.2 Lexicologia, Lexicografia, Terminologia 40
2.3 A Onomástica 42
2.3.1 Toponímia 47
2.3.1.1 Os estudos toponímicos no Brasil - Minas Gerais - Coração de Jesus 49
2.3.2 Estrutura do topônimo *50*
2.3.3 Natureza motivacional do topônimo *52*
2.4 Do levantamento à análise dos topônimos: fundamentos teórico-metodológicos 53
2.4.1 Toponímia em estudo: Logradouros de Alvação - Coração de Jesus/Minas Gerais 57

3 TOPONÍMIA E O ENSINO DE PORTUGUÊS 71

3.1 A necessidade da alfabetização no 6º ano do ensino fundamental da E. E. São Sebastião 73
3.2 Contribuições da Linguística para a alfabetização 78
3.3 Aquisição da ortografia no ensino fundamental 83
3.4 Pesquisas do PPGMPLetras revelam o "fracasso" escolar na alfabetização 85
3.5 Retextualização 92

4 METODOLOGIA E DIAGNOSE 96
4.1 Metodologia 96
4.2 Universo da pesquisa 99
4.3 Procedimentos metodológicos 100
4.2.1 Coleta de dados e redes sociais *103*
4.3 Detectando e diagnosticando o conhecimento dos alunos sobre o léxico-toponímico de Alvação: procedimentos metodológicos 109
4.4.1 Diagnose I 110
4.4.1.1 Atividade 1: primeiras informações dos alunos sobre toponímia 110
4.3.2 Diagnose II: problemas de escrita da Turma do 6.º ano da E. E. São Sebastião 124
4.3.2.1 Procedimentos metodológicos 124
4.3.2.1.1 Atividade 2: ditado textual (Francisco e seu cachorro chumbo) 125
4.3.2.1.2 Atividade 3: "Produção textual tema livre" 132
4.3.2.1.3 Atividade 4: ditado de frases (provérbios populares) 135
4.3.2.1.4 Atividade 5: ditado frasal 137

5 PROPOSTA DE PRÁTICAS DE ENSINO 142
5.1.1 Minicurso I: Onomástica e toponímia 144
5.1.2 Minicurso II: Fichas lexicográficas toponímicas 152
5.1.3 Minicurso II: uso de maiúsculas e minúsculas 154
5.1.3.1 Atividade I: regras para o uso de maiúsculas e minúsculas 154
5.2 Oficina 1: pesquisa e prática 156
5.3 Análise e resultados da proposta de práticas de ensino 256
5.4 Avaliação da proposta de práticas de ensino realizada pelos alunos 259

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 261

REFERÊNCIAS 263

APÊNDICE A - Questionário nº. 1 - Primeiras informações dos alunos sobre Toponímia 276
APÊNDICE B - Questionário nº. 2 - Ouvindo os moradores contar sobre Toponímia 278
APÊNDICE C - Questionário informante: (M.D.O.M) 281
APÊNDICE D - Questionário informante: (M.A.R) 284
APÊNDICE E - Parecer de Aprovação do Comitê de Ética 287
APÊNDICE F - Grafia dos nomes próprios de lugares. 291
APÊNDICE G - Fotos 295

ANEXO A - Resolução nº 003/2020 - Conselho Gestor, de 02 de junho de 2020 302
ANEXO B - Evento organizado durante a realização da pesquisa 304
ANEXO C - Declaração revisão - Normas ABNT 305

Mapa antigo do distrito de Alvação. Fonte: Macedo (2012, p. 50).

1 INTRODUÇÃO

A educação básica é um direito assegurado pela Constituição da República Federativa do Brasil (CRFB/1988) e pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Esse direito, no que tange ao conteúdo programático e às normas educacionais, é norteado por alguns documentos oficiais, a saber, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN[1]), o Currículo Básico Comum (CBC), a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o Currículo de Referência de Minas Gerais (CRMG) que têm como meta garantir a qualidade para o ensino fundamental no Brasil. São propostas que exigem adequações, conforme as especificidades regionais do Brasil.

Como o próprio nome assinala os PCN constituem um referencial de abrangência nacional, comum a todos os estados da União, que incluem propostas de conteúdo e de condutas para a formação escolar no país, determinando o que deve ser garantido a todos os estudantes, todavia, facultando adequações, conforme as especificidades regionais do Brasil, ou seja, sem promover uma uniformização que descaracterize, ou ignore, a pluralidade cultural de cada espaço regional. Esses parâmetros contemplam o ensino fundamental I e II e, ainda, o Ensino Médio.

A missão central dos PCN é garantir a qualidade do ensino fundamental no Brasil e orientar os educadores por meio da normatização de alguns fatores fundamentais pertinentes a cada disciplina. Suas normas que abrangem tanto a rede pública, quanto a particular de ensino, orientando a educação e escolaridade no país.

Com base no teor dos PCN, selecionamos as etapas do 3º e 4º ciclos (6º e 7º anos do Ensino Fundamental II, como foco da proposta desta pesquisa, porque à página 32 tratam do ensino da Língua Portuguesa e determinam, entre outras competências que são contempladas na proposta de práticas de ensino desta dissertação, que o "[...] aluno amplie o domínio ativo do discurso nas diversas situações comunicativas, sobretudo nas instâncias públicas de uso da linguagem, de modo a possibilitar sua inserção efetiva no mundo da escrita, ampliando suas possibilidades de participação social no exercício da cidadania." (BRASIL, 1998, p. 32).

Os PCN, entretanto, não especificam como e em quais etapas deve ocorrer a ação de ensinar para que sejam adquiridas as mencionadas competências, determinando, apenas, que à escola cabe organizar um conjunto de atividades que, progressivamente, possibilitem ao aluno fazer uso da linguagem "[...] na escuta e produção de textos orais e na leitura e produção de textos escritos, de modo a atender a múltiplas demandas sociais, responder a diferentes

[1] Esclarecemos que esse documento encontra-se em vias de desuso, embora ainda seja considerado atualmente.

propósitos comunicativos e expressivos e considerar as diferentes condições de produção do discurso.” (BRASIL, 1998, p. 32).

Assim sendo, a fim de trabalhar com os conteúdos previstos para as diferentes práticas de ensino, é necessário que a escola organize atividades que permitam ao discente

> [...]desenvolver o domínio da **expressão oral e escrita** em situações de uso público da linguagem, levando em conta a **situação de produção social e material do texto (lugar social do locutor em relação ao(s) destinatário(s); destinatário(s) e seu lugar social**; finalidade ou intenção do autor; tempo e lugar material da produção e do suporte) e selecionar, a partir disso, os gêneros adequados para a produção do texto, operando sobre as **dimensões pragmática, semântica e gramatical**. (BRASIL, 1998, p. 49, grifos nossos).

Os PCN, no que tange à Língua Portuguesa, dividem-se em dois eixos: o “Uso”, que inclui a prática de escuta e de leitura de textos e prática de produção de textos orais e escritos, e o eixo “Reflexão”, que compreende a análise linguística.

No processo de produção de textos escritos, segundo os PCN de Língua Portuguesa, espera-se que o aluno redija diferentes gêneros de textos, estruturando-os, de maneira a garantir:

> . a relevância das partes e dos tópicos em relação ao tema e propósitos do texto;
> . a continuidade temática;
> . a explicitação de informações contextuais ou de premissas [...];
> . a explicitação de informações contextuais ou de premissas indispensáveis à interpretação;
> . a explicitação de relações entre expressões mediante recursos linguísticos apropriados (retomadas, anáforas, conectivos), que possibilitem a recuperação [...]. (BRASIL, 1998, p. 51).

Além desses critérios listados, de acordo com o referido documento, espera-se que o discente:

> . realize escolhas de elementos lexicais, sintáticos, figurativos e ilustrativos, ajustando-as às circunstâncias, formalidade e propósitos da interação;
> . utilize com propriedade e desenvoltura os padrões da escrita em função das exigências do gênero e das condições de produção;
> . analise e revise o próprio texto em função dos objetivos estabelecidos, da intenção comunicativa e do leitor a que se destina, redigindo tantas quantas forem as versões necessárias para considerar o texto produzido bem escrito. (BRASIL, 1998, p. 52).

Discutidos brevemente aspectos relevantes dos PCN pertinentes para este trabalho discorremos, a seguir, sobre o segundo documento oficial mencionado como supedâneo para a educação básica no Brasil, a respeito da proposta do CBC- MG.

O CBC-MG é uma proposta curricular adotada pela Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais (SEE/MG), que determina eixos, habilidades, competências, conteúdos, gradação

e orientações pedagógicas sobre o ensino e a aprendizagem no contexto mineiro.

Houve várias versões desse documento, sendo que a última se deu no ano de 2014. O documento é dividido em três eixos temáticos: I: leitura, compreensão e produção de textos; II: linguagem e língua e o Eixo Temático III: literatura e outras manifestações culturais. Neste trabalho, enfocamos o Eixo Temático I, a fim de sumarizarmos sua proposta para o ensino de produção textual dos alunos do 6º ano, e destacarmos algumas habilidades que o CBC-MG propõe, sejam desenvolvidas criteriosamente, o que se denomina "aprofundamento" (A).

Com a reformulação de 2014, o CBC-MG determina as habilidades e competências e o modo como elas devem ser desenvolvidas, em cada ano escolar do ensino fundamental II. Para isso, utiliza as seguintes siglas I – ao introduzir, ou seja, iniciar o trabalho com determinado tópico; A – para aprofundar, no sentido de continuar o trabalho com o conteúdo introduzido inicialmente; e C – consolidar, etapa em que o conhecimento precisa ser sedimentado, pois não haverá outra oportunidade para que o aluno adquira essa competência. (MINAS GERAIS, 2014).

Esclarecemos que mesmo após tais reformulações, essa organização nem sempre funciona, pois, muitos alunos chegam em anos escolares posteriores com etapas de aprendizagem não adquiridas e/ou com falhas no desenvolvimento. É o que outras pesquisas realizadas no Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Letras têm registrado, principalmente, no tocante a fase do ensino fundamental I. Trataremos disso logo adiante.

Apresentamos, a seguir, no Quadro 1 elaborado com base no CBC-MG de Língua Portuguesa, as habilidades de produção de textos propostas para alunos do 6º ano do ensino fundamental.

Quadro 1 - Tópicos, subtópicos e habilidades do CBC-MG do 6º ano

TÓPICOS: 1. Contexto de produção, circulação e recepção de textos.	HABILIDADES	6º ano
SUBTÓPICOS DE CONTEÚDO: [...] . Situação comunicativa: produtor e destinatário, tempo e espaço da produção; grau de intimidade entre os interlocutores. . Suporte de circulação do texto e localização do texto dentro do suporte. . Contexto histórico. . Pacto de recepção do texto. . Domínio discursivo, objetivo da interação textual e função sociocomunicativa do gênero. . Situações sociais de uso do texto/gênero. . Variedades linguísticas: relações com a situação comunicativa, o contexto de época, o suporte e as situações sociais de uso do gênero.	1.0 Considerar os contextos de produção, circulação e recepção de textos, para a compreensão e a produção textual, produtiva e autônoma. [...] 1.15. Retextualizar um texto, buscando soluções compatíveis com o domínio discursivo, o gênero, o suporte e o destinatário previsto. 1.16. Selecionar informações para a produção de um texto, considerando especificações (de gênero, suporte, destinatário, objetivo da interação...) previamente estabelecidas.	A A

Fonte: Elaborado pela autora com dados extraídos de (MINAS GERAIS, 2014).

Partindo dos PCN para verificarmos a proposta de produção de textos para os alunos do ensino fundamental II, em especial os do 6º ano, discutimos, também, o CRMG, documento elaborado a partir de fundamentos educacionais da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96), do Plano Nacional de Educação (PNE/2014) e da BNCC/2017. O CRMG tem como função orientar a elaboração dos planos e das ações educacionais em Minas Gerais. Ele versa sobre a pluralidade cultural e das ideias, identidades e expressões de Minas Gerais e, em consonância com a BNCC, passou a ser referência para o ensino nas redes municipais e estaduais, a partir de 2019.

Apresentamos no Quadro 2, a seguir, as habilidades propostas para o trabalho com os alunos do 6º ano, no campo das Práticas de estudo e pesquisa e no jornalístico/midiático.

Quadro 2 - Campos de atuação, objetos de conhecimento e habilidades, conforme o CRMG

6º ANO			
Campos de Atuação	**Práticas de Linguagem**	**Objetos de Conhecimento**	**Habilidades**
Campo das práticas de estudo e pesquisa.	Leitura	Curadoria de Informação	(EF67LP20 X) Realizar pesquisa, a partir de recortes e questões definidos previamente, usando fontes indicadas e abertas, considerando a credibilidade do veículo de informação pesquisado.
	Produção de textos	Consideração das condições de produção de textos de divulgação científica. Estratégias de escrita	(EF69LP35A) Planejar textos de divulgação científica, a partir da elaboração de esquema que considere as pesquisas feitas anteriormente, de notas e sínteses de leituras ou de registros de experimentos ou de estudo de campo. (EF69LP35B) Produzir, revisar e editar textos voltados para a divulgação do conhecimento e de dados e resultados de pesquisas, tais como artigo de divulgação científica, artigo de opinião, reportagem científica, verbete de enciclopédia, verbete de enciclopédia digital colaborativa, infográfico, relatório, relato de experimento científico, relato (multimidiático) de campo, tendo em vista seus contextos de produção que podem envolver a disponibilização de informações e conhecimentos em circulação em um formato mais acessível para um público específico ou a divulgação de conhecimentos advindos de pesquisas bibliográficas, experimentos científicos e estudos de campo realizados.
Campo Jornalístico/ Midiático	Produção de textos	Textualização	(EF69LP07A) Produzir textos em diferentes gêneros, considerando sua adequação ao contexto de produção e circulação (os enunciadores envolvidos, os objetivos, o gênero, o suporte, a circulação) ao modo (escrito ou oral); imagem (estática ou em movimento etc.), à variedade linguística e/ou semiótica apropriada a esse contexto, à construção da textualidade relacionada às propriedades textuais e do gênero., utilizando estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/*redesign* de textos. (EF69LP07B) Avaliar textos para, com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, corrigir e aprimorar as produções realizadas, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de concordância, ortografia, pontuação em textos e editando imagens, arquivos sonoros, fazendo cortes, acréscimos, ajustes, acrescentado/ alterando efeitos, ordenamentos etc.

Fonte: Elaborado pela autora com dados extraídos de (MINAS GERAIS, 2020, p. 340-352).

Tendo em vista que o processo de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa preconizado por todos esses documentos norteadores coloca em evidência as habilidades para realizar pesquisas e produzir textos para subsequente divulgação, torna-se necessário criar mecanismos para assegurar os direitos dos alunos de alcançarem as habilidades propostas, principalmente, no Currículo de Referência de Minas Gerais, documento vigente para nortear a educação mineira.

Diante do exposto, propomos neste estudo intitulado "A toponímia no ensino fundamental: um estudo sobre os nomes dos logradouros de Alvação, distrito de Coração de Jesus/MG", oferecer saberes ainda não adquiridos pelos alunos do 6º ano, porquanto não contemplados nos currículos, como, por exemplo, a toponímia, seção da onomástica que estuda os nomes próprios de lugares e prover conhecimento relevante acerca da história de Minas Gerais. Esse objetivo surge da observação de que trabalhos destinados a prover o conhecimento sobre a origem dos nomes das ainda não foram escritos e publicados, até onde temos ciência.

Nessa vertente de pensamento, de acordo com Dick (1990b),

> [...] a história dos nomes de lugares, em qualquer espaço físico considerado, apresenta-se como um repositório dos mais ricos e sugestivos, face à complexidade dos fatores envolventes. Diante desse quadro considerável dos elementos atuantes, que se intercruzam sob formas as mais diversas, descortina-se a própria panorâmica regional, seja em seus aspectos naturais ou antropoculturais. (DICK, 1990b, p. 19).

Levando isso em conta, o objeto de estudo de nossa investigação é o léxico onomástico-toponímico, os topônimos dos logradouros rurais do distrito de Alvação, município de Coração de Jesus, Minas Gerais, já que nos parece relevante registrar, conforme constata Lyons (1981), a cultura de um povo, o conjunto de conhecimentos adquiridos socialmente. Nessa direção, o mesmo autor aponta como sendo de suma importância "[...] o conhecimento que uma pessoa tem em virtude de ser membro de uma determinada sociedade", e complementa ainda o autor que "[...] cada sociedade tem a sua própria cultura e diferentes subgrupos dentro de uma sociedade podem ter sua própria subcultura distintiva". (LYONS, 1981, p. 274).

Nessa linha de pensamento, Sousa (2013) acrescenta que, além da relevância apontada por Lyons, por ser multidisciplinar, um estudo toponímico oferece informações sobre

> a) a história dos grupos humanos que vivem ou viveram na região;
> b) as características físico-geográficas da região;
> c) as particularidades socioculturais do povo (o denominador);
> d) os extratos linguísticos de origem diversa da que é utilizada contemporaneamente, ou mesmo línguas que desapareceram;
> e) as relações estabelecidas entre os agrupamentos humanos e o meio ambiente. (SOUSA, 2013, p. 295).

Segundo Seabra (2021) há uma microtoponímia que dificilmente encontra-se registrada em mapas oficiais. Nela, as informações léxico-toponímicas são fornecidas pelos viventes do lugar por meio de gravações de entrevistas, causos e casos passados, contados, em pesquisa de campo. Usamos, também, dessa metodologia para o estudo da toponímia em Alvação. Isto é, as informações dos nomes dos logradouros são abstraídas junto aos moradores dos lugares.

Baseado no proposto nos documentos oficiais que norteiam a prática educacional do ensino fundamental e preveem que o aluno desenvolva a expressão oral e a escrita e as domine considerando a situação social e material de produção do texto, e opere com as dimensões pragmáticas, semânticas e gramaticais, este trabalho possibilita explorar as habilidades requeridas nos documentos oficiais para o 6º ano do ensino fundamental, nas quais o texto deve exercer uma função social, uma vez que, registrar a história dos nomes dos logradouros, é parte da constituição da identidade dos indivíduos. Nessa veia, faz-se necessário trabalhar o conhecimento toponímico nas seguintes dimensões:

a) **pragmática**, no sentido de os brasileiros, principalmente os que habitam o pequeno espaço rural do município de Coração de Jesus, conhecerem os usos reais dos nomes dos logradouros onde vivem;
b) **semântica**, no intuito de buscar saber os sentidos que os nomes dos logradouros assumem na percepção da população do local e no conhecimento formal;
c) **gramatical**, com o anseio de fazer compreender os aspectos gramaticais dos nomes dos logradouros, como, por exemplo, os de lugares que possuem nomes compostos ou simples;
d) **ortográfica**, com vistas a conhecer como se registram na escrita os nomes dos logradouros.

Tomando como eixo os documentos orientadores da educação de Minas Gerais a BNCC e o CRMG, a principal questão norteadora desta pesquisa é atrelar as habilidades e as competências previstas para o 6º ano ao registro da história dos nomes logradouros rurais de Coração de Jesus. Além disso, intencionamos resolver um problema pendente das etapas de ensino anteriores, a da alfabetização, durante a qual alguns conhecimentos ainda não haviam sido consolidados. Assim sendo, o estudo da toponímia será entremeado ao ensino do uso de letras maiúsculas e minúsculas, tendo em vista que a toponímia estuda os nomes próprios de lugares, o que implica o uso de maiúsculas. Esclarecemos que percebemos essas lacunas que

envolvem a não consolidação do uso dessas letras, no princípio do ano letivo, ao iniciarmos o trabalho com a turma e ao diagnosticarmos por meio de atividades aplicadas no primeiro semestre de 2019.

Sabemos que a linguagem é uma atividade de interação social em que o ser humano usa suas competências de ler, produzir, reproduzir e atribuir significados aos textos de maneira satisfatória, considerando as variedades linguísticas do meio em que vive. Também é do conhecimento de todos que os usuários de uma língua, antes mesmo de serem matriculados em uma escola regular, isto é, na idade prevista, para serem alfabetizados, já se comunicam com a modalidade oral da língua em seus vários momentos e instâncias de comunicação e letramento, naturalmente e sem muita dificuldade. Ou seja, já levam para a escola um conhecimento, uma formação satisfatória.

No entanto, com a escrita, o processo é diferente. Ela é construída por meio de estímulos e orientações, ou seja, adversamente da linguagem oral, uma vez que não ocorre de forma natural e espontânea durante o processo de alfabetização. Segundo Cagliari (2009, p. 87), a escrita precisa ser motivada e cabe aos professores "[...] antes de ensinar a escrever, saber o que os alunos esperam da escrita, qual julgam ser sua utilidade e, a partir daí, programar as atividades adequadamente".

A alfabetização é uma etapa específica do processo de ensino e aprendizagem e é nesse exercício que o aprendiz adquire e se apropria de conhecimentos linguísticos e do sistema de escrita alfabética e ortográfica. O ambiente escolar é o lugar propício para que isso ocorra, uma vez que é na escola, na maioria das vezes, que o aluno tem contato com a normatização ortográfica da língua escrita e com os diversos graus de formalidade que dessa língua.

Sobre isso, Bortoni-Ricardo e Oliveira (2013, p. 56) esclarecem que é função do docente quando da produção oral de seus alunos, "[...] sempre ajudá-los a encontrar outra variante mais adequada ao evento de fala. Já a proposta de ensino do professor, diante de uma transgressão da ortografia, será prover a forma gráfica canônica, que não permite variações."

A escrita desempenha uma função social importante, já que, na sociedade atual, o indivíduo alfabetizado, letrado e competente tem mais chances de se sobressair em relações sociais e profissionais do que um cidadão não alfabetizado e letrado. Cagliari (2009) acrescenta que a escrita possui *status* social e, por muito tempo, foi um privilégio das classes dominantes se apropriarem de competências indispensáveis à plena inserção na vida social e profissional, a saber, as de leitura e de produção textual.

A alfabetização é uma, senão a mais, importante das etapas, do processo de ensino e aprendizagem, porquanto é nessa fase da escolarização, que o aluno deve iniciar o aprendizado

da leitura e da escrita e desenvolvê-las associadas aos usos linguísticos da sociedade a que pertence, tornando-se competente para ouvir, falar, ler e escrever. No entanto, um problema recorrente nas escolas, principalmente nas instituições públicas, tem impedido a aquisição de tais competências: muitos alunos têm concluído o ensino fundamental I sem adquirir os conhecimentos de leitura e escrita referentes a essa fase escolar. Tais saberes são recomendados pelo CBC/MG de Língua Portuguesa do ensino fundamental I, ciclo de alfabetização e ciclo complementar, documento elaborado ao longo dos anos de 2010 a 2014 e que tem previsto no eixo "Apropriação do sistema de escrita" as competências e habilidades listadas no Quadro 3, a seguir.

Quadro 3 - Competências e habilidades de LP do EF I

Competências e habilidades	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano	5º ano
2.7. Dominar regularidades ortográficas.	I	A	A/C	A/C	A/C
2.8. Dominar irregularidades ortográficas.	I	A	A/C	A/C	A/C

Fonte: Elaborado pela autora com dados extraídos de (MINAS GERAIS, 2018).

O CBC-MG de Língua Portuguesa do ensino fundamental II indica, ainda, as possíveis abordagens de cada competência em relação ao ano escolar. As possibilidades sugeridas no documento são:

> Introduzir, dando aos alunos oportunidades de familiarização com os conceitos, os procedimentos e as atitudes envolvidas. (I)
> Aprofundar, para favorecer o desenvolvimento da competência pelos alunos. (A)
> Consolidar essa competência no processo de aprendizagem dos alunos, sedimentando seus avanços (C). (MINAS GERAIS, 2014, p. 8).

Conforme CBC-MG, o ciclo de alfabetização escolar, que se inicia no 1º ano do fundamental I e se encerra no 3º ano, prevê também, que os alunos tenham, entre outros, os seguintes direitos de aprendizagem e desenvolvimento consolidados, com relação à apropriação da escrita:

> I- 1º Ano:
> [...]
> b - conhecer os usos e funções sociais da escrita;
> c - compreender o princípio alfabético do sistema da escrita;
> d - ler e escrever palavras e sentenças.
> II- 2º Ano:
> [...]
> b - produzir pequenos textos escritos;
> c - fazer uso da leitura e da escrita nas práticas sociais.

> III- 3º Ano:
> [...]
> d - produzir frases e pequenos textos com correção ortográfica. (MINAS GERAIS, 2014, p. 11-12).

As etapas complementares do ensino, 4º e 5º ano, têm como objetivo consolidar a alfabetização e ampliar o letramento, e devem assegurar aos alunos os seguintes direitos de aprendizagem:

> I- 4º ano:
> a - produzir textos adequados a diferentes objetivos, destinatários e contextos;
> b - utilizar princípios e regras ortográficas e conhecer as exceções;
> [...]
> II- 5º Ano:
> a - produzir, com autonomia, textos com coerência de ideias, correção ortográfica e gramatical; [...]. (MINAS GERAIS, 2014, p. 12).

Como afirmamos anteriormente, em que pesem os documentos oficiais determinarem o ensino de conhecimentos linguísticos e de ortografia na etapa de alfabetização escolar, os alunos têm concluído o ensino fundamental I sem consolidar tais conhecimentos. Isso resulta em uma lacuna na formação do alunado, o que, não raramente, compromete a aquisição de competências indispensáveis à plena inserção na vida social e profissional – sobretudo o domínio em leitura e produção textual.

Salientamos que esse problema tem sido recorrente no ensino brasileiro. Os resultados das avaliações oficiais brasileiras – exames estaduais, como o ProAlfa (Programa de Avaliação da Alfabetização de Minas Gerais); nacionais, a exemplo do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), e internacionais, como o Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA), têm descortinado um panorama preocupante.

Prova disso é que os dados do último SAEB, aplicado em 2016, revelaram que aproximadamente 50% dos alunos não se encontram nos níveis de leitura desejados, já que os discentes pesquisados não conseguiram ler e compreender textos curtos e fazer inferências, estando o seu nível aquém do recomendado e esperado para alunos com o mínimo de três anos de escolaridade, que deveriam ser capazes de ler e fazer a compreensão geral de textos mais longos e complexos. (INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA, 2016).

Ademais, com relação à escrita, a maior concentração de estudantes brasileiros (58%) está no Nível IV da escala de escrita, que vai de I a V. Nesse nível, os estudantes provavelmente escrevem as palavras apresentadas corretamente, independente de sua complexidade, e atendem à proposta de construir uma narrativa, embora ainda possam incorrer em desvios que

comprometem parcialmente o sentido da palavra. (INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA, 2016).Além de resultados de exames oficiais, de trabalhos e discussões realizados por especialistas da área, como Carlos Alberto Faraco, Luiz Carlos Cagliari, Magda Soares, Marco Antônio Oliveira, entre outros, e estudos protagonizados recentemente por professores, de diferentes localidades brasileiras, como os do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras da Unimontes constatam a recorrência e permanência do problema. Mencionamos, a seguir, algumas destas pesquisas[2].

a) Barbosa (2015) - *A segmentação indevida e a juntura na escrita de alunos do ensino fundamental: é possível intervir?*
b) Costa Filho (2015) - *Marcas de oralidade na escrita de alunos do ensino fundamental: gênero carta do leitor*;
c) Silva (2016) - *Desvios ortográficos na escrita de alunos do ensino fundamental: ensino e reflexões*;
d) Lima (2016) - *Ensino de ortografia da língua portuguesa: o uso de maiúsculas e minúsculas na escrita de alunos do ensino fundamental*;
e) Paula (2016) - *Uso de letras maiúsculas na escrita de alunos do ensino fundamental II*;
f) Costa (2018) - *As formas nominais na escrita de alunos do ensino fundamental II: Chico Bento aprende a escrever*.

Os resultados das pesquisas apresentados anteriormente foram também constatados por nós, em nossa investigação diagnóstica feita com os alunos do 6º ano da Escola Estadual São Sebastião. Na diagnose, registramos aspectos linguísticos e ortográficos, como:

a) Transferência de traços de oralidade, por exemplo: *guentou,* em vez de *aguentou* (P. G. V. G.) - ‘[...] um dia quando eu e Zaquel e meus primos foi buscar o cavalo lá na manga nós não **guentou** pegar ele porque era muito rápido.*’*
b) Uso indevido de letras - ***s**ebola* para ***c**ebola* (S. J. G. C.) - ‘[...] eu plantei várias coisas, plantei alho, **s**ebola, milho, coentos, abobora, pimenta e outras coisas.’
c) Casos de juntura não convencional - *senvergonhos* para *sem vergonha* e *omenos* em lugar de *ao menos* (A. V. S. da M.) - *‘*[...] ai... minha mãe tomou um susto ai ela falou assim é seus bando de **senvergonhos**’ vocês veio né nós fisemos mais **omenos** um piquenique [...].*’*

[2] Trataremos dessa questão mais detalhadamente no capítulo 2, Quadro Teórico.

d) Escrita do ‘u’ para ‘l’ – vo**u**tou para vo**l**tou (M. A. dos S. L.). - ‘foi num dia de sabado e nos vo**u**tou no dia domingo e foi muito bom que nos volta sempre.’

Baseando-nos no exposto, reafirmamos um problema persistente na formação dos nossos discentes e, por isto, firmamos um compromisso que vai além da nossa proposta do ensino do léxico-toponímico: trabalhar a lacuna na escrita dos alunos do 6º ano, a saber, o uso de letras maiúsculas e minúsculas, haja vista serem falhas de aprendizagem não mais esperadas na etapa escolar em que os alunos se encontram – o 6° ano.

Isso posto, embora não seja objeto de nosso estudo e de não termos o compromisso de responder a essa pergunta nesta pesquisa, ainda assim, perguntamo-nos se a lacuna seria devida a uma falha no processo da formação universitária dos professores responsáveis pelo ensino e aprendizagem dessa fase escolar, se não lhes faltaram, em sua formação, fundamentos básicos sobre as especificidades linguísticas, principalmente as das áreas da fonologia, entre outros, pois, conforme afirma Soares (2003, p. 4), “[...] a Linguística fornece elementos para se saber como devem ser trabalhadas essas correspondências fonema/grafema com a criança. Quando isso não é observado, o resultado é o fracasso em alfabetização, sob nova vestimenta”.

A autora complementa, argumentando:

> Não estou dizendo que o fracasso de agora seja novidade, pois sempre tivemos fracassos em alfabetização. Antes, a criança repetia a mesma série por até quatro vezes e havia o problema da evasão. Agora, e talvez isso seja mais grave, a criança chega à 4a série analfabeta. E por que talvez isso seja mais grave? Porque, quando a criança repetia o ano – pois tínhamos métodos que não estavam fundamentados em teorias psicológicas, psicolinguísticas nem linguísticas –, ela não aprendia. Então ela repetia, mas, pelo menos, ficava claro para ela que havia o “não sei”. Agora, ela chega à 8a série, pensa que tem um nível de Ensino Fundamental e não tem. Na minha opinião, os alunos, os pais desses alunos e a sociedade estão sendo desrespeitados. Estamos iludindo-os ao dizer que essas crianças e esses jovens estão aprendendo a ler e a escrever, na verdade não estão. (SOARES, 2003, p. 4.).

Diante da importância social da escrita, objetivamos com este trabalho melhorar a competência discursivo-comunicativa dos alunos, desenvolvendo e aprimorando as habilidades de ouvir, falar, ler e escrever, através do estudo do léxico-toponímico e, também, trabalhar essas habilidades, a partir dos, e com foco nos, problemas de escrita identificados, via pesquisa diagnóstica em produções textuais dos alunos do 6º ano do ensino fundamental da Escola Estadual São Sebastião, com enfoque nos conhecimentos que já deveriam ter sido adquiridos em anos escolares anteriores.

Para esta pesquisa nos pautamos, também, em algumas recomendações do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras (2018), a saber:

> oferecer subsídios para a utilização de estratégias de mediação em enquadres distintos em sala de aula;
> instrumentalizar os mestrandos/professores de Ensino Fundamental de maneira que eles passem a bem conduzir classes heterogêneas, seja do ponto de vista de níveis de competências linguísticas dos alunos, seja no que tange aos quadros de desenvolvimento atípicos que os alunos apresentem;
> aprofundar os conhecimentos dos docentes no que se refere aos diversos subsistemas fonológico, morfológico, sintático e semântico-pragmático da linguagem;
> ratificar a importância pedagógica (a) dos processos atinentes aos vários níveis linguísticos, (b) da consciência fonológica e auditiva na alfabetização e letramento, bem como (c) do processamento de construções morfossintáticas em contextos diferenciados com propósitos funcionais distintos. (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS, 2018, 6-7).

Além das recomendações do Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras, consideramos, também, as exigências da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que observa para a avaliação critérios, como,

a) grau de inovação do trabalho;
b) impacto econômico, social e cultural da pesquisa e do Programa;
c) aplicabilidade e caráter inovador, atuação do Pro Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras nos contextos local, regional, nacional e internacional, considerando os impactos científico, tecnológico e educacional associados, tendo em vista a natureza do Programa;
d) integração entre Pós-Graduação, Graduação, Escolas Públicas de Ensino Médio e Ensino Fundamental. (BRASIL, 2019a).

Lembramos, ainda, que o professor exerce papel crucial no processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa e, nesse processo, os conhecimentos linguísticos anteriores do aluno devem ser considerados, pois ele já possui um vocabulário e regras gramaticais da língua que utiliza na sua comunicação oral, em interação com familiares e outros grupos sociais,

para daí adquirir competências específicas necessárias à sua participação na vida social, política, cultural e profissional, a saber, de leitura e de produção textual.

Para que o aprendiz possa se comunicar, satisfatoriamente, com essas competências discursivas, Cagliari (2009, p. 88) afirma que "[...] não basta saber escrever para escrever. É preciso ter uma motivação para isso". O aluno precisa compreender a escrita como um fato social importante, pois seu domínio e o acesso ao saber acumulado são considerados fatores relevantes para se obter poder na sociedade.

Conforme já mencionado, o que expusemos até este ponto direciona para a necessidade de se preencher uma lacuna no aprendizado dos alunos do 6º ano com conhecimentos que não foram consolidados nas etapas anteriores, trabalhando o que é proposto em documentos oficiais que norteiam a educação para os alunos do 6º ano do ensino fundamental II.

Para tanto, estudar e registrar os nomes das comunidades rurais de Coração de Jesus, com alunos do 6º ano do ensino fundamental, permite, por um lado, cumprir a proposta curricular para esse ano escolar, isto é, produzir conhecimentos científicos ainda não desenvolvidos nem publicados, uma vez que a história dos nomes das comunidades ainda não foi registrada, e, por outro, resolver uma questão pendente das etapas anteriores, no caso, a apropriação da escrita, conhecimento ainda não sedimentado pelos alunos do 6º ano na turma investigada. Mais especificamente, o conhecimento referente ao uso de letras maiúsculas e minúsculas, tendo em vista que a toponímia é o estudo dos nomes próprios de lugares, e, de acordo com Lima (2008, p. 59), entre outros usos, empregam-se letras iniciais maiúsculas em nomes de lugares, acidentes geográficos, entidades astronômicas, nomes de fatos históricos, de pessoas (prenomes, sobrenomes, cognomes, alcunhas), hipocorísticos, antonomásticos, os relativos a divindades e a seres fabulosos.

Podemos supor que essa lacuna do ensino fundamental I no aprendizado dos alunos do 6º ano pode estar relacionada à ausência de um trabalho profícuo com atividades de apropriação da escrita e, talvez, ao fato de alguns professores dos anos iniciais não desenvolverem adequadamente essas habilidades, porque a formação acadêmica na universidade não lhes deu condições para tal, sendo que esta última não consta da pauta de nossa pesquisa.

Supomos, também, que, ao estudar e registrar os nomes das comunidades rurais de Coração de Jesus, com alunos do 6º ano do ensino fundamental, cumprimos a proposta curricular para esse ano escolar, isto é, produzir conhecimentos ainda não desenvolvidos nem publicados, uma vez que a história dos nomes das comunidades ainda não foi registrada. E, ainda, o trabalho proposto em documentos oficiais norteadores da educação para alunos do 6° ano do ensino fundamental II possibilita oferecer conhecimentos para sua formação.

Como objetivo geral, objetivamos estudar o léxico-toponímico dos nomes das comunidades rurais de Coração de Jesus com alunos do 6º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual São Sebastião, localizada no município de Coração de Jesus – Minas Gerais; além de gerar conhecimento científico por meio do registro da toponímia dos nomes dos logradouros rurais de Coração de Jesus – MG e, também, possibilitar aos alunos saberes ainda não sedimentados, por intermédio da aplicação de uma proposta pedagógica cujo intuito é minimizar os principais problemas encontrados na fase diagnóstica.

Especificamente, pretendemos atualizar e produzir conhecimentos da área de Letras, estudos linguísticos:

a) léxico e toponímia;
b) identificar as habilidades propostas nos documentos oficiais que norteiam o processo de ensino e aprendizado não sedimentadas pelos alunos 6º ano;
c) registrar a história dos logradouros da área rural de Coração de Jesus, por meio do estudo dos topônimos;
d) descrever características dos topônimos e a relação existente entre nome e espaço denominado, considerando os aspectos históricos e culturais da região estudada;
e) revisar conhecimentos gramaticais e ortográficos do ensino fundamental I por intermédio do registro do léxico-toponímico dos nomes dos logradouros da área rural de Coração de Jesus;
f) melhorar a competência discursivo-comunicativa dos alunos, desenvolvendo e aprimorando as habilidades de ouvir, falar, ler e escrever através do estudo do léxico-toponímico.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, adotamos as abordagens teórico-metodológicas:

a) Lexicologia, Lexicografia:
   - Almeida e Correia (2008);
   - Biderman (2001);
   - Krieger (2006);
   - Sapir (1969);
   - Zavaglia e Welker (2008).

b) Onomástica e Toponímia:
   - Carvalinhos (2002-2003);

- Dick (1990a, 1990b);
- Isquerdo e Castiglioni (2008);
- Seabra (2004, 2006, 2021).

c) Sociolinguística:
   - Labov (2008);
   - Mollica (2003);
   - Tarallo (1985).

d) Léxico e ensino:
   - Carvalho (2012);
   - Sousa (2012).

e) Alfabetização:
   - Cagliari (1998, 2009);
   - Faraco (2015);
   - Kato (1995);
   - Oliveira (2005);
   - Soares (2003).

f) Retextualização
   - Fayol (2014); e
   - Marcuschi (2010), entre outras contribuições teóricas como artigos, dissertações e teses.

Os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa estão organizados em duas etapas, a saber:

a) Etapa I - Diagnose; e
b) Etapa II – Proposta de Práticas de Ensino.

A Etapa Diagnose foi subdividida em duas fases. Na primeira, aplicamos um questionário para coletar dados relativos a informações da toponímia e sistematizar o perfil dos alunos: faixa etária, gênero, nome dos pais, ou responsáveis.

Na segunda etapa, aplicamos quatro atividades para coletar dados relativos à escrita dos alunos que compreenderam uma produção de texto livre, e três ditados: um textual, um de frases e um de provérbios populares. Os dados das atividades diagnósticas estão sistematizados em tabelas no capítulo 03 destinado à fase diagnóstica.

Após delinear as dificuldades dos alunos através da aplicação e sistematização de atividades da etapa diagnóstica, uma proposta de práticas de ensino foi elaborada visando a trabalhar, estrategicamente, atividades que possibilitem aos alunos adquirirem os conhecimentos ainda não construídos.

Esta dissertação está organizada em seis capítulos, a Introdução, capítulo 1, na qual apresentamos o objeto de estudo da pesquisa, a justificativa pela escolha do tema, os objetivos, as referências teóricas que embasaram a investigação para as diversas categorias, enfim, um panorama geral da pesquisa.

No capítulo 2, fundamentação teórica, discorremos sobre as teorias dos estudos lexicais, com ênfase na abordagem da toponímia.

No capítulo 3, abordamos a teoria da Alfabetização Educacional, que trata dos conhecimentos linguísticos e da alfabetização.

O capítulo 4 é destinado a descrever a metodologia e os procedimentos metodológicos adotados. Nele, apresentamos o universo da pesquisa, o corpus e o perfil da turma participante. Ao discorrermos sobre a metodologia utilizada para o desenvolvimento desta pesquisa, o fazemos em relação à natureza, ao gênero, às fontes de informação, à abordagem do conteúdo, ao objetivo, aos métodos e aos instrumentos de coleta.

Também no capítulo 4, encontra-se a fase diagnóstica, na qual descrevemos os procedimentos metodológicos utilizados empregados nas duas etapas e sistematizamos os dados obtidos, endossando a existência do problema que já havia sido detectado nas produções escritas dos alunos.

O capítulo 5 traz a proposta de práticas de ensino elaborada para alcançarmos os objetivos propostos nesta pesquisa e apontar os resultados obtidos, através de análises, reflexões, comparação e interpretação desses dados, dialogando com os resultados que foram coletados na fase diagnóstica.

No capítulo 6, tecemos nossas Considerações Finais, em que se encontram as conclusões a que chegamos.

Apresentamos na divisão de cada capítulo da dissertação fotografias que ilustram o contexto da pesquisa, distrito de Alvação, para que o leitor possa descobrir características geográficas, históricas, socioculturais dos logradouros em estudo.

Isso posto, a seguir, o capítulo 2, Arcabouço Teórico-metodológico, no qual discorremos sobre as principais teorias que fundamentam este trabalho, tanto com relação aos estudos lexicais que englobam a toponímia e as categorias de seu entorno, quanto aos relativos à alfabetização.

Foto 1 - Igreja Bom Jesus (antiga e atual) - Brejinho

Fonte: Fotografia da autora.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo discorre sobre a argumentação teórica, suporte de sua elaboração, define e trata do léxico, da lexicologia, lexicografia e da terminologia, da onomástica, dos estudos toponímicos no Brasil, em Minas Gerais e em Coração de Jesus. Traz as classificações taxionômicas propostas por Dick (1990a-b) e ainda a apresentação do modelo de ficha lexicográfico-toponímica utilizado neste trabalho.

2.1 O léxico

A evolução humana é acompanhada pela transformação da língua que o homem utiliza para se comunicar. Sempre que há algo novo, ou se descobre algo, isto significa o surgimento também de novas palavras ou a ressignificação de vocábulos já existentes no léxico de uma comunidade de linguagem.

O léxico pode ser definido como o acervo de palavras pertencentes a determinada língua. Considerando que toda língua tem a mutabilidade como característica básica, o léxico de um idioma não pode ser reputado como finito.

Assim sendo, nesse sentido, Zavaglia e Welker (2008) propugnam que

> [...] o léxico é entendido como o conjunto de todas as palavras de uma língua, também chamadas de lexias. As lexias são unidades de características complexas cuja organização enunciativa é interdependente, ou seja, a sua textualização no tempo e no espaço obedece a certas combinações. Embora possa parecer um conjunto finito, o léxico de cada uma das línguas é tão rico e dinâmico que mesmo o melhor dos linguistas não seria capaz de enumerá-lo. Isto ocorre porque dele faz parte a totalidade das palavras, desde as preposições, conjunções ou interjeições, até os neologismos, regionalismos ou terminologias, passando pelas gírias, expressões idiomáticas, provérbios ou palavrões. (ZAVAGLIA; WELKER, 2008).

O léxico é constituído, portanto, de todas as palavras de uma língua, independente de sua estrutura, extensão, carga semântica, valor social e inobstante, também, do grupo social a que pertence o usuário desse léxico.

Em uma língua em uso, o léxico relaciona-se diretamente ao processo de nomeação e à realidade nomeada. Conforme Biderman (2001, p. 13), "[...] o léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo", pois o ato de nomear revela que o nomeador tem conhecimento do referente utilizado em tal processo, o que permite que haja interação entre o homem e o meio. Nesse viés, é interessante perceber que o léxico de uma língua pode ser considerado patrimônio vocabular da comunidade de uso que desnuda os dados

culturais da comunidade, inclusive a respeito da interação entre o ser e o meio em que vive.

O ser humano é um produto da natureza, um componente do meio ambiente, categoria que engloba seres vivos e seres inanimados. Por ser um produto da natureza, reflete seus elementos em toda a sua organização, seja nas crenças, na organização social, na economia e, como não poderia deixar de ser, na língua, afinal, o léxico de uma comunidade de fala recebe influências diversas que são complementares entre si. Conforme Sapir (1969, p. 44), "[...] em se tratando de língua, que se pode considerar um complexo de símbolos refletindo todo o quadro físico e social em que se acha situado um grupo humano; convém compreender no termo 'ambiente' tanto os fatores físicos como os sociais".

Entendemos, nesse sentido, os fatores físicos como sendo aqueles relacionados à geografia do lugar – a exemplo do relevo, do clima, da fauna e da flora – e ao quadro social; é o caso dos elementos que cooperam para a organização da vida em sociedade, como a política, a religião, a arte etc. O quadro físico se reflete na língua depois de sofrer influências das características sociais, como a crença e ou a política. Tendo isso em vista, quando um elemento da fauna é escolhido para nomear, por exemplo, uma comunidade, significa que os fatores sociais agiram sobre a escolha do elemento do aspecto físico.

A língua agrega a influência de tudo quanto circunda o homem, visto que a linguagem é uma marca constitutiva do ser humano. Em razão disso, todos os elementos relacionados ao homem influenciam, de alguma forma, a língua, seja no nível do léxico, da fonética ou da morfologia. Entretanto, Sapir (1969, p. 45) afirma que "[...] o léxico da língua é que mais nitidamente reflete o ambiente físico e social dos falantes".

Por meio do léxico de uma língua de uma dada comunidade, podemos fazer inferências sobre os interesses, a cultura da comunidade e a formação geográfica do local em que os sujeitos habitam. Ainda em concordância com Sapir (1969, p. 51), "[...] o léxico, ou seja, o assunto de uma língua destina-se, em qualquer época, a funcionar como um conjunto de símbolos referentes ao quadro cultural do grupo".

Podemos observar, por exemplo, o quanto uma cidade localizada à beira mar é marcada por nomenclaturas que refletem o ambiente físico, muitas vezes, a fauna, a flora ou os elementos relacionados à vida marinha, além de não ser raro encontrarmos, no léxico, referências a crenças em deuses do mar na arte local. Da mesma maneira, é possível observar que, em comunidades interioranas, o léxico expõe aspectos concernentes à vida no interior, à fauna, à flora, à hidrografia e aos elementos que compõem a economia da região.

A título de exemplificação, o povoado denominado Brejinho carrega em seu nome uma expressiva característica da geografia desse lugar, uma vez que havia ali um brejo e um córrego,

que hoje estão secos. Ademais, o diminutivo no nome é indicativo do espaço territorial ocupado, pois, trata-se de um povoado pequeno e com poucos moradores.

Cabe esclarecer aqui o entendimento de termos usuais no estudo do léxico. Léxico é o conjunto de unidades lexicais de uma língua. A unidade lexical mais comum para nós é a palavra, entretanto, essa unidade depende da escolha teórica adotada para se explicar e descrever o léxico de uma língua. Assim a unidade lexical pode ser o morfema, o vocábulo ou o lexema. Segundo Alves (2007, p. 90), item lexical ou unidade lexical é "a unidade do léxico constituída por uma ou mais formas gráficas correspondentes a um único significado."

Lexema é a unidade básica do léxico que tem caráter abstrato e se concretiza nas palavras ou nos vocábulos. Por exemplo, as palavras *amo*, *amei*, *amasse*, *amaria* etc. são manifestações concretas do lexema *amar*. Os lexemas são, portanto, unidades léxicas abstratas que representam um determinado paradigma e constituem as entradas dos dicionários. Reafirmando a definição de lexema, citamos Polguère (2018, p. 54) "O lexema é uma generalização do signo linguístico do tipo forma de palavra: cada lexema da língua é estruturado em torno de um sentido exprimível por um conjunto de formas de palavras que somente a flexão distingue."

Ainda conforme Polguère (2018) palavra é um termo de uso arriscado na lexicografia, por isso utiliza o termo forma palavra para designar o signo linguístico dotado de autonomia de funcionamento e coesão interna, enquanto que os vocábulos são associados aos mesmos significantes e apresentam uma relação semântica clara. Nesse viés, palavra pode ser entendida como elemento constituído de vogais, consoantes, semivogais, sílabas, acento tônico, que possui unidade de sentido e que se presta a uma classificação, como por exemplo os nomes, substantivos e adjetivos. Alves compartilha da mesma posição do referido autor e define palavra como "noção vaga, que geralmente nomeia as unidades da escrita" (ALVES, 2007, p. 89).

Já o vocábulo é considerado somente em relação aos elementos materiais que o constituem. Por não necessitar constituir uma unidade de sentido, toda palavra é um vocábulo, entretanto o inverso não se aplica, uma vez que as conjunções, preposições e artigos, por exemplo, são vocábulos, mas não palavras, pois não constituem uma unidade de sentido. (BARBOSA, 2001). Nessa esteira, citamos a definição de Alves (2007, p. 90) para a lexia vocábulo, "unidade léxica pertencente a um determinado vocabulário".

Cabe ainda apresentar definição para dicionário, vocabulário e glossário, segundo Barbosa (2001). O primeiro, dicionário, diz respeito ao nível do sistema da língua, opera com todo o léxico e apresenta (teoricamente) todas as acepções de um mesmo verbete. Segundo a autora mencionada, o dicionário da língua considera pertinentes as variações diacrônicas,

diatópicas, diastráticas e diafásicas. Por sua vez, o vocabulário trabalha com conjuntos vocabulares manifestados dentro de uma área de especialidade, tendo assim uma abrangência mais restrita. A autora supracitada afirma que o vocabulário é representativo de um universo de discurso, sendo assim apresenta todas as acepções de um verbete dentro de uma área de especialidade.

Por fim convém destacar uma concepção, glossário. Este abrange o nível da fala e lida com conjuntos manifestados em um determinado texto. O glossário apresenta uma única acepção do verbete dentro de um dado contexto.

Segundo Barbosa (2001):

> O vocabulário busca ser representativo de um universo de discurso – que compreende, por sua vez, *n* discursos manifestados –, pelo menos; configura uma norma lexical discursiva; o glossário pretende ser representativo da situação lexical de um único texto manifestado (no limite, de uma macrotexto) em sua especificidade léxico-semântica e semânticosintáxica, numa situação de enunciação e de enunciado, numa situação de discurso exclusivas e bem determinadas. (Barbosa, 2001, p. 36)

Diante dessa definição utilizamos a terminologia glossário para denominar o fazer lexicográfico desta pesquisa, uma vez que apresentaremos o sentido dos topônimos no contexto pesquisado.

2.2 Lexicologia, Lexicografia, Terminologia

Consoante a Linguística, Lexicologia é a parte da Linguística que se dedica ao estudo dos itens lexicais de uma língua, nos seus variados aspectos etimológicos, fonéticos, fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e suas variações flexionais, sua classificação formal, em comparação com outros itens lexicais de uma mesma língua, ou de outra, sob a perspectiva sincrônica ou diacrônica. Seu propósito é desenvolver teorias das quais lexicógrafos se utilizam para a solução de problemas práticos na produção dos dicionários.

Portanto, a Lexicologia é o estudo do léxico e de sua organização sob vários pontos de vista. Por isto, os estudos lexicais podem partir de diferentes teorias, filosofias, pensamentos e recortes. Tais estudos apontam que o léxico de uma língua tem uma extensão infinita, haja vista que as palavras são um conjunto infinito, por acompanharem a evolução humana.

Nesse sentido, Zavaglia e Welker (2008) sintetizam o que são os estudos do léxico, a Lexicologia:

> [...] é a ciência que estuda o léxico e a sua organização de pontos de vista diversos. Cada palavra remete a particularidades relacionadas ao período histórico em que ocorre, à região geográfica a que pertence, à sua realização fonética, aos morfemas que a compõem, à sua distribuição sintagmática, ao seu uso social e cultural, político e institucional. Desse modo, cabe à Lexicologia dizer cientificamente em seus variados níveis o que diz o léxico, ou seja, a sua significação. Ao lexicólogo, especialista da área, incumbe levar a termo essa tarefa tão complexa sobre uma ou mais línguas (ZAVAGLIA; WELKER, 2008).

Estudar o léxico, portanto, é processo complexo, pois a língua de um povo é constituída por aspectos culturais, geográficos, sociais, históricos, climáticos etc. Ademais, os usos que determinado grupo faz da língua são motivados pelos elementos que a constituem. Por pertencer à uma comunidade de fala e nela ser adquirida na convivência com outros sujeitos, a língua é um evento social. Em outras palavras, uma criança que nasce e mora no Brasil, por exemplo, pode até aprender outras línguas, mas a língua com a qual terá os contatos iniciais e aprenderá primeiramente será o português brasileiro, se essa for a língua materna da família.

Lexicografia é o ramo da Linguística que se debruça sobre o "estudo do desenvolvimento, da composição, do uso e da avaliação de dicionários". (LEXICOGRAFIA..., 2020). É entendida, ainda, como a técnica de feitura de dicionários e, por metonímia, o trabalho de elaboração de dicionários, vocabulários e afins, e, também, o estudo científico-analítico das técnicas de elaboração dos dicionários, por exemplo, sobre os princípios de seleção do vocabulário, de classificação dos vocábulos, de definição e descrição dos significados, verbetes, entre outros.

A Lexicografia é outra vertente do estudo do léxico que, segundo Biderman (2001), é a ciência dos dicionários ocupada com a elaboração de dicionários. Zavaglia e Welker (2008) assim a definem como

> [...] ciência, intimamente ligada à Lexicologia, que tem por finalidade elaborar obras de referência, principalmente dicionários, impressos ou on-line, além de bases de dados lexicais. Dessa Lexicografia prática distingue-se a Lexicografia teórica, ou Metalexicografia, que estuda todas as questões ligadas aos dicionários (história, problemas de elaboração, análise, uso). (ZAVAGLIA; WELKER, 2008).

Além dessas duas ciências que se ocupam do léxico, existe a Terminologia, que, conforme Biderman (2001, p. 19), "[...] pressupõe uma teoria de referência, ou seja, uma correlação entre a estrutura geral do conhecimento e o código linguístico correspondente". Essa relevante ciência surge com o objetivo de sistematizar e harmonizar o vocabulário de uma comunidade linguística.

Almeida e Correia (2008) endossando a importância da Terminologia, argumentarem:

> A ciência e a tecnologia não se restringem mais a grandes laboratórios ou centros avançados, elas estão presentes no cotidiano dos indivíduos, a ponto de as pessoas não se darem conta disso. O conceito digital 3, por exemplo, com os seus desdobramentos etimológicos, está no computador, no telefone celular, no teclado do forno de microondas, na máquina fotográfica, etc. Neste sentido, a ciência e a tecnologia formam e determinam uma parte essencial da vida cotidiana. (ALMEIDA; CORREIA, 2008).

Por sua vez, a Terminologia atua sobre o léxico, assim como sobre outros campos como a Lexicografia, no entanto, cada uma se ocupa de uma área. Krieger (2006, p. 161) afirma que a Lexicografia e a Terminologia possuem objetos centrais, respectivamente, o léxico geral e o léxico especializado. "Ocupa-se, pois, a Lexicografia do conjunto geral das palavras de uma língua; em contraponto aos termos técnico-científicos, objetos primeiros da Terminologia." Portanto, os conceitos de Lexicografia e Terminologia, a despeito de poderem estar próximos, são ciências distintas.

Assim sendo, o léxico de uma língua é um material extenso, que pode ser estudado por diversos campos distintos de maneira conjunta, ou separadamente. Além do fato de o léxico, as palavras de uma língua, não ser estático, pois os vocábulos estão em constante e contínuo processo de mudança, a fim de acompanhar a evolução das ciências, da tecnologia, do ser humano.

2.3 A Onomástica

A Onomástica, do grego, significa ato de nomear, dar nome, e se define como o estudo dos nomes próprios de todos os gêneros, das suas origens e dos processos de denominação no âmbito de uma ou mais línguas ou dialetos. Nascida, segundo alguns historiadores e linguistas na metade do século XIX, a onomástica é considerada uma parte da linguística, com fortes ligações com a história e a geografia.

Inobstante a ideia de estudar sistematicamente os nomes próprios tivesse origem nos variados estudos que os sábios renascentistas fizeram dos clássicos greco-latinos, a História aponta que o estudo dos antropônimos começou, dois séculos antes, verdadeiramente, no século XVII.

Em breves palavras, narramos como se iniciou o estudo sobre as origens dos vocábulos. Para isso, mencionamos duas ciências auxiliares da História: a epigrafia e a paleografia. A primeira ensina a ler as inscrições em barro, pedra, madeira, marfim, entre outros, e a segunda auxilia a pesquisa nos textos escritos em papel, papiro ou pergaminho. Datados e comparados

entre si, e seguindo a ordem cronológica, tais documentos permitem acompanhar a evolução de um nome, e, por vezes até reconstituir um nome que deve ter existido, mas cujo registro escrito não se detectou.

Inscrições da Antiguidade antigas que listando nomes, desde os textos sumérios até às lápides funerárias paleocristãs são conhecidas graças ao trabalho dos pesquisadores. Já os pergaminhos próprios da Idade Média forneceram incontáveis e inestimáveis documentos, entre eles testamentos e escrituras para a onomástica, e especificamente para a antroponímia. Nessa linha histórica, o Renascimento adicionou ao estudo dos nomes ao contribuir com obras literárias de renome mundial, até hoje conhecidas. Na atualidade, nomes podem ser estudados através de estudos sociológicos, da imprensa, e até de diplomas oficiais. (ARAÚJO, 2021).

Isso posto, retomamos os conceitos de Onomástica. De acordo com Abbade, Santos e Seabra (2019), este ramo da linguística faz parte dos estudos lexicais, e é

> Um conjunto de palavras de uma língua, responsável por nomear e exprimir o universo de uma sociedade. A essa área se integra o estudo dos nomes próprios, objeto de pesquisa da Onomástica – disciplina linguística que se caracteriza, tradicionalmente, por estudar nomes próprios de lugares ou geográficos (Toponímia ou Toponomástica), nomes próprios de pessoas (Antroponímia ou Antroponomástica). (ABBADE; SANTOS; SEABRA, 2019).

Para as referidas autoras,

> [...] outros estudos sobre nomes próprios integram, também, a Onomástica, dentre eles citamos: Panteonímia, que trata de nomes próprios variados, como de animais, navios, seres sobrenaturais e títulos de livros; Onionímia, Onionomástica ou Onomástica Industrial, que trata dos nomes próprios comerciais. Tendo, pois, como objeto de estudo o nome próprio, [...] com enfoque na diversidade linguística e literária [...], relacionada à Onomástica, disciplina que, dado o seu caráter interdisciplinar, interessa não só à ciência linguística, como, também, a outras ciências, cabendo destacar a História, a Geografia, a Arqueologia, a Genealogia, a História Social e a Cartografia, o que é uma mostra suficiente da riqueza e importância da área. (ABBADE; SANTOS; SEABRA, 2019).

Nomear é uma necessidade das atividades humanas; o homem se relaciona com o outro por meio de uma nomenclatura, pois é necessário nomear os objetos, os seres, os espaços etc., para a eles nos referenciarmos na comunicação, pois, caso contrário, o ato comunicativo não existiria. Desde os primórdios da humanidade já existia uma "nomenclatura", uma vez que a pintura rupestre era do conhecimento de uma dada comunidade que se utilizava dessa forma de linguagem. Conforme Sousa e Dargel (2017, p. 7) "[...] o ato de nomear é uma atividade essencial ao homem desde que se têm notícias de vida social, uma vez que, por meio da ação denominativa, objetos, espaços, sentimentos são categorizados, classificados e apropriados pelo

nomeador.” Isso se deve à necessidade que o ser humano tem de diferenciar, singularizar e definir tudo ao seu entorno.

A comunicação humana ocorre por meio de referências, haja vista que, sempre que se diz alguma coisa, é necessário saber fazer menção a outra qualquer através de nomes. Nomear os seres é tarefa própria dos seres humanos. Sempre que o homem inventa ou cria algo, surge a necessidade de nomear essa invenção, assim também ocorre, quando algo novo é descoberto na natureza, no sistema solar, na lua, e quando um novo ser humano vem ao mundo.

Novos nomes e palavras surgem todos os dias. Consoante a evolução socio-histórica, palavras são inventadas, recriadas, esquecidas e até adquirem novos significados. Exemplo disso é o advento da tecnologia da informática que deu surgimento, no léxico, de diversas novas palavras e fez com que outras tantas fossem ressignificadas.

Na carta de descobrimento do Brasil, Pero Vaz de Caminha, o escrivão-mor da esquadra cabralina, precisou nomear os elementos com que se deparava e também a própria terra recém-descoberta. É o que nos informa um excerto da referida missiva, a seguir:

> [Terça-feira, 21 de Abril de 1500. Sinais de terra.] E assim seguimos nosso caminho por este mar, de longo, até terça-feira d'oitavas de Páscoa, que foram 21 dias d'Abril, que topamos alguns sinais de terra, sendo da dita ilha, segundo os pilotos diziam, obra de 660 ou 670 léguas, os quais eram muita quantidade d'ervas compridas, a que os mareantes **chamam botelho** e assim outras, a que também chamam **rabod'asno**.
>
> [Quarta-feira, 22 de Abril.] E à quarta feira seguinte, pela manhã, topámos aves, a que chamam **furabuchos**. E neste dia, a horas de véspera, houvemos vista de terra, isto é, primeiramente d'um grande monte, muialto e redondo, e d'outras serras mais baixas a sul dele e de terra chã com grandes arvoredos**, ao qual monte alto o capitão pôs nome o Monte Pascoal e à terra a Terra de Vera Cruz**. (ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO, 1500, grifos nossos).

Pero Vaz de Caminha nomeia a terra recém-descoberta, Ilha de Vera Cruz,[3] estratégia que facilita a referência a ela, à terra, posteriormente. A partir daí, fica fácil notar a necessidade que o homem tem de nomear as descobertas, as invenções e tudo quanto ainda não foi nomeado. Percebe-se, então, que não é possível desvencilhar a história dos nomes do surgimento e evolução da humanidade.

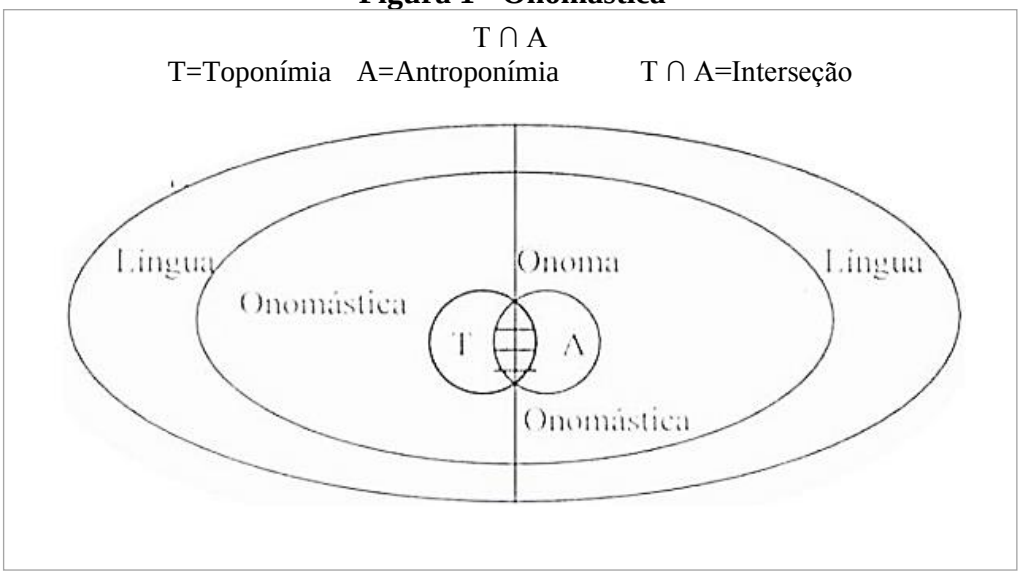
Outro fator que corrobora o ato de nomear seres e lugares como ato inerente ao humano é que essa ação não só facilita a comunicação como também permeia as relações interpessoais. Os nomes próprios de pessoas, por exemplo, muitas vezes, mas nem sempre, são passados de

[3] Assim nomeado, em 1501, porque a expedição de Pedro Álvares Cabral carregava lascas do que se supunha ser a verdadeira (vera) cruz em que Cristo fora crucificado. Com a visita de naus menores, em 1504, a ilha de Vera Cruz passou a ser chamada de Terra de Santa Cruz. (Primeiro nome do Brasil derivou da fé - 14 ... - Folha de S. Paulo. (VALLE, 1997).

pai para filho, como forma de homenagem ao progenitor ou a um parente próximo.

Ao se falar em nomear, é preciso reportar ao estudo dos nomes, o qual requer fazer referência à ciência da linguagem, a Onomástica, que, reiteramos, é um campo da ciência, da Lexicologia, e possui duas áreas de estudo: a Antroponímia, que estuda os nomes próprios de pessoas, e a Toponímia, o estudo dos nomes próprios de lugares. Esses dois campos de estudo da onomástica, apesar de distintos, apresentam um ponto em comum, de intersecção entre as duas áreas de estudo da Onomástica, conforme podemos visualizar na Figura, 1, a seguir:

Figura 1 - Onomástica



Fonte: (DICK, 1999, p. 145, *apud* SEABRA, 2006, p. 1954).

Pode-se constatar, na Figura 1, que existe um campo amplo que engloba outros campos que vão se delimitando. A Onomástica é um campo da ciência da língua e divide-se em duas disciplinas específicas, a Antroponímia e a Toponímia. Pode-se notar que, mesmo com essa divisão, existe um ponto de intersecção entre elas que, em concordância com Seabra (2006, p. 1954), "[...] tem na uma relação de inclusão, uma vez que se encontram no *onoma*, em uma área de intersecção: o vocábulo, ao deixar seu uso pleno na língua, transita para o uso onomástico e reveste-se de caráter denominativo".

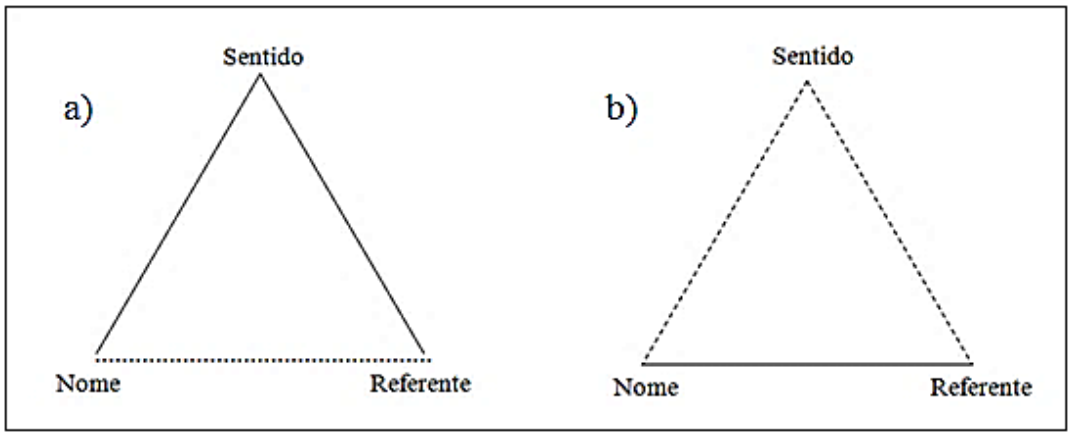
A existência da intersecção deve-se ao fato de que as duas disciplinas – Antroponímia e Toponímia –se ocupam do estudo do nome. Nesse sentido, a palavra que nomeia um ser ou um lugar se desloca do sistema lexical para a Onomástica, para a Antroponímia ou a Toponímia, o campo em que essa palavra passa a ter a função de nomear um ser ou lugar, com um significado específico para o nomeador e para a comunidade, quando o ser nomeado é um lugar.

Segundo Seabra (2006, p. 1954), "[...] por se tratar de estudos que envolvem a função

referencial ou denotativa da linguagem, não se pode falar em Onomástica – Toponímia e Antroponímia – sem se esbarrar na questão da referência", pois nomear por si só é um ato de referência.

Podemos inferir, após analisarmos a Figura 2, a seguir, que o nome sempre se associa ao referente, de forma direta ou indireta:

Figura 2 - Relação triádica



Fonte: (SEABRA, 2006, p. 1955).

Na relação triádica proposta pelo desenho letra (a), é possível perceber que, no universo da língua, o nome e o referente estão interligados de modo indireto pelo sentido do nome, não sendo possível chegar ao referente sem se deslocar pelo sentido ou significado do nome. Entretanto, na Onomástica, consoante ao que demonstra o desenho letra (b), o deslocamento do nome para o referente pode acontecer sem passar pelo sentido, ou seja, remete a uma ligação direta entre nome e referente. Essa relação se justifica, pelo fato de que os nomes, tanto de pessoas, quanto de lugares, são utilizados para designar, ou seja, para fazer referência. Afinal, segundo Seabra (2006, p. 1956), eles [os nomes] "[...] representam ou são os próprios referentes em uma situação de comunicação, podendo-lhes atribuir, por isso, no âmbito dos estudos linguísticos, certa singularidade."

Nesse sentido, Sousa e Dargel (2017, p. 7) afirmam que o léxico "[...] integra um dos níveis da língua mais suscetíveis a inovações e mudanças, em decorrência de condicionantes sociais, físicos, geográficos, ambientais e, desse modo, revelador de crenças, expectativas, realidade, conhecimento de cada ser humano". O ato de nomear faz com que o elemento nomeado seja particularizado e tenha suas características reveladas.

O estudo da Onomástica, e no caso deste trabalho, da Toponímia, traz à tona diversos elementos da língua, da cultura e da sociedade, se tivermos em vista que estes constituintes são

indissociáveis.

Conforme afirma Isquerdo e Castiglioni (2008, p. 293), "[...] esse batismo de pessoas e lugares por meio de atribuição de um nome reflete a visão de mundo do grupo, valores, tradições, incluindo a legislação oficial, que singularizam a sociedade". Em outras palavras, o ato de nomear é carregado de significados, visto que ao nomear um determinado lugar, o indivíduo projeta no topônimo escolhido características peculiares ao modo de vida das pessoas do local.

Os estudos toponímicos podem resultar em produção de obras lexicográficas como dicionários, glossários e vocabulários e, segundo os autores supracitados, a diferença entre estas obras lexicográficas é bastante tênue, e, geralmente, a terminologia é definida com base na extensão da obra, da nomenclatura e do número de entradas.

Consoante Cunha e Aguilera (2019, p. 101), "[...] do ponto de vista linguístico, a diferença principal entre os vários tipos de obras lexicográficas está na fonte usada como *corpus* base para a seleção da nomenclatura". O que podemos perceber dessas argumentações é que a definição entre as diversas obras lexicais não é consensual e que o termo dicionário é utilizado, muitas vezes, como hiperônimo de todas os produtos lexicográficos.

Cunha e Aguilera (2019), em seu texto *Tipologia das obras lexicográficas e o léxico histórico do português brasileiro*, buscaram demonstrar que não há definição clara e precisa de nenhum dos fazeres lexicográficos, tendo em vista que, muitas vezes, as terminologias são utilizadas como sinônimos.

Nesse sentido, para fins terminológicos, utilizaríamos o termo Glossário para denominar o fazer lexicográfico desta pesquisa que pretende registrar o significado dos nomes dos lugares, que deve ser esclarecido tanto no viés científico, quanto no cultural, ou seja, o significado do topônimo para a população local. O termo se justifica também pela quantidade de entradas, pois se restringe aos 19 topônimos estudados. O glossário será elaborado a partir de dados da nossa pesquisa, posteriormente.

2.3.1 Toponímia

De acordo com Dick (1990a, p.19), a toponímia é o estudo da motivação dos topônimos, nomes próprios de lugares, isto é, de enunciados linguísticos formados por um universo transparente significante que reflete aspectos culturais de um núcleo existente ou pré-existente. Estudar a toponímia de uma determinada região implica revelar aspectos da história de um grupo e suas características físicas, geográficas, sociais e culturais, além de perceber os tipos de relações que o homem estabelece com o meio ambiente, ou seja, como ocorre o vínculo

humano com o lugar em que habita.

Dick (2006, p. 100) afirma “[...] que o valor pragmático do topônimo não se resume à intencionalidade momentânea ou casual do denominador;” é, por outro lado, superior a ela “com implicações exteriorizadas, gerando uma tensão dialética entre objetivos, finalidades, escolhas e resultados práticos.” O estudo do léxico de uma região ou de um lugar específico permite ao pesquisador conhecer elementos da cultura, da crença, da história, da religiosidade e resgatar elementos culturais que se perdem no tempo.

Ainda em conformidade com Dick (1990a),

> [...] a toponímia reserva-se ao direito de apresentar como crônica de uma comunidade, gravando o presente para o conhecimento das gerações futuras. Assim é que os elementos mais diferenciadores da mentalidade do homem, em sua época e em seu tempo, em face das condições ambientais de vida, que condicionam a sua percepção do mundo, estão representados nos nomes de lugares, senão todos, pelo menos os mais flagrantes. (DICK, 1990a, p. 119).

Quando a autora usa o sintagma “crônica de uma comunidade”, depreendemos que ela se refere à narrativa histórica de fatos que acontecem em ordem cronológica sucessiva, e revela fatos do cotidiano. O estudo da toponímia, conforme já mencionado, permite o conhecimento do modo de vida de uma comunidade, das suas crenças, das relações do homem com o meio ambiente, da cultura, da religião e da história do povo. Além disso, possui um caráter interdisciplinar, uma vez que um topônimo expressa valores culturais, linguísticos, etimológicos, históricos, geográficos e sociais. Por conseguinte, estudar a toponímia é determinante para obtermos esses conhecimentos.

2.3.1.1 Os estudos toponímicos no Brasil - Minas Gerais - Coração de Jesus

Os estudos sobre a toponímia no Brasil são relativamente recentes. Quando analisamos o ano das primeiras publicações de estudo dessa área, encontramos, como principal referência, Dick com as obras *A motivação toponímica e a realidade brasileira*, de 1990a, e *Toponímia e Antroponímia no Brasil*, de 1990b. A partir dessas publicações, os estudos toponímicos brasileiros começaram a surgir. Assim, qualquer pesquisa que anseie abordar a toponímia brasileira deverá buscar como referência as obras da referida autora.

Já em países europeus, como a França, por exemplo, os estudos toponímicos tiveram início por volta de 1878 e seu precursor foi Auguste Longnon, que introduziu os estudos toponímicos na École Pratique des Hautes-Études (EPHE) e no Colégio de França. Já entre os norte-americanos, os estudos toponímicos foram liderados por George Stewart, nas décadas de 1950 e 1960 do século XIX, e abriram novas perspectivas de estudo, as quais, até a atualidade, ocupam lugar de destaque nos estudos linguísticos.

O projeto Atlas Toponímico do Brasil (ATB) tem como objetivo o reconhecimento da toponímia do país, sob o ponto de vista lexical, etimológico, morfossemântico e etnolinguístico. Seu estudo intercorrente das designações leva à percepção dos motivos socioculturais dominantes na onomástica brasileira. Esse projeto permitiu formalizar princípios teóricos para a disciplina e a construção de modelos taxionômicos no país.

Em Minas Gerais, há publicações relevantes de Seabra (2006) sobre estudos toponímicos. A autora é também a coordenadora do projeto Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais (ATEMiG)", da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Esse projeto é vinculado a um projeto mais amplo, o ATB, coordenado pela Prof.ª Dra. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (FFLCH/USP). O projeto ATEMIG iniciou-se em 2005, e se caracteriza como um estudo dos nomes de lugares de todo o território mineiro, e tem como objetivos elementares:

a) reconhecer remanescentes lexicais na rede toponímica mineira cuja origem remonta a nomes portugueses, africanos, indígenas, dentre outros;
b) estudar o padrão motivador dos nomes, resultante das diversas tendências étnicas registradas (línguas indígenas, africanas e de imigração); e
c) buscar a influência das línguas em contato no território.

Esclarecemos que, até onde pudemos pesquisar, não encontramos registros de estudos toponímicos para o município de Coração de Jesus. Isso, não só aponta o caráter de ineditismo de nossa investigação, como também justifica sua realização, tendo em vista que o Currículo de Referência de Minas Gerais prevê para o 6º ano do ensino fundamental, no campo de práticas de estudo e pesquisa, a realização e divulgação de pesquisas científicas.

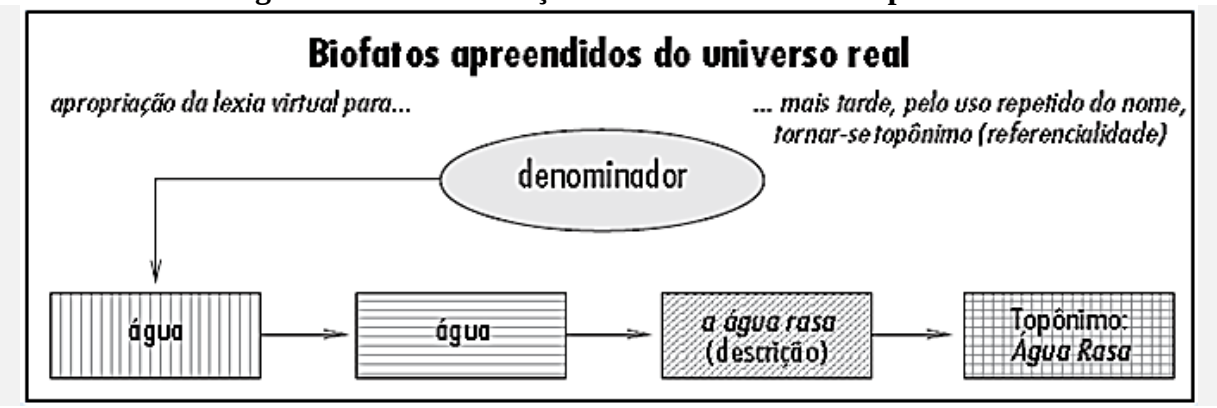
A seguir, discorremos sobre a estrutura do topônimo, ou seja, o processo por qual passam os vocábulos da língua no ato designativo.

2.3.2 Estrutura do topônimo

Topônimos são, antes de tudo, vocábulos da língua geral que, em algum momento de enunciação, passaram a nomear um elemento específico, ou seja, a fazer referência a um lugar.

Segundo Carvalinhos (2002-2003, p. 173), os topônimos "[...] são vocábulos da língua geral que entram no discurso toponímico pelo que entendemos como vicissitudes enunciativas (necessidades básicas ocorridas no momento da enunciação)". Assim, entendemos que o topônimo não nasce com o surgimento da palavra, mas que existe um processo de transformação de um lexema geral da língua em um topônimo, conforme podemos perceber na Figura 3 seguinte:

Figura 3 - Transformação de um vocábulo em topônimo



Fonte: (CARVALINHOS, 2002-2003, p. 174).

Segundo Carvalinhos (2002-2003), há um denominador que se apropria de uma lexia virtual, ou um vocábulo geral da língua, e o uso repetido desse vocábulo, fazendo referência a um lugar, eleva-o ao *status* de topônimo, pois ocorre um processo de cristalização desse topônimo através de seu uso recorrente no ato de fazermos referência ao lugar nomeado. Esse processo de nomeação comporta diversos elementos relacionados à escolha que o denominador

faz no processo de nomear.

Nessa direção, conforme Dick (1990a),

> A aproximação do topônimo aos conceitos de ícone ou de símbolo, sugerido pela própria natureza do acidente nomeado, [...] vai pôr em relevo outras das características do onomástico toponímico, qual seja não apenas a identificação dos lugares mais a indicação precisa de seus aspectos físicos ou antropoculturais, contido na denominação. (DICK, 1990a, p. 24).

Para autora, a estrutura do topônimo pode ser discutida, ainda, sob alguns aspectos intra e extralinguísticos. A relação do topônimo com o acidente geográfico compreende dois elementos básicos: o elemento (termo) genérico e o elemento (termo) específico. O primeiro diz respeito à entidade geográfica que recebe a denominação, e o segundo é o topônimo propriamente dito que particulariza a noção espacial, identificando-o e especificando-o, dentre outros existentes. De acordo com Dick (1990b), a formação dos topônimos pode-se dar de três formas distintas:

> a) "topônimo simples ou elemento específico simples: é aquele que se faz definir por um só elemento formante [...]" podendo, contudo, se apresentar também acompanhado de sufixações.
> b) Topônimo composto ou elemento específico composto: é aquele que se "apresenta com mais de um elemento formador de origem diversa entre si, que, do ponto de vista do conteúdo", pode gerar formações inusitadas que talvez apenas a história local possa elucidar;
> c) topônimo híbrido ou elemento específico híbrido: é aquele designativo que recebe em sua configuração "elementos linguísticos de diferentes procedências." (DICK, 1990b, p. 13).

Conforme definição para topônimo simples, letra (a), ou elemento específico simples, podemos citar, como exemplo do nosso *corpus*, o topônimo do povoado Brejinho, formado por apenas um elemento e apresenta sufixo diminutivo, caso também do topônimo do povoado Brejão, formado por apenas um elemento e sufixo aumentativo. Ambos os logradouros ficam localizados no distrito de Alvação, município de Coração de Jesus, Minas Gerais. Já o topônimo composto, ou elemento específico composto definido na letra (b) pode ser exemplificado com o topônimo Canta Galo, povoado do distrito de Alvação, município de Coração de Jesus, Minas Gerais, e que compõe nosso *corpus* de pesquisa, apresenta mais de um elemento formador e com origem distinta, pois temos o sintagma verbal "Canta" junto ao substantivo "Galo".

Com relação aos nomes dos logradouros citados, é interessante situar que Dick (1990a, p. 39) considera os termos rio, lago, morro, montanha, entre outros, como acidentes geográficos físicos, e os elementos vila, povoado, cidade, rodovia, ponte, como acidentes geográficos humanos.

2.3.3 Natureza motivacional do topônimo

Estudar a toponímia de um lugar implica considerar as motivações, ou seja, as razões que levaram o nomeador a escolher determinado nome, uma vez que o signo toponímico não é arbitrário, porquanto na escolha existe uma intencionalidade, configurando, então, uma carga semântica que se relaciona a traços do espaço denominado.

O signo toponímico possui uma característica motivacional, a qual fez com que Dick (1990b, p. 31-34) definisse e adotasse vinte e sete (27) taxonomias, conforme a natureza motivacional do topônimo, divididas em dois grupos, conforme o Quadro 4 Classificação dos topônimos de natureza física e o Quadro 5 Classificação dos topônimos de natureza antropocultural, apresentados a seguir.

Quadro 4 - Classificação dos topônimos de natureza antropocultural

Classificação toponímica	**Definição**	**Exemplo**
Animotopônimos ou nootopônimos	Relativos à vida psíquica, à cultura espiritual.	Perdões - MG
Antropotopônimos	Relativos aos nomes próprios individuais.	Francisco Dumont
Axiotopônimos	Relativos aos títulos e dignidades que acompanham nomes próprios individuais.	Padre Paraíso
Corotopônimos	Relativos a nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes.	Amazonas -BA
Cronotopônimos	Topônimos relativos aos indicadores cronológicos representados pelos adjetivos *novo (a), velho(a).*	Nova Lima - MG
Ecotopônimos	Relativos às habitações em geral.	Ocauçu - SP
Etnotopônimos	Relativos aos elementos étnicos isolados.	Rio Xavante - MT
Ergotopônimos	Relativos a elementos da cultura material.	
Dirrematopônimos	Constituídos de frases e enunciados linguísticos.	Valha-me Deus - MA
Hierotopônimos	Topônimos relativos a entidades e temas sagrados referentes a diferentes crenças.	São Romão - MG
Historiotopônimos	Relativos aos movimentos de cunho histórico, seus membros e às datas comemorativas.	Tiradentes - MG
Hodotopônimos	Relativos às vias de comunicação urbana ou rural.	Divisa Alegre - MG
Numerotopônimos	Topônimos relativos aos adjetivos numerais.	Três Marias - MG
Poliotopônimos	Relativos aos vocábulos vila, aldeia, cidade, arraial.	Vila Rica- MT
Sociotopônimos	Topônimos relativos às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos locais de encontro da comunidade.	Oficina - MG
Somatopônimos	Topônimos relativos metaforicamente às partes do corpo humano ou animal.	Rio da Mão Esquerda - AL

Fonte: Elaborado pela autora com dados extraídos de Dick (1986, p. 38-39).

Quadro 5 - Classificação dos topônimos de natureza física

Classificação dos topônimos	Definição	Exemplo
Astrotopônimos	Relativos aos corpos celestes.	Saturno - ES
Cardinotopônimos	Relativos à posição geográfica.	Caxias do Sul - RS
Cromotopônimos	Relativos à cor e à escala cromática.	Alvação - MG
Dimensiotopônimos	Relativos à dimensão do acidente geográfico (diminutivos e aumentativos).	Brejinho - MG
Fitotopônimos	Relativo aos vegetais.	Tamboril - MG
Geomorfotopônimos	Relativos à topografia.	Costa Rica - MT
Hidrotopônimos	Relativos à hidrografia em geral.	Riachinho - MG
Litotopônimos	Relativos aos minerais que constituem o solo.	Diamantina - MG
Meteorotopônimos	Relativos aos fenômenos atmosféricos.	Riacho das Neves - BA
Morfotopônimos	Relativos às formas geométricas.	Triângulo - MT
Zootopônimos	Relativos aos animais.	Lontra- MG

Fonte: Elaborado pela autora com dados extraídos de Dick (1986, p. 38-39).

A análise e classificação dos topônimos dos logradouros rurais do distrito de Alvação, Coração de Jesus foi feita a partir dessas taxonomias definidas por Dick (1990b), uma vez que o estudo toponímico precisa considerar a característica motivacional do signo topônimo e, ainda, considerar que a atividade humana de nomear é motivada por diferentes aspectos, conforme as taxonomias supracitadas.

2.4 Do levantamento à análise dos topônimos: fundamentos teórico-metodológicos

Para procedermos ao levantamento dos topônimos, utilizamos uma ficha lexicográfico-toponímica elaborada por Coelho (2020) por atender aos objetivos desta pesquisa.

Quadro 6 - Ficha Lexicográfica -Toponímica

1. Topônimo:	1.1 Taxionomia:
2. Legislação:	
3. Nome Oficial:	
4. Nome Paralelo:	
5. Localização:	
6. Área:	
7. Acidente:	
8. Tipo de Elemento:	
9. Variante:	
10. Histórico:	
11. Estrutura Morfológica:	
12. Origem:	
13. Registro Toponímico:	
14. Informações Enciclopédicas:	
15. Contexto:	
16. Data de coleta:	
17. Pesquisadora:	
18. Orientadora e revisora:	
19. Imagem do Mapa	
20. Fotos	
21. Observações	

Fonte: Elaborada pela pesquisa e por Coelho[4] (2021).

A seguir, conceituamos cada um dos elementos que compõem a ficha lexicográfico-toponímica:

a) Topônimo: representa o registro do nome, ou seja, o designativo do lugar nomeado, que, no caso desta pesquisa, refere-se aos nomes dos 18 logradouros, do distrito e do município;
   - Taxonomia: diz respeito às classificações do topônimo de acordo com sua natureza física (11 taxes) ou antropocultural (16 taxes), valendo ressaltar que esta classificação foi proposta por Dick (1990b), de acordo com as características da realidade toponímica brasileira.

[4] Orientadora da pesquisa.

b) Legislação: lei de criação do logradouro;
c) Nome oficial: nome encontrado no mapa;
d) Nome paralelo: nome pelo qual o logradouro também é conhecido;
e) Localização: município do logradouro;
f) Área: urbana ou rural;
g) Acidente: é relativo à natureza semântica do nome do lugar pesquisado, isto é, o vínculo existente entre o nome e o lugar;
h) Tipo de elemento: se o nome é formado por um único radical, específico simples, por mais de um elemento formador, específico composto, ou por elementos oriundos de diversas línguas, específico hibrido;
i) Variante: as variantes do nome do topônimo;
j) Histórico: a história em que são observadas informações enciclopédicas com o apoio de dicionários históricos, etimológicos e geográficos;
k) Estrutura morfológica: indica a classe gramatical, o gênero e o número de cada um dos topônimos em análise, classificando-os também em nomes simples ou compostos;
l) Etimologia: indica a origem dos nomes designativos dos logradouros;
m) Registro toponímico: como ocorre o registro do nome;
n) Informações enciclopédicas: através das quais são encontradas várias informações sobre o topônimo e que embasam as informações relativas à etimologia, à estrutura morfológica e à sua taxonomia;
o) Contexto: limita-se a registrar as referências que são feitas ao topônimo tanto em textos orais quanto escritos;
p) Data da coleta: corresponde a data de aplicação de entrevista;
q) Pesquisadora: nome da pesquisadora;
r) Orientadora e revisora: nome da orientadora e revisora.
s) Imagem do mapa: um recorte do logradouro no mapa;
t) Fotos: registros fotográficos do logradouro;
u) Observações: espaço destinado a considerações relevantes sobre o topônimo em estudo.

Com relação ao campo Informações Enciclopédicas, é possível apresentar informações relativas ao topônimo que servem para explicar e esclarecer informações apresentadas em outros campos da ficha, como a origem e a motivação do nome. Sendo assim, discorremos, a seguir, sobre as obras consultadas para preenchimento deste campo.

As obras consultadas se dividem em categorias. Vejamos:

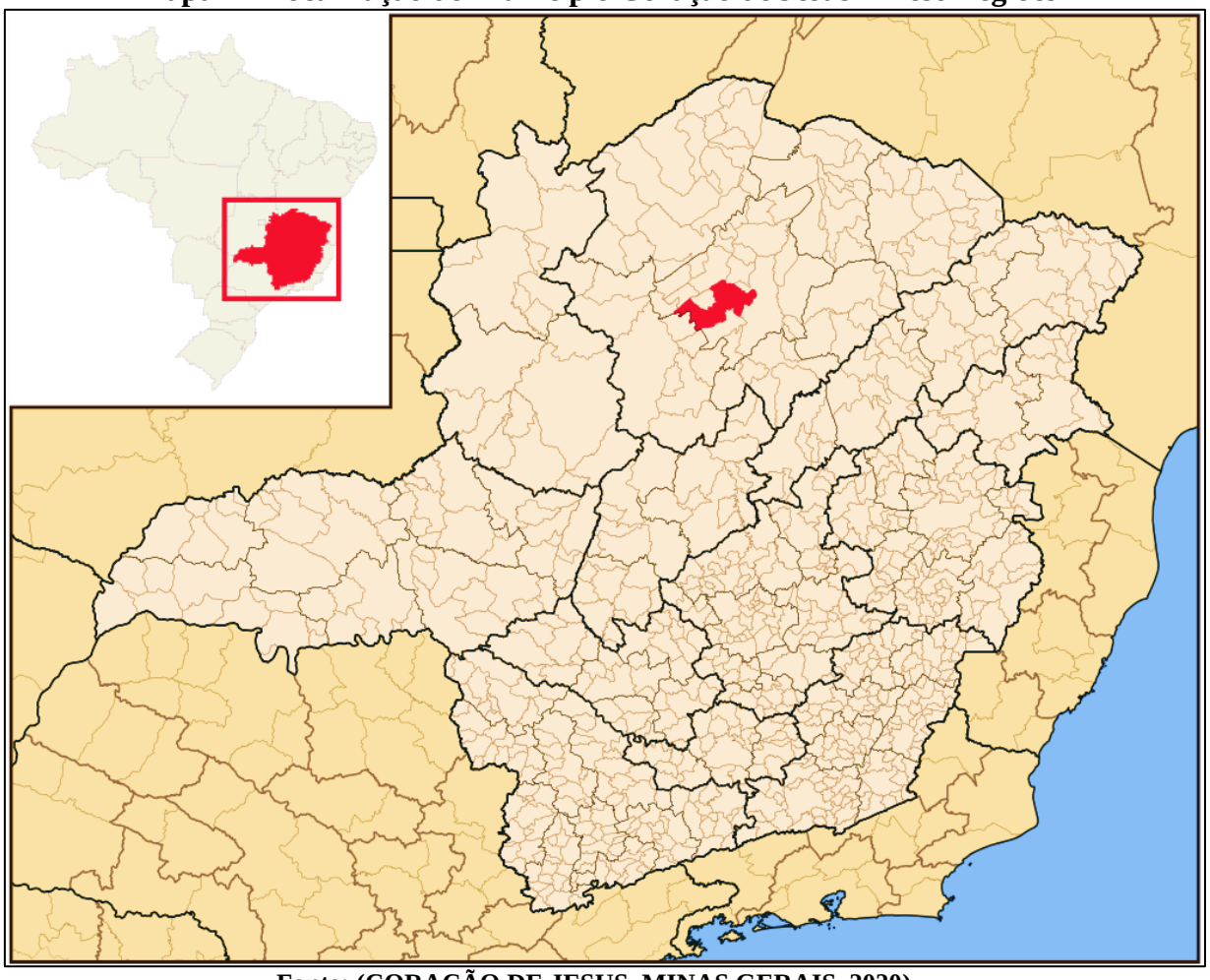
a) Dicionário etimológico e onomasiológico:
   - *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, de Antônio Geraldo da Cunha (2010);
   - *Diccionario Brazileiro da Lingua Portugueza*, de Antônio Joaquim de Macedo Soares (1889);
   - *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa*, de José Pedro Machado (1984);
b) Dicionário atual da língua portuguesa:
   - *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, de Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar (2009);
c) Dicionários antigos da língua portuguesa:
   - *Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico*, de Raphael Bluteau (1712-1728);
   - *Diccionario da lingua portugueza* - recompilado dos vocabulários impressos até agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado, por Antonio de Moraes Silva (1813);
   - *Diccionario da Lingua Brasileira*, de Luiz Maria da Silva Pinto (1832);
d) Dicionários regionais:
   - *Dicionário de vocábulos brasileiros*, de Beaurepaire-Rohan (1956);
   - *Dicionário Histórico-Geográfico de Minas Gerais*, de Waldemar de Almeida Barbosa (1995);
   - *Dicionário Histórico das Minas Gerais*: Período Colonial, de Adriana Romeiro e Angela Vianna Botelho (2004);
e) Dicionários geográficos e geológico-geomorfológicos:
   - *Novo dicionário geológico-geomorfológico*, de Antônio Teixeira Guerra e Antônio José Teixeira Guerra (2001);
   - *Dicionário Cartográfico*, Cêurio de Oliveira (993);
   - *Album Chorographico Municipal do Estado de Minas Geraes: Estudos Críticos* (1927).

2.4.1 Toponímia em estudo: Logradouros de Alvação - Coração de Jesus/Minas Gerais

Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020) consultados em 09 de junho de 2020, a cidade de Coração de Jesus, registrada sob nº 3118809 neste instituto, localiza-se na mesorregião do Norte de Minas Gerais, na microrregião de Montes Claros, há aproximadamente 486 km de distância da capital mineira Belo Horizonte e 645 km da capital do país Brasília. A estimativa da população do município em 2020 de 26.033.

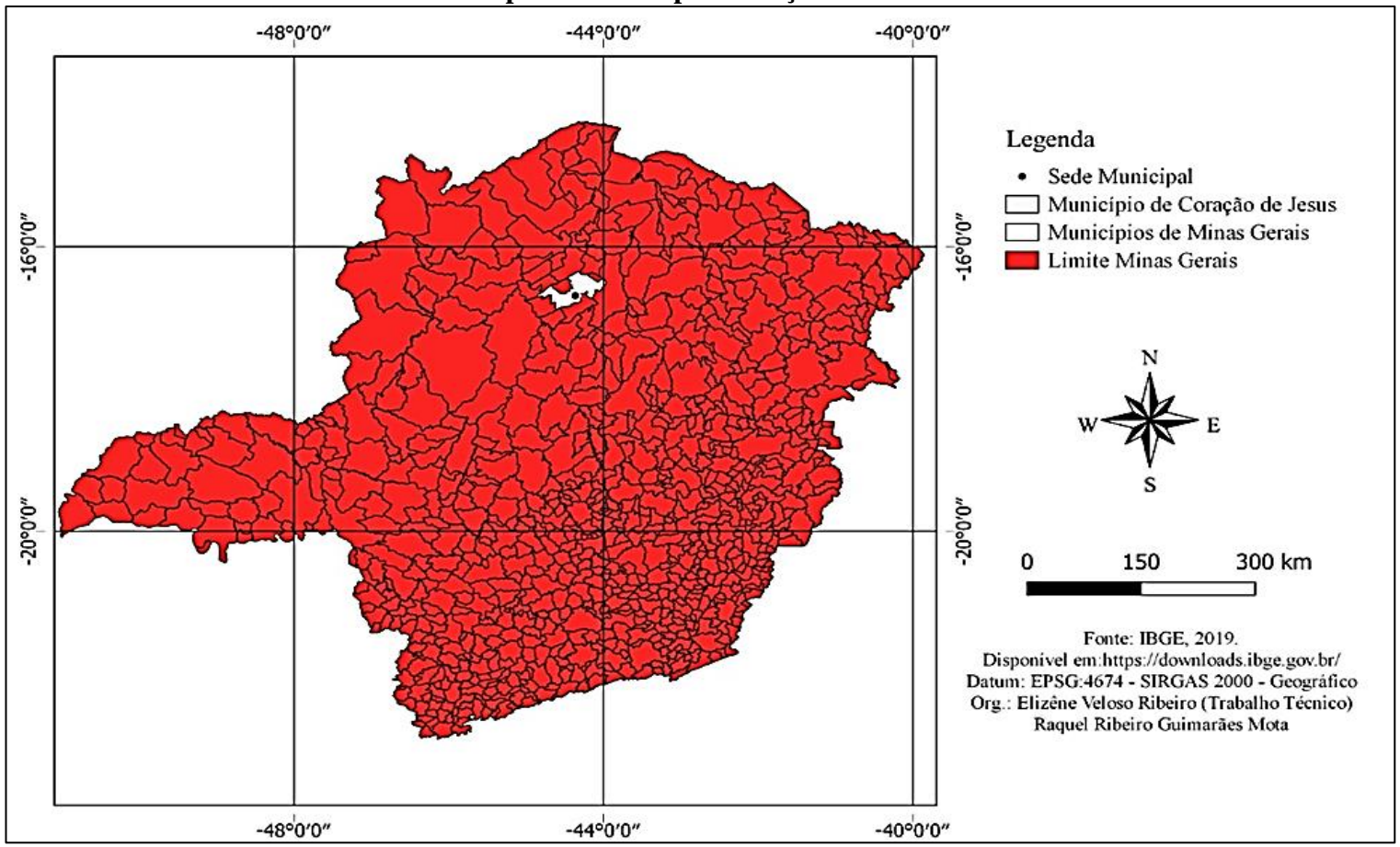
Apresentamos, logo mais, os mapas da localização de Coração de Jesus em Minas Gerais e no Brasil e, em seguida, um mapa do referido município em Minas.

Mapa 1 - Localização do Município Coração de Jesus - Mesorregiões



Fonte: (CORAÇÃO DE JESUS, MINAS GERAIS, 2020).

Mapa 2 - Município Coração de Jesus



Fonte: Elaborado por Elizêne Veloso Ribeiro e pela pesquisadora (2020).

A cidade de Coração de Jesus tem 107 anos de fundação e é dividida em sete distritos, que, por sua vez, subdividem-se em povoados, bairros, fazendas. Esclarecemos que são muito poucas as informações dos distritos e suas constituições, mesmo a sede, Coração de Jesus. Há também carência de informações sobre o surgimento do município e uma breve menção sobre as duas alterações toponímicas pelas quais o município passou, mesmo na *Enciclopédia dos municípios brasileiros*, do ano de 1957-1964.

a) Coração de Jesus, distrito sede, 12.509 habitantes, formada por 20 bairros: Buriti, Aeroporto, Alterosa, Alto Bom Jesus, Alto Buriti, Baixa do Guedes, Canabrava, Centro, Diamante 1, Diamante 2, Jardim Primavera, Fervedouro, Nossa Senhora de Fátima, Nezinho Pinheiro, Renovação, Rosa Honorato, Sagrada Família, Santa Tereza, São Rafael, Vila Magalhães;
b) Alvação, distrito, com 3. 408 habitantes e constituída por 18 lugares: Barreiro, Bela Vista, Biboca, Brejinho, Brejão, Canta Galo, Chumbado, Duas Barras, Esporas, Fonseca, Fumo, Lamarão, Lobo, Passagem Larga, Poção, Salto, Riachinho, Tamboril;
c) Aristides Batista, distrito, com 1.640 habitantes;
d) Luís Pires de Minas, distrito, com 2.814 habitantes;
e) Ponte dos Ciganos, distrito, com 1.344 habitantes;
f) São Geraldo, distrito, com 1.344 habitantes;
g) São Joaquim, distrito, com 1.509 habitantes.

Consultando o *Álbum Chorográphico Municipal de Minas Geraes: estudos críticos*, 1927, verificamos em 1774 o arraial Sagrado Coração de Jesus, com a doação da terra por Francisco Ferreira Leal. Em 1832 o mesmo é elevado à categoria de distrito e 7 anos depois, em 1839 passa a chamar se Coração de Bom Jesus, quando se emancipou de Montes Claros, tornando se município por meio da Lei 556, de 30 de agosto de 1911, Coração de Jesus teve seu nome mudado para Inconfidência. Entretanto em 1928 voltou a se chamar Coração de Jesus em homenagem ao sagrado Coração de Jesus.

O registro supracitado revela as mudanças toponímicas por quais o município passou, ou seja, inicialmente um hierotopônimo, Sagrado Coração de Jesus, relativo aos nomes sagrados; depois um historiotopônimo, Inconfidência, relativo a um movimento de cunho histórico-social, entretanto esse nome não perdurou por muito tempo e em 1928 retornou para um hierotopônimo, mas dessa vez com o nome que conhecemos hoje, Coração de Jesus.

O município de Coração de Jesus não fugiu à influência das expedições bandeirantes na busca por riquezas naturais, novas terras e escravizados IBGE (2019). As primeiras expedições iniciaram por volta de 1554, mas, somente poucos anos antes de 1777 teve início o processo de povoação do antigo arraial do Sagrado Coração de Jesus. Conforme dados dessa mesma fonte, a quase totalidade do distrito da sede municipal foi doada por Francisco Ferreira Leal. O processo de povoação do arraial ocorreu de maneira lenta, em virtude da escassez de elementos que atraíssem a população, mas, em 14 de julho de 1832, o arraial foi elevado à categoria de paróquia e conseguiu atrair trabalhadores para a extração da borracha da mangabeira e também criadores de bovinos e equinos atraídos pela exuberância das pastagens naturais. O distrito passou, então, a ser subordinado ao município de Montes Claros e denominado Santíssimo Coração de Jesus. No ano de 1911, o distrito foi alçado à categoria de vila, sendo denominado de Inconfidência e desmembrado de Montes Claros. Em 1925, tornou-se cidade, permanecendo o nome Inconfidência, em 1928 alterado para Coração de Jesus. (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 1957-1964).

A economia do município de Coração de Jesus tem como suporte a pecuária e a agricultura familiar com a produção de hortaliças, plantação de cana-de-açúcar para a produção de rapaduras e doces. A atividade extrativa, a partir do plantio de grandes áreas de eucaliptos e da produção de carvão vegetal, foi, por muito tempo, responsável pela economia de muitas famílias, no entanto, posteriormente, passou a ser praticada com uma recorrência menor.

Como em tantas outras cidades da região norte de Minas, a infraestrutura da maior parte dos municípios é bastante precária. Algumas cidades sequer são acessadas por meio de rodovia asfaltada, o que prejudica o escoamento da produção agrícola desses municípios. Em razão disso, parcela expressiva da produção do município é encaminhada para a Central de Abastecimento do Norte de Minas Gerais (CeANorte), localizada na cidade de Montes Claros na Avenida Leonel Beirão de Jesus, SN - Vila Telma.

Quanto à escolarização, a taxa de indivíduos entre 06 e 14 anos de idade é de 96,7% no município; o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) da rede pública, nos anos iniciais do ensino fundamental é de 6,2 e nos finais do ensino fundamental é de 4,4. Sendo assim, é possível perceber que os resultados da educação nos anos iniciais do ensino fundamental superam os dos anos finais do ensino fundamental. Conforme dados dessa mesma fonte, o município possui 11 creches, 19 unidades pré-escolares, 29 escolas de ensino fundamental (entre municipais e estaduais) e 10 escolas de ensino médio, todas estaduais.

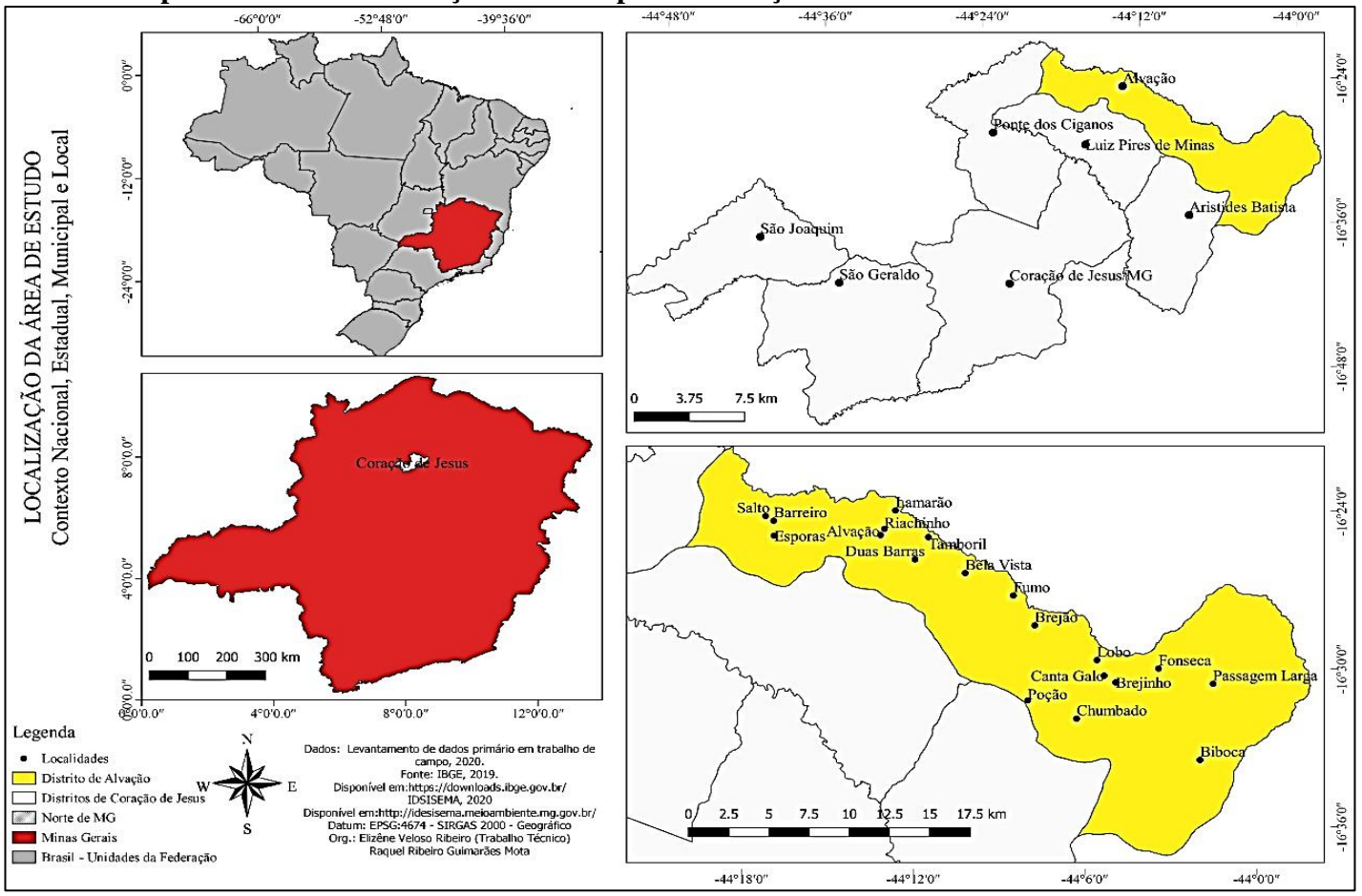
No tocante a religiosidade, predomina a Católica Apostólica Romana, seguida da Religião Evangélica, além da existência de diversas outras religiões cultuadas no município.

E, por fim, destacamos a comemoração do aniversário da cidade no dia 1º de junho, com a tradicional Vaquejada Nacional de Coração de Jesus, no Parque de Exposição Júlio Antunes Prates.

Conforme anunciado anteriormente, o município de Coração de Jesus possui sete distritos e um deles intitulado Alvação (ALVAÇÃO, CORAÇÃO DE JESUS, 2020), alvo local de nossa pesquisa, que será mostrada a sua localização em mapas, a seguir.

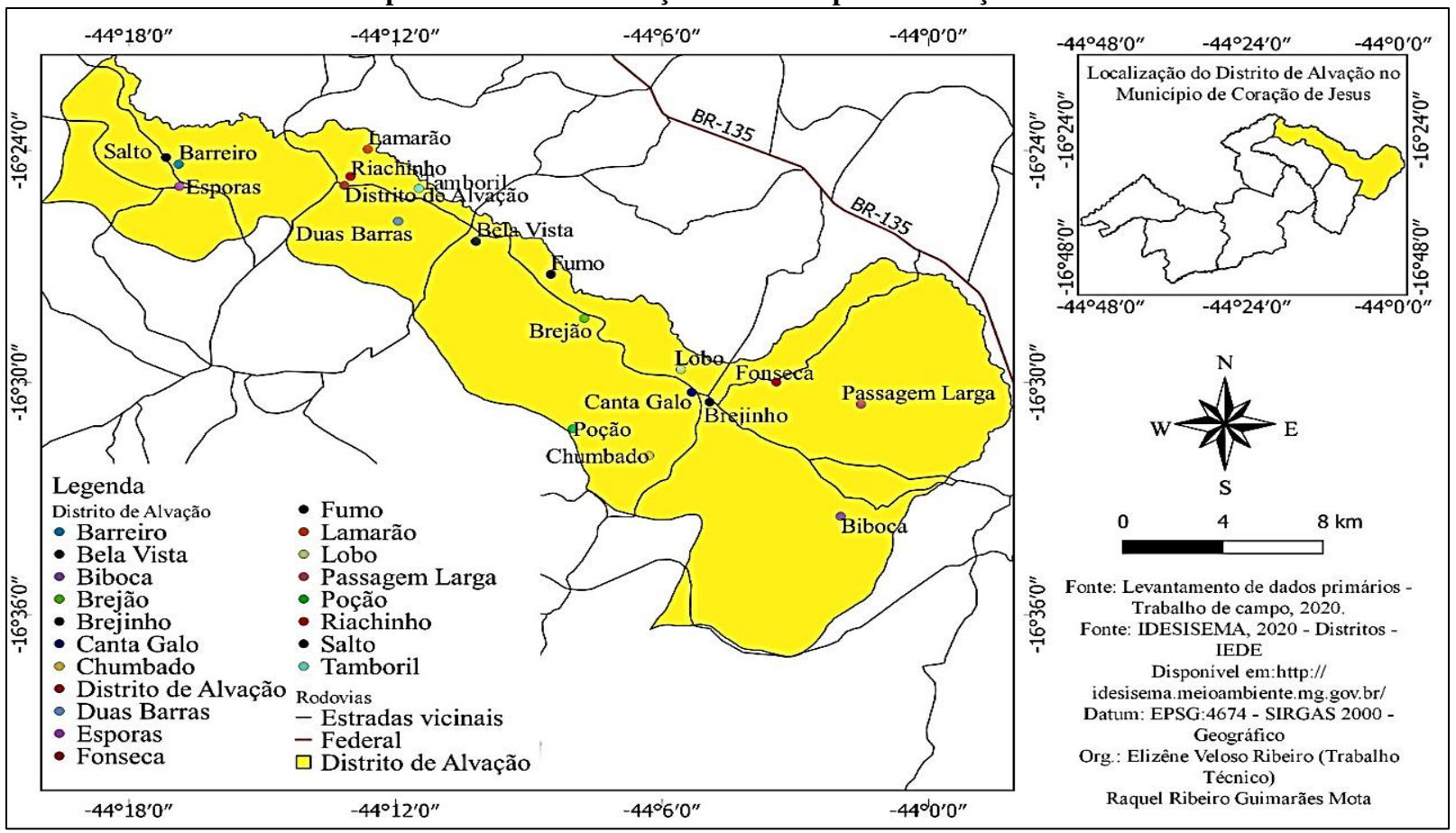
Apresentamos, a seguir, o mapa da localização dos logradouros do distrito de Alvação.

Mapa 3 - Distrito de Alvação – Município de Coração de Jesus – Minas Gerais – Brasil



Fonte: Elaborado por Elizêne Veloso Ribeiro e pela pesquisadora (2020).

Mapa 4 - Distrito de Alvação no Município de Coração de Jesus



Fonte: Elaborado por Elizêne Veloso Ribeiro e pela pesquisadora (2020).

Os logradouros pesquisados, neste estudo, foram selecionados considerando as localidades de que fazem parte do distrito de Alvação, onde se situa a Escola Estadual São Sebastião, que acolhe os alunos deste lugar.

Por se tratar de um estudo da microtoponímia do distrito rural de Alvação necessário se faz trabalhar as definições dos logradouros trabalhados na pesquisa: país, estado, cidade, município, distrito, povoado, comunidade, fazenda. Apresentamos, a seguir, a definição das espacialidades conforme a proposta dicionarística de Houaiss e Villar (2009) e da publicação do IBGE, intitulada *Estatísticas de gênero: uma análise dos resultados do Censo Demográfico 2010.*

> **Cidade**: s.f. (Sxiii) cf.IVPM) 1 aglomeração humana de certa importância localizada numa área geográfica circunscrita e que tem numerosa casas, próximas entre si, destinadas às moradias e/ou a atividades culturais, mercantis, industriais, financeiras e a outras não relacionadas com a exploração direta do solo. (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 714)
>
> **Comunidade**: substantivo feminino. Conjunto de habitantes de um mesmo Estado ou qualquer grupo social cujos elementos vivam na mesma área, sob um governo comum e irmanados pelo mesmo legado cultural e histórico. População que vive num mesmo lugar ou região, ger. ligada por interesses comuns (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 2105)
>
> **Distrito Federal**: É a unidade autônoma onde tem sede o Governo Federal com seus poderes Executivo, Legislativo e Judiciário. Tem as mesmas competências legislativas reservadas aos estados e municípios, e é regido por lei orgânica, sendo vedada sua divisão em municípios. Brasília é a Capital Federal. (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2014).
>
> **Distrito:** São unidades administrativas dos municípios. Sua criação, desmembramento ou fusão dependem de leis municipais, que devem observar a continuidade territorial e os requisitos previstos em lei complementar estadual. Podem ser subdivididos em unidades administrativas denominadas subdistritos, regiões administrativas, zonas ou outra denominação específica.
> A localidade onde está sediada a autoridade distrital, excluídos os distritos das sedes municipais, tem a categoria de vila. Observa-se que nem todas as vilas criadas pelas legislações municipais possuem ocupação urbana. Na ocorrência desses casos, tais vilas não foram isoladas em setores urbanos no Censo Demográfico 2010. (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2014).
>
> **Estado:** Os estados constituem as unidades de maior hierarquia dentro da organização político-administrativa do País. São subdivididos em municípios e podem ser incorporados entre si, subdivididos ou desmembrados para serem anexados a outros, ou formarem novos estados ou territórios federais, mediante aprovação da população diretamente interessada, por meio de plebiscito, e do Congresso Nacional, por lei complementar. Organizam-se e regem-se por constituições e leis próprias, observados os princípios da Constituição Federal. (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2014).
>
> **Fazenda**: Propriedade rural de dimensões consideráveis, de lavoura ou de criação de gado. (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2018).

Mesorregião geográfica: [...] área individualizada, em uma Unidade da Federação, que apresenta forma de organização do espaço geográfico definidas pelas seguintes dimensões: o processo social, como determinante; o quadro natural, como condicionante; e a rede de comunicação e de lugares, como elemento da articulação espacial. Essas três dimensões possibilitam que o espaço delimitado como Mesorregião tenha uma identidade regional. Essa identidade é uma realidade construída ao longo do tempo pela sociedade que aí se formou. (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2017).

Microrregião geográfica: [...] como partes das mesorregiões que apresentam especificidades, quanto à organização do espaço. Essas especificidades não significam uniformidade de atributos, nem conferem às microrregiões auto-suficiência e tampouco o caráter de serem únicas, devido a sua articulação a espaços maiores, quer à mesorregião, à Unidade da Federação, ou à totalidade nacional. Essas estruturas de produção diferenciadas podem resultar da presença de elementos do quadro natural ou de relações sociais e econômicas particulares [...]. (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2002).

Municípios: [...] constituem as unidades autônomas de menor hierarquia dentro da organização político-administrativa do Brasil. Sua criação, incorporação, fusão ou desmembramento dependem de leis estaduais, que devem observar o período determinado por lei complementar federal e a necessidade de consulta prévia, mediante plebiscito, às populações envolvidas, após divulgação dos estudos de viabilidade municipal, apresentados e publicados na forma da lei. Os municípios são regidos por leis orgânicas, observados os princípios estabelecidos na Constituição Federal e na constituição do estado onde se situam, e podem criar, organizar e suprimir distritos. A localidade onde está sediada a Prefeitura Municipal tem a categoria de cidade. (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2014).

País: substantivo masculino s.m (cXV cf.FichIVPM) **1** qualquer região, terra ou território **2** território geograficamente delimitado e habitado por uma coletividade com história própria **3** comunidade social e política à qual se pertence ou à qual se tem o sentimento de pertencer; pátria, terra **4** conjunto de habitantes de uma nação. (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 2105).

Povoado: [...] aglomerado rural isolado que corresponde a aglomerados sem caráter privado ou empresarial, ou seja, não vinculados a um único proprietário do solo (empresa agrícola, indústrias, usinas etc.), cujos moradores exercem atividades econômicas, quer primárias (extrativismo vegetal, animal e mineral; e atividades agropecuárias), terciárias (equipamentos e serviços) ou, mesmo, secundárias (industriais em geral), no próprio aglomerado ou fora dele. O aglomerado rural isolado do tipo povoado é caracterizado pela existência de serviços para atender aos moradores do próprio aglomerado ou de áreas rurais próximas. (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2000).

Região metropolitana: [...] constituem um agrupamento de municípios com a finalidade de executar funções públicas que, por sua natureza, exigem a cooperação entre estes municípios para a solução de problemas comuns, como os serviços de saneamento básico e de transporte coletivo, o que legitima, em termos político institucionais, sua existência, além de permitir uma atuação mais integrada do poder público no atendimento às necessidades da população ali residente, identificada com o recorte territorial institucionalizado. Cabe ressaltar que, no caso das Regiões Metropolitanas, o próprio limite político administrativo dos municípios que as compõem baliza esses espaços institucionais. (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2014).

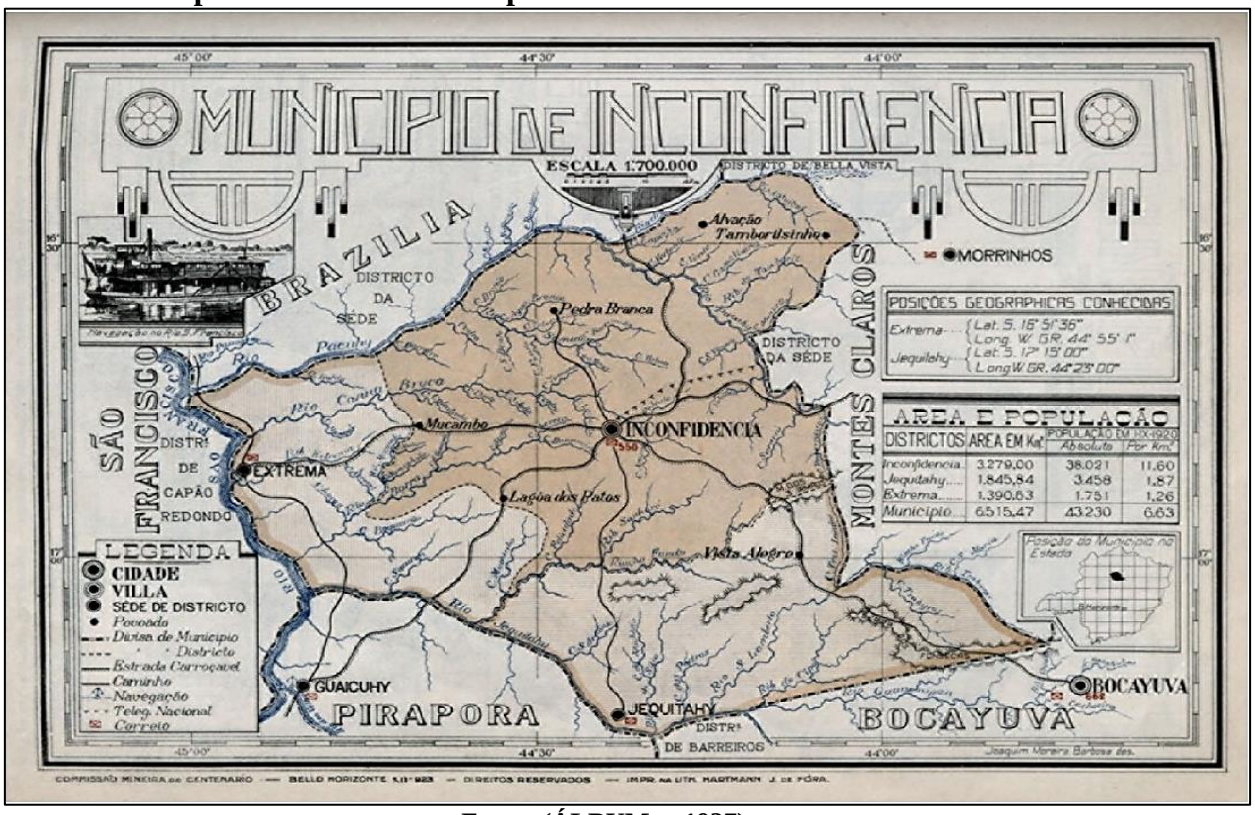
Segundo a delimitação legal dos espaços urbanos feita pelo IBGE, os distritos são as unidades administrativas internas ao município. Esse mesmo documento traz o conceito de aglomerado rural como sendo a localidade situada em área não definida como urbana e caracterizada por um conjunto de edificações permanentes e adjacentes, formando uma área continuamente construída, com arruamentos reconhecíveis ou dispostos ao longo de uma via de comunicação. O IBGE considera rural as áreas que não são urbanas, sendo esse conceito vago e falho.

Diante desses conceitos e conhecimento das denominações que são feitas pelos próprios moradores das localidades das áreas de estudo, definimos os logradouros em questão como distrito, povoados e fazendas, sendo características do primeiro um local habitado por um número reduzido de pessoas, possuindo ruas, escolas municipais ou estaduais, iluminação pública, praça, igrejas. Quanto à denominação de fazendas utilizadas pelos moradores diz respeito a lugares fechados, com acesso restrito, quantidade menor de moradores, haja vista que são apenas famílias herdeiras de um pedaço de terra. Geralmente nesses lugares existia uma fazenda grande e quando acontecia o falecimento dos patriarcas, esse patrimônio era dividido entre os herdeiros. É interessante ressaltar que nesses lugares denominados fazendas, podem ter moradores que não são da família local, casos assim acontecem quando um ou mais dos herdeiros vendem fração de terra para não familiares.

Encontramos na referência histórica *Álbum Chorográphico municipal de Minas Geraes: Estudos críticos*, 1927 (Mapa 5, a seguir), o registro do topônimo Alvação como denominação de um dos povoados do município de Inconfidência. Hoje, Alvação é classificada como distrito. Conforme já esclarecido, Inconfidência é um dos nomes recebidos pelo atual município de Coração de Jesus, que passou por alteração toponímica em 1928. A carta topográfica (1927) nos revela outros casos de manutenção de topônimos com alterações, que não iremos esclarecer neste estudo por não ser nosso foco de pesquisa, por demandar leitura paleográfica entre outras especificidades de investigação. Citamos alguns exemplos de casos de manutenção: *Tamborulsinho*[5]; povoado; Ribeirão do Tamboril; Córrego Brejão; Córrego Água Branca.

[5] Grafia conservada conforme referência consultada.

Mapa 5 - Carta do Município de Inconfidência 1927 - Minas Gerais



Fonte: (ÁLBUM..., 1927).

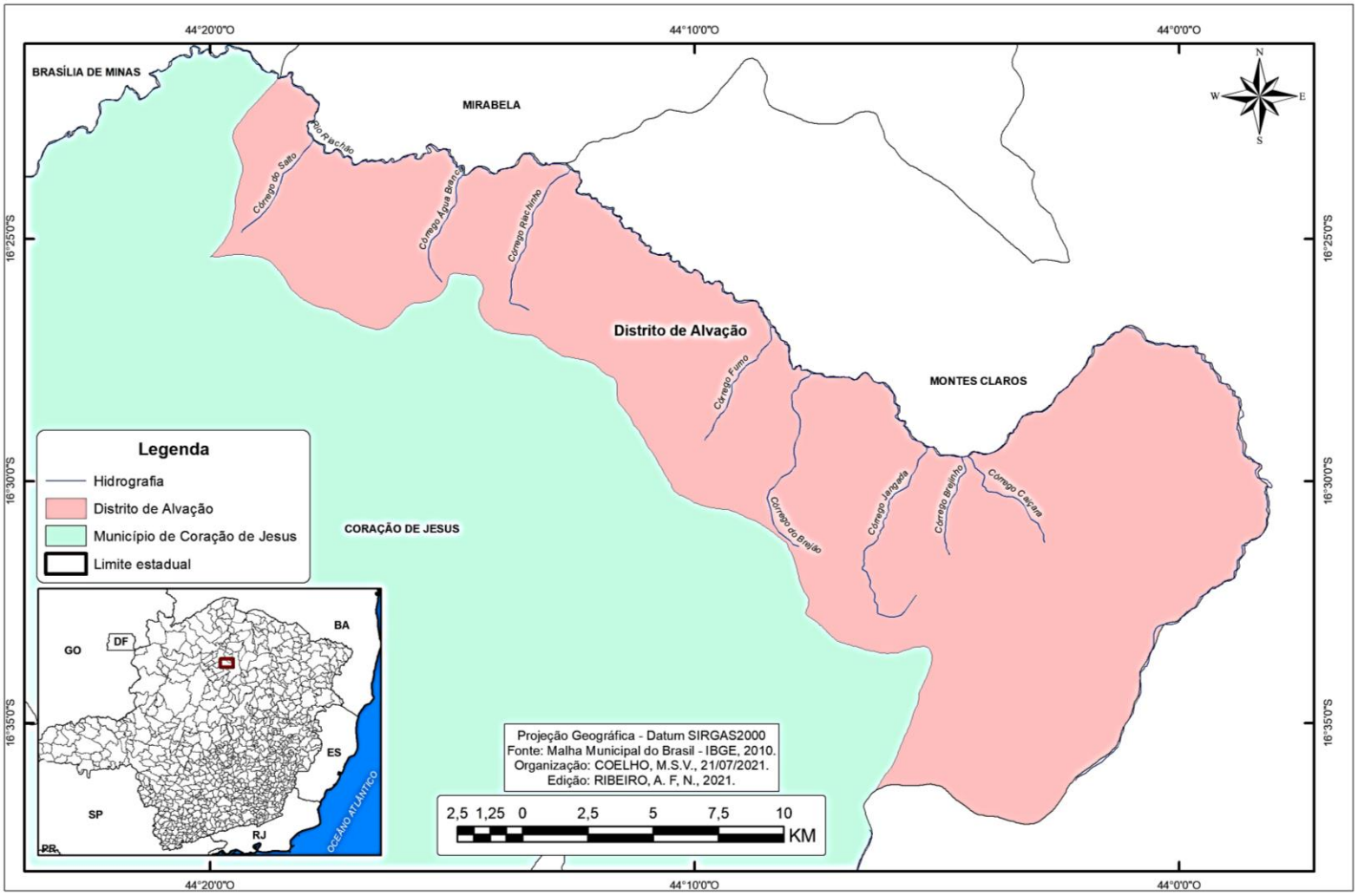
No espaço pesquisado, há quatros rios, sendo que dois são perenes, o Caiçara e o Riachão, um é intermitente, o rio Jangada, pois só corre água no período de chuvas; o outro é rio seco, o rio do Brejinho, porque a nascente desse rio não existe mais, ele não mais retém água, nem no período das chuvas.

A seguir, apresentamos uma síntese das características dos rios e córregos de Alvação, seguida pelo Mapa 6.

a) Córrego Água Branca: é um córrego seco, os entrevistados não informaram nada sobre a sua existência, provavelmente é um córrego extinto;
b) Córrego do Brejão: é um córrego seco, localizado em Brejão;
c) Córrego do Brejinho: é um córrego seco, localizado em Brejinho;
d) Córrego do Fumo: é um córrego seco, localizado no logradouro de Fumo;
e) Córrego do Riachinho: é um córrego seco, localizado no logradouro de Riachinho;
f) Córrego Salto: é um córrego seco, localizado no logradouro de Salto;
g) Rio Caiçara: localizado entre as comunidades rurais de Brejinho e Fonseca, e deságua no rio Riachão;

h) Rio da Jangada: localizado entre os municípios de Canta Galo e Brejão, é um rio intermitente**:** só tem água no período da chuva. O termo Jangada, que compõe o nome do rio em tela, também denomina uma pequena comunidade rural de pequenos sitiantes;
i) Rio Riachão: nasce no município de Montes Claros, já quase no limite com Coração de Jesus, percorre diversas localidades de Coração de Jesus, inclusive Fonseca e Brejão. É maior que o rio Caiçara e deságua no rio Pacuí.

Mapa 6 - Características dos rios e córregos de Alvação



Fonte: Organizado por Coelho e editado por Ribeiro (2021).

Foto 2 - Entrada do Povoado de Canta Galo

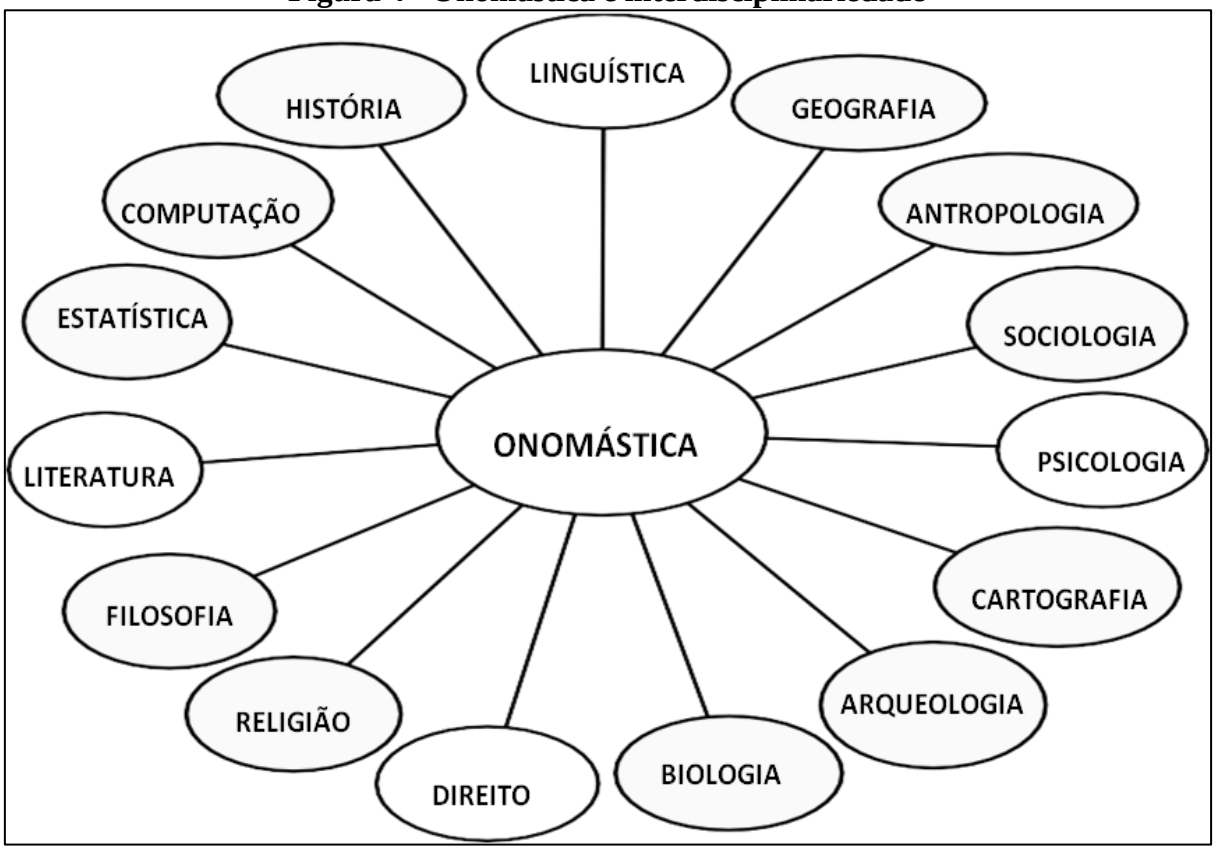
Fonte: Arquivo da pesquisadora, (2020).

3 TOPONÍMIA E O ENSINO DE PORTUGUÊS

O estudo da toponímia constitui-se num recorte do léxico de uma língua. Como discorremos no capítulo anterior, é um ramo da Onomástica e se propõe a estudar o signo linguístico, ou seja, a origem e a significação dos nomes de lugares. E, por permitir a conexão entre as disciplinas e o diálogo entre as diferentes áreas da sociedade do conhecimento e seus conceitos, de maneira a integrar os conhecimentos distintos com o objetivo de lhes dar sentido é um estudo interdisciplinar. Ao relacionarmos os campos do saber em um só estudo, estamos atribuindo a estas relações o nome de interdisciplinaridade.

Demonstramos esta interdisciplinaridade no organograma, a seguir, elaborado por Sousa e Dargel (2017).

Figura 4 - Onomástica e interdisciplinariedade



Fonte: Adaptado de Souza e Dargel (2017, p. 12)

Conforme comprova a figura anterior, a Onomástica é uma ciência que possui interfaces com diversas áreas do conhecimento, sendo assim, não é possível trabalhar a Toponímia, ramo da Onomástica, sem relacioná-la a diversos campos do conhecimento humano.

Segundo Sousa e Gouveia (2017, p. 241): “[...] a interdisciplinaridade não se encontra

enclausurada em um conceito, mas em posturas diante do processo de ensino, de uma aprendizagem que procure proporcionar encontros produtivos entre as disciplinas, as teorias, as práticas e, sobretudo, entre as pessoas.” E, no momento em que tanto se discute a formação holística do cidadão e a importância do conhecimento com aplicação na realidade, nada mais crucial que oportunizar ao aluno conhecer melhor a sua realidade e a sua cultura, sob os diversos campos de atuação das ciências.

Nessa linha de raciocínio, os PCN orientam para o tratamento interdisciplinar no ensino de língua portuguesa, e esclarecerem:

> Na perspectiva escolar, a interdisciplinaridade não tem a pretensão de criar novas disciplinas ou saberes, mas de utilizar os conhecimentos de várias disciplinas para resolver um problema concreto ou compreender um determinado fenômeno sob diferentes pontos de vista. Em suma, a interdisciplinaridade tem uma função instrumental. Trata-se de recorrer a um saber diretamente útil e utilizável para responder às questões e aos problemas sociais contemporâneos. (BRASIL, 2000, p. 21).

Diante da proposta dos PCN, entendemos como útil o estudo da toponímia, pois permite ao aluno o conhecimento de aspectos relevantes do povoado em que mora, como os elementos geográficos, a história dos nomes, os aspectos culturais e linguísticos, uma vez que os estudos toponímicos abrangem diversas dimensões.

Na dimensão pragmática, estudamos os usos reais que os moradores fazem dos nomes dos logradouros. No que se refere à semântica, investigamos os sentidos que os nomes têm para a população local e para o conhecimento formal da língua. Quanto aos aspectos gramaticais, buscamos fazer entender os aspectos gramaticais dos nomes das localidades, como, por exemplo, os de lugares que possuem nomes compostos ou simples, e, com relação à ortografia, o objetivo foi adquirir conhecimentos das regras usadas para registrar os nomes dos logradouros.

Portanto, o estudo do léxico dos lugares faculta aos alunos o acesso a múltiplos conhecimentos, não apenas da língua, mas também de várias disciplinas por intermédio do viés interdisciplinar que o estudo toponímico propõe.

Segundo Carvalho (2012, p. 1), “[...] conhecer a realidade do aluno é de fundamental importância para que se tenha um processo de ensino e aprendizagem de qualidade”; além disso, dados do alunado podem ser revelados a partir de um estudo toponímico do lugar onde o discente vive. Ademais, conforme Sousa (2012, p. 1), “[...] pode se inferir que cada grupo social que possui características culturais próprias projeta, nos nomes escolhidos para a identificação

dos lugares, aspectos da sua realidade cultural, social, histórica, físico-geográfica etc.”. Nesse sentido, conhecer a toponímia dos logradouros onde os alunos vivem, implica também trazer-lhes o conhecimento de todos esses elementos supracitados pelo referido autor.

Conforme Larissa (2020), a BNCC, documento norteador da educação brasileira a partir do ano de 2020, determina que a primeira competência geral do ensino fundamental seja “[...] valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva”, determinação a que atendemos condizentemente neste trabalho.

Sendo assim, estudar a toponímia dos lugares onde residem os alunos é uma forma de levá-los a valorizar a sua própria cultura, história e seu mundo social e físico e os de todos os moradores dos logradouros.

Estudar a Toponímia no ambiente escolar sob um viés inter ou multidisciplinar, além de possibilitar a aquisição de múltiplos conhecimentos, faz com que o aluno valorize contribuições, olhares, concepções e abordagens de outros campos do saber, e ainda o coloca como protagonista do processo de ensino e aprendizado, pois, conforme afirma Sousa e Gouveia (2017, p. 244) “[...] entendemos que o lugar do homem nos estudos toponímicos é de caráter central.”, ou seja, ele é o sujeito destas investigações.

O estudo da Toponímia na escola permite ao aluno valorizar seu lugar, como um espaço importante, mesmo que desprovido de destaque nos aspectos econômico ou cultural. Estudar aquele espaço pode facultar adquirir informações surpreendentes das quais, nunca se teve ciência anteriormente.

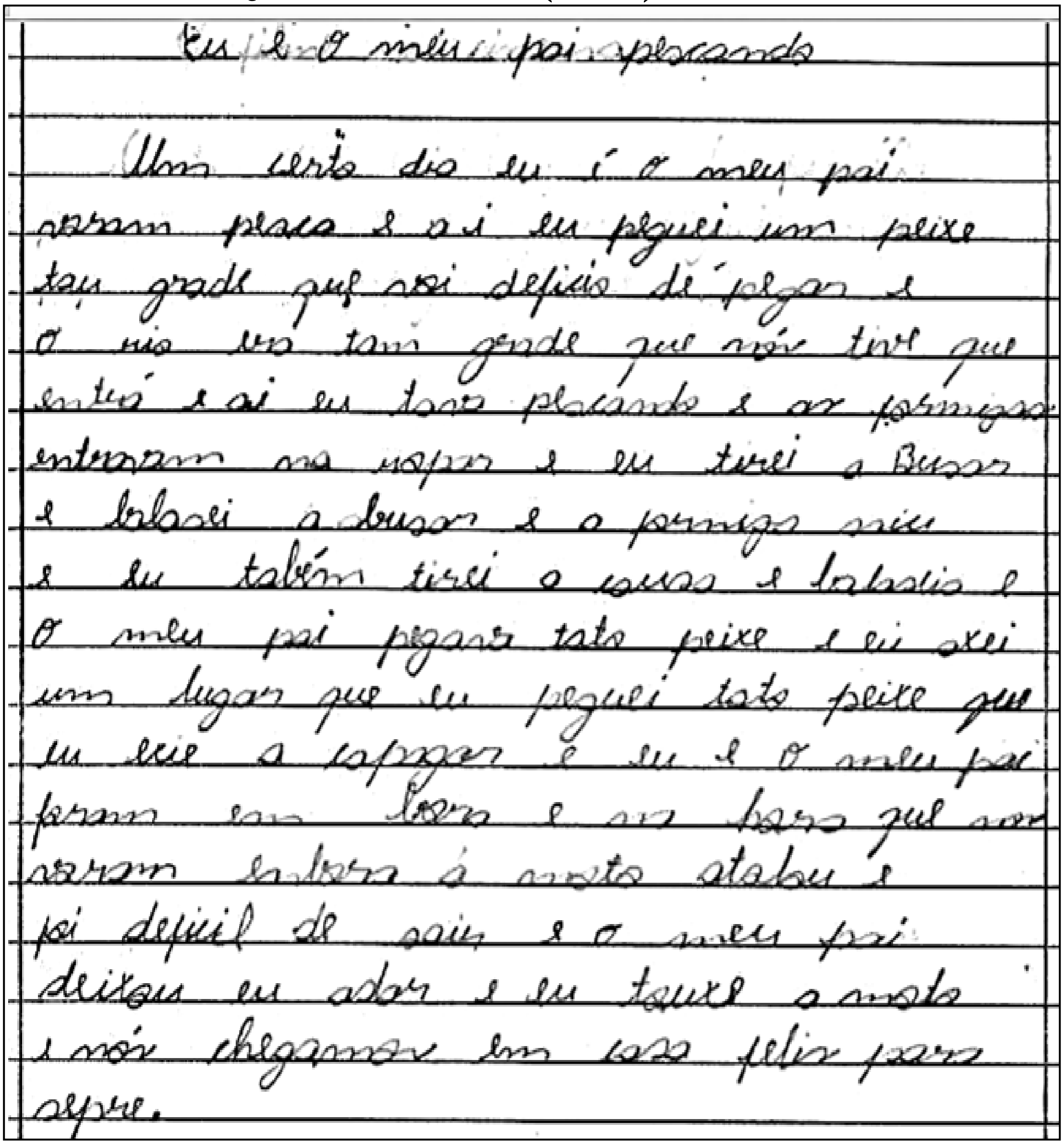
3.1 A necessidade da alfabetização no 6º ano do ensino fundamental da E. E. São Sebastião

É de se esperar que alunos que ingressam no 6º ano escolar estejam alfabetizados, porque é durante essa etapa escolar que se inicia e continua o processo de formação alfabetizadora e o letramento dos discentes, fase em que as competências e as habilidades programadas para esse período escolar devem ser adquiridas. Todavia, isso não tem acontecido em muitas escolas públicas do nosso país, e a turma participante desta pesquisa que não constitui exceção, encaixa-se nesse quadro, isto é, apresenta diversas dificuldades de leitura e escrita. É bom que se esclareça que muitas escolas particulares também não constituem exceção, o que aponta para lacunas lamentáveis, e por vezes impreenchíveis, na educação do país como um todo.

Para mapear as dificuldades da turma em tela, aplicamos atividades diagnósticas e os resultados foram compilados, a fim de que pudéssemos utilizá-los e acrescentá-los à proposta de práticas de ensino.

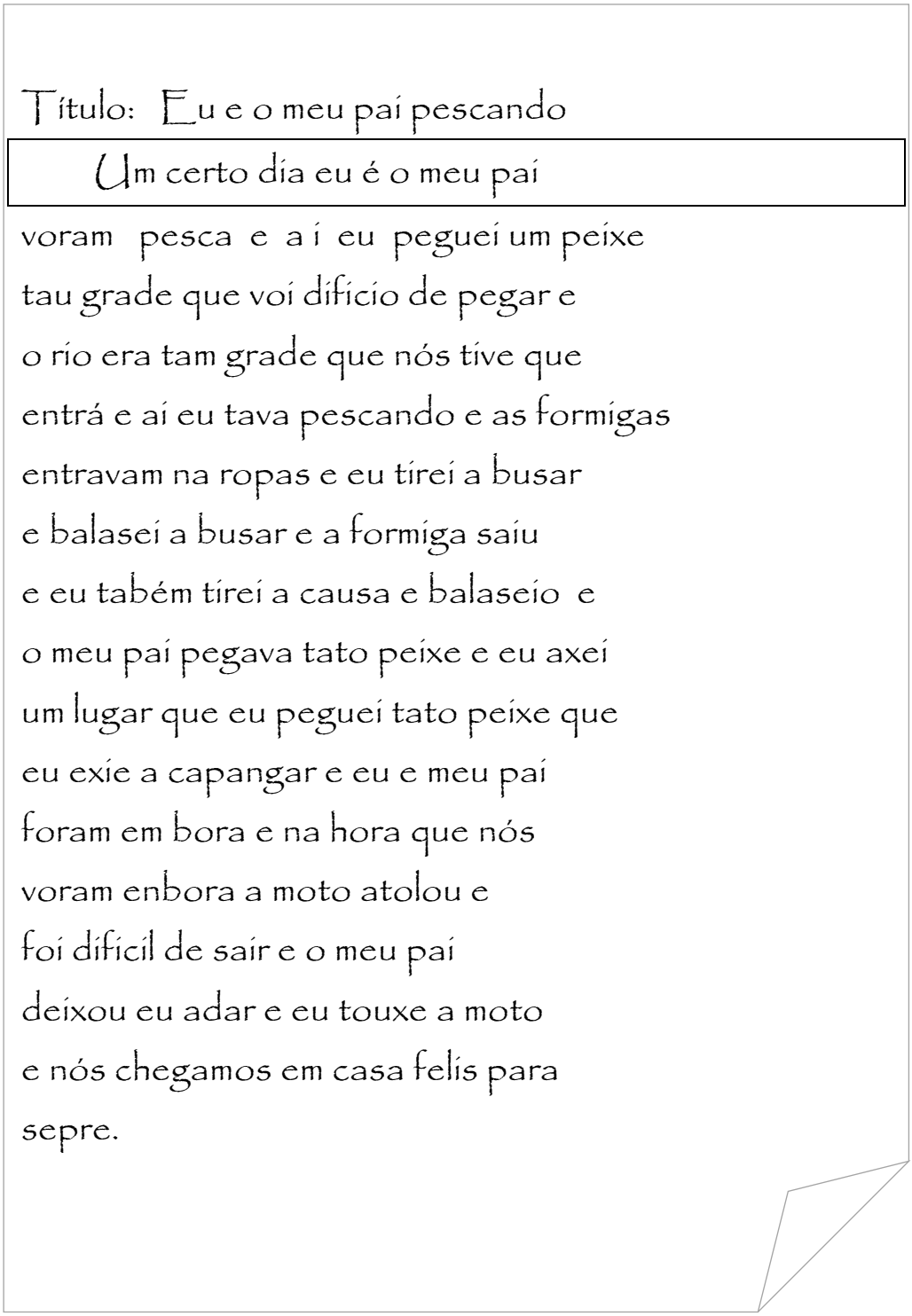
Para exemplificar nossas afirmativas anteriores sobre o fracasso na escola para desenvolver as competências e habilidades dos alunos, apresentamos um mesmo texto de um dos alunos (Informante W.C.R), em duas versões: a primeira, a seguir, com a caligrafia do aluno (Quadro 8) e, na sequência, a versão digitada (Quadro 9) para melhor visualização.

Quadro 7 - Informante (W.C.R) - Atividade 1



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, 2019.

Quadro 8 - Versão digitada - aluno (W.C.R) Atividade 1.



Título: Eu e o meu pai pescando

Um certo dia eu é o meu pai
voram pesca e a i eu peguei um peixe
tau grade que voi dificio de pegar e
o rio era tam grade que nós tive que
entrá e ai eu tava pescando e as formigas
entravam na ropas e eu tirei a busar
e balasei a busar e a formiga saiu
e eu também tirei a causa e balaseio e
o meu pai pegava tato peixe e eu axei
um lugar que eu peguei tato peixe que
eu exie a capangar e eu e meu pai
foram em bora e na hora que nós
voram enbora a moto atolou e
foi dificil de sair e o meu pai
deixou eu adar e eu touxe a moto
e nós chegamos em casa felis para
sepre.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, 2019.

É possível perceber na produção textual apresentada anteriormente que, para grafar o vocábulo “foram”, o aluno ora usa o fonema / v /, ora usa o / f /; o vocábulo “difícil” ora é grafado com o a letras “l”, ora com a letra “o”, no contexto final de palavra. Isso revela que o aprendiz não consolidou conhecimentos ortográficos da fase inicial do ensino da língua

portuguesa, porque sua escrita passa por oscilações na representação, na escrita, dos sons de fonemas. Tal fato expõe uma falha na formação desse aluno, situação que pode ser também a mesma de outros alunos da turma. A esse evento, grosso modo, a expressão amplamente divulgada e utilizada, denominamos 'fracasso escolar'.

O sintagma nominal fracasso escolar revela com a metonímia[6] usada (o todo pela parte ou a parte pelo todo, ou ainda o continente pelo conteúdo) o que o interdiscurso dos enunciados esconde: o fracasso não é "escolar", não é da escola, mas, dos alunos e dos professores, responsáveis camuflados na interdiscursividade dos enunciados, mas assumido pela comunidade educacional: professores e alunos são a causa do insucesso, ou melhor, do baixo desempenho dos alunos na escrita.

A respeito desse assunto e em posição contrária às assertivas anteriores, em seu texto *Educação e pobreza*, Cagliari (1986, p. 26) aponta diversos fatores responsáveis por esse baixo desempenho dos alunos na etapa de alfabetização. Segundo ele, "[...] o saber tem um poder controlável e pode ser massacrado pelo poder do dinheiro". Nesse viés, a classe detentora do poder, por meio do capital financeiro, procura controlar o saber por intermédio do dinheiro, a partir do momento em que não há investimento ou que é investido o mínimo possível na educação pública. Afinal, a quem interessa um povo alfabetizado, se instruir é poder?

Quando falamos em nenhum ou em parco investimento em educação, é importante notar que o descaso não é apenas com a educação pública básica, mas, também, com a superior onde se formam os professores que atuam na educação básica, o que culmina em um círculo vicioso no qual a educação básica é de má qualidade, porque a educação superior que forma os professores é também precária, o que redunda na perpetuação da conjuntura deficitária da educação pública brasileira. Nesse viés, desmonta-se a farsa do sintagma "fracasso escolar" que não poderia ser atribuído a professores e alunos, mas, em verdade, ao sistema educacional e econômico e suas ideologias inculcadoras de valores escusos.

Para lidar com esses problemas persistentes na educação básica brasileira, principalmente na fase de alfabetização, que não tem conseguido consolidar conhecimentos básicos e necessários para a aquisição de outros conhecimentos, é preciso apontar alguns fatores que interferem direta ou indiretamente nesses problemas.

Primeiramente, apontamos a questão política. Como constata Cagliari (2005, p. 10), "[...] o domínio da escrita e o acesso ao saber acumulado tem sido uma das maiores fontes de poder na sociedade", sendo mantido como um privilégio das classes dominantes, e isso justifica

[6] Figura de linguagem ou de palavra que consiste na substituição de uma palavra ou expressão por outra, havendo entre elas algum tipo de ligação.

a qualidade do ensino que é ofertado nas escolas públicas do país. A classe dominante, reiteramos, não tem interesse em que todos os cidadãos tenham conhecimentos que os permitam exercer plenamente a cidadania. Afinal, é necessário separar quem manda de quem deve obediência e "[...] nada melhor que a ignorância para gerar a obediência cega, a subserviência e o conformismo como destino irrevogável da condição humana" (CAGLIARI, 2005, p. 10).

A educação pública inicial ofertada a crianças e jovens no Brasil é chamada de básica, no entanto, nem ao menos isto consegue ser em sua função, pois, ela não fornece de modo efetivo aos alunos os conhecimentos mínimos imprescindíveis para dominarem a leitura e escrita, para seu exercício da cidadania e desempenho dos papéis sociais.

Uma segunda questão que interfere negativamente na alfabetização escolar está atrelada à primeira: os problemas sociais, pois interessa às classes dominantes a estratificação social e econômica. Nessa perspectiva, não é interessante para elas que os menos favorecidos possam ascender socialmente por meio do saber.

Por isso, Cagliari (2005, p. 11) afirma que a instituição escola tem sido controlada pelos poderosos e não pelo povo e esse controle é excludente, embora o ensino, sendo público, é um direito assegurado pela Constituição Brasileira. No âmbito nacional, "os poderosos" encontram uma forma de selecionar os alunos, basta ver os altos índices de reprovação e evasão escolar nas instituições públicas que recebem o público menos favorecido econômica e socialmente.

A terceira questão que poderia explicar a precariedade da educação está atrelada às duas primeiras, e diz respeito à formação do profissional que atua na educação básica, educação que promove, indevidamente, a divulgação e perpetuação do uso da expressão fracasso escolar.

Como já discutido, conhecimento é fonte de poder, e o ensino – a escola de maneira geral – é controlada pelos detentores do poder econômico. Essa conjuntura reflete a má formação dos professores da educação básica nas universidades, pois, geralmente, os professores formados nas universidades atuam na educação básica. Essa má formação docente faz parte do controle das escolas, e visa à perpetuação do poder das classes economicamente abastadas, e também tenta justificar os péssimos salários pagos àqueles que ensinam na educação básica.

Nesse sentido, Cagliari (1986, p.31) afirma que "[...] é conveniente não dar uma boa formação à professora alfabetizadora para emperrar de fato todo o sistema e ainda se tirar vantagem de se poder, com isso, justificar a baixa remuneração". Como vimos, são vários os fatores responsáveis pelo denominado "fracasso escolar" em nosso país, porém, com certeza, o *mea culpa* não cabe a professores e alunos, pelo menos diretamente.

Na sequência, sumarizamos a contribuição da linguística para o processo de

alfabetização, base para nossa pesquisa.

3.2 Contribuições da Linguística para a alfabetização

A linguagem verbal é marca distintiva da espécie humana. As outras espécies possuem suas linguagens próprias, no entanto, a linguagem verbal é exclusividade dos seres humanos. A linguagem humana e a linguagem das outras espécies se diferem em vários aspectos. Conforme Faraco (2018), uma das características mais marcantes da linguagem verbal é que

> [...] seus signos não estão limitados à situação imediata: a linguagem verbal permite aos seres humanos falar do passado – dá-lhes, portanto, a condição da memória -; permite-lhes falar do futuro e de todo o inexistente; permite-lhes falar do que está na situação de comunicação e do que está dali ausente ou distante; permite-lhes mentir e criar realidades imaginárias. (FARACO, 2018, p. 22).

A comunicação humana por meio dessa forma de linguagem é permeada por diversos recursos, tanto na fala quanto na escrita. Essa complexidade permite que a comunicação se concretize através da oralidade, ou do registro escrito. A linguagem verbal humana, quando comparada a de outras espécies, possui maior complexidade com relação à organização, à estrutura, às possibilidades de combinação, à semântica contextual e, ainda, ao número de signos linguísticos.

O ser humano faz uso de múltiplas linguagens para se comunicar, a linguagem não verbal e a verbal. A primeira inclui os gestos, as expressões faciais, as expressões artísticas – como a música, a pintura, a fotografia, a dança, a arquitetura, entre outras. A verbal, que utiliza as palavras, se concretiza na fala e na escrita. Em diversas situações reais de usos, essas variadas formas de linguagem se combinam.

Nessa linha, Faraco (2018) refere-se à linguagem como

> [...] um conjunto bastante complexo de formas de comunicação e significação. Esse complexo conjunto inclui a linguagem verbal, mas também todas as outras linguagens como a música, o desenho, a pintura, [...] – essa pluralidade de linguagens que nos constitui como seres simbólicos e individualiza nossa espécie. (FARACO, 2018, p. 24-25).

Desses meios de comunicação, duas vertentes nos interessam especificamente: a linguagem verbalizada nas modalidades oral e escrita, porquanto não é possível estudar nem uma nem outra separadamente, uma vez que a escrita está atrelada à oralidade. É nessa direção, que Kato (1995), afirma que, na fase inicial de aprendizado da escrita, há sempre a tentativa de

representar a fala, ou seja, a escrita seria a representação da fala. Falácia.

Apesar da linguagem ser ubíqua, onipresente, existem a seu respeito, ainda, muitas questões sem respostas, e uma delas diz respeito a como aprendemos a falar. Nessa trilha, Faraco (2018, p. 27) afirma que "[...] pouco sabemos, por exemplo, sobre como as crianças passam de não falantes a falantes. O que sabemos é que nenhuma teoria do conhecimento foi capaz até agora de dar conta desse processo." Ou seja, nenhuma teoria pôde até este instante explicar como aprendemos a falar e, principalmente, como desenvolvemos a oralidade.

Sabemos que a aquisição da fala ocorre de maneira espontânea e informal, pois a criança não vai à escola para aprender a falar, diferente do aprendizado da leitura e escrita, que, geralmente, ocorre de forma sistematizada, formal, na escola, durante a etapa de alfabetização.

A esta altura vale lembrar Kato (1995), pois ela faz importante distinção entre aquisição e aprendizagem. De acordo com a autora, a aquisição é o desenvolvimento natural da linguagem, isto é, segundo sua perspectiva, o ser humano passa por um processo de aquisição de fala, natural, que não necessita de ensino sistematizado; enquanto a aprendizagem é o desenvolvimento dependente de ensinar a norma padrão, sendo assim, não se pode falar em aquisição da escrita, porque esta precisa ser ensinada de maneira formal e sistematizada; a escrita é, portanto, uma aprendizagem.

Por sua vez, Soares (2016, p. 45) sustentando essa mesma posição, afirma que "[...] se a fala não é, nem precisa ser ensinada de forma explícita, consciente – não há necessidade de métodos para orientar a aquisição do falar e do ouvir –, a escrita precisa ser ensinada por meio de métodos que orientem a aprendizagem do ler e do escrever."

Corroborando as duas autoras anteriores, Kato (1995) e Soares (2016), Faraco (2018) também postula que o processo de aquisição da linguagem oral é espontâneo e independe de se ensinar a língua da comunidade à criança. Pondera o autor que é uma explicação razoável dizer que o infante aprende a falar, por escutar os outros falarem e tenta repetir, e que, assim ocorreria o aprendizado. Contudo, como explicar a capacidade de a criança criar dentro da linguagem e não apenas repetir palavras e enunciados prontos?

No século XX, muitos estudiosos creram na teoria inatista, que a linguagem humana é inata. Trata-se do inatismo chomyskiano (CHOMSKY, 1983), uma das teses mais aceitas nas décadas de 1970 e 1980, para se compreender o desenvolvimento da linguagem, e que destronou a corrente behaviorista, pois, ao contrário desta, afirmava que a linguagem não era resultado da convenção, mas, sim, uma característica da herança genética humana, defendendo que o ser humano é provido de uma gramática inata, ou seja, ela já nasceria com ele, e iria tomando forma, conforme seu desenvolvimento. O homem e a aprendizagem consistiriam no despertar desses

conhecimentos inatos adormecidos que, pela percepção, voltariam à consciência.

Porém, à época, questionou-se se a criança aprende a falar imitando a fala de outrem, como é capaz de dominar um sistema linguístico e emitir sentenças que nunca pronunciara ou ouvira antes, ou seja, como ela desenvolvia a linguagem?

Este tipo de pergunta teria encontrado respostas satisfatórias, a partir das hipóteses da referida teoria inatista, no entanto, essa hipótese, brevemente discutida anteriormente, nunca foi confirmada epistemologicamente. Faraco (2018) endossa que ainda estamos longe de esclarecer o que, efetivamente, ocorre no processo de aprendizagem da linguagem.

A origem da linguagem verbal é também outro mistério que ronda o universo da comunicação humana, uma vez que muitas pesquisas já foram realizadas, sem, no entanto, conseguirem resolver essa incógnita. Existem, ainda, a serem investigadas questões associadas à complexidade das línguas. O referido autor afirma que uma língua é um universo infinito e em contínuo movimento, pois é dinâmica e acompanha a dinamicidade do grupo de falantes.

Sabemos que o processo de alfabetização ocorre durante os primeiros anos escolares, durante os quais o aluno é apresentado à linguagem escrita. É na etapa de alfabetização que ocorre o primeiro contato, da maioria dos alunos, com a escrita. Soares (2016) utiliza o termo alfabetização para denominar a aprendizagem inicial da leitura e escrita e, segundo a autora, é impossível definir o término desse processo, uma vez que o aprendizado da leitura e da escrita acompanha o homem até o fim de sua vida.

Entretanto, na educação brasileira, o termo alfabetização não é comumente utilizado conforme a acepção de Soares (2016), pelo contrário, a alfabetização é vista como a etapa em que o aluno deve aprender a ler e a escrever, sem que existam etapas posteriores de complementação desse aprendizado, tanto é que existe um tempo estipulado para o período de alfabetização - do 1º ao 3º ano do ensino fundamental I. Assim sendo, como sabemos que a idade para o ingresso nas unidades escolares de educação básica é 06 anos, a etapa de alfabetização deverá ocorrer dos 6 aos 9 anos. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, atualizada em 2021, prevê, no Art. 32, "O ensino fundamental obrigatório, com duração de 9 (nove) anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão [...]" (BRASIL, [2021]).

Na educação brasileira, tem-se a noção de alfabetização como sendo o domínio pleno das habilidades e competências de leitura e escrita, pois uma das metas do Plano Nacional de Educação é alfabetizar todas as crianças, no máximo, até o final do 3º ano do ensino fundamental. Entendemos, assim, equivocadamente, que a alfabetização fica restrita a esses

anos escolares.

Em relação à alfabetização, Soares (2003) acrescenta que

> A entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o letramento. (SOARES, 2003, p. 14).

A escola é para as crianças o local em que ocorre o primeiro contato formal com a língua na modalidade escrita, enquanto a linguagem oral, reiteramos, é adquirida desde a mais tenra idade, sem necessidade de escolarização, e se o indivíduo não apresentar problemas biológicos ou psíquicos.

Isso posto, urge aclarar que aquilo que se apregoa para a aprendizagem da leitura e escrita não se aplica ao desenvolvimento das habilidades e competências na leitura e escrita trabalhados com mais ênfase no ensino fundamental II e no ensino médio, embora não se possa delimitar, ou compartimentar, tão rigidamente esse desenvolvimento.

Os processos de aquisição de escrita e do letramento são previstos para determinados anos escolares, no entanto, não se encerram dentro de um ciclo de ensino, porque perduram a vida inteira. Porém, repitamos, existem habilidades que precisam ser consolidadas no processo de ensino e aprendizagem, já nos primeiros anos do ensino.

Há anos, muitos docentes de português se preocupam com a estrutura da escrita, ou seja, com a questão do "certo" e "errado" gramaticalmente, utilizada, por vezes, como forma de avaliar, ou mesmo rotular, a escrita dos alunos, porém pouco se atentam para entender o processo de aquisição de escrita.

Conforme Cagliari (2009), a alfabetização tem como foco primordial a tarefa de ensinar a escrever. O autor ainda postula que o grande problema é que a escola ensina a escrever, sem antes ensinar o que é escrever. O aluno, muitas vezes, não é levado a refletir sobre o porquê de aprender a escrever e para quais funções sociais escreve em uma sociedade letrada, e acaba por perceber a escrita como uma atividade escolar, desprovida de qualquer sentido ou papel social e sem utilidade alguma para a vida prática.

As relações humanas são permeadas pela linguagem oral ou pela escrita, um valor social que, há séculos adquiriu *status* de poder e se transformou em instrumento de fascínio e dominação.

Nesse sentido, Marcuschi (2010), por sua vez, postula que a escrita

> [...] se tornou um bem social indispensável para enfrentar o dia a dia, seja nos centros urbanos ou na zona rural. Nesse sentido, pode ser vista como essencial à própria sobrevivência no mundo moderno, não por virtudes que lhe são imanentes, mas pela forma como se impôs e a violência com que penetrou nas sociedades modernas e impregnou as culturas de um modo geral. Por isso, friso que ela se tornou indispensável, ou seja, sua prática e avaliação social a elevaram a um status mais alto, chegando a simbolizar educação, desenvolvimento e poder. (MARCUSCHI, 2010, p. 16-17).

O autor deixa claro que é preciso ensinar o aluno a escrever, pois a escrita se tornou imprescindível à vida social, mas é necessário repensar a abordagem para se trabalhar com ela. Nesse sentido, Massini-Cagliari e Cagliari (1999, p. 82) propugnam que "[...] a escola precisa aprender que a ortografia é um fim e não um começo, quando se ensina alguém a escrever." O aprendiz precisa, primeiramente, aprender a lidar com a escrita, para depois ser ensinado a escrever ortograficamente. Muitas atividades são desenvolvidas no processo de ensinar o aluno a ler e a escrever. Muitas atividades são usadas e, dentre elas, citamos o ditado, bastante utilizado na etapa da alfabetização escolar.

Todavia, como Cagliari (1998, p. 289) afirma, a prática do ditado nas escolas tem servido apenas para contabilizar os erros dos alunos, tornando-se uma atividade avaliativa que rotula os alunos e os separa entre aqueles que sabem escrever e os que não sabem. Conquanto, para esse mesmo autor, "[...] o ditado é uma prática que possui todos os ingredientes de que a escola gosta", ou seja, o ditado é atividade avaliativa (e a escola gosta muito de avaliar).

Os ditados não seriam uma estratégia totalmente abominável, se não fossem utilizados unicamente como forma de avaliar, mas, sim, como estratégia para diagnosticar os problemas da escrita ortográfica e, à luz de algumas teorias, buscar sanar as dificuldades. "Os ditados tradicionais fonéticos não ensinam nada e servem apenas como uma brincadeira (de mau gosto)" (CAGLIARI, 1998, p. 293), uma vez que, assim aplicados, são inúteis, por não permitirem sanar dúvidas sobre a ortografia desta ou daquela palavra, mas, apenas a preocupação de marcar o certo ou o errado, sem buscar compreender o porquê da recorrência dos erros.

Nesse cenário, sendo avaliativos, aos ditados são atribuídas notas, o que jamais deveria ocorrer. Afinal, eles devem ser utilizados apenas como recurso na alfabetização para a consolidação da escrita formalmente correta das palavras, e o fornecimento de conhecimentos sobre a ortografia, melhorando-a, já que a escrita, além de necessitar ser motivada, deve ser um fim em si mesma, isto é, ela tem que ser útil e relevante. Para isso, na etapa de sua aquisição, deve-se oportunizar ao aluno questionar, sanar dúvidas e raciocinar sobre determinadas regras ortográficas.

Em razão do exposto, acreditamos que as atividades de retextualização podem proporcionar ao aluno aprender e se familiarizar, por intermédio do uso, com as regras da ortografia, tendo em vista que não basta ensinar uma regra ao aluno, sem que se mostre sua aplicabilidade. Nesse sentido, o ato de retextualizar textos da modalidade oral transpondo-os para o da escrita, se bem orientado e monitorado pelo professor, possibilita ao aluno o contato com as regras da escrita, oportunizando-o a tirar dúvidas.

Nesse contexto, a atividade que envolve os alunos para retextualizar a história dos nomes dos logradouros em que moram adquire um caráter funcional e utilitário, algo, como esclarecemos, imprescindível no processo de aquisição da escrita.

3.3 Aquisição da ortografia no ensino fundamental

Diferentemente da língua oral, como já foi dito, que ocorre espontaneamente e dispensa a sistematização, a modalidade escrita é um processo sistematizado, que normalmente ocorre na escola, com as orientações de um professor. Nesse período, o grau de dificuldade do aprendizado pode se relacionar aos primeiros contatos com o mundo das letras. Alguns aprendizes têm o contato com a escrita mais precocemente que outros, porquanto já trazem para a escola certas experiências de letramento em razão de interações anteriores, no entanto, para outros o único contato com essa modalidade ocorre apenas no ambiente escolar.

A língua escrita possui segundo Fayol (2014, p. 33), “[...] diferentes funções e suas diversas modalidades não estão imediatamente disponíveis à criança, que deve descobri-las e depois apropriar-se delas”, e esses processos não ocorrem de maneira abrupta, mas sim, por etapas que precisam ser muito bem estabelecidas.

Antes de aprender a escrever uma palavra simples, a criança aprende a desenhar, fazer desenhos que podem ser ou não de letras, pois a grafia das letras é um desenho. Nessa fase, a escrita é pautada pela pictografia, ou seja, a criança ainda não tem a noção de palavra e um desenho representa uma palavra; inicialmente, com o desenho faz-se a associação do signo com

o significante. Após essa etapa, o infante conhece o nome das letras do alfabeto, como se chama cada uma delas, para depois conhecer os sons das letras – procedimento de aprendizagem que demanda tempo maior. No princípio, a escrita é norteada pela oralidade, isto é, o aprendiz busca representar na escrita os sons da fala.

Representar esses sons na escrita não seria uma tarefa complicada, se a ortografia não existisse. Não gostaríamos que tal afirmação conduzisse à ideia de que a ortografia é um fator complicador no processo de aquisição de escrita, haja vista que esse conjunto de regras estabelecidas pela gramática normativa que ensina a grafia correta das palavras, é de suma importância. Intentamos tão somente salientar que a ortografia é necessária para se adquirir a escrita e que precisa ser ensinado, uma vez que rege o sistema de escrita.

O funcionamento da ortografia é considerado um recurso que, de acordo com Morais (2007, p. 19), é "[...] capaz de 'cristalizar na escrita as diferentes maneiras de falar dos usuários de uma mesma língua.'" Escrevendo de forma unificada, podemos nos comunicar mais facilmente. E cada um continua tendo a liberdade de pronunciar o mesmo texto a sua maneira.

Em uma língua como o português brasileiro, que sofre diversas variações de pronúncias, em virtude de fatores vários, se não houvesse uma unificação no sistema de representação escrita, a comunicação seria tarefa complicada ou até mesmo impossível.

Nesse sentido, a título de exemplo, podemos citar casos em que um mesmo som pode ser grafado por diversas letras distintas, como é o caso das letras que podem representar um mesmo som, dependendo da sílaba em que aparecem. São os casos de homofonias que ocorrem com as letras X, S e Z: "explicar", "espontâneo" e "felizmente". E com as letras S, SS, C, Ç e X: "cansado", "professor", "bocejo", "almoço" e "próximo". Como vimos, nesses exemplos essas letras possuem o mesmo som.

A ortografia tem função muito clara e precisa ser ensinada no ambiente escolar, pois, do aprendiz se exige, durante e após os anos de escolarização que os discentes escrevam "corretamente", e isto é tarefa que requer conhecimentos ortográficos.

Uma questão que gera muitas dúvidas e dificuldades, tanto em alunos como em professores, é a ortografia, porque sua ensinagem e aprendizagem, muitas vezes, não se efetiva e, quando isso ocorre, não é da forma como deveria. É necessário, portanto, oportunizar ao aprendiz momentos de reflexão sobre as dificuldades ortográficas de nossa língua e não apenas fazer o ensino de regras abstratas que não trazem aprendizado significativo para a escrita do aluno. Exemplo disso é ensinar a regra de uso do 's', ou do 'z', que determina que se deva usar o 's', depois de ditongos (causa, náusea, coisa, ausência), e esperar que o aluno a memorize e dela faça uso, sem lhe explanar o porquê desse uso.

3.4 Pesquisas do PPGMPLetras[7] revelam o "fracasso" escolar na alfabetização

Conforme comentado anteriormente, por longos anos, o processo de alfabetização se voltou para o aprendizado da leitura, e a apropriação da escrita passou a ser vista como um aprendizado decorrente da leitura. No entanto, nos últimos anos vem sendo realizadas pesquisas sobre a aprendizagem da escrita que têm provocado mudanças no entendimento sobre como ocorre a aprendizagem da escrita, e revelam que ela, na etapa de alfabetização, não vem ocorrendo conforme esperado.

Pesquisas do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras – Unimontes têm estudado sobre a escrita no ensino fundamental II, etapa em que os conhecimentos de escrita deveriam já estar sedimentados.

Na sequência, apresentamos e discorremos sobre alguns destes trabalhos.

No trabalho intitulado *As formas nominais na escrita dos alunos do ensino fundamental II: Chico Bento aprende a escrever* Costa (2018) revela as dificuldades encontradas pelos alunos do 9º ano, o último do ensino fundamental II, de uma escola estadual urbana do município de Ibiaí, Minas Gerais, para escrever de acordo com a norma padrão da língua.

Na Tabela 1, a seguir, elaborada a partir de dados da pesquisa de Costa (2018, p. 98), apresentamos os principais aspectos linguísticos equivocados encontrados nos textos dos alunos pesquisados.

Tabela 1 - Sistematização dos fenômenos linguísticos encontrados nos textos dos alunos

Tipos de erros	Ocorrências	Percentual
Escrita fonética	181	11,82%
Troca de letras	290	18,94%
Supressão de letras	154	10,05%
Acréscimos de letras	71	4,63%
Juntura	63	4,11%
Segmentação	18	1,17%
Hipercorreção	2	0,13%
Uso indevido de maiúsculas e minúsculas	455	29,71%
Erros no uso de acento gráfico	297	19,39%
Total Geral	1531	100%

Fonte: Adaptada de Costa (2018, p. 98).

A pesquisadora Barbosa (2015), desenvolveu a relevante pesquisa *A segmentação e juntura na escrita de alunos do ensino fundamental*. Seu objetivo era entender e ensinar para

[7]Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras.

interromper a repetição e perpetuação desses problemas comuns nas séries iniciais de alfabetização, mas que não deveriam ser recorrentes no ensino fundamental II, uma vez que o *corpus* da pesquisa eram os alunos do 6º ano de uma escola municipal de Montes Claros, Minas Gerais.

A referida autora também categorizou os fenômenos linguísticos presente nos textos dos alunos que compunham o *corpus* da pesquisa, conforme podemos conferir, Tabela 2, a seguir.

Tabela 2 - Categorização dos dados encontrados – 6º ano X

Aspectos linguísticos	Ocorrências	Percentual
Escrita Fonética	99	11,29%
Juntura	25	2,85%
Segmentação	28	3,19%
Hipercorreção	46	5,24%
Troca de letras	69	7,87%
Omissão de letras	82	9,35%
Acréscimo de letras	16	1,82%
Uso indevido de letras	89	10,15%
Uso indevido de maiúsculas e minúsculas	149	16,99%
Falta de concordância verbal e nominal	41	4,67%
Falta de pontuação	233	26,57%
TOTAL GERAL	877	100%

Fonte: Adaptada de Barbosa (2015, p. 71).

Outra pesquisa significativa, também do PPGMPLetras[8] - Unimontes, é a desenvolvida pelo pesquisador Costa Filho (2015). Nela, ele estuda as marcas de oralidade na escrita, e aborda as transferências de marcas orais para a escrita, e acredita que há interferência, nesta escrita, da maior ou menor participação em eventos de letramento que fazem uso da variedade padrão da língua.

Essa pesquisa foi realizada com alunos do 7º ano do ensino fundamental de uma escola estadual localizada no Distrito de Nova Fátima, município de Salinas, no estado de Minas Gerais. As Tabelas a seguir, elaboradas pelo autor, apontam os fenômenos linguísticos que o autor classifica como "erros".

[8] Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras.

Tabela 3 - Classificação geral dos 'erros'

Natureza do 'Erro'	Número de Ocorrências	%	Total
Influência da fala (variedade do aluno) na escrita.	319	48	665
Falta de conhecimento das convenções do sistema de escrita.	346	52	

Fonte: Adaptada de Costa Filho (2015, p. 54).

Paula (2016) pesquisou importante tema: *O uso de letras maiúsculas na escrita de alunos do ensino fundamental II*, em uma turma do 9º ano de uma escola estadual de Almenara – Minas Gerais. A pesquisa apontou que o problema de escrita mais recorrente foi o uso indevido de letras maiúsculas e minúsculas, conforme se pode visualizar na tabela seguinte.

Tabela 4 - "Erros" na Produção Escrita - Atividade 1

Tipos	Casos	Percentual
Uso de letras maiúsculas e minúsculas	438	39%
Uso dos sinais de pontuação	217	19%
Uso de sinais diacríticos	134	12%
Transcrição fonética	107	9%
Morfossintáticos	81	7%
Estrutura e segmentação da palavra	71	6,5%
Uso indevido de letras	53	5%
Hipercorreção	28	2,5%
Total	1129	10%0

Fonte: Adaptada de Paula (2016, p. 68)

Em útil e motivadora pesquisa que tem por título *Desvios ortográficos na escrita de alunos do ensino fundamental: ensino e reflexões*, Silva (2016) buscou descrever os desvios ortográficos e elaborar uma proposta de práticas de ensino, a fim de minimizar os problemas encontrados. A pesquisa foi realizada com alunos do 6º ano de uma escola estadual da cidade de Curvelo – Minas Gerais. A autora faz o levantamento dos principais "erros", conforme Tabela 5 e 6 apresentadas, a seguir.

Tabela 5 - "Erros"- Levantamento I

Tipos de erros	Número de ocorrências	Média de erros da turma em %
Pontuação (, /. / ; / ! / ?/:)	157	40, 67%
Uso indevido de letras maiúsculas e minúsculas	57	14,77%
Transcrição da fala	41	10,62%
Ausência de acento gráfico	39	10,10%
Modificação da estrutura segmental das palavras	37	9,59%
Uso indevido das letras	26	6,73%
Junção/Segmentação	12	3,11%
Forma morfológica Diferente	12	3,11%
Hipercorreção	5	1,30%
Total geral	386	100%

Fonte: Adaptada de Silva (2016, p. 105)

Tabela 6 - "Erros" - Levantamento II

Tipos de erros	Nº de ocorrências	% de ocorrências
Modificação da estrutura segmental das palavras	412	25,99%
Uso indevido de letra maiúscula e minúscula	301	18,99%
Ausência de acento Gráfico	296	18,68%
Uso indevido das letras	239	15,08%
Transcrição da fala	192	12,11%
Junção/Segmentação	93	5,87%
Pontuação (, /. / ; / ! / ?/:)	37	2,33%
Forma morfológica Diferente	10	0,63%
Hipercorreção	5	0,32%
Total geral	1585	100%

Fonte: Adaptada de Silva (2016, p. 112)

Na sequência das pesquisas, apresentamos a Tabela 7 de "erros" elaborada por Lima (2016), em uma pesquisa intitulada *Ensino de ortografia da língua portuguesa: o uso de maiúsculas e minúsculas na escrita de alunos do ensino fundamental*, realizada com alunos do 9º ano de uma escola municipal do município de Curralinhos, interior do Piauí.

Tabela 7 - 'Erros' nas Atividades I e II

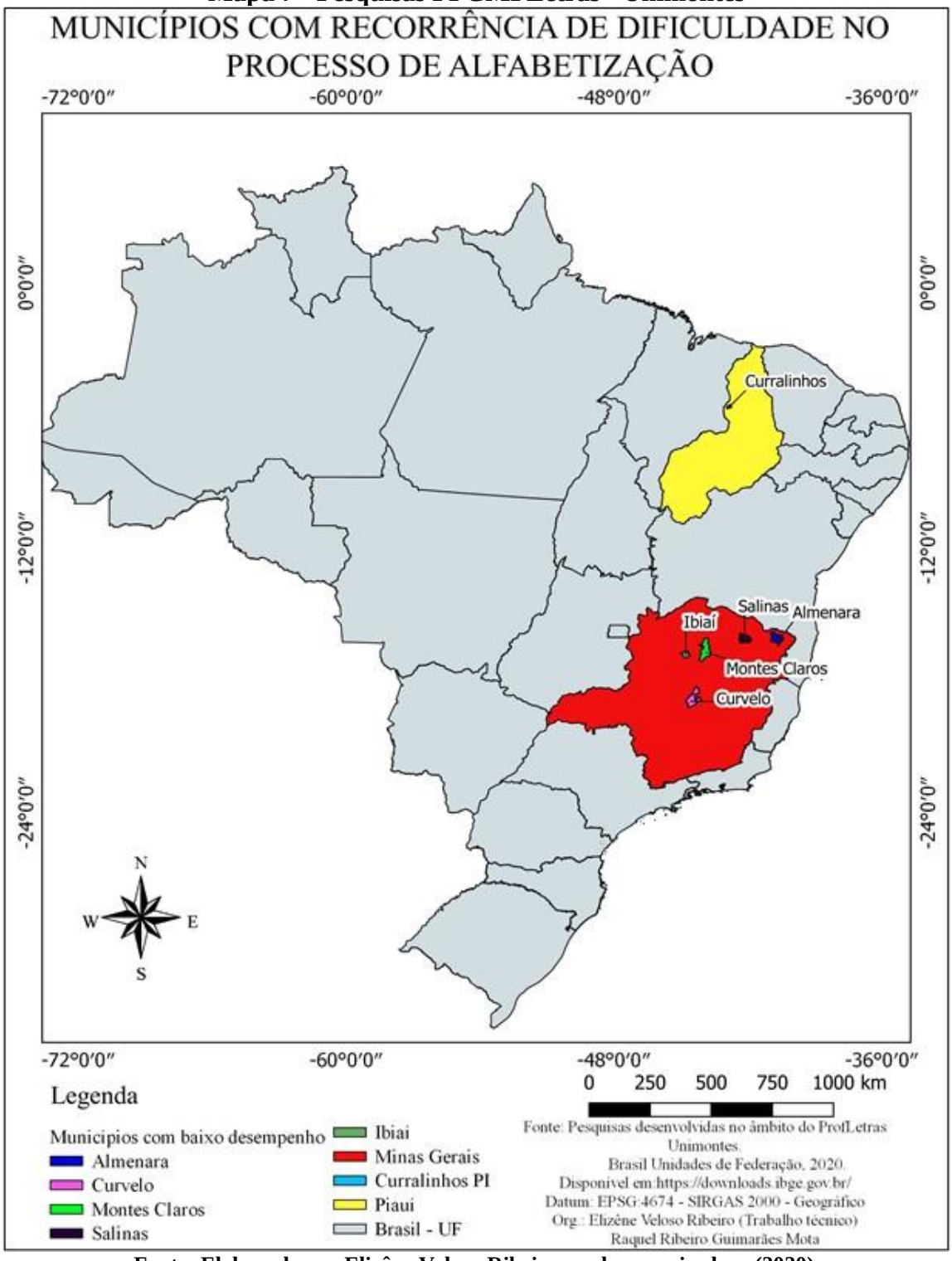
Fenômenos linguísticos	Nº de Ocorrências				Nº Total de Ocorrências	
	Atividade I		Atividade II			
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Transcrição Fonética	108	6,62	473	22,03	581	15,37
Estrutura Segmental	112	6,87	151	7,03	263	6,96
Uso Indevido de Letras Maiúsculas e Minúsculas	**920**	**56,37**	**794**	**36,98**	**1714**	**45,35**
Uso Indevido de Letras	38	2,33	197	9,18	235	6,22
Hipercorreção	30	1,84	40	1,87	70	1,86
Forma Estranha de Traçar as Letras	5	0,30	4	0,18	9	0,24
Uso Indevido de Acentos e Til	211	12,93	207	9,65	418	11,06
Desvios de Pontuação	186	11,4	115	5,35	301	7,97
Desvios Sintáticos	22	1,34	166	7,73	188	4,97
Total	1632	100	2147	100	3.779	100

Fonte: Lima (2016, p .60, grifo nosso).

Todas essas pesquisas do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras da Unimontes revelam as diversas dificuldades dos aprendizes no processo de aprendizagem da escrita, além de demonstrarem que o aprendizado da escrita merece um lugar de destaque na alfabetização, porquanto, sabemos, nossa sociedade admite e acata o domínio da escrita como fonte de poder.

Em todos os trabalhos abordados anteriormente, os fenômenos mais recorrentes são os de uso indevido de letras maiúsculas e minúsculas e a troca de letras, por exemplo, o uso de "s" quando as convenções da escrita determinam o uso do "z". É possível afirmar que a maior recorrência desses fenômenos linguísticos está relacionada à falta de conhecimento das convenções do sistema de escrita, ou seja, o desconhecimento sobre as regras ortográficas. Além disso, é interessante notar que essas pesquisas revelam a realidade de alunos de cinco cidades mineiras: Ibiaí, Montes Claros, Salinas, Almenara e Curvelo, e também de um município no interior do estado do Piauí.

Mapa 7 - Pesquisas PPGMPLetras - Unimontes



Fonte: Elaborado por Elizêne Veloso Ribeiro e pela pesquisadora (2020).

Sendo assim, podemos afirmar que os problemas recorrentes nas pesquisas apresentadas neste trabalho revelam um panorama de baixo desempenho na apropriação da escrita, nas escolas de dois estados, e característico do ensino fundamental I, fase de alfabetização, e se estende ao ensino fundamental II, pois as turmas *corpus* dessas pesquisas foram 6º, 7º e 9º ano,

não tendo sido realizada pesquisa alguma na turma do 8º ano.

Foi possível notar que as dificuldades percebidas na turma do 6º ano são /igualmente, as da turma do 9º ano, apesar de estas escolas estarem em cidades e estados distintos.

Essas pesquisas também nos permitiram inferir que os problemas não resolvidos durante a fase de alfabetização na educação básica, etapa adequada para esta tarefa, principalmente os referentes à aprendizagem da escrita, não se restringem à microrregião do Norte de Minas Gerais, uma vez que os mesmos impasses foram detectados na região central mineira, conforme dados da pesquisa realizada na cidade de Curvelo, e indo além dos limites do estado mineiro, visto que, no interior do estado do Piauí são observados os mesmos problemas de ensino e aprendizado da escrita.

Esses dados nos permitiram constatar que os problemas mencionados parecem ser uma realidade comum em escolas públicas que atendem a um público oriundo de áreas rurais e de bairros mais periféricos onde residem alunos das classes economicamente desprivilegiadas. As pesquisas supracitadas têm em comum também o baixo nível de escolarização dos pais e ou responsáveis pelos alunos, e a grande participação das famílias dos alunos *corpus* da pesquisa em programas de assistência social, como o Bolsa Família. Esses fatores refletem negativamente nos resultados da alfabetização desses alunos conforme endossa Cagliari (1986, p. 30), quando afirma que "[...] os alunos pobres, pela própria história, têm pouco contato com a escrita e a leitura antes de entrarem para a escola, porque em suas casas essas atividades estão praticamente ausentes".

Esses alunos, que deveriam ser mais bem assistidos na escola para se recuperarem dessa defasagem na sua condição social e econômica, são aqueles que frequentam os piores educandários, /em termos estruturais e físicos, e também no sentido da qualidade do ensino oferecido.

Conforme apresentado nas tabelas anteriores, e também nas tabelas desta pesquisa, os problemas apresentados demonstram as lacunas da etapa de alfabetização, ensino e aprendizagem da leitura e escrita, pois, os discentes têm chegado ao 6º ano do ensino fundamental II, e até mesmo ao 9º ano, conforme revelaram as pesquisas, sem conhecimentos básicos de alfabetização. Essa situação está também diretamente atrelada à formação dos professores das regiões do norte de Minas, das da central mineira e em outras regiões do país.

Se, porventura, esse problema não for solucionado até a conclusão do ensino fundamental II, certamente o aluno concluirá a formação básica com as mesmas debilidades. É este fato que aponta para necessidade de se formar o professor de Letras com alguns conhecimentos necessários para proceder à alfabetização, uma vez que muito se escuta do

docente de língua portuguesa que ele não é alfabetizador, e sua missão não é alfabetizar, e não é mesmo, porque o currículo dos cursos universitários de português não contempla conteúdos de alfabetização. Porém, tendo em vista a quantidade de alunos que têm chegado ao ensino fundamental II sem consolidar conhecimentos da alfabetização referentes à leitura e escrita, seria recebida de bom grado uma formação acadêmica em Letras que ajudasse os pedagogos a resolverem essa situação caótica.

Por outro lado, é óbvio ainda, que o curso do professor alfabetizador, nesse caso o pedagogo, poderia acrescentar a seu currículo a disciplina fundamentos de linguística que incluam saberes sobre fonética e fonologia, para que o docente consiga identificar e solucionar as dificuldades de leitura e escrita dos alunos na etapa de alfabetização. Teríamos, assim, uma via de duas mãos que poderia preencher as lacunas do ensino: professores de português munidos de alguns saberes sobre alfabetização e pedagogos com alguns conhecimentos sobre linguística. Parece que isso poderia resolver a questão.

3.5 Retextualização

A retextualização é uma atividade que acontece de maneira bastante diversificada. Muitas vezes, um texto oral é retextualizado para a escrita, sem que se tenha consciência de que se está realizando essa atividade.

Segundo Marcuschi (2010), a retextualização:

> Não é um processo mecânico, já que a passagem da fala para a escrita não se dá naturalmente no plano dos processos de textualização. Trata-se de um processo que envolve operações complexas que interferem tanto no código como no sentido e evidenciam uma série de aspectos nem sempre bem compreendidos da relação oralidade-escrita. (MARCUSCHI, 2010, p. 46).

A realização de atividades de retextualização pressupõe a atividade cognitiva da compreensão, porque, se ela não ocorrer, ao retextualizar a fala/oralidade, o resultado do registro, ou seja, o texto escrito, pode apresentar sérios problemas no plano da coerência textual. O processo de retextualizar está atrelado aos processos de transformar, reformular, recriar e modificar um texto falado ou escrito. É um fenômeno comum no nosso cotidiano; ocorre com a produção de um novo texto, a partir de um ou mais textos-base, e caracteriza-se como uma ação linguageira de reformulação de textos orientada por condições de produção diferentes daquelas do(s) texto(s)-base. Daí advém a possibilidade de haver mudança de modalidade linguística e de gênero, o que implica, também, modificações no plano da intertextualidade e

da interdiscursividade.

Nessa seara, Marcuschi (2010, p. 47) sublinha que "[...] antes de qualquer atividade de transformação textual, ocorre uma ação cognitiva denominada compreensão", pois, se aquele que faz o processo de retextualização não compreender o que escuta da oralidade, o texto escrito, resultado desse processo, pode ficar comprometido.

Retextualizar não deve ser confundido com transcrever, uma vez que transcrição é apenas a passagem de uma realização sonora para uma realização gráfica, sem que ocorra mudanças mais sensíveis. Nas palavras de Marcuschi (2010, p. 51), "[...] há uma atividade onipresente na atividade de transcrição, que é a compreensão. Sempre transcrevemos uma dada compreensão que temos do texto oral". E essa atividade de compreensão é imprescindível nos processos de retextualização. Quando se passa de um texto da modalidade oral para a escrita, retextualiza-se a produção, atividade que não envolve criação, haja vista que o texto já foi dado na oralidade, mas precisa ser passado para a escrita. Nesse caso, a atividade está mais voltada à compreensão, à representação gráfica das palavras e à semântica dos vocábulos do texto no contexto de enunciação.

As atividades que envolvem a retextualização da oralidade para a escrita, no ensino escolar, possibilitam aos alunos desenvolverem diversas habilidades, como: ouvir os textos orais, compreender e interpretar a oitiva, perceber a variação existente na oralidade e a ausência dessa variação na escrita. Essas atividades levam o aprendiz a notar que a escrita não considera as variações de pronúncias e que ela é regida por regras que servem para unificá-la. Além disso, quando a prática de retextualizar é desenvolvida com a mediação do professor, o discente tem a oportunidade de aprender as diversas regras da escrita, como as ortográficas e as gramaticais, ampliar seus conhecimentos sobre o léxico.

Nesse viés, outro ponto positivo das atividades de retextualização no âmbito escolar está relacionado ao uso dos dicionários em sala de aula, pois as aulas de língua portuguesa têm abdicado desse útil instrumento de aprendizagem, ou os dicionários são utilizados raramente, apenas quando alguma tarefa do livro os requer.

Ademais, a retextualização, se bem desenvolvida e mediada em sala de aula, por solicitar recursos que oportunizarão ao aluno a aquisição de conhecimentos diversos, pode substituir e superar os ditados que, muitas vezes, como já apontamos, não têm função instrucional, porquanto se prestam apenas como diagnósticos ao professor sobre as dificuldades de escrita dos alunos, no entanto, sem que, haja uma proposta de ensino para sanar ou minimizar as dificuldades encontradas.

As atividades de retextualização devem ser utilizadas com a finalidade de levar o aluno a revisar conhecimentos da alfabetização que ainda não foram consolidados, no que se refere aos saberes ortográficos.

No capítulo seguinte, o 4, descrevemos a Metodologia: métodos e procedimentos metodológicos adotados para desenvolver esta pesquisa e a sistematização e análise da etapa diagnóstica.

Foto 3 - Escola Estadual São Sebastião - Brejinho

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, 2020.

4 METODOLOGIA E DIAGNOSE

A pesquisa científica é um arrazoado de ações tomadas, quando temos o objetivo de encontrar a solução em problema. E toda pesquisa parte de um problema. Esta solução tem que ser testada e comprovada e, por isto, não pode partir de suposições e nem tê-las como conclusões. As ações que compõem a pesquisa científica têm como base procedimentos operacionais e sistemáticos. Em virtude disso, novos modos de análise se apresentaram.

Assim, existem diferentes tipos de pesquisas, que são classificadas de acordo com a natureza (enfoque), o gênero, a fonte da informação, a abordagem do problema (metodologia), os objetivos pretendidos, e os procedimentos metodológicos.

Este estudo gera conhecimentos que têm como finalidade contribuir para ciência e comunidade, uma vez que investigou a toponímia dos logradouros rurais de Coração de Jesus – MG, o qual pretende estender a outros públicos.

A pesquisa também se direciona à ação docente, na qual o pesquisador é o professor que detecta determinado evento em sua prática de ensino. Nesse sentido, contribui para o desenvolvimento da pratica pedagógica e oportuniza ao aluno o preenchimento de lacunas dos conhecimentos que ainda não haviam sido construídos, nem consolidados na época devida.

Por essas razões, neste capítulo, descrevemos a metodologia, os métodos, as técnicas e os procedimentos adotados para desenvolver esta pesquisa. Para tanto, ele está organizado da seguinte forma: apresentação do universo da pesquisa no qual explicitamos o espaço onde a pesquisa se desenvolveu; definição resumida do perfil dos participantes da pesquisa. Discorremos, também, a fase diagnóstica com a descrição e sistematização das atividades aplicadas aos alunos em sala de aula.

4.1 Metodologia

De acordo com Paiva (2019), há dois tipos de pesquisa: a básica ou fundamental, que tem como objetivo ampliar o conhecimento científico acerca de determinada área do saber, sem aplicá-lo de imediato à resolução de problemas; e a aplicada, que, além de gerar conhecimentos, objetiva interferir no contexto pesquisado.

Diante disso, podemos afirmar que esta pesquisa, quanto à sua natureza, que implica sua finalidade e contribuição à ciência, é aplicada, uma vez que tem como objetivos produzir conhecimentos de aplicação prática para problemas específicos, e envolve verdades e interesses locais, e, no caso desta pesquisa, buscar solucionar problemas no ensino na sala de aula, que,

nesse caso, são as dificuldades ortográficas dos alunos do 6º ano do ensino fundamental I.

Em relação ao gênero, a investigação desenvolvida na Escola Estadual São Sebastião, é uma exigência do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras, e, quanto aos objetivos, caracteriza-se como descritiva, porque se propõe a fazer a descrição e o registro da toponímia dos logradouros rurais de Coração de Jesus, e assim gerar conhecimento. Define-se também como pesquisa-ação participante, por ser realizada na práxis docente, pretendendo analisar, compreender e transformar essa prática. Pode ser também denominada pesquisa prática, que, segundo Paiva (2019, p.11), "[...] caracteriza se por intervir no contexto pesquisado se apoiando em conhecimentos científicos".

E é esse apoio em conhecimentos científicos que nos conduzem à pesquisa bibliográfica, imprescindível a qualquer trabalho acadêmico, pois, é à luz de teorias que buscamos identificar, interpretar e buscar soluções para os problemas encontrados.

De acordo com Gil (1991, p. 27), "[...] a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas". Entendemos, assim, que não existe pesquisa-ação sem o suporte do aparato teórico.

Quanto à informação, como toda observação requer a análise de dados este trabalho se classifica, segundo Paiva (2019), como pesquisa primária, porquanto os dados serão coletados pela própria pesquisadora com os alunos que compõem o *corpus* desta pesquisa.

A coleta de dados da fase diagnóstica ocorreu por meio da aplicação de atividades de produção de texto, de dois tipos de ditados: textual e frasal e de provérbios populares. Foi ainda aplicado um questionário com a intenção de levantar dados pessoais de cada aluno, como nome, gênero, faixa etária, filiação e conhecimentos toponímicos dos logradouros em que moram. No total, foram cinco atividades diagnósticas que permitiram a coleta de dados tanto com relação à escrita dos alunos, quanto ao seu conhecimento toponímico.

No tocante à abordagem do problema, este trabalho utiliza a pesquisa qualitativa, via apropriada para estudar o objeto de estudo, porque permite analisar e interpretar os fenômenos, atribuindo-lhes significados quantitativamente inanalisáveis, e, em sendo exploratória e subjetiva, estimula o entrevistado a raciocinar e a falar livre e espontaneamente sobre qualquer tema. Conforme Bortoni-Ricardo (2008, p. 34), ela [...] "procura entender, interpretar fenômenos sociais, inseridos em um contexto." A metodologia qualitativa permite melhor compreensão de um fenômeno, por possibilitar uma análise integrada de pesquisas que envolvem seres humanos, como é o caso em questão, analisando, de forma contextualizada e dinâmica, um fenômeno em educação, a fim de contribuir com respostas às dificuldades

encontradas.

Entretanto, não podemos afirmar que nossa abordagem seja apenas qualitativa, dado que procedemos ao levantamento dos dados coletados e os quantificamos, o que configura o uso de pesquisa quantitativa, na qual usamos gráficos, tabelas e porcentagens traduzidas em números, para se analisarem as informações e sugestões obtidas no decorrer da pesquisa. Este tipo é o mais indicado para apurarmos opiniões dos entrevistados por via de instrumentos padronizados, como questionários. Por essas razões, segundo Paiva (2019), nossa pesquisa é mista, quali-quantitativa, por utilizar uma mescla dos métodos qualitativos e quantitativos. Entretanto, podemos afirmar que há predominância do método qualitativo.

Em relação ao exigido pelo Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras, ou seja, identificar um problema da sala de aula, a fim de buscar, à luz de teorias, oferecer conhecimentos necessários para solucionar o problema, nossa investigação, uma vez qualitativa, se classifica também como exploratória, orientada para ampliar os conhecimentos sobre um tópico, é também descritiva, por descrever um fenômeno, e, ainda, explicativa, por razões óbvias.

O método de uma pesquisa diz respeito aos procedimentos, aos passos e etapas, utilizados, ou seja, o modo como é realizada e os instrumentos necessários à sua realização.

Nosso trabalho foi também desenvolvido como uma pesquisa-ação educacional que, segundo Tripp (2005, p. 445; 447), "[...] é, principalmente, uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores, de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos". O mesmo autor acrescenta que "[...] a pesquisa-ação requer ação tanto nas áreas da prática quanto de pesquisa, de modo que, em maior ou menor medida, terá características tanto da prática rotineira quanto da pesquisa científica.". Portanto, essa metodologia pretende alcançar a resolução de um problema coletivo que interfere negativamente na prática educacional.

Por fim, tratamos da questão ética. Como nossa investigação tem como *corpus* uma turma do 6º ano do ensino fundamental tal e qual toda pesquisa, ela deve ser baseada em princípios éticos, a fim de que os resultados obtidos possam ser divulgados e contribuir para o conhecimento científico. Para tanto, submetemos o projeto de pesquisa ao Comitê de Ética da Universidade Estadual de Montes Claros e ele foi aprovado, conforme o parecer de número: 3.650.697, de 18 de outubro de 2019, disponibilizado nos anexos.

Esta pesquisa foi desenvolvida em duas fases, a saber, a Diagnóstica e a Proposta de Práticas de Ensino e, durante essas etapas fizemos as coletas de dados. Para tanto, foi necessário prever os riscos como, por exemplo, do pesquisado desistir em qualquer fase, haja vista a não obrigatoriedade da participação, o que exigiu o consentimento dos envolvidos na pesquisa.

Segundo Paiva (2019, p. 19), existe, "[...] um preconceito generalizado contra as escolas públicas e um desejo de expor suas deficiências sem, contudo, lhes dar o devido retorno, ou ainda, sem fazer a análise dos riscos que os resultados de uma pesquisa podem representar para a imagem da instituição." Segundo esta autora, muitas pesquisas são realizadas com o intuito de mostrar apenas as mazelas do ensino público, sem apontar caminhos para superá-las e aos seus desafios.

Diferentemente do que aponta a autora, esta pesquisa tem seus objetivos bem delimitados e um deles é gerar conhecimento científico por meio do registro da toponímia dos nomes dos logradouros rurais de Coração de Jesus – MG, e prover aos alunos saberes ainda não sedimentados, por intermédio da aplicação de uma proposta pedagógica, no sentido de minimizar os principais problemas encontrados na fase diagnóstica. Nosso objetivo não é expor as sérias dificuldades educacionais por que passa o ensino público, mas sim, colaborar implementando ações de melhorias para um ensino, muitas vezes, tão criticado.

4.2 Universo da pesquisa

A Escola Estadual São Sebastião fica localizada à Rua José Ribeiro da Silva, S/N, povoado de Brejinho, zona rural de Coração de Jesus, Minas Gerais, Brasil.

O educandário recebe alunos de outras comunidades das redondezas, como Canta Galo (um quilômetro), Brejão (oito quilômetros), Bela Vista, também conhecida como Curiango, (dezesseis quilômetros), Chumbado (seis quilômetros), Fonseca (quatro quilômetros), Fumo (dez quilômetros), Lobo (dois quilômetros) e Pau D'óleo (doze quilômetros), sendo que este último pertence ao município de Montes Claros.

Brejinho é um dos logradouros mais distantes de Coração de Jesus – setenta (70) quilômetros – e, juntamente com Fonseca, fica mais próximo à cidade de Montes Claros. A escola funciona em dois turnos: o matutino que atende aos alunos do ensino fundamental I (1º ao 5º ano), aos alunos do ensino médio e aos do 9º ano, e o vespertino que concentra os alunos do 6º, 7º e 8º anos do ensino fundamental. Uma parte do prédio é cedida à prefeitura para acolher os alunos do 1º e 2º períodos da educação infantil.

A maioria dos alunos pertence a famílias carentes e a população, de maneira geral, vive da agricultura familiar e/ou de trabalho em carvoarias, porque a região tem extensos plantios de eucaliptos. Devido à localização na zona rural e, por ser a maioria dos discentes dependentes de transporte escolar, muitas vezes, os alunos ficam dias sem comparecer às aulas, especialmente na época das chuvas, quando o veículo não circula, pois alguns pontos das estradas ficam alagados, intransitáveis, e em outros longos períodos de tempo, também não há transporte, devido a reparos mecânicos dos veículos.

A escola atende a alunos do ensino fundamental I e II e do ensino médio, sendo que acolhe mais alunos a partir do 6º ano do ensino fundamental II, pois as comunidades de Brejão, Bela Vista e Fonseca possuem escolas municipais que ofertam o ensino fundamental I (1º ao 5º ano) e a educação infantil. Sendo assim, a turma do 6º ano passa a ser composta por alunos procedentes de outras escolas e a classe, que até o 5º ano tinha poucos estudantes, duplica ou até triplica seu número de alunos, logicamente, aumentando, as dificuldades, porquanto, anteriormente, os alunos oriundos de outras escolas tinham aulas apenas com uma professora regente no 6º ano mas, na nova escola, eles precisam se adaptar à quantidade e à variação de professores, aos novos e numerosos e diferentes colegas, e a encarar outras situações diferentes daquelas de sua instituição de origem.

Nosso estudo desenvolveu-se na Escola Estadual São Sebastião, com alunos do 6º ano do ensino fundamental II, em uma turma composta por 25 alunos, sendo 09 desses repetentes do 6º ano. A turma do 6º ano, como mencionamos, funciona no turno vespertino e a maioria dos aprendizes do Ensino Fundamental estuda em Tempo Integral – EFTI, que tem como proposta a formação holística dos estudantes, por meio da ampliação da matriz curricular, em uma proposta pedagógica que integra os componentes curriculares da BNCC e as chamadas atividades integradoras, na busca por garantir os direitos dos alunos participantes à aprendizagem.

O Ensino em Tempo Integral funciona com projetos integradores no turno matutino, mas não são todos os alunos que participam, em virtude da não obrigatoriedade da frequência. As aulas do ensino regular acontecem no turno vespertino.

4.3 Procedimentos metodológicos

Conforme afirmado alhures neste texto, a pesquisa foi organizada em duas etapas, a Diagnóstica e a Proposta de Práticas de Ensino. A diagnóstica subdivide-se em duas etapas: a primeira consta de um questionário “Primeiras informações dos alunos sobre toponímia” e sua

sistematização; a segunda etapa compreende a aplicação de atividades de produção textual e a sistematização dos dados obtidos.

Na Etapa referente à Proposta de Práticas de Ensino, elaboramos uma Proposta de Práticas de Ensino propositiva, nas quais as atividades propositivas podem ser adaptadas para uma turma de ensino fundamental, com características semelhantes com as da turma participante desta pesquisa. Mesmo em caráter propositivo, as atividades da Proposta de Práticas de Ensino foram produzidas com base em resultados diagnósticos de uma turma específica.

A seguir, apresentamos a sistematização das duas etapas da pesquisa:

a) 1ª Diagnose
   - Fase diagnóstica 1:
     - ✓ Aplicação e sistematização de questionário escrito sobre a toponímia local;
     - ✓ Atividade - Primeiras informações dos alunos sobre toponímia.
   - Fase diagnóstica 2:
     - ✓ Aplicação de atividades escritas para detectar os problemas de escritas mais recorrentes:
       - Atividade I- Ditado textual;
       - Atividade II- Produção textual livre;
       - Atividade III- Ditado Frasal;
       - Atividade IV- Provérbios populares.

b) 2ª Proposta de práticas de ensino
   - Minicurso 1 - Conhecimento toponímico:
     - ✓ Atividade I: princípios básicos da toponímia;
     - ✓ Atividade II: natureza motivacional do topônimo: Taxonomias;
   - Minicurso 2 - fichas lexicográficas toponímicas:
     - ✓ Atividade I: modelo de ficha lexicográfico-toponímica.
   - Minicurso 3 - Uso de maiúsculas e minúsculas:
     - ✓ Atividade I: regras para o uso de maiúsculas e minúsculas.
   - Oficina: Pesquisa e prática:
     - ✓ Atividade I - Consulta em dicionários etimológicos e onomasiológicos, atuais e antigos, regionais, históricos e geológico-geomorfológicos;
     - ✓ Atividade II - Rodas de Conversas;

- ✓ Atividade III - Transcrição e digitação das entrevistas;
- ✓ Atividade IV- Registros fotográficos dos logradouros;
- ✓ Atividade V- Preenchimento das fichas lexicográfico-toponímicas.

Na etapa diagnóstica, apresentamos os apontamentos para a elaboração da Proposta de Práticas de Ensino, porque ela tinha como objetivo sanar, ou pelo menos minimizar, alguns problemas encontrados na fase diagnóstica. A elaboração da Proposta de Práticas de Ensino leva em conta os resultados diagnósticos, entretanto um recorte foi feito para atender aos problemas mais recorrentes da escrita e foram atrelados ao estudo da Toponímia, objeto de estudo desta pesquisa.

Sabemos que a ortografia da língua portuguesa é regida por muitas regras, e, comumente nos deparamos com dificuldades de escrita devidas à ortografia, e à quantidade de inadequações passíveis de serem encontradas nos textos dos alunos.

O recorte para o problema ortográfico também foi feito devido ao fator exiguidade de tempo, uma vez que ele não seria suficiente para trabalharmos todos os desvios ortográficos detectados nos textos e atrelados ao trabalho da Toponímia. Ademais, porque somos a professora da turma participante, já conhecemos as principais dificuldades da escrita de nossos alunos, que foram confirmadas nas atividades diagnósticas.

Descrevemos e sistematizamos a parte diagnóstica em duas etapas, conforme já explicamos: toponímia e dificuldades ortográficas, para facilitar a sistematização dos dados e também para deixar claro que a pesquisa trabalha esses dois aspectos linguísticos.

O Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras determina que o trabalho de conclusão de curso tenha, entre outros elementos, uma proposta de práticas de ensino para trabalhar o problema detectado na fase diagnóstica e a apresentação de conhecimentos novos sobre a temática pesquisada, em nosso caso, as lacunas de escrita e a toponímia local, respectivamente. Entretanto, excepcionalmente, a sexta turma ficou desobrigada da aplicação da Proposta de Práticas de Ensino, conforme a Resolução 003/2020, que define as normas sobre a elaboração do Trabalho de Conclusão do Curso para a referida turma do Mestrado em Letras, em seu Art. 1º. Os trabalhos de conclusão da sexta turma poderiam ter caráter propositivo sem que, necessariamente, tivesse que haver uma aplicação imediata. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE, 2020). Tal excepcionalidade deve-se ao fato de que, em 2020, as atividades educacionais presenciais tiveram que ser paralisadas por um tempo, sendo retomadas de forma remota.

Dado o cenário da Pandemia da COVID-19, que obrigou todos a cumprirem isolamento, trabalhar e estudar remotamente, a Proposta de Práticas de Ensino de caráter propositivo, aqui elaborada, busca atender às dificuldades apresentadas pela turma diagnosticada, entretanto, poderá ser aplicada em outras turmas que possuem as mesmas dificuldades apresentadas, com as devidas adequações conforme o perfil da turma. Vale ressaltar que, nesta dissertação, apesar de a Proposta não ter sido aplicada para análise de resultados, temos a intenção de, em um futuro próximo, quando as aulas presenciais retornarem, aplicá-la, analisá-la e divulgar os resultados em um artigo, porquanto acreditamos ser de grande valia conhecermos sua eficácia.

Conforme mencionado, não foi possível aplicar a Proposta de Práticas de Ensino aos alunos que passaram pela etapa diagnóstica, conforme nosso anseio inicial. Entretanto, esta pesquisadora realizou algumas de suas etapas devido à necessidade que tinha de gerar o conhecimento toponímico dos logradouros estudados.

Todas as etapas concernentes à pesquisa bibliográficas e ao preenchimento da ficha lexicográfica toponímica foram cumpridos pela pesquisadora e serão, ocasionalmente, apresentados ao público escolar.

4.2.1 Coleta de dados e redes sociais

Cabe esclarecer que não encontramos pesquisa alguma, que abordasse nosso tema, com enfoque no distrito foco da pesquisa, nos demais logradouros, nem mesmo um levantamento do número de seus moradores. São lugarejos que têm como referência a Escola Estadual São Sebastião, onde nossos alunos estudam. Isso, justifica e demonstra a relevância da nossa pesquisa. Salientamos novamente, principalmente para a educação.

Os dados sobre a história dos logradouros foram coletados em referências bibliográficas e em pesquisa de campo por meio de conversas com moradores, principalmente os idosos por eles guardarem uma sabedoria indelével que inclui histórias e causos antigos das localidades. A pesquisa seria realizada em conjunto com nossos alunos e como não foi possível, decidimos realiza-la e, posteriormente, trabalhar os resultados com nossos discentes. As informações colhidas no trabalho empírico foram registradas em fichas toponímicas elaboradas por nós.

A coleta de dados da oralidade foi feita a partir dos procedimentos metodológicos da sociolinguística laboviana (1972), que considera a língua falada em contextos reais de uso.

Esta abordagem teórico-metodológica considera a relação entre língua e sociedade e concebe a língua como sistema heterogêneo. Esta abordagem foi proposta por William Labov em 1972. Para o autor, a variação é inerente ao sistema linguístico em uso e é passível de sistematização, podendo, assim, verificar casos de variação e, também, mudanças.

Mollica (2003, p. 9) descreve a sociolinguística "[...] como uma das subáreas da linguística e estuda a língua em uso, no seio das comunidades das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais". Para esta área de estudo, o social não pode estar separado da língua. Pois existe, além dos aspectos linguísticos, os fatores externos à língua que a influenciam, como os sociais e culturais.

Com base nos pressupostos labovianos, Tarallo (1985), afirma que,

> A cada situação de fala em que nos inserimos e da qual participamos, notamos que a língua falada é, a um só tempo, heterogênea e diversificada. E é precisamente essa situação de heterogeneidade que deve ser sistematizada. Se o caos aparente, se a heterogeneidade não pudessem ser sistematizados, como então justificar que tal diversificação linguística entre os membros de uma comunidade não os impede de se entenderem, de se comunicarem? (TARALLO, 1985, p. 6).

Não se concebe em uma pesquisa sociolinguística desprezar a relação entre língua e sociedade, pois o isolamento de um desses daria a língua um tratamento mecânico, que rompe com a realidade dos indivíduos que a manejam. Na verdade, não seria possível dispensar um tratamento social à língua, uma vez que ela é construída pela coletividade.

Wenreich, Labov e Herzog (1968) estabelecem relação entre diacronia e sincronia, salientando que toda mudança linguística é precedida de uma variação, mas nem toda variação culmina em caso de mudança linguística.

Diante de um caso de variação e/ou mudança linguística, segundo a teoria laboviana, é necessário identificar os possíveis condicionadores, que podem ser de internos ao sistema linguístico ou de natureza social. Os fatores sociais, como a idade, o sexo, a classe social, o nível de escolaridade, a profissão, a relação entre interlocutores e o contexto em que ocorre a interação verbal, podemos afirmar que a pesquisa toponímica aqui proposta se correlaciona e utiliza fundamentos da sociolinguística, uma vez utilizará de entrevista orais com moradores para a coleta de informações sobre os topônimos.

Utilizamos, parcialmente, a proposta laboviana para a coleta de dados da pesquisa toponímica, pois organizamos a nossa amostra considerando o sexo, faixa etária idosa, classe social, área geográfica rural, gravação relativamente espontânea, comportamento para coleta do

vernáculo.

Segundo Tarallo (1985), o pesquisador deve coletar os dados, gravando-os em situação natural de comunicação linguística e reunindo uma grande quantidade de material que possua boa qualidade sonora, tentando neutralizar ao máximo sua própria presença e a do gravador de áudio. As entrevistas não foram feitas com o objetivo único de coletar informações acerca da toponímia local, também procurou coletar informações relativos ao modo de vida, a cultura, crenças e tradições dos moradores.

O autor supracitado coloca ainda a necessidade de neutralizar a presença do gravador e do pesquisador, assim sendo buscamos identificar os problemas e peculiaridades da localidade, verificando sempre a naturalidade no ato da entrevista, com uma linguagem acessível aos entrevistados.

O preenchimento da ficha lexicográfico-toponímica requer consulta em diferentes tipos de dicionários, como os etimológicos, regionais, históricos e geográficos, sendo este manuseio uma parte crucial da pesquisa, uma vez que a ficha revela informações importantes sobre os topônimos pesquisados.

Além da necessidade de consultar fontes lexicográficas, a pesquisa propõe a aplicação de uma entrevista, sendo dois participantes de cada logradouro, e, para tanto, os entrevistados foram um de cada sexo, um homem, uma mulher, e outro de qualquer gênero, caso se identificasse, sendo critério principal que eles sejam idosos, como preconiza a Lei Federal nº 10.741 de 01 de outubro de 2003, pessoas a partir dos 60 anos de idade. (BRASIL, [2017]). O que justifica o fato de escolhermos idosos para participarem da entrevista é o fato de eles guardarem na memória um vasto conhecimento cultural que inclui a história do lugar, onde moram há mais tempo.

Resumindo, a nossa amostra está constituída de 38 informantes, sendo 19 homens e 19 mulheres que nasceram no distrito de Alvação ou a ele chegaram nos primeiros anos de vida. O informante idoso de maior idade está com 94 anos (JMF - Duas Barras) e o mais novo com 59 anos (JJAO - Biboca); do sexo feminino, a idosa de maior idade está com 90 anos (VAB - Poção) e a de menor idade com 61 anos (SSLO - Lamarão).

O Quadro 7, a seguir, mostra as características de cada um dos informantes, consideradas em nossa investigação. Esclarecemos que a autorização para gravação foi concedia no início da conversa e oralmente e, por motivos éticos, todos os participantes estão identificados por seu identificador de arquivo.

Quadro 9 - Informantes

Logradouro	Código do informante	Idade	Classe social	Sexo
Alvação	MAS	82	Não privilegiado	F
	JFS	91	Não privilegiado	M
Barreiro	JMVS	76	Não privilegiado	F
	GVS	72	Não privilegiado	M
Bela Vista	MRSF	66	Não privilegiado	F
	JMSF	65	Não privilegiado	M
Biboca	MMS	66	Não privilegiado	F
	JJAO	59	Não privilegiado	M
Brejinho	LVM	74	Não privilegiado	F
	JFG	78	Não privilegiado	M
Brejão	ASP	77	Não privilegiado	F
	APS	71	Não privilegiado	M
Canta Galo	MJGM	76	Não privilegiado	F
	LCO	69	Não privilegiado	M
Chumbado	IVM	80	Não privilegiado	F
	SAR	65	Não privilegiado	M
Duas Barras	ZMS	64	Não privilegiado	F
	JMF	94	Não privilegiado	M
Esporas	MAVS	75	Não privilegiado	F
	JLFS	69	Não privilegiado	M
Fonseca	CRS	77	Não privilegiado	F
	RCS	76	Não privilegiado	M
Fumo	MSF	71	Não privilegiado	F
	ISV	65	Não privilegiado	M
Lamarão	SSLO	61	Não privilegiado	F
	ASO	65	Não privilegiado	M
Lobo	MIL	76	Não privilegiado	F
	JAF	75	Não privilegiado	M
Passagem Larga	DRJ	69	Não privilegiado	F
	AFR	75	Não privilegiado	M
Poção	VAB	90	Não privilegiado	F
	SMS	76	Não privilegiado	M
Riachinho	MMC	67	Não privilegiado	F
	VSSC	70	Não privilegiado	M
Salto	JEA	83	Não privilegiado	F
	HCA	60	Não privilegiado	M
Tamboril	MAFC	69	Não privilegiado	F
	JSV	64	Não privilegiado	M

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2020.

Para conseguirmos chegar aos entrevistados com o perfil que selecionamos, utilizamos as redes sociais, pois segundo Oliveira (2016, p. 268) “[...] vivemos inseridos em redes sociais que nos conecta [sic] a nossos círculos sociais.” E essa conexão de rede, obviamente, propicia a troca de experiências entre os indivíduos.

Conforme Bortoni-Ricardo (2011, p.15), as redes sociais de interação são “um conjunto de vínculos de todos os tipos entre os indivíduos em um grupo”. Para fins de aplicação de entrevista utilizamos os laços como idade e tempo de moradia no local para formarmos a rede desta pesquisa. A formação da rede se deu, através da indicação, ou seja, um idoso entrevistado de um povoado indicava outro ou outros idosos conhecidos de outro povoado.

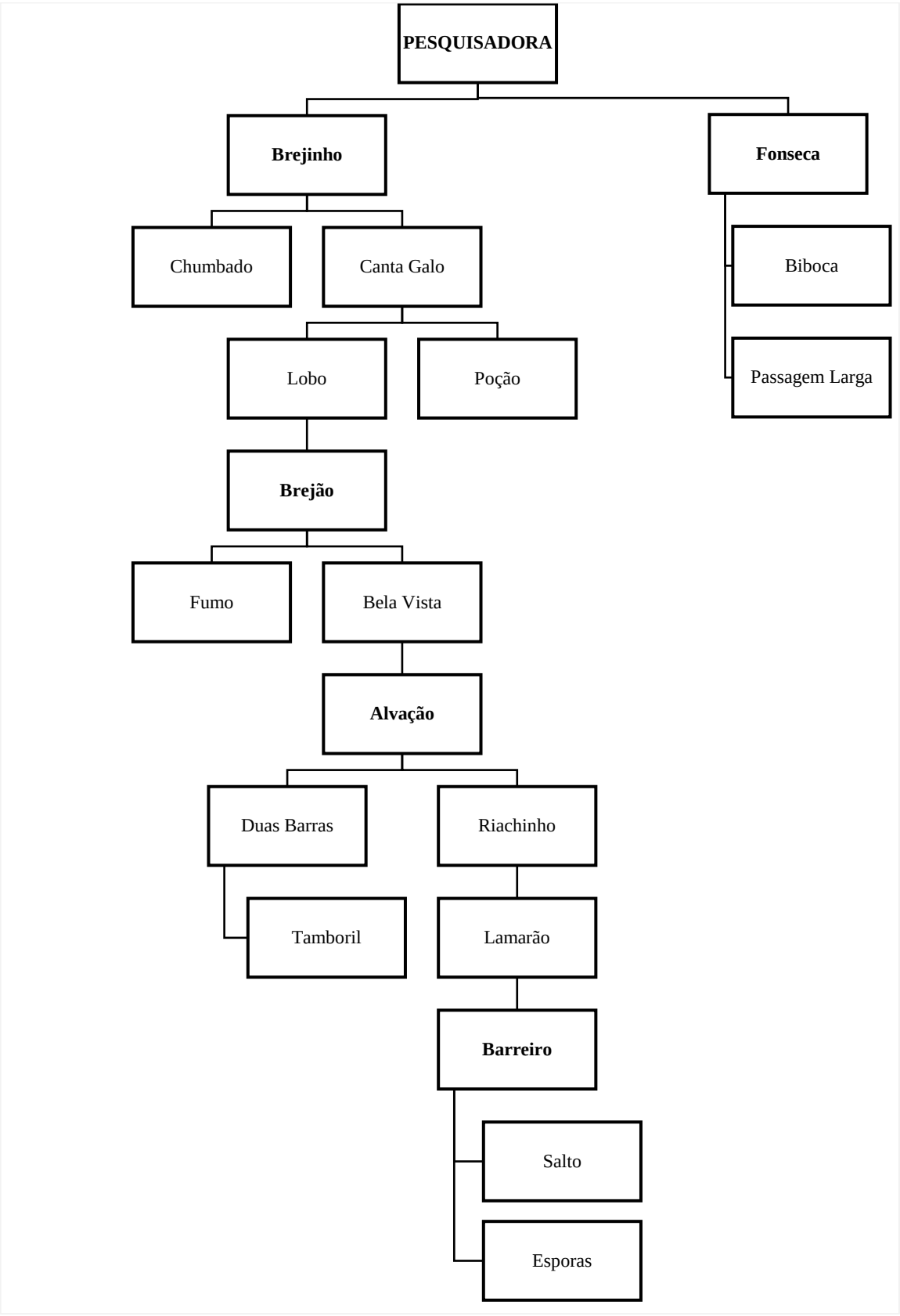
Na concepção de Battist (2014, p. 79) “[...] nossas identidades são frutos da nossa filiação, das posições que ocupamos nos grupos de que fazemos parte, esses estruturados em relação aos campos ou classes sociais distintas.” Sob essa perspectiva o estudo toponímico permite ter ciência de uma das identidades dos moradores do local, e, assim, as redes sociais e seus informantes possibilitam construir um panorama da realidade de um local.

Ainda segundo a autora “[...] a concentração das relações sociais nas redes em um dado território, concorre para o desenvolvimento do sentimento de pertença da identidade local, construída através da relativa homogeneidade.” (BATTIST, 2014, p. 77). Ao utilizar a expressão ‘relativa homogeneidade’, a autora se refere ao fato de que uma rede social, como é o caso da deste trabalho, busca conectar pessoas com comportamentos semelhantes, seja na forma de vestir, de falar, de se alimentar, de divertir seja nos valores assumidos.

Vale dizer que essas assertivas nos levam ao entendimento de que uma rede social formada por idosos conserva uma relativa similitude não encontrada em redes sociais formadas por pessoas de diversas faixas etárias.

Nessa direção, apresentamos, a seguir, o fluxograma (Figura 5) da rede social selecionada para as entrevistas.

Figura 5 - Fluxograma: redes sociais da entrevista



Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2021.

Para constituirmos a amostra “Rede social de informantes” desta pesquisa, selecionamos duas comunidades, Brejinho e Fonseca. Na primeira, selecionamos para a entrevista o pai da pesquisadora nascido e criado na localidade; na segunda, entramos em contato com a presidente da Associação de Moradores do local, Fonseca. E, através deles, fomos fazendo a conexão de informantes como mostra o desenho do fluxograma anterior.

A entrevista semiestruturada seguiu um roteiro próprio, para conseguirmos coletar as informações necessárias à nossa pesquisa.

O roteiro de entrevista era composto por questões que abordavam o perfil dos entrevistados e as relativas aos topônimos pesquisados. A entrevista não sofreu alterações, pois as mesmas questões foram aplicadas aos entrevistados de cada localidade.

4.3 Detectando e diagnosticando o conhecimento dos alunos sobre o léxico-toponímico de Alvação: procedimentos metodológicos

Para a fase diagnóstica 1 da pesquisa, foi aplicado um questionário denominado “Primeiras informações dos alunos sobre Toponímia”, com 21 questões, no 2º semestre de 2019, por meio do qual pudemos investigar o conhecimento dos alunos sobre o léxico toponímico da microrregião em estudo, e coletar dados sobre o perfil do alunado.

Estes discentes se encontram na faixa etária entre 11 e 15 anos. Eles apresentam muitas dificuldades na escola, e alguns deles estão cursando o 6.º ano pela 4.ª vez, outros pela 2.ª vez e, não raramente, não têm o acompanhamento dos pais e, para agravar a situação, os responsáveis possuem pouca ou nenhuma escolaridade. Os nomes dos informantes selecionados para a pesquisa foram mantidos no anonimato, e substituídos por siglas em letras maiúsculas.

As atividades da etapa diagnóstica foram divididas e organizadas em duas fases distintas: /uma relativa ao diagnóstico sobre conhecimentos toponímicos e compreendeu a aplicação de um questionário, “Primeiras informações dos alunos sobre Toponímia”, a fim de coletar dados sobre o conhecimento dos alunos sobre a toponímia. A segunda fase foi composta por quatro atividades, sendo a primeira o ditado textual (Francisco e seu cachorro Chumbo); a segunda, uma produção de texto com tema livre; a terceira, um ditado de frases (provérbios populares) e a última, um ditado de frases outras.

Esclarecemos que a escolha por diagnosticar os problemas de escrita através do gênero textual ditado se deve ao fato de essa prática colocar em evidência as dificuldades ortográficas que podem estar camufladas numa produção textual livre, pois, segundo Cagliari (1998, p. 298), “[...] na alfabetização, essa prática tem o inconveniente de apresentar muitas dificuldades com

relação a [sic] ortografia.” Assim sendo, utilizamos o ditado como forma de detectar e diagnosticar os principais problemas ortográficos apresentados pela turma participante da pesquisa.

O ditado, devido à finalidade para qual a estratégia é aplicada nas escolas, ou seja, para a detecção e contagem de erros, sem preocupação alguma por interpretar e ensinar para minimizar as dificuldades apresentadas, é prática muito criticada. Apesar das críticas, Cagliari (1998, p. 299) afirma que “[...] nem toda atividade de ditado é ruim: depende de como é feita, sobretudo das finalidades de sua realização e de um uso natural da linguagem.”.

A seguir, apresentamos as duas fases da etapa diagnóstica.

4.4.1 Diagnose I

4.4.1.1 Atividade 1: primeiras informações dos alunos sobre toponímia

A atividade 01 foi aplicada aos alunos do 6º ano do ensino fundamental da Escola Estadual São Sebastião. Todos os 25 discentes responderam ao questionário, pois, na data estipulada para sua aplicação, 02 de outubro de 2019 todos os alunos compareceram.

A atividade diagnóstica foi aplicada com a finalidade de verificar o conhecimento dos alunos do 6º ano sobre toponímia. Vale ressaltar que nessa turma há 04 alunos que ainda não foram alfabetizados e 05 que não leem com fluência (conseguem apenas juntar sílabas simples). A seguir, o questionário escrito (Quadro 10), em questão, aplicado aos alunos.

Quadro 10 - Questionário 1

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

PESQUISA: A toponímia no ensino fundamental: um estudo dos nomes dos logradouros de Alvação, distrito de Coração de Jesus/MG.

ORIENTADORA: Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Vieira Coelho
MESTRANDA/PESQUISADORA: Prof.ª Raquel Ribeiro Guimarães Mota
ESCOLA: Estadual São Sebastião - **TURMA:** 6º Ano - **DATA:__/___/_____**
DISCIPLINA: Língua Portuguesa

QUESTIONÁRIO nº.1 - Primeiras informações dos alunos sobre Toponímia

1.Nome:_____
1.1 Você tem apelidos(s)? Qual(is)? _____
2. Idade_____
3.Gênero: ( ) Feminino ( ) Masculino Outros ( )
4. Nome do pai:_____
5. Nome da mãe:_____
6. Qual o nome do lugar onde você nasceu?_____
7. Qual o nome do lugar em que você mora?_____

8 Você sabe o significado do nome da localidade em que mora? ( ) SIM ( ) NÃO.

a) 8.1 Se você sabe o significado do nome da localidade em que mora, escreva qual é o significado: _____

9. Você gosta do nome do lugar em que mora?
a) ( ) NÃO. Por quê?
_____

b) ( ) SIM. Por quê?
_____

10. Há quanto tempo você mora nessa localidade?
_____

11. Você conhece alguém que possa lhe contar sobre a história e o nome da localidade em que mora?
a) ( ) NÃO.
b) ( ) SIM. Quem?_____

12. É importante conhecer a história dos nomes de seu povoado?
a) ( ) NÃO. Por quê?
_____
b) ( ) SIM. Por quê?
_____

13. Há algum rio no lugar onde você mora? ( ) SIM ( ) NÃO.

a) ( ) SIM. Qual(is) o(s) nome(s)? _____

14. Há alguma lagoa no lugar onde você mora? ( ) SIM ( ) NÃO.

a) ( ) SIM. Qual(is) o(s) nome(s)? _____

15. Há algum córrego no lugar onde você mora? ( ) SIM ( ) NÃO.

a) ( ) SIM. Qual(is) o(s) nome(s)? _____

16. Há algum poço no lugar onde você mora? ( ) SIM ( ) NÃO.

a) ( ) SIM. Qual(is) o(s) nome(s)? _____

17. Existe alguma ponte no lugar onde você mora? ( ) SIM ( ) NÃO.

a) ( ) SIM. Qual(is) o(s) nome(s)? _____

18. Você participa de algum evento/festa que acontece na localidade em que mora?

a) ( ) NÃO
b) ( ) SIM. Qual ou quais?_____

19. O lugar em que você mora tem santo padroeiro?

a) ( ) NÃO.
b) ( ) SIM. Qual ou quais?_____

20. Qual o nome da cidade onde localiza sua comunidade?

_____

21. Você sabe porque a cidade onde se localiza sua comunidade tem esse nome?

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2019.

No processo de aplicação da atividade, as questões foram lidas para os alunos, mas nenhuma explicação ou interferência foi feita, para evitar que algo influenciasse suas respostas. Os alunos com os códigos R. P. S, R. F. M e W. A. R, M. P. S não sabem ler e, por isso, responderam ao questionário na biblioteca, onde a professora de uso da biblioteca leu as questões para eles, e eles as responderam oralmente. A professora bibliotecária[9] anotou a resposta dos alunos e depois cada um copiou as respostas no questionário. Esse procedimento na biblioteca foi feito individualmente, para que as respostas de um não influenciassem as respostas de outros. Já os 05 outros alunos, D. G. B, M. C. P. S, J. P. M. M, P. H. F. J e V. F. S, que não leem fluentemente, responderam ao questionário em sala de aula, juntamente com os outros alunos, mas, não conseguiram responder a todas as questões.

A atividade dessa fase diagnóstica compreendeu a aplicação de um questionário com 21 questões elaboradas com o intuito de obter dados sobre o perfil dos alunos, como a idade, o gênero, nome dos pais e também informações sobre o conhecimento dos alunos acerca dos toponímicos.

[9] Aqui, fazemos um agradecimento especial à bibliotecária do turno vespertino, Joana D'ark Mendes Guimarães, pela colaboração na aplicação da atividade diagnóstica.

Quadro 11 - Primeiras informações dos alunos sobre Toponímia - Questões de 1 a 10

Aluno/ código	Sexo	Idade	Nome completo	Apelido	Nome do pai completo	Nome da mãe completo	Nome do lugar em que nasceu	Nome do lugar que mora?	Sabe o significado do n home da localidade?	Gosta do nome do lugar em que mora?	Há quanto tempo mora nessa localidade?
AVMS	F	11	Sim	Sim	C	C	M C	Caiçara	Não	Sim	11
ANSF	F	12	Sim	Sim	C	C	Santa Casa	Fonseca	Não	Sim	12
ACLR	F	12	Sim	Sim	C	C	M C	Brejão	Não	Sim	12
ASMB	M	13	Não	Sim	I	I	M C	Brejinho	Não	Sim	10
CDRR	M	11	Sim	Sim	I	I	M C	Brejinho	Não	Sim	11
DGB	M	12	Sim	Sim	NR	I	NR	Fonseca	Não	NR	NR
E.E.D.C	F	11	Sim	Sim	I	C	M C	Fonseca	Não	Não	11
G.S.J	F	13	Sim	Sim	C	C	M C	Fonseca	Não	Sim	13
JPMM	M	14	Sim	Não	I	I	M C	Brejinho	Não	Sim	14
MDOM	M	14	Sim	Sim	C	C	M C	Canta Galo[10]	Não	Sim	14
MASL	M	12	Sim	Sim	C	C	M C	Fonseca	Não	Sim	12
MPS	M	15	Sim	Sim	NR	C	M C	Canta Galo	Não	Sim	15
MCPS	F	12	Sim	Sim	C	C	Mirabela	Muquém	Não	Sim	12
MEFS	F	12	Sim	Sim	C	C	M C	Fonseca	Não	Sim	5
MVBS	F	13	Sim	Sim	C	C	M C	Fonseca	Não	Sim	2
MAR	F	13	Sim	Sim	I	I	M C	Brejão	Não	Sim	13
NFV	F	12	Sim	Não	C	C	M C	Canta Galo	Não	Sim	12
PGVG	M	11	Sim	Sim	C	C	M C	Brejinho	Não	Sim	11
PHFJ	M	11	Sim	Sim	I	I	M C	Canta Galo	Não	Sim	11
RPS	M	11	Sim	Sim	NR	C	M C	Canta Galo	Não	Sim	11
RFM	M	13	Sim	Sim	C	C	M C	Brejinho	Não	Sim	13
SJGC	F	11	Sim	Sim	C	C	M C	Canta Galo	Não	Sim	11
VFS	F	11	Sim	Sim	C	C	M C	Fonseca	Sim	Sim	11
WAR	M	15	Sim	Sim	NR	C	M C	Brejão	Não	Sim	15
WCR	M	11	Sim	Sim	C	C	M C	Brejinho	Não	Não	11

Fonte: Elaborado pela pesquisadora em 2019.

Legenda: (I) Incompleto, (C) completo e (NR) não respondeu e (MC) Montes Claros.

[10] Nome do povoado grafado conforme registro na fatura da conta de luz e no mapa do Distrito de Alvação.

O Quadro 12, a seguir, é a continuação do Quadro 11 anterior, e nele se encontra a sistematização de dados do questionário 01, com as questões de 11 a 21.

Quadro 12 - Primeiras informações dos alunos sobre Toponímia - Questões de 11 a 21 – (continuação)

Aluno/ código	Conhece alguém que possa lhe contar sobre a história e o nome da localidade em que mora?	Considera importante conhecer a história dos nomes de seu povoado?	Há algum rio no lugar onde você mora?	Há alguma lagoa no lugar onde você mora?	Há algum córrego no lugar onde você mora?	Há algum poço no lugar onde você mora?	Há alguma ponte no lugar onde você mora?	Participa de algum evento/festa no lugar em que você mora?	O lugar onde você mora tem santo padroeiro?	Qual o nome da cidade onde se localiza sua comunidade?	Você sabe porque a cidade onde se localiza sua comunidade tem esse nome?
AVMS	Sim	Sim	Não	Não	Não	Não	Não	Sim	Não	CJ	Não
ANSF	Sim	Sim	Sim	Não	Não	Não	Sim	Sim	Não	CJ	Não
ACLR	Não	Sim	Não	Sim	Não	Não	Não	Sim	Sim	CJ	Não
ASMB	Não	Sim	Não	Não	Sim	Não	Sim	Sim	Sim	CJ	Não
CDRR	Sim	Sim	Não	Não	NR	Não	Não	Sim	Sim	CJ	Não
DGB	Não	Sim	Sim	NR	Não	Não	Não	Não	NR	NR	NR
EEDC	Não	Sim	Sim	Não	Não	Sim	Não	Não	Não	CJ	Não
GSJ	Sim	Sim	Sim	Não	Não	Não	Não	Sim	Não	CJ	Não
JPMM	Não	Sim	Sim	Não	Não	Não	Não	Sim	Sim	CJ	Não
MDOM	Sim	Sim	Não	Não	Não	Sim	Sim	Não	Não	CJ	Não
MASL	Não	Sim	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Sim	Não	CJ	Não
MPS	Sim	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	CJ	Sim
MCPS	Sim	Não	Sim	Não	Não	Não	Não	Sim	NR	NR	NR
MEFS	Não	Sim	Sim	Não	NR	NR	Sim	Sim	Sim	CJ	Não
MVBS	Sim	Sim	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Sim	Não	CJ	Sim
MAR	Não	Sim	Não	Não	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	CJ	NR
NFV	Não	Sim	Não	Não	Não	NR	Não	Sim	Não	CJ	Não
PGVG	Não	Sim	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Sim	CJ	Não
PHFJ	Sim	Sim	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Sim	NR	NR
RPS	Sim	Sim	Sim	Não	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	CJ	Sim
RFM	Sim	Sim	Sim	Não	Não	Não	Sim	Sim	Sim	CJ	Sim
SJGC	Não	Sim	Não	Não	Não	Sim	Sim	Não	Sim	CJ	Não
VFS	Não	Sim	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	CJ	Não
WAR	Sim	Sim	Sim	Não	Não	Sim	Sim	Não	Sim	CJ	Sim
WCR	Sim	Sim	Não	Não	Não	Não	Não	Sim	Sim	CJ	Não

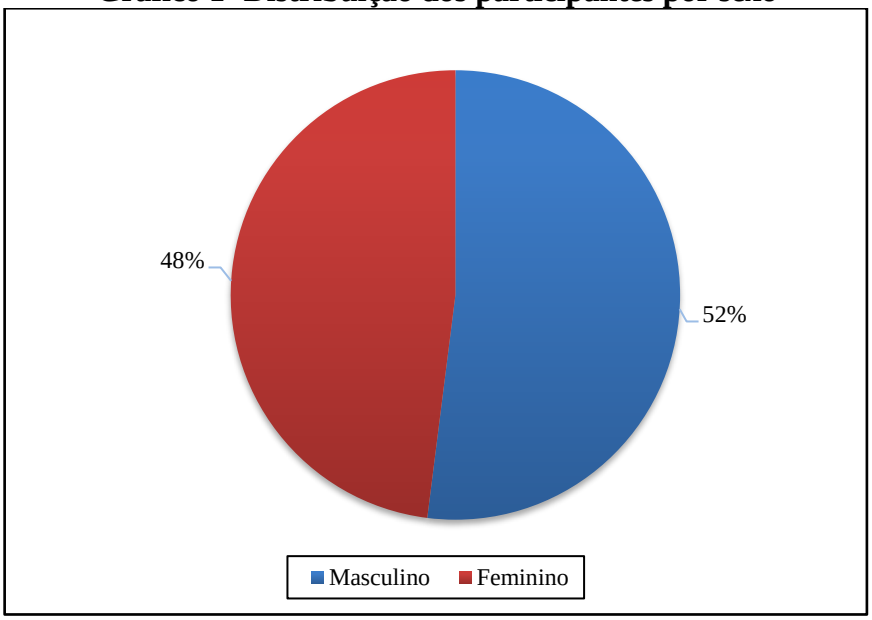
Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2019.

Legenda: (I) Incompleto, (C) completo e (NR) não respondeu e (CJ) Coração de Jesus.

O questionário 01 continha 21 questões. Como já informado, a turma era composta por 25 alunos, sendo 12 (48%) meninas e 13 (52%) meninos; dos 25 alunos, a maioria, 23 alunos (92%), revelaram ter apelidos. Com relação à idade, 09 (36%) deles tinham 11 anos, 07 (28%) alunos 12 anos; 05 (20%) tinham 13 anos, 02 alunos (8%) 14 anos, e 02 (8%) tinham 15 anos. Todos os estudantes com 13, 14 e 15 anos estão em distorção idade/série e alguns cursam o 6.º ano há mais de 03 anos consecutivos.

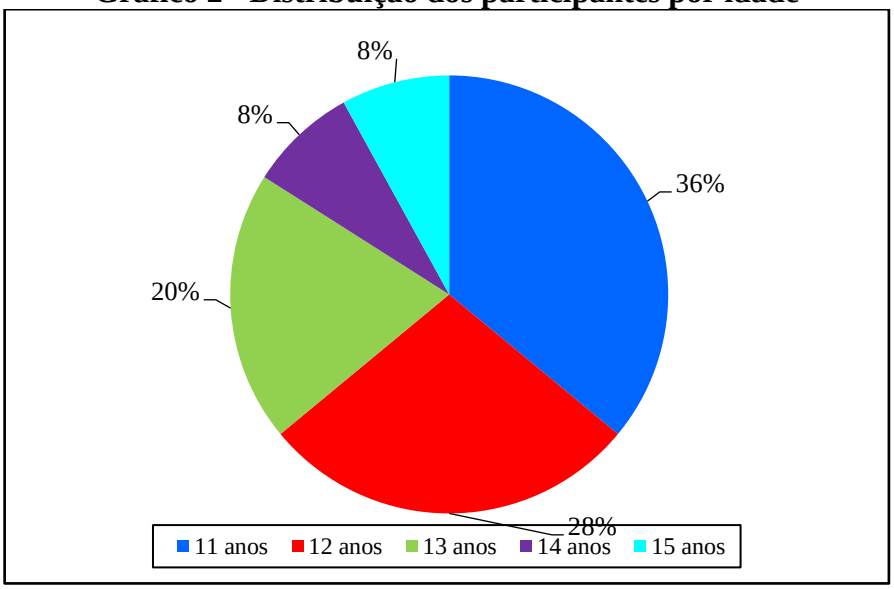
Os Gráficos (1 a 5), a seguir, mostram informações referentes ao sexo e idade dos participantes:

Gráfico 1- Distribuição dos participantes por sexo



Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2020.

Gráfico 2 - Distribuição dos participantes por idade

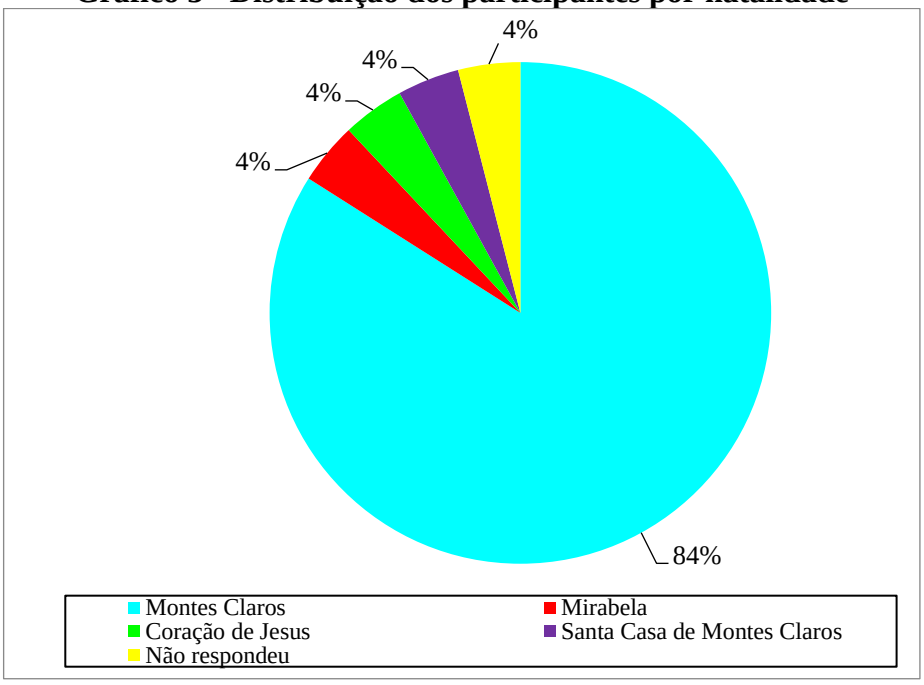


Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2020.

À questão que requeria os nomes dos pais, não foram todos os alunos que conseguiram responder. Do total de 25 alunos, 02 (8%) não escreveram o nome do pai e 06 (24%) colocaram o primeiro nome apenas e 17 (68%) escreveram o nome completo. Com relação ao nome da mãe, nenhum aluno deixou de responder, mas 05 (20%) deles omitiram o sobrenome dela e 20 (80%) colocaram o nome completo.

Uma das questões solicitava que o aluno colocasse o nome do lugar em que havia nascido. Em resposta a essa questão, a maioria, 21 (84%) alunos, respondeu que nascera na cidade de Montes Claros, 01 (4%) não respondeu, 01(4%) que tinha nascido na cidade de Mirabela, apenas 01 (4%) aluno nascera na cidade de Coração de Jesus e 01(4%) respondeu que havia nascido na Santa Casa, um hospital da cidade de Montes Claros.

Gráfico 3 - Distribuição dos participantes por natalidade

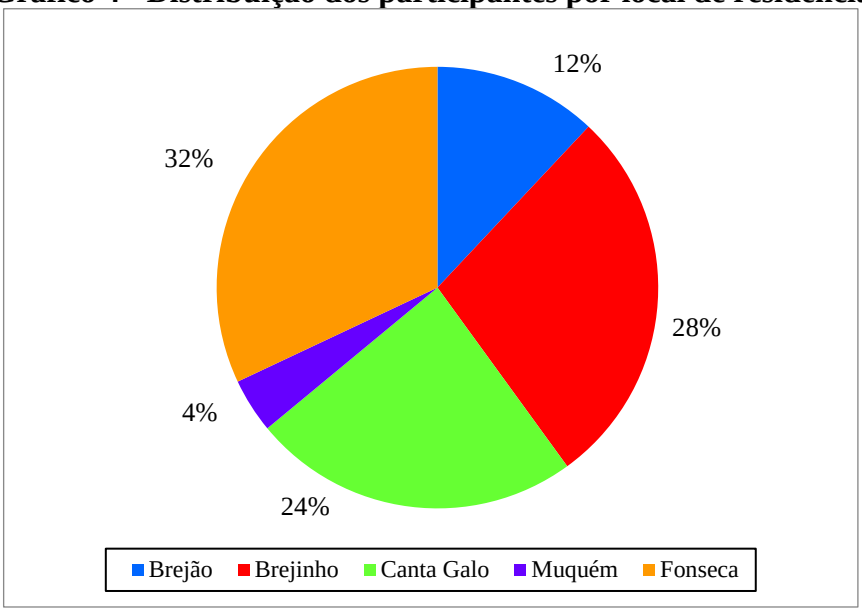


Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2020.

É importante notar que apesar de a maioria dos alunos ter equivalência entre a idade e o tempo em que morava na localidade, grande parte nasceu na cidade de Montes Claros, isso se deve ao fator distância, uma vez que os logradouros em que os alunos moravam se encontram a uma distância menor de Montes Claros, do que da cidade de Coração de Jesus, além do fato de a cidade de Montes Claros ser maior e possuir mais hospitais, já que Coração de Jesus possui apenas um hospital.

Os alunos revelaram residir nos seguintes logradouros: Brejão (03 alunos), Brejinho (06 alunos), Canta Galo (06 alunos) e Muquém[11] (01 aluno).

Gráfico 4 - Distribuição dos participantes por local de residência



Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2020.

Quando perguntados se sabiam o significado do nome da localidade em que moravam, 23 (92%) alunos responderam não saber e 02 (8%) responderam que sabiam, sendo os seguintes significados apontados:

"Porque lá é tranquilo." (W. F. S);
"Recebeu esse nome por causa da cantoria dos galos da madrugada." (M. P. S).

Ambas as respostas se referem ao povoado de Canta Galo.

Ao responderem se gostavam do nome do lugar em que moravam, 20 responderam que sim e, entre as justificativas para essa apreciação revelaram as seguintes:

"Porque combina com o lugar que é pequeno." (A. C. L. R);
"Porque minha família mora lá." (S. J. G. C).

Em relação aos 05 alunos que responderam não gostar do nome da localidade, um aluno assim justificou: "Porque ele não tem significado." (M. E. F. S).

[11] Pertence ao munícipio de Montes Claros - MG

Com relação ao tempo em que moram na localidade, como já apontado anteriormente, a maioria apresenta equivalência entre a idade e o tempo em que moram na localidade.

Uma das questões pedia aos alunos que respondessem se conheciam alguém que lhes pudesse contar sobre a história e os nomes da localidade em que moravam. Doze (12), que representa (48%), revelaram não se lembrar de alguém, 13 (52%) dos alunos responderam que conheciam e os citaram; a maioria nomeou o avô como alguém que sabe da história e sobre os nomes dos logradouros.

Sobre inteirar-se dos nomes dos logradouros, todos os alunos responderam que era importante e entre os motivos para tal constam os seguintes:

"Porque eu gosto de histórias." (A. N. S. F);
"Porque é a história da minha gente." (M. P. S);
"Porque eu moro lá e gostaria de saber mais sobre ele." (A. C. L. R).

A unanimidade da resposta afirmativa, "sim", para essa questão é muito importante para a execução da pesquisa, tendo em vista que ela dá suporte ao objetivo da proposta deste trabalho.

Com relação à pergunta sobre a existência de algum rio no lugar onde moravam, as respostas foram equilibradas, pois, os povoados de Brejinho e Canta Galo não têm rio, mas nos lugares de Brejão há o rio Riachão; em Fonseca há o rio Riachão e o Caiçara; o povoado de Muquém fica às margens do rio Riachão e a localidade de Caiçara às margens de um rio com esse mesmo nome. Sobre a existência de lagoas, apenas um aluno respondeu que havia, mas não soube dizer seu nome. E sobre a presença de córregos, apenas dois responderam que sim, e com os nomes de Riusim e Olhos D'água.

Quando perguntados se havia algum poço na localidade em que moravam, 18 responderam não e 07 que sim. Aqueles que disseram sim, se referiam ao poço artesiano que abastecia as casas dos moradores do lugar. E, com relação à pergunta sobre a existência de pontes, 13 (52%) dos alunos responderam não haver pontes e 12 (48%) confirmaram que havia, sendo elas:

"Riachão" (M. E. F. S);
"Riachão e Caiçara" (A. N. S. F);
"Riachão, Caiçara e antigo rio Jangada" (M. P. S).

Ao questioná-los sobre se participavam de eventos ou festas na localidade onde moravam, 06 (24%) responderam que não e 18 (76%) confirmaram que sim. E, entre festas e eventos, os respondentes deram destaque à cavalgada e às festas tradicionais, além da menção à quadrilha da festa junina, ao rodeio e ao torneio de bola.

"Festas tradicionais e a cavalgada." (A. C. L. R);
"Festa da igreja e cavalgada." (R. F. M);
"Festa junina e rodeio." (M. C. P. S).

Com relação à pergunta sobre se havia um santo padroeiro na localidade em que residiam, 15 alunos (60%) responderam que sim, 08 (32%) responderam que não e 02 (8%) não responderam. Mas, a maioria revelou não saber o nome do santo.

"Bom Jesus e São Sebastião." (R. F. M)
"São Norberto e Nossa Senhora Aparecida." (W. A. R)

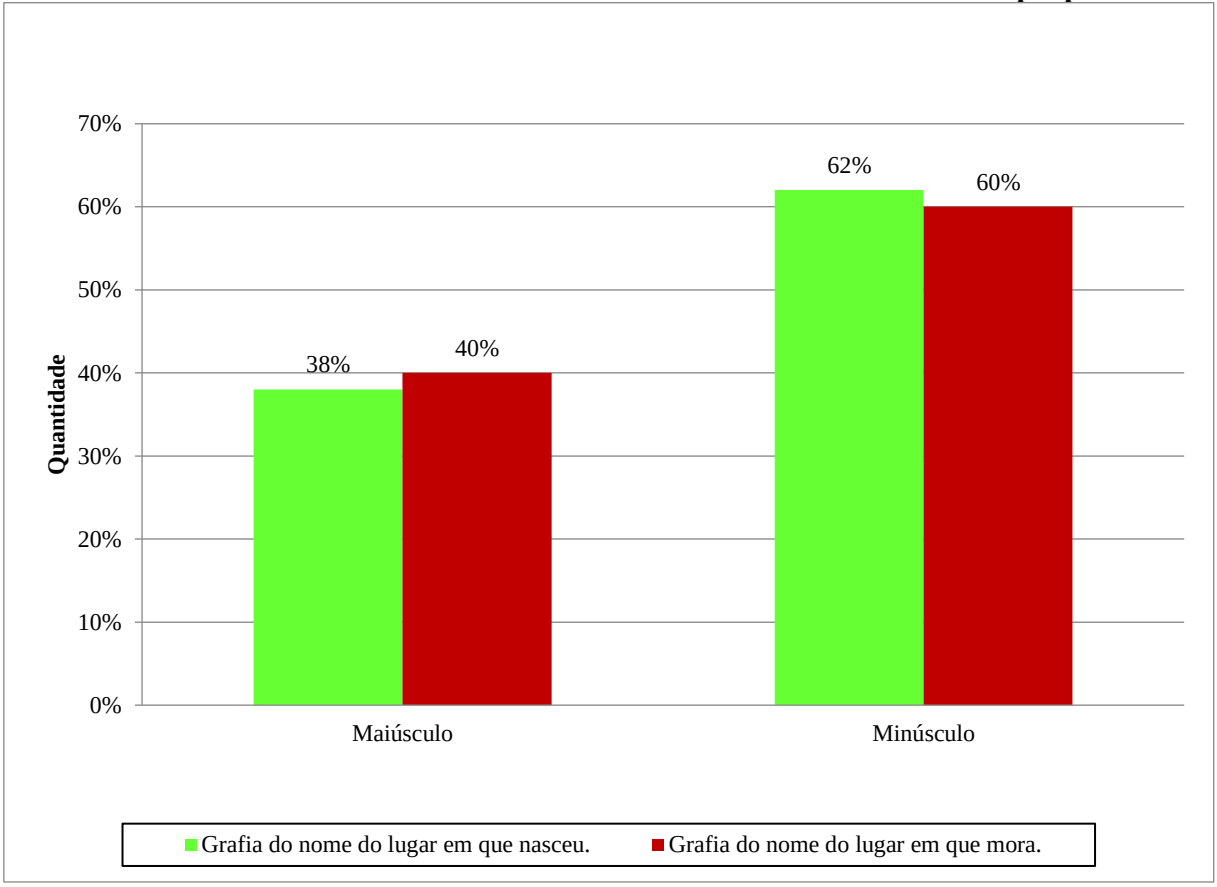
Dos 25 alunos, 22 (88%) responderam que a localidade em que moravam ficava localizada em Coração de Jesus, e os outros 03 (12%) não responderam. Quando questionados sobre o porquê da cidade de Coração de Jesus ter esse nome, 16 (64%) não souberam dizer, 04 (16%) não responderam e 05 (20%) afirmaram saber e explicaram do seguinte modo:

"Por causa do sagrado coração de Jesus" (W. A. R/P. A. S),
"Porque era a nova comunidade." (M. V. B. S).

As respostas dos participantes vieram confirmar a relevância de nossa pesquisa, porquanto eles desconheciam a toponímia da localidade em que moravam, e demonstraram ser importante se informar da história e do significado dos nomes das localidades em que residiam.

Da análise das respostas do questionário emergiu um importante aspecto que nos levou a elaborar o Gráfico 5, a seguir:

Gráfico 5 - Percentual de uso de maiúsculas e minúsculas em nomes próprios

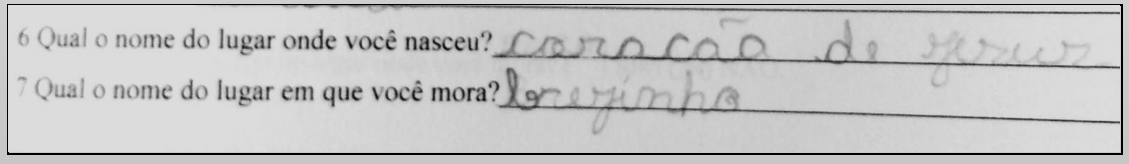


Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2020.

As respostas sobre o nome do lugar em que nasceram e o nome do lugar em que viviam, demonstrou que a maioria dos alunos havia grafado os nomes próprios com letra minúscula, quando a norma padrão do português determina que tais nomes devem ser grafados com letra maiúscula. Nessa linha, exemplificamos.

a) Exemplos de grafia de nomes próprios escritos por meninos

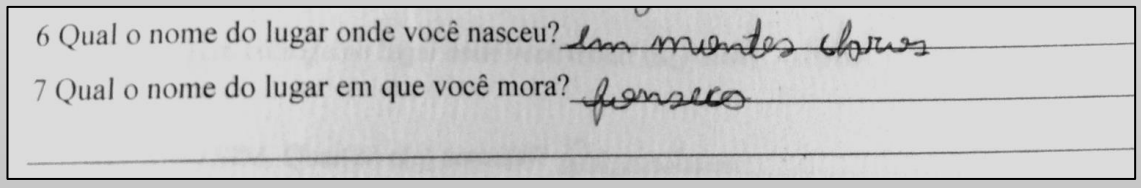
Figura 6 - Exemplo 1: informante (J. P. M. M)



6. Qual o nome do lugar onde você nasceu? *coração de Jesus*
7. Qual o nome do lugar em que você mora? *breJinho*

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, 2020.

Figura 7 - Exemplo 2: informante (M. A. S. L)

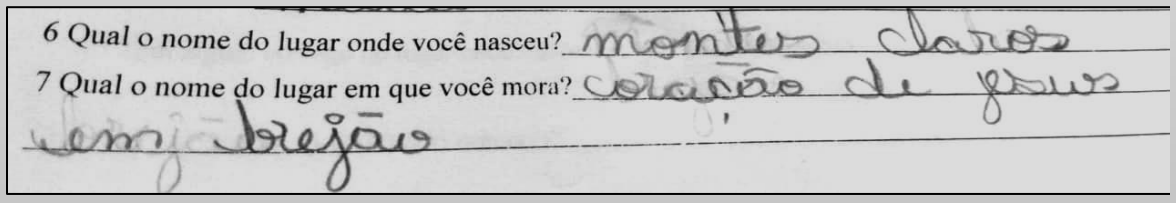


6. Qual o nome do lugar onde você nasceu? *em montes claros*
7. Qual o nome do lugar em que você mora? *fonseca*

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, 2020.

b) Exemplos extraídos das atividades feitas por meninas.

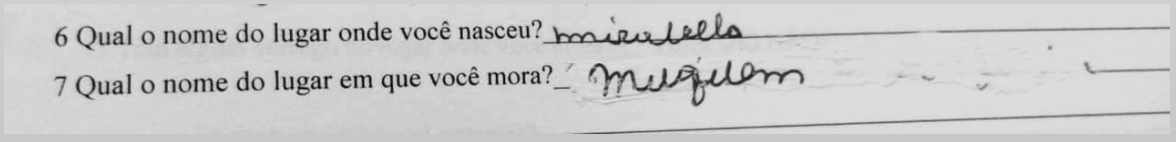
Figura 8 - Exemplo 1: informante (M. A. R)



6. Qual o nome do lugar onde você nasceu? *Montes claros*
7. Qual o nome do lugar em que você mora? *Coração de jesus em brejão*

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, 2020.

Figura 9 - Exemplo 2: informante (M.C.P.S)



6. Qual o nome do lugar onde você nasceu? *mirabela*
7. Qual o nome do lugar em que você mora? *Muquem*

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, 2020.

A partir da análise das respostas dos alunos, e da forma como eles utilizaram as letras maiúscula e minúscula, duas importantes dúvidas emergiram:

a) Os participantes da pesquisa desconhecem o uso das letras maiúsculas e minúsculas.
b) Os alunos ignoram os desenhos de cada tipo de letras.

Vale salientar que existe uma forte possibilidade de a resposta a essas dúvidas estar na primeira proposição, tendo em vista que a maioria dos alunos grafaram os nomes dos topônimos com letra minúscula, quando a regra ortográfica prevê que os topônimos reais ou fictícios devem ser grafados com letra inicial maiúscula.

Com relação à proposição b, sabemos que existem 02 tipos básicos de letras ensinados na escola: a letra de fôrma [A/a] (maiúscula e minúscula) e a letra cursiva [a] (maiúscula e minúscula). No processo de alfabetização, primeiramente, ensina-se ao infante a letra de fôrma maiúscula, conforme postula Massini-Cagliari (1999, p. 49), "[...] difundiu-se, ultimamente, a prática de alfabetizar, utilizando, primeiramente, apenas o alfabeto de letras de forma maiúscula". No entanto, este procedimento não é apenas uma moda: é uma forma mais fácil, concordam todos, de se chegar ao aprendizado da leitura'. Acreditamos que o uso deste tipo de letra na fase inicial de alfabetização seja um facilitador para o aprendiz, uma vez que ele ainda não tem a motricidade desenvolvida que a grafia da letra cursiva exige da criança. Além disso, antes de serem alfabetizadas, algumas crianças travam contato com letras de imprensa (em livros, jornais, histórias em quadrinho, tirinhas, cartazes e televisão), que, apesar de não conseguirem ler, dessas letras guardam uma memória visual significativa.

Apesar de o processo de alfabetização das crianças se inicia utilizando a letra de fôrma maiúscula, a letra minúscula e a cursiva maiúscula e minúscula são introduzidas no processo de alfabetização em um período considerado exíguo. Esta pode ser a causa do atabalhoamento e do desnorteio do aprendiz para lidar com a grafia das letras, claramente revelado na mistura do uso das letras cursivas e de fôrma (maiúsculas e minúsculas) nos vários textos dos alunos.

Os documentos norteadores da educação não definem um método especifico e comum para a alfabetização, conforme o entendimento de Soares (2016), porque os métodos são um conjunto de procedimentos que, com base em teorias e princípios linguísticos e psicológicos, orientam a aprendizagem. Os métodos de alfabetização, ao longo dos anos sempre têm sido objeto de pesquisa e discussão, e isso se deve ao fato de que cada método possui suas orientações, uns tendem para a leitura, outros para o ensino da escrita.

O método é, sim, importante na alfabetização, entretanto apenas o método, sem um conjunto de outros elementos, não é capaz de efetivar a alfabetização, pois, consoante o que Soares (2016, p. 52) afirma "[...] quem alfabetiza não são os métodos, mas o alfabetizador (a)", ou seja, o método é importante, mas, relevante e significativo mesmo é o uso que o alfabetizador faz do método.

Portanto, retomando a discussão sobre a questão do uso de maiúsculas e minúsculas, salientamos que a alfabetização é processo complexo, sem receitas prontas e que necessita

apoiar seus métodos em teorias linguísticas, se seu intuito for atingir êxito no ensino e aprendizado de leitura e de escrita, sem que se privilegie uma em detrimento de outra, pois, estão atreladas. Apesar da maior ocorrência do uso de letras minúsculas em palavras nas quais a norma ortográfica exige maiúsculas, salientamos que o inverso também foi identificado nas produções textuais dos alunos, visto que ocorreram casos de uso de letra maiúscula em palavras nas quais a letra minúscula deveria ser usada.

4.3.2 Diagnose II: problemas de escrita da Turma do 6.º ano da E. E. São Sebastião

4.3.2.1 Procedimentos metodológicos

Nessa fase da pesquisa, foram aplicadas 04 atividades diagnósticas, a fim de observarmos as dificuldades de escrita, principalmente no que diz respeito à troca e supressão de letras e à presença de traços da oralidade na escrita.

Na atividade 01, foi aplicado um ditado textual, sendo que 16 alunos, ou seja, 64% do total de 25 realizaram a atividade. Na atividade 02, propusemos uma produção textual desenvolvida a partir da proposta de "produzir um texto contando uma história de alguma aventura que você viveu ou algo que tenha acontecido a você. A título de ilustração, sugerimos: uma pescaria, um passeio a cavalo, um dia de trabalho na roça (plantando, colhendo ou ordenhando uma vaca), um banho de rio, um piquenique etc. Conclamamos os alunos a ficarem à vontade para escolherem um tema e dar um título à sua história." Dezoito (18) alunos, que representam (72%) da turma, entregaram essa atividade.

As atividades 03 e 04 foram desenvolvidas no mesmo dia, mas cada uma ocupou um módulo-aula de 50 minutos separadamente, tendo sido realizadas por (60%) dos alunos. A atividade 03 era composta de 08 frases que foram ditadas aos alunos, e a atividade 04, desenvolvida no mesmo dia, foi também desenvolvida por meio de um ditado, mas, desta vez, de provérbios populares.

O ato de escrever é considerado de alto grau de complexidade, principalmente, quando se trata de escrever com coesão (correção gramatical), coerência (correção semântica), e apuro ortográfico.

A ortografia da língua portuguesa apresenta uma série de especificidades a serem enfrentadas, pois há um distanciamento abismal entre o som e a representação gráfica.

Essas especificidades configuram dificuldades para o alfabetizando no processo de aquisição de escrita, que, não raramente, perpetuam-se na fase adulta. Prova disso é que a

dificuldade com a grafia de certas palavras faz com que alguns adultos, e com alto nível de escolaridade recorram aos dicionários para grafarem determinados vocábulos de maneira adequada.

Após a coleta de dados, as atividades realizadas pelos alunos participantes da pesquisa foram descritas e analisadas, a fim de identificarmos as lacunas no conhecimento que foram interpretadas por meio de uma hipótese, para, posteriormente, elaborarmos um plano de ensino para ser aplicado aos participantes da pesquisa, no caso, os alunos do 6º ano da Escola Estadual São Sebastião.

Prosseguindo, apresentamos o texto do ditado textual aplicado aos alunos. O texto foi composto por 164 vocábulos[12] ditados aos alunos para que os grafassem em uma folha do caderno.

4.3.2.1.1 Atividade 2: ditado textual (Francisco e seu cachorro chumbo)

Língua Portuguesa – 6.º ano Ensino Fundamental
Profa.: Raquel Ribeiro Guimarães Mota – Data: 16/09/2019

Atividade: Ditado Textual

Francisco e seu cachorro Chumbo

Francisco e seu cachorro Chumbo moram em um sítio. Todos os dias Francisco vai para a escola e quando chega faz suas obrigações, para depois brincar com seu fiel amigo Chumbo.

As tarefas domésticas de Francisco são as seguintes: levar uma vasilha de milho para os porcos no chiqueiro, fazer ração com cenouras para o cavalo, varrer o galinheiro e colher os ovos nos ninhos.

O cachorro Chumbo acompanha e espera com paciência seu amigo realizar as tarefas, para depois irem brincar no quintal espaçoso do sítio.

Certo dia quando foram correr no quintal, pararam debaixo de um pé de tangerina carregado de frutos que pareciam deliciosos. Francisco não pensou duas vezes e escalou os galhos para alcançar as tangerinas, mas, de repente, um dos galhos não aguentou e quebrou, Francisco caiu no chão. Com a queda do amigo, Chumbo latiu desesperado, mas por sorte seu amigo não se machucou e estava pronto para a próxima aventura.

[12]Vocábulos no sentido de unidade gráfica. Segundo Bechara (2011, p. 1299), vocábulo é "a palavra considerada em seus aspectos morfológicos e morfossintáticos".

A atividade diagnóstica, ditado textual *Francisco e seu cachorro Chumbo*, foi aplicada no dia 16 de setembro de 2019. Nessa atividade, para fins diagnósticos, um texto de 164 vocábulos, dividido em quatro parágrafos, foi ditado para que os alunos escrevessem em uma folha. A atividade foi aplicada na turma de 6º ano do ensino fundamental II, da Escola Estadual São Sebastião, e 16 alunos (64%) realizaram e entregaram a atividade. A atividade teve duração de uma hora, iniciando-se às 14h00. Não houve interrupção e nem mesmo qualquer ocorrência interveniente.

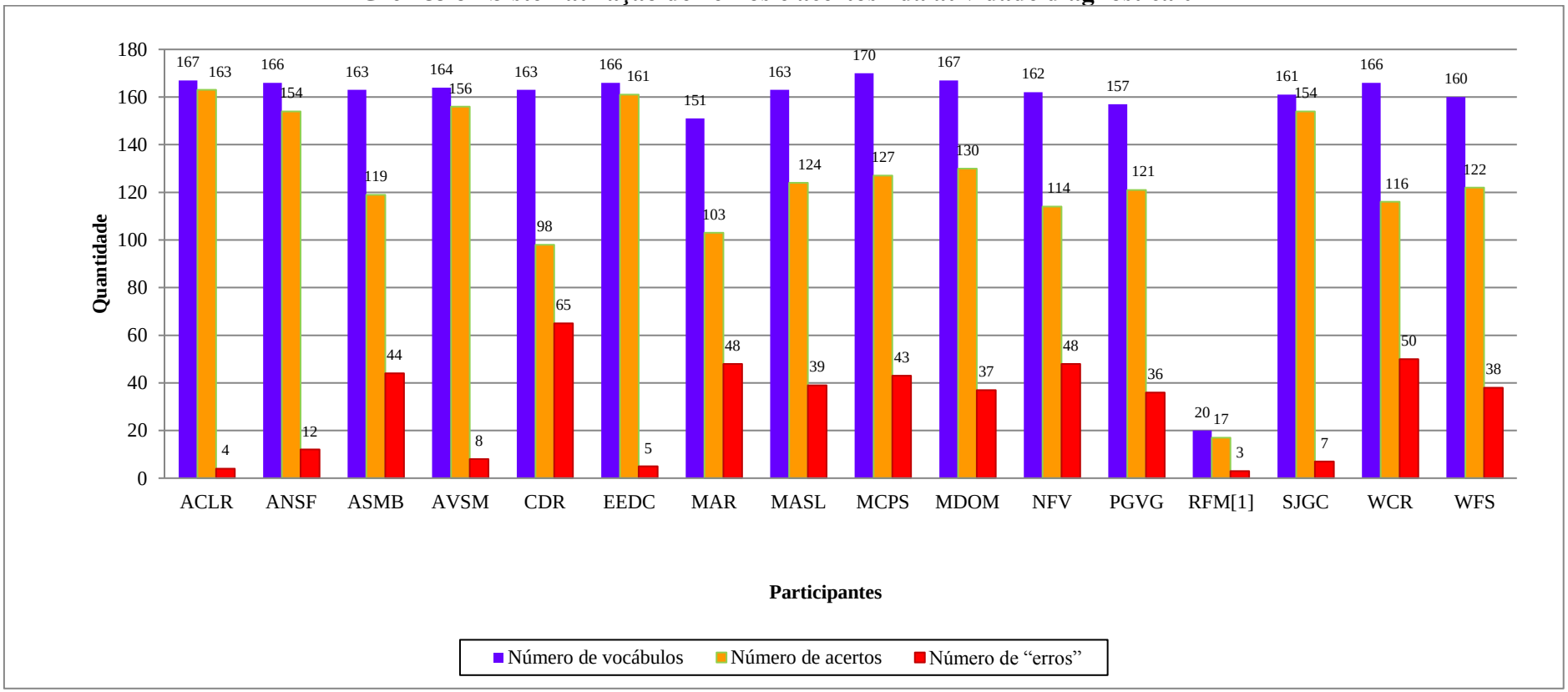
Com a finalidade de explicitar desafios apresentados pela escrita dos alunos, na Tabela 8, a seguir, apresentamos uma síntese descritiva dos acertos e erros, em textos do gênero ditado de alunos do 6º ano.

Tabela 8 - Sistematização de "erros e acertos" da atividade diagnóstica 02

Código	Número de vocábulos	Número e percentual de acertos		Número e percentual de "erros"	
ACLR	167	163	97,6%	4	2,4%
ANSF	166	154	92,8%	12	7,2%
ASMB	163	119	73,0%	44	27%
AVSM	164	156	95,1%	8	4,0%
CDR	163	98	60%	65	40%
EEDC	166	161	96,9%	5	3,1%
MAR	151	103	68,2%	48	31,8%
MASL	163	124	76%	39	24%
MCPS	170	127	74,7%	43	25,3%
MDOM	167	130	77,8%	37	22,2%
NFV	162	114	70,4%	48	29,6%
PGVG	157	121	77%	36	23%
RFM	20	17	85%	3	15%
SJGC	161	154	95,6%	7	4,4%
WCR	166	116	69,8%	50	30,2%
WFS	160	122	76,2%	38	23,8%

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2019.

Gráfico 6 - Sistematização de “erros e acertos” da atividade diagnóstica 02



Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2020.

Ao analisarmos os dados descritos na Tabela 8 - Sistematização de “erros e acertos” da atividade diagnóstica 02, foi possível notar algumas condições que, às vezes, passam despercebidas como, por exemplo, a quantidade de erros e acertos cometidos pelos alunos. A partir dos dados apresentados, podemos afirmar que os alunos cometem mais acertos que erros. A elaboração da tabela com a contagem de erros não considerou os desvios que se repetiam, em função da repetição de palavras no texto.

O nosso olhar de avaliador tradicional, muitas vezes, faz-nos apontar com mais facilidade os erros que os acertos – por vezes, superiores ao número de erros. Foi o notamos em todos os textos: a quantidade de acertos superou a de erros.

Vale deixar claro que nos casos em que um mesmo vocábulo aparece no texto reiteradas vezes grafado erroneamente, tal erro, obviamente foi contabilizado como um erro apenas. Em casos de repetição do mesmo erro, como esse, pode-se afirmar, então, que o aluno não sabe mesmo escrever a palavra, e não que ele cometeu diversos erros distintos. No entanto, se o aluno escreve a palavra (cachorro) com um “r”, e ora grafa com “ch” e ora com “x”, então temos mais de um erro, pois o aluno não sabe grafar dois sons distintos.

Como essa atividade lançou mão do gênero textual ditado, os alunos não tiveram liberdade para escolherem os vocábulos que iriam utilizar e, mesmo que o número de acertos tenha sido superior ao dos desvios, outros erros foram detectados. Dentre eles citamos os mais recorrentes. Os exemplos, a seguir, foram coletados dessa atividade e revelam as inadequações com maior número de ocorrências no ditado.

a) A troca fonológica de letras: (W. C. R) ‘senouras/cenouras’, ‘dricar/brinca’ e (N. F. V) ‘acompanha/acompanha’, ‘tanjerina/tangerina’.
b) A supressão de letras: (M. C. P. S) ‘sote/sorte’, ‘ceto/certo’ e (C. D. R. R) ‘realiza/realizar’, ‘acançar/alcançar’.
c) A junção e segmentação indevida: (S. J. G. C) ‘concerteza/com certeza’, ‘derrepente/de repente’; (M. D. O. M) ‘debaixo/de baixo’ e (W. F. S) ‘derepente/de repente’, ‘comserteza/com certeza’.
d) O uso indevido de minúscula em nomes próprios: (A. S. M. B.) ‘francisco/Francisco’, ‘chumbo/Chumbo’ (nome do cachorro).

Conforme a Tabela 9, a seguir, podemos perceber que o uso indevido de letra minúsculas são recorrentes em nomes próprios, pois os alunos conseguem grafar adequadamente as letras maiúsculas no início de frases, depois de pontuação, mas a grafia

de nomes próprios é feita inadequadamente

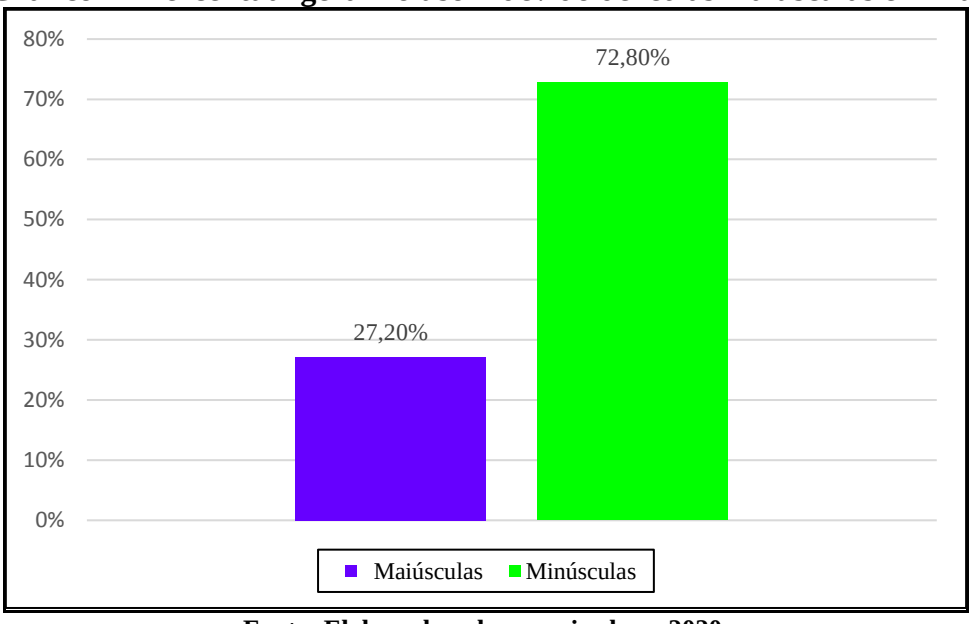
Tabela 9 - Uso indevido de letras maiúscula e minúscula

Nº	Código	Uso indevido de letras maiúsculas	Uso indevido de letras minúsculas
1	PGVG	0	2
2	ANSF	0	5
3	SJGC	0	4
4	WCR	4	5
5	MDOM	0	10
6	WFS	0	5
7	EEDC	0	4
8	MASL	0	5
9	CDR	0	8
10	ASMB	0	7
11	RFM[13]	9	1
12	NFV	0	4
13	MCPS	18	13
14	MAR	0	5
15	ACLR	0	0
16	AVSM	0	5
Total		31	83

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2019.

Os dados da Tabela foram apresentados no Gráfico 7, a seguir, e revelam que há maior recorrência no uso indevido de letras maiúsculas.

Gráfico 7 - Percentual geral no uso indevido de letras maiúsculas e minúsculas



Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2020.

[13] O aluno não é alfabetizado, escreveu apenas 20 vocábulos, porque copiou do colega, uma vez que o aluno não lê e não escreve; apenas faz cópias de textos.

Da análise do gráfico pode se depreender que há predominância de erros em uso de letras minúsculas. Acreditamos que isso se deve ao fato de que o conjunto de regras recomendado pelo *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (VOLP) da Academia Brasileira de Letras (ABL, 2009) prevê mais contextos em que se usa a letra minúscula em detrimento da maiúscula, conforme regras da ABL (2009).

> 2º) A letra maiúscula inicial é usada:
>
> a. Nos antropónimos/antropônimos, reais ou fictícios: *Pedro Marques*; *Branca de Neve, D. Quixote*.
> b. Nos topónimos/topônimos, reais ou fictícios: *Lisboa, Luanda, Maputo, Rio de Janeiro, Atlântida, Hespéria*.
> c. Nos nomes de seres antropomorfizados ou mitológicos: *Adamastor*; *Neptuno*/*Netuno.*
> d. Nos nomes que designam instituições: *Instituto de Pensões e Aposentadorias da Previdência Social*.
> e. Nos nomes de festas e festividades: *Natal, Páscoa, Ramadão, Todos os Santos*.
> f. Nos títulos de periódicos, que retêm o itálico: *O Primeiro de Janeiro, O Estado de São Paulo* (ou *S. Paulo*).
> g. Nos pontos cardeais ou equivalentes, quando empregados absolutamente: *Nordeste*, por nordeste do Brasil, *Norte*, por norte de Portugal, *Meio-Dia*, pelo sul da França ou de outros países, *Ocidente*, por ocidente europeu, *Oriente*, por oriente asiático.
> h. Em siglas, símbolos ou abreviaturas internacionais ou nacionalmente reguladas com maiúsculas, iniciais ou mediais ou finais ou o todo em maiúsculas: *FAO, NATO, ONU*; *H2O, Sr., V. Ex.ª*. (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 2009, p. 31).

É fácil deduzir pelas regras anteriores que, na nossa língua, são poucos os casos de uso da letra maiúscula, o que pode justificar o maior número de inadequações no uso de minúsculas em contextos de maiúsculas, porque o uso de minúsculas é predominante na língua portuguesa do Brasil.

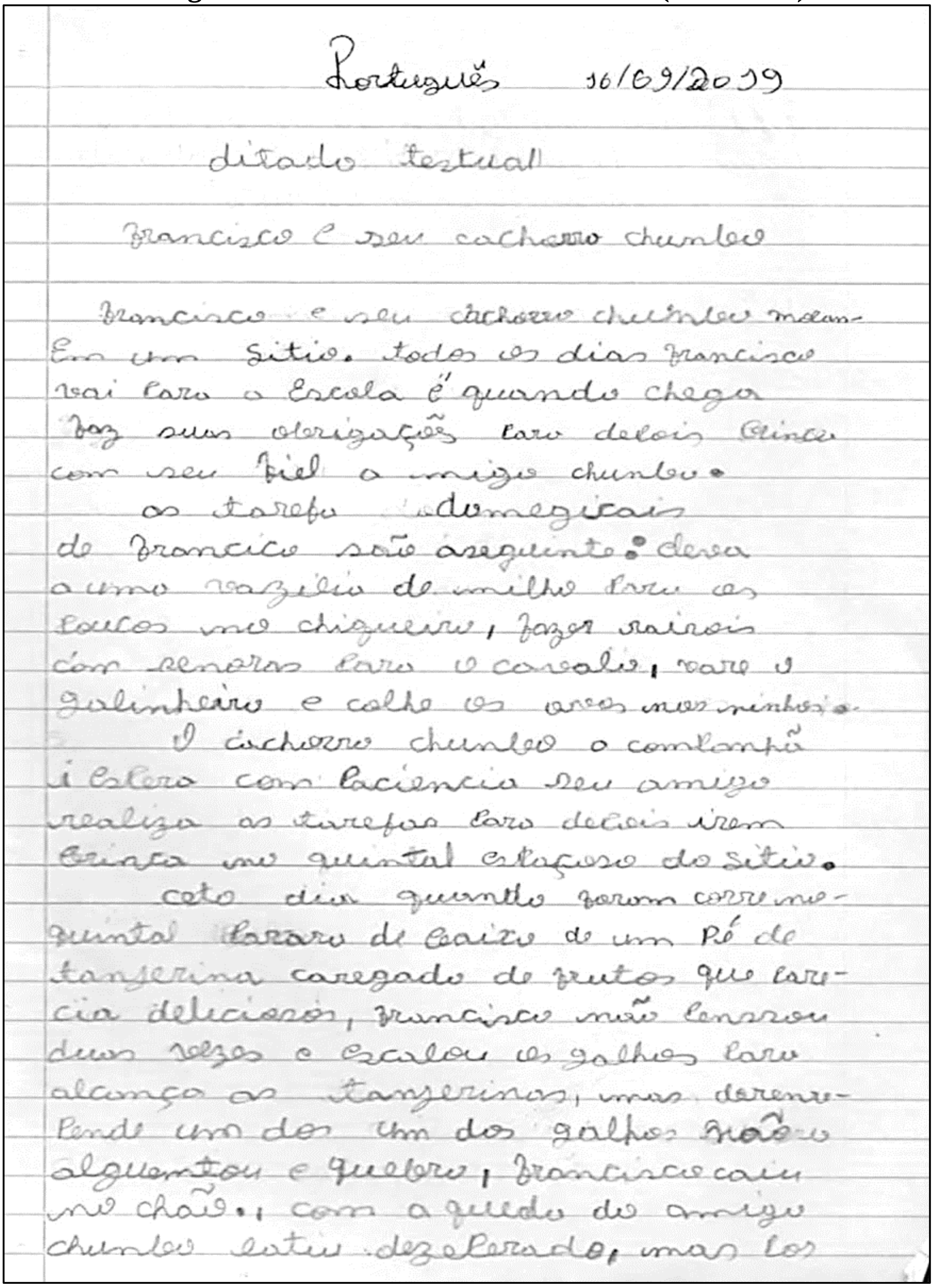
Fica notória, também, conforme dispõe a letra b., do VOLP, a necessidade do uso de letra inicial maiúscula em topônimos, daí a importância de atrelarmos o estudo dos topônimos dos logradouros do distrito de Alvação, município de Coração de Jesus ao ensino do uso de letras maiúscula e minúscula. Com um objetivo de nosso trabalho, acabamos por atender duas questões relevantes, uma histórico-social-semântica e a outra linguística.

Como afirmado, pudemos perceber o uso recorrente e indevido de letras minúsculas em nomes próprios, pois, estranhamente, os alunos conseguem grafar adequadamente com letras maiúsculas as palavras em início de enunciados e após pontuação pertinente, mas, a grafia de nomes próprios é feita inadequadamente. A maior recorrência de inadequações quanto ao uso indevido de maiúsculas, no texto do gênero ditado, foi na grafia de dois nomes próprios: Francisco e Chumbo (nome do cachorro).

Quanto ao uso indevido de maiúscula no meio do texto, os casos que acorreram indicam

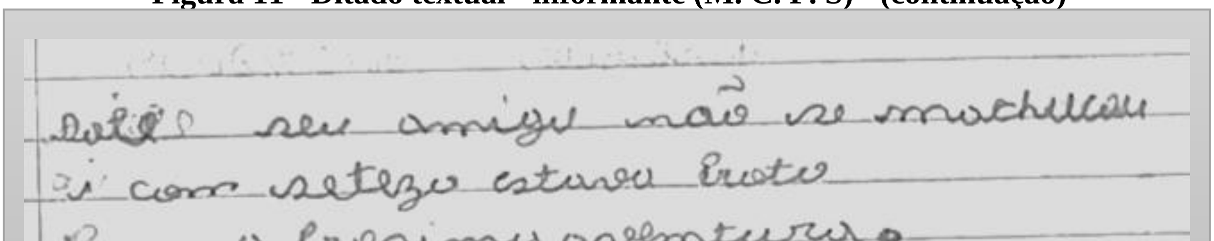
que o aluno ainda não sabe distinguir uma letra maiúscula de uma minúscula, pois utiliza ambos os tipos em uma mesma palavra, conforme comprova o texto da informante (M. C. P. S), em seu original e digitalizado, logo a seguir. Vale dizer, ainda, que esta aluna, diferentemente dos outros, se complica com o uso das maiúsculas também no início de sentenças.

Figura 10 - Ditado textual - informante (M. C. P. S)


Português 16/09/2019
ditado textuall
Francisco e seu cachorro chumbo
Francisco e seu cachorro chumbo moram-
Em um Sitio. todos os dias Francisco
vai Paro a Escola é quando chega
Faz suas obrigações paro depois Brinca
com seu fiel amigo chumbo.
os tarefa domegicais
de Francico são aseguinte: deva
a umo vazilia de milho Paru os
Paucos no chiqueiru, fazer raiçois
cón cenoras Paro o cavalo, vare o
galinheiro e colhe os oves nos ninhos.
O cachorro chumbo o comlonpã
i Espero com paciencia seu amigo
realiza as tarefas Paro depois irem
Brinca no quintal estaçoso do sitio.
ceto dia quando forom corre no-
quintal Pararo de Baixo de um Pé de
tanjerina caregado de frutos que Pare-
cia deliciosos, Francisco não Pensou
duas vezes e Escalou os galhos Paro
alcanço as tanjerinas, mas derepen-
Pende um dos um dos galhos não
alguentou e quebro, Francisco caiu
no chão., com a queda do amigo
chumbo latiu dezeperado, mas Pos

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, 2020.

Figura 11 - Ditado textual - informante (M. C. P. S) - (continuação)


Pois seu amigo não se machucou
i com setezo estava Proto

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Quadro 13 - Versão digitada – aluno (M. C. P. S) Atividade 2

Português 16/09/19

ditado testual

francisco e seu cachorro chunbo

francisco e seu cachorro chunbo moram
Em um Sitio. todos os dias francisco
vai Para a Escola é quando chega
faz suas obrigações, Para dePois
brinca com seu fiel a migo chunbo.
as tarefa domegicais
de francisco são aseguinte: leva
uma vazilia de milho Para os
Poucos no chiqueiro, fazer raisois
com senouras Para o cavalo, vare o
galinheiro e colhe os ovos nos ninhos.
O cachorro chunbo a comPanhã
i espera com Paciencia seu amigo
realiza as tarefas Para dePois irem
brinca no quintal esPaçoso do Sitio.
ceto dia quando foram corre no
quintal, Parara de baixo de um Pé de
tanjerina caregado de frutos que Pare
cia deliciosos. francisco não penssou
duas vezes e escalou os galhos Para
alcança as tanjerinas, mas derenre
Pende, um dos galhos não
alguentou e quebro, francisco caiu
no chão. com a queda do amigo
chunbo latiu dezesPerado, mas Por
sote seu amigo não se machucou
e com seteza estava Proto
Para a Prosima avemtura.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Destaca-se, sobremaneira, no texto anterior o uso que a informante faz da letra "p" sempre grafada com letra maiúscula, indiscriminadamente, independentemente de ele aparecer no início ou meio da palavra.

Nota-se também que, inexplicavelmente, pelo menos em princípio, apenas um dos parágrafos é iniciado com letra maiúscula, e os nomes próprios do cachorro (Chumbo) e do menino Francisco foram também grafados com letra inicial minúscula.

O gênero textual ditado aplicado como atividade diagnóstica nos permitiu perceber muitas inadequações que podem não aparecer no gênero de produção textual livre, uma vez que, ao produzir o gênero textual ditado, o aluno não é livre para escolher os vocábulos que irá utilizar, enquanto que, no gênero textual de produção livre, o aprendiz, certamente, fará escolha pelo léxico mais usual, de seu dia a dia. Por exemplo, na produção textual livre, o aluno que não soubesse escrever o nome próprio "Francisco", grafado inadequadamente em muitos textos, optaria por um nome mais simples e com o qual ele tem mais familiaridade.

4.3.2.1.2 Atividade 3: "Produção textual tema livre"

Quadro 14 - Produção textual tema livre

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

Pesquisa: A toponímia no ensino fundamental: um estudo dos nomes dos logradouros de Alvação, distrito de Coração de Jesus/MG.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Vieira Coelho
Mestranda: Prof.ª Raquel Ribeiro Guimarães Mota
Escola: Estadual São Sebastião - **Turma:** 6º Ano - **Data:**__/___/_____
Disciplina: Língua Portuguesa

ATIVIDADE 03: "Produção textual tema livre"

Proposta:

Produza um texto contando uma história sobre alguma aventura que você viveu ou algo que tenha acontecido a você. Pode escolher: uma pescaria, um passeio a cavalo, um dia de trabalho na roça (plantando, colhendo ou tirando leite), um banho de rio, um piquenique etc. Fique à vontade para escolher, e dar um título a sua história.

Comandos:
- O texto precisa ter um título e ter no mínimo 10 linhas.
- A história contada deve conter início, meio e fim.
- A sua letra deve ser legível.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Este relatório de atividade diagnóstica: “produção textual tema livre” refere se ao 6º ano do ensino fundamental da Escola Estadual São Sebastião, do turno vespertino e a turma é composta por 25 alunos, no entanto, apenas 18 alunos realizaram a atividade, pois na data de sua realização, 08 de maio de 2019, 07 alunos estiveram ausentes. A infrequência é uma realidade inconteste nessa turma.

A etapa diagnóstica foi aplicada com a finalidade de averiguarmos o texto escrito dos alunos do 6º ano. Vale lembrar que, nessa turma, há alguns alunos que ainda não foram alfabetizados e, por isso, produziram seus textos por meio de ilustrações.

No dia 08 de maio de 2019 esta atividade foi aplicada pela pesquisadora que é também a professora regente de aulas de língua portuguesa. A aplicação ocorreu em dois horários geminados, depois do intervalo; não houve interrupção e tudo transcorreu dentro da normalidade de uma sala de aula.

Os alunos escreveram o texto em uma folha de rascunho e depois o transcreveram para a folha de resposta. Eles tiveram liberdade para escolher se escreviam a lápis ou a caneta, pois o alunado do 6º ano ainda não está de todo acostumado ao uso de caneta.

O Quadro 15, a seguir, apresenta o levantamento das inadequações da escrita apresentadas nos textos dos alunos do 6º ano do ensino fundamental.

Quadro 15 - Descrição de atividade diagnóstica produção textual

IDENTIFICAÇÃO	**TIPO DE INADEQUAÇÃO**						
	Troca de letras	Supressão de letras	Juntura	Segmentação indevida	Acréscimo de letras	Uso indevido de minúscula	Redução verbal
Total	60	28	5	1	10	1	4
	OUTROS CASOS MENOS RECORRENTES						
IDENTIFICAÇÃO	**TIPO DE INADEQUAÇÃO**						
	Rotação de letras		Supressão de “S” na 1ª pessoa do plural	Troca de tempo verbal	Ditongação	Regência nominal	Uso indevido de maiúscula
Total	1		6	1	1	1	3

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2019.

Os problemas encontrados nos textos foram classificados e divididos em alguns aspectos sobre os quais passamos a discorrer. Alguns processos são muito recorrentes e outros quase não acontecem.

Os processos de trocas de letras são alguns dos mais recorrentes nos textos dos alunos.

Encontramos nesse processo a troca das consoantes nasais sonoras (M/N e NH), a troca de consoantes oclusivas: bilabiais (P/B) e linguodentais (D/T), labiodentais (F/V) e palatais (G/J antes de "e/i"), além da troca de letras na representação dos sons do S/Z/SS/SC/S/Ç.

Posteriormente, analisamos os processos de supressão de letras que ocorrem com maior frequência. A monotongação, como em *pexe* por *pe**i**xe*, a supressão de M/N/NH em sílabas nasais, como em *tabe/também*, a supressão do "r," como ocorre em *touxe/trouxe*, e ainda a representação gráfica de alguns dígrafos, como em *asadar/assada* e *aros/arroz.*

Os processos de junção e de segmentação indevidas não foram notados com muita recorrência, no tipo de produção textual em análise, assim como o uso indevido de letras minúsculas no lugar das minúsculas, encontrado apenas uma vez.

Entre os outros processos que também não foram muito recorrentes encontramos a redução verbal, que ocorre, por exemplo, em (tava/estava), a rotação de letras (trade/tarde), supressão do "S" na primeira pessoa do plural (comemo/comemos), acréscimo de letras (hônibus/ônibus), e ainda o complemento verbal (andar de cavalo/ andar a cavalo).

Embasados pela tabela apresentada anteriormente e pela recorrência de erros encontrados na produção textual dos informantes do 6º ano, é possível afirmar que os alunos apresentam muitas e variadas dificuldades ortográficas, principalmente no que diz respeito à relação entre a pauta sonora e a representação ortográfica.

Nesse sentido, Oliveira (2005, p. 34) afirma que no decorrer do processo de aprendizagem da escrita, o aluno "[...] se move de um sistema de representação calcado na fala para um sistema de representação calcado na língua. Mas sugerimos também que a escrita ortográfica incorpora outras nuances, que o aprendiz deverá superar ao longo de seu processo de aprendizado".

Portanto, após analisar a produção textual dos informantes do 6º ano, concluímos que sua escrita é ainda muito calcada na fala, pois muitos vocábulos são grafados de acordo com a pronúncia da palavra.

4.3.2.1.3 Atividade 4: ditado de frases (provérbios populares)

Quadro 16 - Atividade 4 ditado de frases (provérbios populares)

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

Pesquisa: A toponímia no ensino fundamental: um estudo dos nomes dos logradouros de Alvação, distrito de Coração de Jesus/MG.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Vieira Coelho
Mestranda: Prof.ª Raquel Ribeiro Guimarães Mota
Escola: Estadual São Sebastião - **Turma:** 6º Ano - **Data:**__/___/_____
Disciplina: Língua Portuguesa

ATIVIDADE 04: Ditado de frases (provérbios populares)

PROVÉRBIOS POPULARES

1- Antes só do que mal acompanhado.
2- Casa de ferreiro, espeto de pau.
3- Um dia é da caça, o outro do caçador.
4- Quando um burro fala o outro abaixa a orelha.
5- Pimenta nos olhos dos outros é refresco.
6- O seguro morreu de velho.
7- Gato escaldado tem medo de água fria.
8- Mais vale um pássaro na mão do que dois voando.
9- Em terra de cego quem tem um olho é rei.
10- Existe mal que vem para bem.

Comandos:
As frases ditadas devem ser anotadas na folha do caderno: enumeradas, com letra legível, com a identificação do aluno.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

No dia 19 de setembro de 2019, aplicamos na turma do 6º ano a atividade diagnóstica 04: ditado de frases (provérbios populares). Foram selecionadas 10 frases de provérbios populares de um exercício oral em que cada aluno dizia o dito popular e o significado e, posteriormente, realizamos a atividade de ditado. Da turma do 6º ano composta por 25 alunos, apenas 15 alunos fizeram e entregaram a atividade. Esse baixo número se deve ao fato de que, nessa turma, muitos alunos faltam frequentemente, chegando a ficar até 20 dias sem comparecer à escola; e outros, que não são alfabetizados, não conseguiram realizar as atividades.

O desenvolvimento das atividades ocorreu sem interrupção, as frases foram ditadas e repetidas várias vezes, e cada aluno realizou sua atividade sem consultar o colega ou o material. As frases ditadas foram registradas pelos alunos em uma folha do caderno e devolvidas a nós. A atividade iniciou-se às 14h40min e se encerrou às 15h20min.

A seguir, apresentamos uma tabela com o levantamento de problemas encontrados no ditado de frases aplicado aos alunos.

A opção por desenvolver essa atividade com provérbios foi escolhida por ser um tipo de frase bastante conhecida pelos alunos, visto que as comunidades em que eles vivem fazem uso recorrente desse tipo de frase no cotidiano.

Quadro 17- Sistematização de atividade ditado de provérbios populares

	Frases									Total
1	Antes	Só	Do	Que	mal	Acompanhado				
Número de inadequações	3		0	0	3	7				13
2	Casa	De	Ferreiro	Espeto	De	Pau				
Número de inadequações	1	0	6	2	0	3				12
3	Um	Dia	É	Caça	O outro	É	Do	Caçador		
Número de inadequações	1	0	11	5	0	3	0	8		28
4	Quando	Um	Burro	Fala	O Outro	Abaixa	A orelha			
Número de inadequações	2	0	4	1	2	5	9			23
5	Pimenta	Nos	Olhos	Dos	Outros	É	Refresco			
Número de inadequações	2	4	4	4	6	8	4			32
6	O	Seguro	Morreu	De	Velho					
Número de inadequações	0	2	7	0	3					12
7	Gato	Escaldado	Tem	Medo	De	Água	Fria			
Número de inadequações	1	7	1	2	0	5	1			17
8	Mais	Vale	Um	Pássaro	Na	Mão	Do Que	Dois	Voando	
Número de inadequações	2	3	0	12	1	2	0	2	5	27
9	Em	Terra	De	Cego	Quem	Tem	Um Olho	É	Rei	
Número de inadequações	2	5	0	7	2	2	1	11	2	32
10	Existe	Mal	Que	Vem	Para	Bem				
Número de inadequações	6	5	0	4	0	3				18
Total geral										212

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2019.

A atividade sistematizada no Quadro 17 anterior revelou as diversas dificuldades

ortográficas de escrita dos alunos. Essa atividade foi pensada com o intuito de revelar problemas no uso de dígrafos, como o "rr"; a troca de letras, como no caso das consoantes oclusivas labiodentais /v/ e /f/, como em *fale/vale*; a troca das consoantes c/s/sc/ss/z, como em *sego/cego* e *pasaro/pássaro*, dentre vários outros.

Esses problemas de escrita revelaram que muitos conhecimentos que já deveriam ter sido internalizados pelos alunos do 6º ano ainda não haviam sido consolidados, e que, por essa razão, deixaram uma lacuna no aprendizado que precisa ser preenchida, para que os alunos adquiram saberes necessários relativos às regras que regem a escrita ortográfica, e as dominem.

4.3.2.1.4 Atividade 5: ditado frasal

A seguir, apresentamos a atividade 05 (Quadro 18) e a sistematização de dados a ela referentes. Essa atividade adotou também o gênero ditado. Oito frases foram ditadas para que os alunos as registrassem. Essas frases foram utilizadas porque conseguem representar algumas irregularidades ortográficas que causam bastantes dificuldades na representação gráfica do vocábulo.

Quadro 18 - Atividade 5 - A toponímia no ensino fundamental

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

Pesquisa: A toponímia no ensino fundamental: um estudo dos nomes dos logradouros de Alvação, distrito de Coração de Jesus/MG.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Vieira Coelho
Mestranda: Prof.ª Raquel Ribeiro Guimarães Mota
Escola: Estadual São Sebastião – **Turma:** 6º Ano - **Data:**__/___/_____
Disciplina: Língua Portuguesa

ATIVIDADE 05: Ditado de frases
Frases do ditado:

1- *O trem anda no trilho.*
2- *Obrigado por comparecer à reunião.*
3- *Lúcia sujou o avental com corante.*
4- *O peixe é um dos ingredientes da moqueca.*
5- *A mangueira estava carregada de frutos.*
6- *O barulho da guitarra elétrica é estridente.*
7- *A nação brasileira está em crise.*
8- *O índio é um herói nacional.*

Comandos:

As frases ditadas devem ser anotadas na folha do caderno e enumeradas, com letra legível, com a identificação do aluno.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

No dia 19 de setembro de 2019, foi aplicada a atividade diagnóstica com o gênero textual ditado, "ditado de frases". Do texto do ditado constavam 08 frases de média extensão, todas

elaboradas pela professora de língua portuguesa da turma do 6º ano. Como sabemos, essa turma é composta por 25 alunos e desses apenas 15 alunos, o que representa (60%) da turma, realizaram e entregaram a atividade; uma parcela da turma estava ausente, e outros alunos, embora presentes, por não serem ainda alfabetizados, obviamente, não conseguiram realizar a atividade.

O desenvolvimento da atividade ocorreu dentro da normalidade da sala de aula. As frases foram ditadas e repetidas várias vezes e cada aluno realizou sua atividade sem consultar o colega ou o material. Os alunos anotaram em uma folha pautada de caderno, uma vez que esse tipo de folha é a que utilizam no dia a dia. As frases ditadas foram registradas e entregues à professora. A atividade teve duração de 40 minutos, e iniciou-se às 16h 40min.

O Quadro 19, a seguir apresenta o levantamento do ditado de frases aplicado aos alunos do 6º ano, com a finalidade de perceber as dificuldades de escrita apresentadas, e ainda reforçar o que foi apresentado no ditado do quadro anterior, utilizando vocábulos que confirmaram as mesmas dificuldades de grafia apresentadas no Quadro 17 - Sistematização de atividade ditado de provérbios populares.

Quadro 19 - Sistematização de dados ditados de frases aleatórias

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2019.

	FRASES											Total
	O	Trem		Anda			no		trilho			
Número de inadequações	1	5		3			1		7			15
Frase 2	Obrigado		por	comparecer			a		reunião			
Número de inadequações	7		4	9			0		5			27
Frase 3	Lúcia		Sujou	O		avental			com		corante	
Número de inadequações	11		6	1		8			1		2	29
Frase 4	O	peixe	É	Um dos		Ingredientes			da		moqueca	
Número de inadequações	4	2	13	0	0	10			1		5	35
Frase 5	A	mangueira		estava	carregada			De	frutos		maduros	
Número de inadequações	2	10		1					5		5	23
Frase 6	O	Barulho	Da	guitarra			Elétrica		é		estridente	
Número de inadequações	4	5	0	8			12		1		6	36
Frase 7	A nação		Brasileira			está		em			crise	
Número de inadequações	6		7			10		1			4	28
Frase 8	O	Índio	É	Um			herói				nacional	
Número de inadequações	2	11	11	0			12				4	40
Total geral												233

Ao analisarmos o levantamento desses problemas encontrados nesse tipo textual, percebemos que esse ditado de frases serviu para reforçar as conclusões a que chegamos com base na primeira atividade de ditado com provérbios populares. Não foi difícil perceber os mesmos tipos de inadequações e a recorrência de problemas ortográficos relativos à representação gráfica dos sons.

Após a sistematização e análise dos resultados das duas fases da etapa diagnóstica, conforme esclarecemos nos procedimentos metodológicos, um recorte dos problemas ortográficos seria feito, para ser trabalhado na Proposta de Práticas de Ensino. Deixamos claro, ainda, na metodologia que o trabalho com a dificuldade ortográfica seria atrelado ao estudo da Toponímia. Por isso, acreditamos ser sido pertinente trabalhar também o uso de maiúsculas e minúsculas.

Não é demais reiterar que o recorte a que procedemos para o trabalho com o uso de maiúsculas e minúsculas deveu-se a algumas questões já explicitadas, como o fato de a Primeiramente, que a Toponímia estudar os nomes próprios de lugares e que o VOLP (2009) determina que nomes próprios devam ser grafados com inicial maiúscula. Isto nos remete à segunda questão: as atividades diagnósticas revelaram que inadequações quanto ao uso de maiúscula e minúscula são um problema recorrente na escrita dos alunos participantes desta pesquisa, o que revigora a intenção de resolver também esta questão.

Portanto, resumindo, esta pesquisa é um estudo Toponímico atrelado ao trabalho de ensino de regras ortográficas, mais especificamente, o uso de maiúsculas e minúsculas.

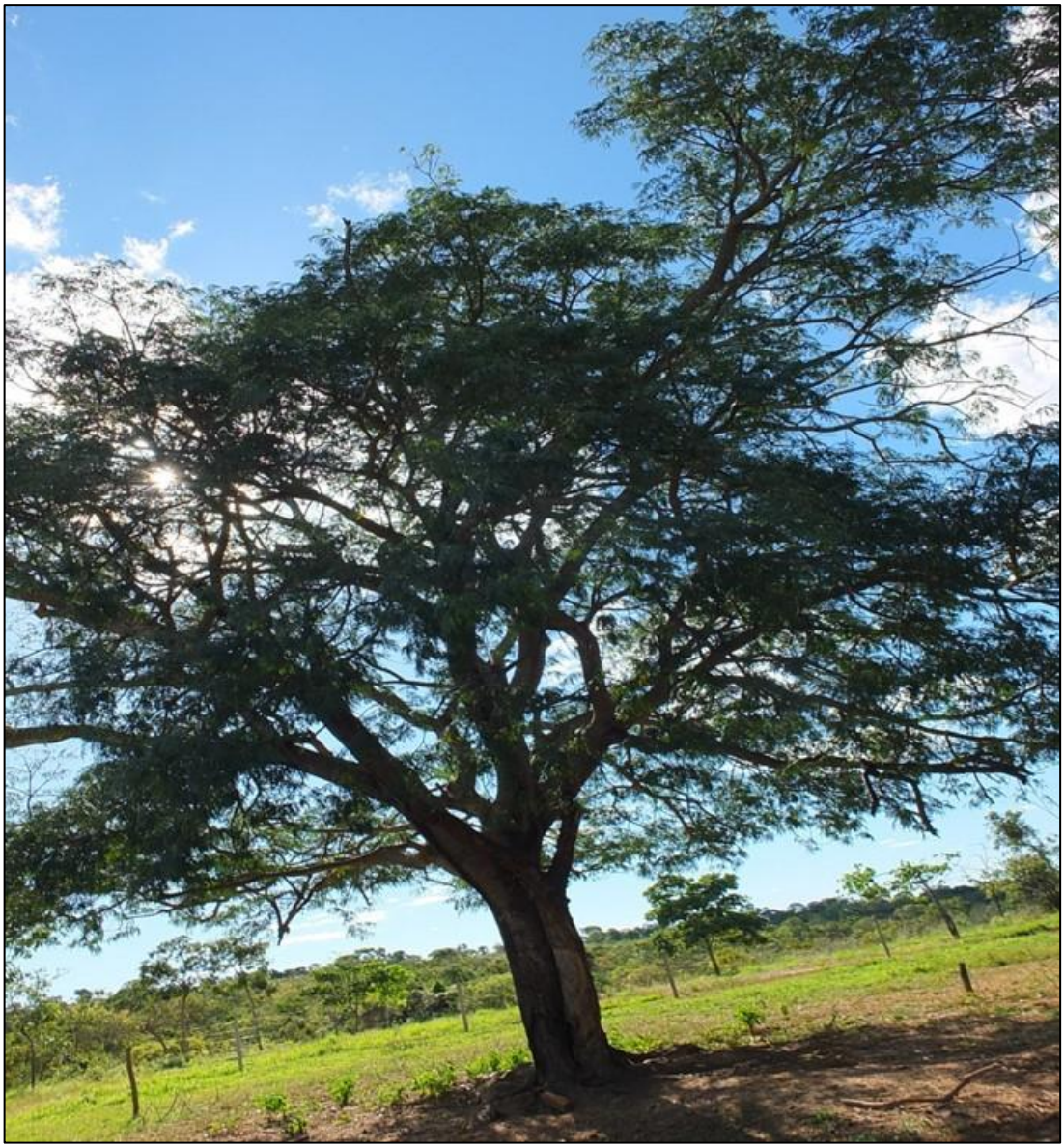
A turma do 6º ano de 2019, *corpus* e alvo desta pesquisa é descrita no capítulo sobre metodologia, sofreu poucas alterações em 2020.

A turma funcionava no turno vespertino com 25 alunos, no ano subsequente a turma passou a contar com 22 alunos matriculados no 7º ano, tendo entre eles uma aluna novata, ou seja, dos 25 alunos, 21 seguiram com a turma, pois 01 aluno foi transferido e 03 foram reprovados; vale lembrar que esses alunos já eram repetentes no 6º ano, portanto com distorção idade/série. Ainda que o principal motivo da reprovação desses alunos tivesse sido a infrequência, porque compareciam à escola esporadicamente, fato que, obviamente, afetou seu aprendizado, e resultou em sua reprovação.

A escola sempre notifica os pais sobre alunos infrequentes, além de informar aos órgãos competentes, como o Conselho Tutelar e o Ministério Público, entretanto, as ações e medidas tomadas por esses órgãos são lentas e quase sempre não logram êxito. Não discutimos aqui os motivos da infrequência dos alunos, mas, podemos supor que a maioria dos casos está atrelada a questões sociais e econômicas.

A seguir, descrevemos no capítulo 5 nossa “Proposta de Práticas de Ensino: a toponímia no ensino fundamental”, durante a qual apresentamos os minicursos e as oficinas elaborados com base em nossa fundamentação teórica no capítulo 2, e nos resultados da etapa diagnóstica desta pesquisa.

Foto 4 - Árvore Tamboril



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

5 PROPOSTA DE PRÁTICAS DE ENSINO

A presente proposta de práticas de ensino norteou-se pelos objetivos desta pesquisa e pelos resultados da análise das atividades diagnósticas, e leva em consideração o conhecimento toponímico sob as seguintes dimensões:

a) **Pragmática**, no sentido de os brasileiros, principalmente os que habitam o pequeno espaço rural do município de Coração de Jesus, conhecerem as origens e os usos dos nomes dos logradouros onde vivem;
b) **Semântica**, com o intuito de pesquisar os sentidos dos nomes dos logradouros e trazê-los ao conhecimento da população do local e à aprendizagem formal dos aprendizes;
c) **Gramatical**, com o propósito de apresentar e discutir os aspectos gramaticais referentes aos nomes dos logradouros, como, por exemplo, aqueles que possuem nomes compostos ou simples;
d) **Ortográfica**, com o objetivo de fazer conhecer como se registram os nomes dos logradouros;

O estudo toponímico possui caráter interdisciplinar, uma vez que engloba conhecimentos de diversas disciplinas das áreas de conhecimento, permitindo obter dados relacionados à história do grupo, às características geográficas do espaço denominado, e os que envolvem as relações estabelecidas entre o homem, a sociedade e o meio ambiente, entre outras, abordando a linguagem sob diversas dimensões, conforme mencionamos anteriormente e, conforme Dick (2008):

> A contribuição dos estudos toponímicos, ou, melhor dizendo, dos estudos onomásticos, mais amplos, à língua portuguesa, como se disse, é reconhecida sem deixar dúvidas, como entendo. Pela própria natureza desses estudos, sua sistematização apoia-se em uma metodologia de trabalho que tende a ser bastante rígida, do ponto de vista onomasiológico e semasiológico. O material de estudo é amplo, como ampla é a capacidade de criação e arranjos paradigmáticos dos indivíduos que introduzem as formas nomeadoras em um determinado universo. Forma-se, assim, uma rede de implicações linguísticas, abordáveis de vários ângulos, sintático, morfológico, lexical, semântico, em combinatórias ou não. É a interpretação dessa forma de língua tornada nome ou termo que permite a passagem do plano cognitivo ou científico para o plano afetivo das considerações imediatas ou próprias do observador-enunciador. O professor de língua portuguesa, dentro desse elenco riquíssimo de variação vocabular, constituído espontânea ou sistematicamente, tem condições de aplicar as teorias enunciativas nos diferentes campos semânticos revelados pelas unidades lexicais – que identifico como unidades de expressão terminológica. Essas unidades sintagmáticas presentes na memória popular, ou inscritas em uma carta ou mapa constituem, na prática, um verdadeiro texto, em que se distinguem os mesmos elementos formadores presentes em obra de natureza diversa. Assim, surgem os nomes místicos, realistas, descritivos, que a etnolinguística vai procurar decifrar**.** (DICK, 2008).

Os objetivos definidos para esta pesquisa incluem estudar o léxico toponímico dos nomes dos logradouros rurais do distrito de Alvação, município de Coração de Jesus e, por meio deste, revisar conhecimentos gramaticais e ortográficos do ensino fundamental I. Com relação aos conhecimentos ortográficos fizemos um recorte para tratar do uso das letras maiúsculas e minúsculas, problema recorrente na escrita dos alunos participantes da pesquisa e cujo estudo pode ser atrelado ao dos nomes do logradouros, viabilizando, uma possível solução.

A Proposta, a seguir, é a segunda etapa da pesquisa, uma vez que a primeira etapa já está concretizada.

Como a proposta de práticas de ensino é composta por Minicursos e Oficinas, faz-se necessário, a esta altura, esclarecer o que entendemos por Minicurso e Oficina. Esta, segundo o dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras ABL (ABL, 2009, p. 918), pode ser entendida como "um curso prático onde se exercite a atividade artística e intelectual".

Já para o termo Minicurso, o processo de formação de palavras nos diz que *mini* é substantivo de dois gêneros, com o sentido de bem pequeno. Ele opera como elemento antepositivo de alguns substantivos, por exemplo, minissaia, para atribuir características (qualidades e estados) ao segundo termo.

Ao contrário da oficina, o foco do minicurso é mais teórico, mas não impede que aconteçam dinâmicas e/ou estudos de caso, durante o período em que são ministrados. Podem ser também utilizados para aperfeiçoar o conhecimento de quem já tem certo domínio sobre o assunto, mas quer uma especialização mais abrangente.

5.1 Toponímia no ensino fundamental: organização geral da proposta de trabalho

A presente proposta se organiza em três minicursos e uma oficina.

a) O Minicurso 1:
   - aborda o Conhecimento toponímico, dividido em duas atividades,
     Atividade I- Princípios básicos da toponímia;
     Atividade II- Natureza motivacional do topônimo: taxonomias.

b) O Minicurso 2:
   - trata das: Fichas lexicográficas toponímicas com *Atividade I*- Modelo de Ficha lexicográfico-toponímica

c) O Minicurso 3:
   - estuda o Uso de maiúsculas e minúsculas com a *Atividade I*- regras para o uso de maiúsculas e minúscula.

d) Oficina: dividida em cinco atividades:
   - *Atividade I*: Consulta em dicionários etimológicos e onomasiológicos, atuais e antigos, regionais, históricos e geológico-geomorfológicos;
   - *Atividade II*: Rodas de Conversas;
   - *Atividade III*: Transcrição e digitação das entrevistas;
   - *Atividade IV:* Registros fotográficos dos logradouros; e
   - *Atividade V:* Preenchimento das fichas lexicográfico-toponímicas.

5.1.1 Minicurso I: Onomástica e toponímia

Este minicurso é constituído por duas atividades: *a atividade 1 tem por objetivo apresentar termos básicos*

a) Atividade 1: Princípios básicos da toponímia
   - Conceitos básicos para o estudo toponímico, na qual se deve discorrer sobre os principais conceitos para o entendimento da pesquisa toponímica. O objetivo é levar o aluno entender os principais termos da pesquisa, ampliar o vocabulário, adquirir novos conhecimento. É uma atividade importante para que os alunos participantes entendam o significado dos termos usados com frequência durante a realização da investigação toponímica; a atividade não possui caráter avaliativo.

b) Atividade 2: Natureza motivacional do topônimo: taxonomias
   - aborda a Natureza motivacional do topônimo e as Taxonomias. O objetivo principal é apresentar as taxonomias de Dick e as motivações de cada taxonomia.

Atividade 1: desenvolvida em uma aula expositiva, na qual explica-se cada um dos termos e dos conceitos acerca da toponímia. Os recursos materiais necessários para o

desenvolvimento da atividade são dicionários para consulta se necessário, cópias xerox do texto *Conceitos básicos ao estudo toponímico* com base em teorias da Lexicologia e lexicografia; Onomástica, toponímia e toponímia e ensino dos autores, a seguir:

a) Almeida e Correia (2008),
b) Biderman (2001),
c) Carvalho (2012),
d) Carvalinhos (2002, 2003),
e) Dick (1990a, 1990b, 2002-2003, 2006),
f) Houaiss e Villar (2009),
g) Isquerdo (1997),
h) Krieger (2006),
i) Sapir (1969),
j) Seabra (2006),
k) Sousa (2012),
l) Zavaglia e Welker (2008a, 2008b).

O tempo previsto para a aplicação das atividades é de 02 horas/aula, de 50 minutos cada uma.

Apresentamos, a seguir, as duas atividades que constituem este minicurso.

UNIVERSIDADE ESTADUAL D E MONTES CLAROS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

Pesquisa: A toponímia no ensino fundamental: um estudo sobre os nomes dos logradouros de Alvação, distrito de Coração de Jesus/MG.

Orientadora: Profa. Dra. Maria do Socorro Vieira Coelho

Pesquisadora: Profa. Raquel Ribeiro Guimarães Mota

Local: Escola Estadual São Sebastião – Alvação/2021

Disciplina: Língua Portuguesa

Aluno (a): _____**Turma:** 6º Ano:_____

MINICURSO 1: ONOMÁSTICA E TOPONÍMIA

ATIVIDADE 1: Conceitos básicos ao estudo toponímico

A toponímia é um ramo da ciência que estuda os nomes próprios de lugares, ou seja, estados, municípios, distritos, entre outros logradouros. Para realizar uma pesquisa toponímica, são necessários conhecimentos sobre conceitos, ou seja, é preciso compreender os termos utilizados nessa pesquisa. Para tanto, elaboramos, a seguir, uma listagem com as definições básicas dos termos recorrentemente utilizados nos estudos toponímicos:

1. **Antrotoponímia**: disciplina que estuda os nomes próprios de pessoas.
2. **Documentador:** pesquisador que realiza os registros da pesquisa, realiza as entrevistas e transcrições.
3. **Informante**: é a pessoa a ser entrevistada, e que dará informações sobre os topônimos estudados.
4. **Léxico:** conjunto de palavras de uma língua.
5. **Logradouro**: refere se aos espaços da pesquisa, neste caso as fazendas e povoados.
6. **Macrotopônimo**: topônimo que identifica um espaço mais extenso como um município ou uma cidade.
7. **Microtopônimo**: topônimo que identifica um espaço menos extenso como um povoado ou um bairro.
8. **Natureza antropocultural**: identificação sobre se a motivação diz respeito a algum elemento humano do lugar nomeado, ou seja, relacionado à cultura e/ou história do local.
9. **Natureza física**: identificação sobre se a motivação diz respeito a algum aspecto físico do lugar nomeado, por exemplo, o nome é relacionado à geografia do lugar.
10. **Nomeado**r: aquele que batizou, ou seja, que deu determinado nome ao lugar.
11. **Nome paralelo**: é o nome pelo qual o logradouro também é conhecido.
12. **Onomástica**: disciplina linguística que se ocupa de estudar nomes próprios de lugares (Toponímia), nomes próprios de pessoas (Antroponímia).
13. **Taxionomias**: categorias que classificam os topônimos de acordo com sua carga semântica.
14. **Toponímia**: disciplina que estuda os nomes próprios de lugares.
15. **Topônimo**: nome próprio de um determinado lugar.

16. _____
17. _____
18. _____
19. _____
20. _____

Atividade 2: para a realização dessa atividade também se utiliza uma aula expositiva para explicar as categorias taxonômicas propostas por Dick (1990ab). Para o desenvolvimento desta atividade os recursos materiais necessários são cópias xerox do texto com as referidas classificações taxonômicas. O tempo previsto para a aplicação das atividades é de 02 horas/aula, de 50 minutos cada uma.

Nesta etapa, faz-se necessário, também, que o professor apresente os objetivos do estudo, a importância e a contribuição que ele trará para os estudos da toponímia, para a comunidade, tanto no momento atual, quanto no futuro, e também, para a preservação do patrimônio toponomástico.

É importante também delinear a área da pesquisa, ou seja, especificar a área que o estudo contempla: uma comunidade, um povoado, um bairro, uma cidade, um município, um distrito, entre outros.

a) Atividade 2 - Natureza motivacional do topônimo: Taxonomias

UNIVERSIDADE ESTADUAL D E MONTES CLAROS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

Pesquisa: A toponímia no ensino fundamental: um estudo sobre os nomes dos logradouros de Alvação, distrito de Coração de Jesus/MG.

Orientadora: Profa. Dra. Maria do Socorro Vieira Coelho

Pesquisadora: Profa. Raquel Ribeiro Guimarães Mota

Local: Escola Estadual São Sebastião – Alvação/2021

Disciplina: Língua Portuguesa

Aluno (a): _____**Turma:** 6º Ano:_____

MINICURSO 1: ONOMÁSTICA E TOPONÍMIA

ATIVIDADE 2: Natureza motivacional do topônimo: Taxonomias

Ao estudar a toponímia de um lugar, é necessário considerar as motivações, as razões que levaram o nomeador a escolher determinado nome, uma vez que o signo toponímico não é arbitrário, porquanto na escolha existe uma intencionalidade, que expressa um valor semântico que se relaciona a traços do espaço denominado.

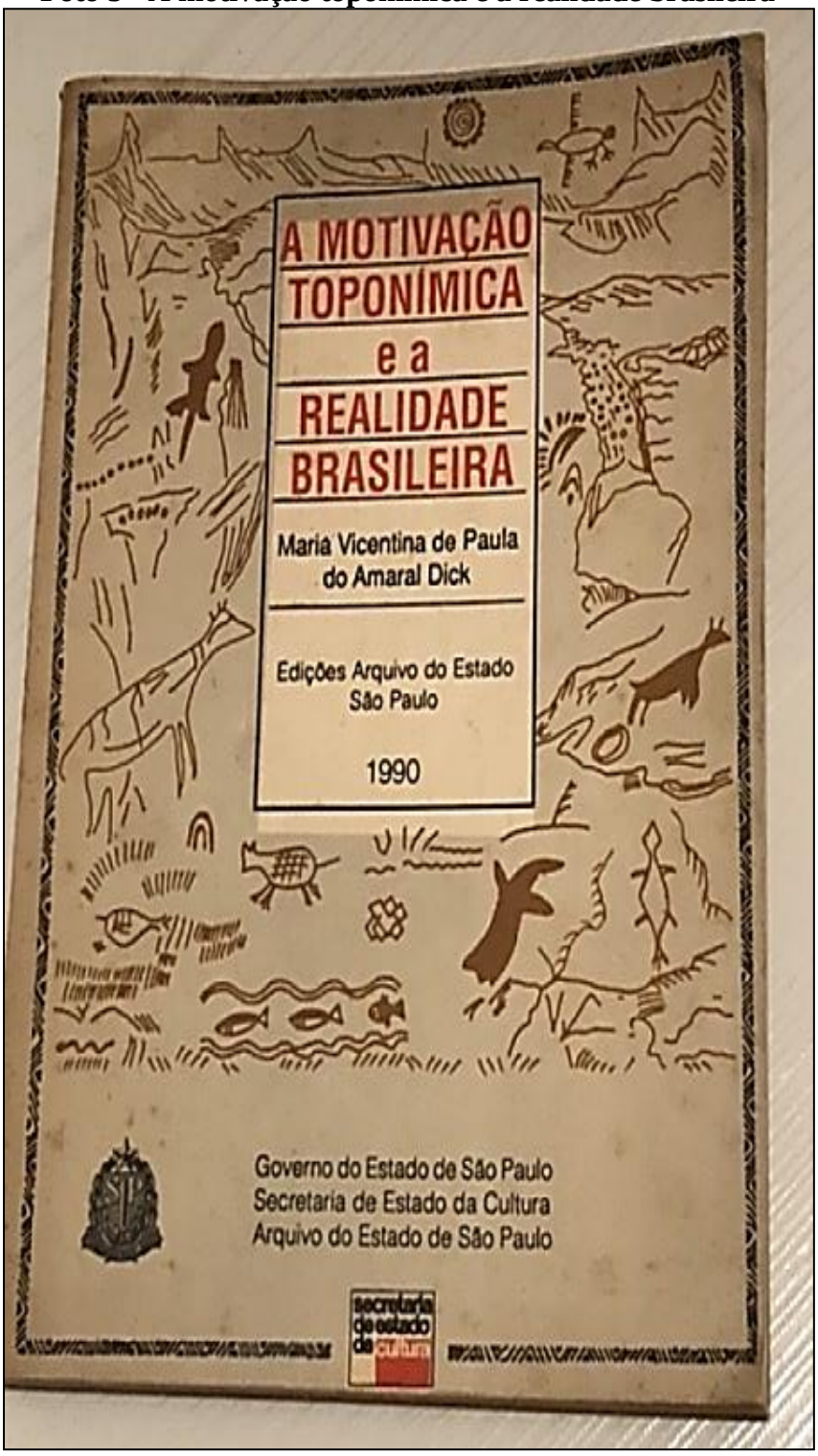
As taxonomias classificam os topônimos de acordo com a carga semântica que carregam, relacionando-os assim com o que motivou o denominador no ato da nomeação. Vejamos, a seguir, as categorias taxonômicas definidas por Dick (1990), que em seu estudo levou em consideração a realidade brasileira.

Antes de estudarmos as categorias taxonômicas, vamos aprender um pouco sobre a autora “Dick” (1990).

Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick é uma professora, pesquisadora e foi pioneira nos estudos toponímicos no Brasil. É graduada Letras Habilitação Português pela Universidade de São Paulo (1973), graduação em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (1960), graduação em Licenciatura Plena Pratica de Ensino Em Português pela Universidade de São Paulo (1973) e doutorado em Linguística pela Universidade de São Paulo (1980). É professora livre-docente da Universidade de São Paulo. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Linguística Aplicada. Atuando principalmente nos estudos da Onomástica (Toponímia e Antrotoponímia).

A Toponímia, área dos estudos lexicais que tem como objeto de estudo os nomes próprios de lugares (topônimos) de acidentes físicos e humanos rurais (rios, córregos, fazendas, sítios...) e urbanos (bairros, avenidas, ruas, praças.), configura-se como uma área de pesquisa solidificada no Brasil. O grande impulso das pesquisas toponímicas no Brasil foi dado por Maria Vicentina Dick, na década de 1980, com a defesa de sua Tese de Doutorado na USP, trabalho publicado em 1990 com o título "Motivação toponímica e realidade brasileira". A teoria toponímica construída por Dick durante mais de três décadas para subsidiar os projetos Atlas Toponímico do Brasil e Atlas Toponímico do estado de São Paulo desenhados por ela orienta as pesquisas na área até a atualidade. A professora Dick é considerada a maior pesquisadora e representante dos estudos toponímicos no Brasil. Dick possui vasta e relevante produção científica nesta área de pesquisa. Mostramos, a seguir, a capa de uma das suas obras. (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LINGUÍSTICA, 2021).

Foto 5 - A motivação toponímica e a realidade brasileira



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Quadro 20 - Taxonomias de natureza antropocultural relacionadas ao homem e à sua relação com a sociedade e cultura

TAXONOMIAS	DEFINIÇÃO
a. Animotopônimos (ou nootopônimos)	Topônimos relativos à vida psíquica, à cultura espiritual (fé, união, esperança).
b. Antropotopônimos	Topônimos relativos aos nomes próprios individuais (Santos, Amaral).
c. Axiotopônimos	Topônimos relativos aos títulos e dignidades que acompanham nomes próprios individuais (Dom, frei, Padre).
d. Corotopônimos	Topônimos relativos a nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes (Bairro Los Angeles, Fazenda Belo Horizonte).
e. Cronotopônimos	Topônimos relativos aos indicadores cronológicos representados pelos adjetivos *novo (a), velho(a)* (Nova Esperança, Poço Velho).
f. Ecotopônimos	Topônimos relativos às habitações em geral (toca, ninho, casa).
g. Ergotopônimos	Topônimos relativos a elementos da cultura material (moeda, engenho).
h. Etnotopônimos	Relativos a elementos étnicos isolados ou não (tribos, índios, castas).
i. Dirrematopônimos	Topônimos constituídos de frases e enunciados linguísticos (vai e vem, vai quem quer).
j. Hierotopônimos	Topônimos relativos a entidades e temas sagrados referentes a diferentes crenças (santo, cruz.).
k. Historiotopônimos	Topônimos relativos aos movimentos de cunho histórico, seus membros e às datas comemorativas (Tiradentes, revolução).
l. Hodotopônimos	Topônimos relativos às vias de comunicação urbana ou rural (avenida, atalho, trilho).
m. Numerotopônimos	Topônimos relativos aos adjetivos numerais (dois, quatro, seis).
n. Poliotopônimos	Topônimos relativos aos vocábulos vila, aldeia, cidade, arraial (Vila das formigas).
o. Sociotopônimos	Topônimos relativos às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos locais de encontro da comunidade (Fazenda Porteiro, Rua Professor).
p. Somatopônimos	Topônimos relativos metaforicamente às partes do corpo humano ou animal (pé, dedo, braço).

Fonte: Elaborado de acordo com Dick (1986, p. 39-40).

Quadro 21- Taxonomias de natureza física, aquelas relacionadas ao ambiente físico

TAXONOMIAS	DEFINIÇÃO
a. Astrotopônimos	Topônimos relativos aos corpos celestes (sol, lua, estrela).
b. Cardinotopônimos	Topônimos relativos à posição geográfica (sul, norte, noroeste).
c. Cromotopônimo	Topônimos relativos à cor e à escala cromática (dourado, prateado).
d. Dimensiotopônimos	Topônimos relativos à dimensão do acidente geográfico (diminutivos e aumentativos).
e. Fitotopônimos	Relativo aos vegetais (jatobá, cedro, pinheiro).
f. Geomorfotopônimos	Relativos à topografia (planalto, planície).
g. Hidrotopônimos	Relativos à hidrografia em geral (água, rio, lagoa).
h. Litotopônimos	Relativos aos minerais que constituem o solo (argila, barro).
i. Meteorotopônimos	Topônimos relativos aos fenômenos atmosféricos (trovoada, relâmpago).
j. Morfotopônimos	Relativos às formas geométricas (triângulo, cone).
k. Zootopônimo	Topônimos relativos aos animais (Formiga, Vacaria).

Fonte: Elaborado de acordo com Dick (1986, p. 39-40).

Nesta atividade o professor deverá apresentar a proposta de práticas de ensino e dar informações referentes à ciência toponímica, trabalhando com conceitos importantes deste estudo.

5.1.2 Minicurso II: Fichas lexicográficas toponímicas

Este minicurso está organizado em uma atividade que tem a finalidade de apresentar os elementos da ficha utilizada na pesquisa, com base no modelo elaborado por Coelho (2020), por considerá-lo adequado ao nosso contexto de investigação.

Atividade 1- As Fichas lexicográficas deverão ser trabalhadas em uma aula expositiva em que todos os seus elementos devem ser explicados e exemplificados, a fim de que o aluno compreenda cada uma das informações contidas em cada item. Os recursos materiais necessários para o desenvolvimento desta atividade são dicionário, cópias xerox da estrutura da ficha e o texto que traz a explicação de cada elemento elencado na ficha. O tempo previsto para a aplicação das atividades é de 2 horas/aula, 50 minutos cada uma.

Listamos no (Quadro 21) cada elemento que compõe a ficha lexicográfico-toponímica utilizada neste trabalho.

UNIVERSIDADE ESTADUAL D E MONTES CLAROS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

Pesquisa: A toponímia no ensino fundamental: um estudo sobre os nomes dos logradouros de Alvação, distrito de Coração de Jesus/MG.
Orientadora: Profa. Dra. Maria do Socorro Vieira Coelho
Pesquisadora: Profa. Raquel Ribeiro Guimarães Mota
Local: Escola Estadual São Sebastião – Alvação/2021
Disciplina: Língua Portuguesa
Aluno (a): _____**Turma:** 6º Ano:_____

MINICURSO 2: FICHAS LEXICOGRÁFICA-TOPONÍMICAS

ATIVIDADE 1: Ficha lexicográfica-toponímica

Nesta atividade aprenderemos como preencher as fichas lexicográfica-toponímicas, compreendendo as informações contidas em cada item.

Quadro 22 - Elemento que compõe a ficha lexicográfico-toponímica

1. Topônimo: o registro do nome, ou seja, o designativo do lugar nomeado, que, no caso desta pesquisa, refere-se aos nomes dos 18 logradouros, do distrito e do município.	**1.1. Taxionomia:** classificações do topônimo de acordo com sua natureza física (11 taxes) ou antro-cultural (16 taxes).
2. Legislação: lei de criação do logradouro.	
3. Nome Oficial: nome encontrado no mapa.	
4. Nome Paralelo: nome pelo qual o logradouro também é conhecido.	
5. Localização: município do logradouro.	
6. Área: urbana ou rural.	
7. Acidente: natureza semântica do nome do lugar pesquisado, isto é, o vínculo existente entre o nome e o lugar.	
8. Tipo De Elemento: se o nome é formado por um único radical, específico simples, por mais de um elemento formador, específico composto, ou por elementos oriundos de diversas línguas, específico híbrido.	
9. Variante: as variantes do nome do topônimo.	
10. Histórico: informações enciclopédicas pesquisadas com o apoio de dicionários históricos, etimológicos e geográficos.	
11. Estrutura Morfológica: classe gramatical, gênero e número de cada um dos topônimos em análise, classificando-os também em nomes simples ou compostos.	
12. Origem: a origem dos nomes designativos dos logradouros	
13. Registro Toponímico: como ocorre o registro do nome.	
14. Informações Enciclopédicas: várias informações sobre o topônimo que embasarão as informações relativas à etimologia, estrutura morfológica e sua taxonomia.	
15. Contexto: registro das referências feitas ao topônimo tanto em textos orais quanto escritos.	
16. Data da coleta do topônimo: refere se a data de coleta de dados das entrevistas	
17. Pesquisadora: nome de quem realizou a pesquisa	
18. Orientadora e revisora da pesquisa: nome da orientadora.	
19. Imagem Do Mapa: localização/recorte do logradouro no mapa.	
20. Fotos: registro fotográfico do logradouro.	
21. Observações: espaço destinado a se fazer considerações relevantes sobre o topônimo em estudo.	

Fonte: Elaborado conforme Coelho (2020).

5.1.3 Minicurso II: uso de maiúsculas e minúsculas

A primeira etapa da pesquisa, a diagnóstica, revelou que inadequações no uso de maiúsculas e minúsculas é um problema recorrente na escrita dos alunos. Devido a esse fato, acreditamos ser pertinente e útil trabalhar um minicurso com os alunos acerca desse uso, a fim de que os alunos adquiram conhecimentos sobre as situações de utilização de maiúsculas e minúsculas na escrita, que deveriam ter sido consolidados na fase de alfabetização. Este minicurso justifica-se também pelo fato de que o estudo do léxico toponímico de um lugar é o estudo de um nome próprio, e, em assim sendo, a redação desse nome deve seguir as regras formais do uso de letras maiúsculas e minúsculas.

Este minicurso é composto pela *Atividade I: regras para o uso de maiúsculas e minúsculas*, cujo objetivo é ensinar ao aluno as regras padrão de uso de letras maiúsculas e minúsculas do português brasileiro. Os recursos materiais necessários para o desenvolvimento desta atividade são dicionário, cópias xerox das regras do acordo ortográfico para o uso de maiúsculas e minúsculas. O tempo previsto para aplicação das atividades é de 02 horas/aula, 50 minutos cada uma.

A atividade deverá se desenvolver através de aula expositiva, dialogada sobre o uso de maiúsculas e minúsculas.

5.1.3.1 Atividade I: regras para o uso de maiúsculas e minúsculas

UNIVERSIDADE ESTADUAL D E MONTES CLAROS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

Pesquisa: A toponímia no ensino fundamental: um estudo sobre os nomes dos logradouros de Alvação, distrito de Coração de Jesus/MG.

Orientadora: Profa. Dra. Maria do Socorro Vieira Coelho

Pesquisadora: Profa. Raquel Ribeiro Guimarães Mota

Local: Escola Estadual São Sebastião – Alvação/2021

Disciplina: Língua Portuguesa

Aluno (a): _____**Turma:** 6º Ano:_____

MINICURSO 3: USO DE MAIÚSCULAS E MINÚSCULAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Vocabulário ortográfico da língua Portuguesa:** acordo ortográfico. São Paulo: Global, 2009.

ATIVIDADE 1: regras para o uso de maiúsculas e minúsculas

A proposta de nossa atividade é estudar algumas regras e contexto de uso de letras maiúsculas e minúsculas conforme o acordo ortográfico da língua portuguesa. As regras para o uso de maiúsculas e minúsculas foram elaboradas por nós, segundo as normas do Vocabulário ortográfico da língua portuguesa (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 2009).

a) Letras maiúsculas

- A letra maiúscula inicial é usada em:
  - ✓ A**ntropônimos**, reais ou fictícios: Alvação, Raquel, Marina, Branca de Neve, D. Quixote;
  - ✓ T**opônimos**, reais ou fictícios: Brasil, Coração de Jesus, Fumo, Rio de Janeiro; Atlântida, Hespéria;
  - ✓ Nomes de seres antropomorfizados ou mitológicos: Adamastor; Neptuno / *Netuno*;
  - ✓ Nomes que designam instituições: Instituto de Pensões e Aposentadorias da Previdência Social;
  - ✓ Nomes de festas e festividades: Natal, Páscoa, Ramadan, Todos os Santos.
  - ✓ Títulos de periódicos, que retêm o itálico: O Primeiro de Janeiro, O Estado de São Paulo (ou S. Paulo);
  - ✓ Pontos cardeais ou equivalentes, quando empregados absolutamente: Nordeste, por nordeste do Brasil, Norte, por norte de Portugal, Meio-Dia, pelo sul da França ou de outros países, Ocidente, por ocidente europeu, Oriente, por oriente asiático;
  - ✓ Siglas, símbolos ou abreviaturas internacionais ou nacionalmente reguladas com maiúsculas, iniciais ou mediais ou finais ou o todo em maiúsculas: FAO, NATO, ONU; H2O; Sr., V. Exa.;
  - ✓ *Opcionalmente, em palavras usadas reverencialmente, aulicamente (aulas) ou hierarquicamente, em início de versos, em categorizações de logradouros públicos: (rua ou Rua da Liberdade, largo ou Largo dos Leões), de templos

(igreja ou Igreja do Bonfim, templo ou Templo do Apostolado Positivista), de edifícios (palácio ou Palácio da Cultura, edifício ou Edifício Azevedo Cunha).

b) Letras minúsculas

- A letra minúscula inicial é usada em:
  - ✓ Normalmente, em todos os vocábulos da língua em seus usos correntes;
  - ✓ Nomes dos dias, meses, estações do ano: segunda-feira, outubro, primavera;
  - ✓ Bibliônimos (após o primeiro elemento, que é grafado com maiúscula, os demais vocábulos podem ser escritos com minúscula, salvo nos nomes próprios nele contidos) O Senhor do Paço de Ninães, O senhor do paço de Ninães, Menino de Engenho ou Menino de engenho, Árvore e Tambor ou Árvore e tambor;
  - ✓ Usos como: fulano, sicrano, beltrano;
  - ✓ Pontos cardeais (mas não nas suas abreviaturas); norte, sul (mas: SW sudoeste);
  - ✓ Casos der **axiônimos** e **hagiônimos** (opcionalmente, neste caso, também com maiúscula): senhor doutor Joaquim da Silva, bacharel Mário Abrantes, o cardeal Bembo; santa Filomena (ou Santa Filomena);
  - ✓ Nomes que designam domínios do saber, cursos e disciplinas (opcionalmente, também com maiúscula): português (ou português), matemática (ou matemática); línguas e literaturas modernas (ou Línguas e Literaturas Modernas).

Obs.: As disposições sobre os usos das minúsculas e maiúsculas não obstam a que obras especializadas observem regras próprias, provindas de códigos ou normalizações específicas (terminologia antropológica, geológica, bibliológica, botânica, zoológica etc.), promanadas de entidades científicas ou normalizadoras, reconhecidas internacionalmente.

5.2 Oficina 1: pesquisa e prática

Após a apresentação da ficha e dos elementos, é hora de praticar, e, para isto, esta oficina está dividida em 05 atividades.

É válido esclarecer que as atividades desta oficina estão planejadas da forma que gostaríamos que acontecessem, haja vista que devido a pandemia da Covid-19, não foi possível desenvolvê-las com os alunos participantes da pesquisa. Por isso, a própria pesquisadora fez todas as atividades e tarefas propostas. Destacamos, ainda, que já estava previsto o desenvolvimento da Atividade II pela docente, por ser uma tarefa complexa, cansativa, que

requer bastante tempo, além de adotar normas peculiares à transcrição de dados de fala, com marcas de transferência de traços da oralidade, que não consideramos pertinentes ao estágio escolar dos alunos.

A seguir, apresentamos a distribuição das atividades que compõem a oficina.

a) Atividade I - consulta em dicionários etimológicos e onomasiológicos, atuais e antigos, regionais, históricos e geológico-geomorfológicos;
b) Atividade II - rodas de conversas;
c) Atividade II - transcrição e digitação das entrevistas;
d) Atividade IV - registros fotográficos dos logradouros;
e) Atividade V - preenchimento das fichas lexicográfico-toponímicas.

Para a realização de cada uma dessas atividades, a turma de 25 alunos deve ser dividida em 05 grupos, e cada um teria a sua área de pesquisa, haja vista que são 19 topônimos estudados; assim, quatro grupos ficariam com 04 topônimos e um grupo com 03. Esta divisão seria orientada pela localização do logradouro e o local de moradia dos alunos.

A Atividade I: Consulta em dicionários etimológicos e onomasiológicos, atuais e antigos, regionais, históricos e geológico-geomorfológicos permite o preenchimento dos itens 11. Estrutura morfológica, 12. Etimologia e 14. Informações enciclopédicas – da ficha.

Para a realização dessa atividade, os recursos materiais a serem utilizados são: cópias da ficha lexicográfico-toponímica, dicionários impressos e digitais. A duração prevista para esta atividade é 4 horas/aula, 50 minutos cada uma.

UNIVERSIDADE ESTADUAL D E MONTES CLAROS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

Pesquisa: A toponímia no ensino fundamental: um estudo sobre os nomes dos logradouros de Alvação, distrito de Coração de Jesus/MG.

Orientadora: Profa. Dra. Maria do Socorro Vieira Coelho

Pesquisadora: Profa. Raquel Ribeiro Guimarães Mota

Local: Escola Estadual São Sebastião – Alvação/2021

Disciplina: Língua Portuguesa

Aluno (a): _____**Turma:** 6º Ano:_____

ATIVIDADE 1: consulta em dicionários etimológicos e onomasiológicos, atuais e antigos, regionais, históricos e geológico-geomorfológicos.

Nesta atividade realizaremos a consulta dos topônimos em 4 dicionários. São eles:

1. Silva (1813) *online*,
2. Barbosa (1995),
3. Cunha (2010),
4. (DICIONÁRIO...,2020).

Anotaremos as informações encontradas para utilização posterior na ficha lexicográfica-toponímica. Por exemplo:

Em **Topônimo,** colocaremos o nome do lugar.

Em **dicionários,** anotaremos as informações encontradas em cada um, caso não encontremos o registro do topônimo informaremos com n/e (não encontrado).

Quadro 23 - Significado encontrado nos dicionários e site

Topônimo:	**Significado encontrado nos dicionários e *site*.**
1.	Silva (1813):
	Barbosa (1995):
	Cunha (2010):
	(DICIONÁRIO..., 2020):
2.	Silva (1813):
	Barbosa (1995):
	Cunha (2010):
	(DICIONÁRIO..., 2020):
3.	Silva (1813):
	Barbosa (1995):
	Cunha (2010):
	(DICIONÁRIO..., 2020):
4.	Silva (1813):
	Barbosa (1995):
	Cunha (2010):
	(DICIONÁRIO..., 2020):

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

ATIVIDADE 2: Rodas de conversas

A atividade II: Rodas de conversas foi pensada para a coleta de dados com os moradores dos logradouros estudados, o grupo responsável por investigar o topônimo promoveria uma roda de conversa com dois moradores do local, sendo um homem e uma mulher e outros gêneros caso alguém se identificar. Essa atividade seria desenvolvida a partir de um roteiro semiestruturado de entrevista. Os recursos materiais utilizados para esta atividade serão guardados em um embornal de tecido para cada aluno, contendo: roteiro de entrevista impresso, uma prancheta, caneta, lápis, borracha, apontador, bloco para anotações, aparelho gravador de voz e/ou celular. O tempo estimado para a realização de cada roda de conversa é 2 horas/aula, 50 minutos cada uma. Vale frisar que o professor pesquisador deverá acompanhar e mediar as rodas de conversas.

UNIVERSIDADE ESTADUAL D E MONTES CLAROS

DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

Pesquisa: A toponímia no ensino fundamental: um estudo sobre os nomes dos logradouros de Alvação, distrito de Coração de Jesus/MG.

Orientadora: Profa. Dra. Maria do Socorro Vieira Coelho

Pesquisadora: Profa. Raquel Ribeiro Guimarães Mota

Local: Escola Estadual São Sebastião – Alvação/2021

Disciplina: Língua Portuguesa

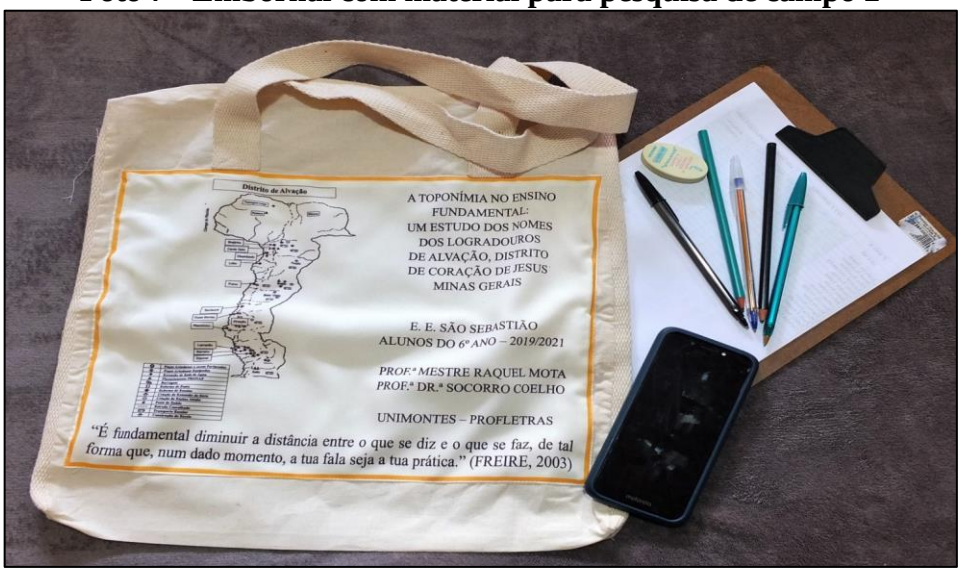
Aluno (a): _____**Turma:** 6º Ano:_____

Material para as atividades da oficina - Pesquisa e prática

Foto 6 - Embornal com material para pesquisa de campo 1

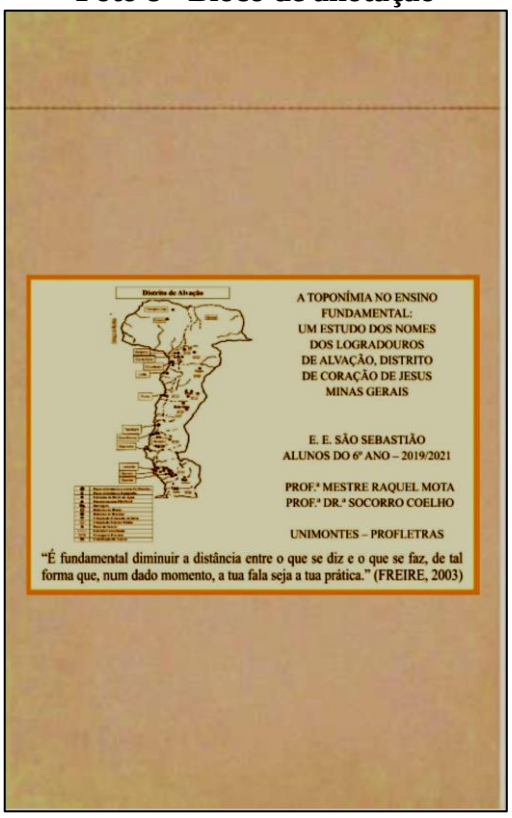
Fonte: Fotografia da autora.

Foto 7 - Embornal com material para pesquisa de campo 2



Fonte: Fotografia da autora.

Foto 8 - Bloco de anotação



Fonte: Fotografia da autora.

Nesta atividade, faríamos a coleta de dados com os moradores dos logradouros estudados, promoveríamos uma roda de conversa com dois moradores do local, sendo um homem e uma mulher. A seguir, apresentamos o roteiro semiestruturado de entrevista que utilizamos. Vale frisar que o professora pesquisadora acompanharia e mediaria todas as rodas de conversas.

Quadro 24 - Roteiro utilizado para a coleta de dados

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

PESQUISA: A toponímia no ensino fundamental: um estudo sobre os nomes dos logradouros de Alvação, distrito de Coração de Jesus/MG.
ORIENTADORA: Prof.ª Maria do Socorro Vieira Coelho
MESTRANDA/PESQUISADORA: Prof.ª Raquel Ribeiro Guimarães Mota
ESCOLA: Estadual São Sebastião
DATA:__/___/_____
DISCIPLINA: Língua Portuguesa

QUESTIONÁRIO Nº. 2 Roda de conversa

A. DADOS DO PARTICIPANTE

1. Entrevista Nº:
2. Gravador:
3. Data:
4. Hora:
5. Duração:
6. Local de realização da entrevista:
7. Nome do Participante:
8. Código:
9. Gênero: ( ) M ( ) F

B. ROTEIRO DE ENTREVISTA

10. Qual é o nome completo do senhor/da senhora?
11. Qual é a idade do senhor/ da senhora?
12. Quando o senhor/ a senhora nasceu?
13. Onde o senhor/ a senhora nasceu?
14. Qual é o estado civil do senhor/ da senhora?
15. O senhor/ a senhora tem alguma religião:
16. Qual o grau de escolaridade do senhor/ da senhora?
17. Qual ou quais atividades o senhor/ a senhora exerce ou exerceu? É aposentado (a)?
18. Há quanto tempo o senhor/ a senhora mora neste lugar?
19. Qual é o nome deste lugar?

18.1 O senhor/ A senhora sabe o significado deste nome?
18.2 Qual é o significado?

19. O senhor/ A senhora sabe dizer se este lugar sempre teve esse nome?

19.1 Qual ou quais outros nomes este lugar já teve?

a_____
b_____
c_____

19.2 Quais são os significados destes nomes?

a_____
b_____
c_____

20. O senhor/A senhora conhece ou conheceu os primeiros moradores deste lugar?
21. Esta terra foi doada?
22. O senhor/A senhora sabe quem foi o doador desta terra?
23. O doador desta terra ainda é vivo?
24. O senhor/A senhora pode informar se existe um rio neste lugar?

24.1 E na região próxima, tem rios?

25. O senhor A senhora pode informar se existe uma ponte neste lugar?
26. O senhor/A senhora pode informar se existe uma lagoa neste lugar?
27. O senhor/A senhora pode informar se existe um córrego neste lugar?
28. O senhor/A senhora pode informar se existe algum poço neste lugar?
29. Este lugar tem santo padroeiro? Qual?
30. Quais os tipos de festas e festejos existem neste lugar?
31. O senhor/A senhora participa de algum deles?
32. Este povoado fica localizado em qual distrito?
33. O senhor/A senhora conhece os outros lugares que formam o distrito de Alvação?

34. Em qual município fica localizado este povoado? O senhor/A senhora sabe por que o município tem este nome?
35. Onde as crianças e os jovens daqui estudam?
36. Aqui tem posto de saúde?
37. O senhor/A senhora quando necessita vai a qual posto de saúde?
38. O senhor/A senhora gosta de morar neste lugar?
39. O senhor A senhora gosta do nome deste lugar? Por quê?
40. O que o senhor/A senhora considera este lugar bom para viver?
41. De que O senhor/A senhora não gosta neste lugar?
42. O senhor/A senhora considera importante conhecer a história do nome do povoado?

42.1 Por quê?

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

UNIVERSIDADE ESTADUAL D E MONTES CLAROS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

Pesquisa: A toponímia no ensino fundamental: um estudo sobre os nomes dos logradouros de Alvação, distrito de Coração de Jesus/MG.

Orientadora: Profa. Dra. Maria do Socorro Vieira Coelho

Pesquisadora: Profa. Raquel Ribeiro Guimarães Mota

Local: Escola Estadual São Sebastião – Alvação/2021

Disciplina: Língua Portuguesa

Aluno (a): _____**Turma:** 6º Ano:_____

ATIVIDADE 3: Transcrição e digitação das entrevistas

Nesta atividade, conforme esclarecido anteriormente, devido à complexidade desta tarefa, as transcrições[14] seriam e foram feitas pela pesquisadora e revisadas pela orientadora da dissertação. Apresentamos, a seguir, (Quadro 25) um exemplo de transcrição de uma entrevista. O processo de transcrição seria explicado, em linguagem adequada, para os alunos a título de informação das etapas da pesquisa realizada por nós.

Após a transcrição, apresentaríamos as gravações e os textos transcritos para que eles pudessem além de ouvir, consultar os textos transcritos, para colher informações e, desta maneira, preencher as fichas. Toda esta etapa seria feita com o auxílio cuidadoso da professora-pesquisadora.

[14] As normas utilizadas para a transcrição encontram-se na parte de anexos da dissertação.

Quadro 25 - Transcrição e digitação das entrevistas

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

Pesquisa: A toponímia no Ensino Fundamental: a escuta de causos, a pesquisa e o registro dos nomes dos povoados rurais de Coração de Jesus – MG

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Vieira Coelho
Mestranda: Prof.ª Raquel Ribeiro Guimarães Mota
Escola: Estadual São Sebastião – **Turma:** 7° Ano (6° Ano/2019)

DIÁLOGOS ENTRE INFORMANTE E DOCUMENTADOR (DID)

Inquérito 001
Povoado: Barreiro
Data do registro: 30 de setembro de 2020.
Hora: 13h48
Duração: 15m01
Gravador: Celular Motorola Moto G7 Play XT1952 32GB 2GB RAM 13MP Tela 5.7 Índigo.
Documentador (D): Raquel Ribeiro Guimarães Mota
Local de realização da entrevista: Casa do entrevistado – Área rural
Nome do Participante/Locutor (L): xxxx
Sexo: (x) M ( ) F
Idade: 72 anos
Revisor da transcrição: Prof.ª Maria do Socorro Vieira Coelho

001. (D): ...aí eu já falei com a isposa do senhô... aí eu vô gravá pra... depois pra mim escrevê... pergunta ele pra mim o nome dele completo...
002. (L2): ...seu nome completo...
003. (L): ... o nome meu? xxxx...
004. (D): ... e a idade?
005. (L): ... setenta e dois ano... fiz ne abrile...
006. (D): ... o ano que o senhô naceu?
007. (L): ... eu naci... foi em quarenta e oito...
008. (L 2): ...vai não Raquel...
009. (D): ... e o mêse?
010. (L2): ...o mêse... dia quatro de abril ...
011. (D): ... e onde que o senhô naceu? naceu aqui?
012. (L): ... eu naci foi aqui no vacaria só que no documento meu tá ne Campo Azul... né? eu fui registrado foi lá...
013. (D): ...é longe... né?
014. (L): ... Campo Azul... Brasília de Minas pra cá de Ubaí um poco...
015. (D): ... ah tá... e o senhô é casado?
016. (L2): ...se é casado... sô (risos)... é rapaz... (risos)...
017. (D): ... aí vai dá problema... né? (risos)...
018. (L): ...duas veze...
019. (D): ...duas veze? (risos)...
020. (L 2): ...casado no civil e na igreja...
021. (D): ...e a religião do senhô?
022. (L): ...como é que é?
023. (D): ...católico... né?
024. (L): ...assisto a missa todo dia...
025. (D): ...senhô é apusentado?
026. (L): ...é apusentado...
027. (D): ... antes de apusentá o que o senhô fazia?
028. (L): ...eu trabaiava de carpintero... pedrero... mixia com carvão tamém... tanta coisa...
029. (D): ...é...
030. (L): ...mansava boi... carriava... tinha um carro de boi aqui... carriava o carro cabô... fiz um carroção...
031. (D): ...fazia muita coisa ... o senhô mesmo que fez?
032. (L): ... eu memo que fiz
033. (D): ... e ondé que arrumava o material pra fazer?
034. (L 2): ...(risos)... cortava madera aí na manga nossa mesmo....

035. (L): ...eu trabaiei com carroção muito tempo... depois deu problema de reumatismo... né? aí agora num guento fazê mais nada... só tá a carroça de cavalo...
036. (D): ...ah...
037. (L2): ...só é surdo e baxin e tem esse problema de reumatismo...só que é bonitin dimais... (risos)
038. (L): ...(risos)...
039. (D): ...e quanto tempo o senhô mora aqui?
040. (L): ...já tem... quarenta e cinco... né? interô quarenta e cinco ano... foi depois que nós casô...
041. (D): ...o nome desse lugá?
042. (L): ...nós casô em setenta e cinco...
043. (D): ...setenta e cinco...quarenta e cinco anos mesmo... o nome daqui? Do lugar?
044. (L): ...aqui é Ispora... né?
045. (D): ... é Ispora?
046. (L): ...que aqui eles fala Barrero.... né?
047. (D): ...Barrero... né?
048. (L): ...que Ispora é lá em cima... mais é tudo pertin... né?
049. (D): ...é tudo pertim... colado... né?
050. (L): ...ocês passo num cumercin que tem lá em cima?
051. (D): ...não... não subimos lá ainda não... nós vamo lá ainda...
052. (L): ...ah... é João Lucio mora lá no cumercin...
053. (D): ...é... nós vamos lá conversá com ele...é...
054. (L): ...a muié dele é até prima minha...
055. (D): ...é... né?
056. (L 2): ...e ele tamém é primo meu...
057. (D): ...é... né? o senhô sabe o purquê desse nome Barrero?
058. (L 2): ...isso aí ela me perguntô eu num subo informá purque tem esse nome de Barrero?
059. (L): ...eles fala que aqui tem esse nome Barrêro purque ali dotro lado ali... tinha um lugá lá que.... cê cunhece aquele bicho do mato que eles fala viado?
060. (D): ...ãnham...
061. (L): ...pois é... no lugá que eles ruía... cumia o barro... e por causa disso colocô o nome barrero... (risos)...
062. (L 2): ...cê sabe mais que eu... (risos)...
063. (D): ...intão é por isso que é Barrero? tem um lugar ali?
064. (L): ...é... nesse tempo tinha muito... que os morador era muito poco... né?
065. (D): ... é num matava quase os bichim... né?
066. (L): ...é... e esse aí... eles falava barrero...
067. (D): ...intão tá beleza o senhô sabe mesmo... né?
068. (L2): ...meus parabéns... cê sabe mesmo...
069. (D): ...falei com a sinhora... a sinhora falô... ah não...
070. (L): ...eu acho que tem nome de Ispora que um vaquero foi boiá um gado e perdeu uma ispora...
071. (D): ...ah...
072. (L): ...aí agora o otro acho... né? aí ficô o nome de Ispora
073. (D): ...achô... né? no lugá que achô as ispora ficô Isporas...
074. (L2): ...é... eles falava até que era ispora de ouro...
075. (D): ...o senhô istudô? o senhô istudô?
076. (L2): ...se ocê istudô?
077. (L): ...istudei nada... eu num tem leitura quase nada... só mermo assiná o nome...
078. (D): ...mais sabe assiná o nome?
079. (L): ... male male... é (risos)...
080. (D): ...não... mais já serve dimais... né?
081. (L2): ...eu iscrevo...
082. (L): ... é que naquele tempo meu pai... né? ele só quiria era trabaiá... né? Num puía os fi pá istudá não... que na épuca os irmão meu mais véi... nós somo doze irmão... os mais véi eles pago uma professora... era até tia dela aqui... eles morava aqui... pago pra ela... ela ficô lá ne casa uns tempo... ela morô lá ne casa dano aula pra eles... aí... agora depois ela morreu... deu um problema aí...
083. (L2): ...ela morreu com dezoito ano... tipo um infarto... nós não sabe o que que foi...
084. (L): ...é...
085. (D): ...ah... ela morreu de repente?
086. (L): ...aí pra trás tinha uma iscola lá... né? nós istudava uma semana... faiava ota... istudava ota semana faiava a ota... desse jeito num prendia não...
087. (L2): ...na épuca minha até tinha iscola ali ó... mais ele como é mais véi um poco... num tinha iscola em canto ninhum ... intão chamava a professora pra ficá em casa né?
088. (L): ...é...
089. (D): ...tinha que pagá... né?

090. (L2): ...é... tinha que pagá... intão ela deu aula pra ele e pros irmão dele tudo e ne otra fazenda aí... é onde ela já chegô com febre... né?
091. (D): ... e aí não aguentô?
092. (L): ... eles fala que ela foi intoxicada... né?
093. (L2): ...sei o que que foi não... eles fala que ela foi intoxicada com um remédio que ela tinha tomado chama sibazol... esse remédio foi até proibido...
094. (L): ...é...
095. (D): ...ah tá... intão... e aqui... essa região aqui já teve otro nome antes?
096. (L2): ... acho que não... né Geraldo? já teve otro nome antes? de toda vida que eu conheço é esse...
097. (L): ...eu num alembro não... acho que não...
098. (D): ...sempre foi Isporas e Barrero... né?
099. (L2): ...é...
100. (L): ...é... a região aqui em baxo é Barrero
101. (D): ...é...
102. (L): ...de lá é Ispora de cá barrero... e é pertin ali... o cumércio é pertin...
103. (L2): ...a foto dos meu pai e dos pai dele lá ó...
104. (D): ... ah... aquele lá?
105. (L2): ...de cá os pai dele de lá os pai meu...
106. (L2): ...minha fia caçula que é advogada é aquela lá ó...
107. (D): ...é...
108. (L): ...essa mora ne Montes Claro... a caçula...
109. (D): ...é bonita (risos)... seu Geraldo aqui tem rio?
110. (L): ...o quê?
111. (D): ...tem rio?
112. (L2): ...se tem rio...
113. (L): ...se aqui tem? tem...
114. (L2): ...é o que secô... num tem não que secô... (risos)...
115. (D): ...mesmo seco como é que chama?
116. (L): ...tem o Riachão ali pertin
117. (L2): ...tem o Riachão perto... né?
118. (L): ...tem uma épuca que ele seco... agora o ano passado pra cá ele num seco não... aqui tinha o córrego que eles falava córrego da Ispora... mais daí pra cá seco... diminuiu... né?
119. (D): ...é...
120. (L): ...chuveno pôco...
121. (D): ...tá chuvendo muito poco... né? se não aumentá de novo esses rio num vai aguentá não...
122. (L): ...é...
123. (D): ...lagoa? tem lagoa?
124. (L): ...tem não...
125. (D): ...poço? e poço?
126. (L): ...como é que é?
127. (L2): ...poço...
128. (L): ...poço tem ... água nossa que a gente vive é dum poço... poço anestesiano...
129. (D): ...e as festa que tinha? as festa que tem... né?

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

A Atividade IV: Registro fotográficos dos logradouros deveria acontecer no mesmo dia da realização das rodas de conversas. Os alunos seriam orientados para coletar fotografias representativas do lugar pesquisado. O recurso material utilizado para essa atividade são câmeras fotográficas e /ou aparelhos celulares com câmeras. O tempo estimado está contabilizado na atividade II.

UNIVERSIDADE ESTADUAL D E MONTES CLAROS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

Pesquisa: A toponímia no ensino fundamental: um estudo sobre os nomes dos logradouros de Alvação, distrito de Coração de Jesus/MG.

Orientadora: Profa. Dra. Maria do Socorro Vieira Coelho

Pesquisadora: Profa. Raquel Ribeiro Guimarães Mota

Local: Escola Estadual São Sebastião – Alvação/2021

Disciplina: Língua Portuguesa

Aluno (a): _____**Turma:** 6º Ano:_____

ATIVIDADE 4: Registros fotográficos dos logradouros

Com esta atividade faremos o registro de fotografias representativas do lugar pesquisado. Utilizaremos câmeras fotográficas e /ou aparelhos celulares com câmeras. É importante saber o que é importante registrar em cada logradouro.

Poderíamos registrar, por exemplo: as cancelas, mata-burros, córregos, rios, placas com nome do lugar, estradas de terra e vias pavimentadas, ruas, igrejas, postos de saúde, escolas, ponto de ônibus, casas etc.

Foto 9 - Material para o registro fotográfico

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, 2020.

A realização da Atividade V: Preenchimento das fichas lexicográfico-toponímicas é o fechamento da oficina 1 e requer que as atividades anteriores tenham sido realizadas, pois é necessário ter coletado as informações para fazer o preenchimento das 19 fichas lexicográfico-toponímicas. O encerramento dessa atividade implica também a conclusão desta proposta de práticas de ensino. Os recursos materiais necessários a esta atividade são as anotações de todas as informações e um computador para cada grupo. O tempo estimado para o preenchimento das fichas é de 05 horas/aula, 50 minutos cada uma.

A seguir, apresentamos o resultado das atividades da nossa proposta de práticas de ensino, que, apesar de não ter sido aplicada aos alunos, repetimos, teve as atividades executadas pela pesquisadora.

UNIVERSIDADE ESTADUAL D E MONTES CLAROS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

Pesquisa: A toponímia no ensino fundamental: um estudo sobre os nomes dos logradouros de Alvação, distrito de Coração de Jesus/MG.

Orientadora: Profa. Dra. Maria do Socorro Vieira Coelho

Pesquisadora: Profa. Raquel Ribeiro Guimarães Mota

Local: Escola Estadual São Sebastião – Alvação/2021

Disciplina: Língua Portuguesa

Aluno (a): _____ **Turma:** 6º Ano:_____

ATIVIDADE 5: Preenchimento das fichas lexicográfico-toponímicas

FICHA 1: ALVAÇÃO – MUNICÍPIO CORAÇÃO DE JESUS

1. Topônimo: Alvação.	1.1. Taxionomia: Cromotopônimo.
2. Legislação: criado através da Lei Estadual nº 336 de 27/12/1948.	
3. Nome Oficial: Alvação.	
4. Nome Paralelo: n/e.	
5. Localização: Município Coração de Jesus.	
6. Área: rural.	
7. Acidente: distrito.	
8. Tipo de Elemento: físico.	
9. Variante: Alvação ~ *Arvação* [ahvãˈsãw].	
10. Histórico: Localizamos o topônimo 'Alvação' como povoado na referência *Álbum Chorográphico municipal de Minas Geraes: estudos críticos*, 1927 (Mapa 1). O registro do topônimo Alvação como denominação de um dos povoados do distrito de Inconfidência. Inconfidência intitulada Coração de Jesus atualmente é registrada na Carta do Estado de Minas Gerais em 1922, centenário da Inconfidência. (ÁLBUM..., 1927).	
11. Estrutura Morfológica: nome simples. Substantivo feminino, singular.	
12. Origem: Latina. Alvação, *sf.* 'Primeira claridade da manhã' XIII. Do lat. *Alba, fem. Sing.* (CUNHA, 2010. p. 30) Alvação, *s.* Do lat. **albātiānu-*, «esbranquiçado», de *albus*, «branco». Séc. XV: «Meu capuz pardo, frisad», *aluação*, ı de veludo bem bordado », no *C. Geral*, III, pp. 334-335, ed. de 1913. (MACHADO, 1977, p. 218)	
13. Registro Toponímico: Mapa de 1927. **Fonte: (ÁLBUM..., 1927).**	

Machado (2003, p.113) registra o topônimo Alvação, "**Alvação**, *top*. Cabeceiras de Basto. Der.de *alvo*? Ver Alvações. **Alvações**, *top*. Cabeceiras de Basto. Peso da Régua, Santa Marta de Penaguião. Pl. de *Alvação* (q. v.), igualmente em Cabeceiras de Basto. A este também está ligado o ant. top. *Alvacens* (em 1302, *Dissert*., V, p. 63)?"

14. INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Barbosa: *Alvação.* Distrito do munícipio de Coração de Jesus. Foi criado pela lei Nº 336, de 27 de dezembro de 1948.
Beaurepaire-Rohan: n/e.
Blateau: n/e.
Cunha: alva-ção, -cento, -dio: *alva¹. alva¹.* Sf.'primeira claridade da manhã' *XIII.* Do lat. *Alba*, fem. Sing., ou neutro coletivo de *albus* 'alvo, branco'. Diretamente do lat. *alba*, documenta-se em 1871, o voc. *alba* 'canção' poética trovadoresca, cantada ao romper da manhã' [**alb**ente XX].
Guerra: n/e.
DICIONÁRIO on line de Português: *Alvação*: Significado de Alvação: adjetivo Tirante a branco; alvacento, alvadio. Diz-se do animal que tem pêlo castanho bem claro; ervaçã. [Regionalismo: Nordeste] Diz-se do gado branco sem manchas. Fem: alvaçã e alvaçoa. Etimologia (origem da palavra *alvação*). Alvar + ção. Definição de Alvação. Classe gramatical: adjetivo. Separação silábica: al-va-ção.Plural: alvações.
Feminino: alvaçã. (ALVAÇÃO..., 2021).
Oliveira: n/e.
Pinto: n/e.
Romeiro: n/e.
Silva: *Alvação*. Adj. Alvadio, tirante, [branco]. "Boi alvação" dizemos cada dia. Cancion 131. Vol. r. "meu capuz pardo, frisado, *alvações*.
Soares: n/e.

15. CONTEXTO:

095. (L): ...a isso aqui quando era um sertão que nem existia transporte... o transporte era istrada boiadero... boiadero tocava boiada e tropa lombrero de mala e nem existia cerca que a terra era de avoluto... sabe o que é avoluto num sabe?
111. (L): ...que quem é avoluto... avoluto é do istado... que num tinha dono era do istado... aí o pessoal passava aqui com as... as tropa e boiada que todo mundo criava gado solto aí tinha um boi valente dimais... diz que aquele boi arremetia uma quantidade absurda e não existia um patrimoinzinho aqui não...
113. (L): ...mais aqui a istrada passava aqui tinha uma que passava aqui e outra passava e incontrava adiante... intão o... aqui era o amaiador de gado incrusive esse boi valente o boi era arvação... sabe o que que cor é arvação?
115. (L): ...acima de branco e abaxo de marela...
123. (L): ...agora quando ês vinha... num tinha condução... tinha o bendito saquero... punhia o saco nas costa e saia pra caçá sirviço e aí quando ele chegava por aqui de cá e de cá... sintido Montes Claros a Brasília de Minas... sintido Brasília de Minas a Montes Claro... aí perguntava pela istrada... aí a istrada era essa mesma mais cê toma cuidado com Arvação...
127. (L): ...aí tem cuidado com arvação que a gente sabia o nome boi e não sabia de quem era o boi tamém não... aí ficô assim... pra onde é que cê tá ino? vô pra Monte Claro... vô passar lá ne Arvação...
129. (L): ...ficô Arvação que é a origem desse nome é a cor do boi...

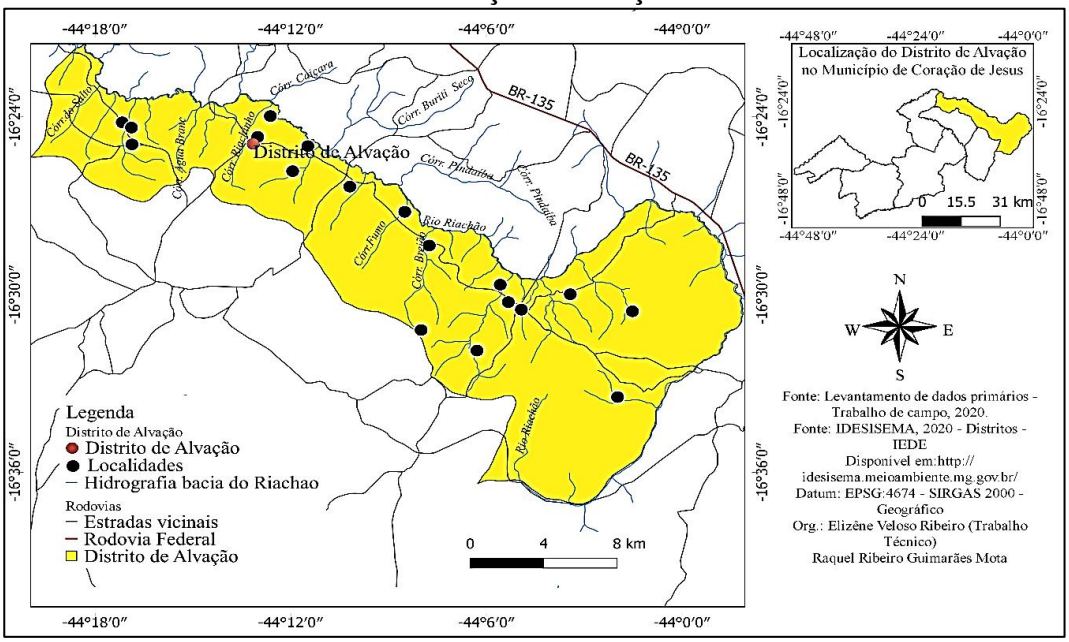
16. Data da coleta do topônimo: 30/09/2020.

17. Pesquisadora: Raquel Ribeiro Guimarães Mota.

18. Orientadora e revisora da pesquisa: Prof.ª Maria do Socorro Vieira Coelho.

19. Imagem do Mapa (Imagem 2)

Mapa 2 - Distrito de Alvação - Município de Coração de Jesus - Minas Gerais/Brasil: localização de Alvação



Fonte: Dados da pesquisa.

20. Fotos

Foto 1 - Posto de Saúde

Fonte: Fotografia da autora.

Foto 2 - Estrutura do Posto Policial

Fonte: Fotografia da autora.

Foto 3 - Igreja Católica Bom Jesus

Fonte: Fotografia da autora.

21. Observações: n/e.

FICHA 2: BARREIRO – MUNICÍPIO CORAÇÃO DE JESUS

1. Topônimo: Barreiro.	1.1. Taxionomia: Hidrotopônimo.
2. Legislação: n/e.	
3. Nome Oficial: Barreiro.	
4. Nome Paralelo: n/e.	
5. Localização: Município Coração de Jesus.	
6. Área: rural.	
7. Acidente: fazenda.	
8. Tipo de Elemento: físico.	
9. Variante: *barreiro ~ barrero*. Redução da semivogal [j].	
10. Histórico: n/e.	
11. Estrutura Morfológica: nome simples. Substantivo masculino, singular.	
12. Origem: Pré-romana. (Cunha) Portuguesa (Guérios). Cunha: de Barro. *Sm*. Tipo de argila. Substância utilizada no assentamento de alvenaria de tijolo em obras provisórias, obtida da mistura de tijolo com água. *XIV* de origem pré-romana. (CUNHA, 2010, p. 82) Guérios: Barreiros, sobr. port. top. deriv. de **barreira**: "lugar de onde se extrai barro". Cp. **Barros**, **Barroso.**	
13. Registro Toponímico: **BARRERO** – Nf [Ssing] • *português < pré-românico (barro) + sufixo português -eiro* •Litotopônimo.• Solo úmido e resvaladiço, local onde há mistura de terra e água. • Nomeia Distrito de São João da Chapada – lugar, lavra. • [...] *perto de (?) casa mermo é tanto nome que tem... de ro... ês fala qu´é uns nome diferente.. tem lavra* [...] *Tem **Barrero**, que é perto de Macaquim* [...]. (E.10, L. 197). (MENDES, 2010, p. 166) •Geomorfotopônimo.• Lugar onde se tira barro. • Nomeia Distrito de Montes Claros . • *[...] é como aqui... aqui chamava Barrero... aí depois é que eles pusero nome **Barrero** e Morro... depois que Filozão chegô aqui, dono dessas terra aqui, eles pusero nome aqui Bengo... mas num aceitaro... ele comprô uma santa desse tamanho com o nome de Santa Rosa e pôs na igreja e pôs nome de Santa Rosa de Lima (Cf. Anexo 1 – Entrevista 06 – p. 42, l. 36-38))*. (CARVALHO, 2010, p. 78) Machado (2003, p. 221) registra, "**Barreiro**, *top*. muito frequente em Portugal e na Galiza, tal como *Barreiros*. Do s.m. *barreiro*, «lugar donde se tira barro », «terra alagada». *Barrario* em 1258 (*Inq*., p. 529). Quanto a *Barreiros* temos *Barrarios* em 992 (*Dipl*., p. 102), *Barreiros* em 1059 (MACHADO, 2003, p. 258).	

14. INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Blateau: n/e.
Barbosa: n/e.
Beaurepaire-Rohan: n/e.
Bluteau: *Barreiro*, ou barreira de tirar barro. *Argiletson, t. ou argilletson, t. Neut.* Assim foi chamado um lugar de Roma, em que havia muito barro. *Vid. Varron.* Lib.4. de *Ling. Latin.* A R. beira era chea, toda de *Barreiras* vermelhas, Barros, 2. Dec, fol.187. Col.2.
Cunha: barr-eira, -eirar, -eiro, -ejar: *Barro*. Barro: sm. 'tipo de argila' 'substância utilizada no assentamento de alvenaria de tijolos em obras provisórias, obtidas pela mistura de argila com água' XIV. De origem pré-romana. Relacionam-se neste verbete uma série de vocábulos etimologicamente correlacionados, com o radical barr-, de origem pré-romana //**Barra** sf. 'debrum, fita' 'acúmulo de material aluviônico' 'entrada estreita de um porto' XIII// **barraca** sf. 'construção ligeira, primitivamente feita de barro' XVII // **barra**CÃO 1871 //**barra**CO XX //**barr**ADO XIII // **barr**AGEM XX //**barr**ANCA sf. '**barr**ANCO' XIV //**barranc**eira sf. 'ribanceira' XVI //**barranco** sm. 'escavação /XIII, *barramco* XV // **barranqu**EIRO XX //**barr**AR XVI //**barr**EAR/ *barear* XIV// **barr**EIRA sf. 'argileira' 'parapeito' 1500// **barr**EIRAR/ *bareyrar* XV //**barr**EIRO XIII// **barr**EJAR XV//**barr**ENTO XVI //**barr**OCA sf. 'monte de barro' // XIII // **barr**OCO sm. 'barroca' 1871 // barrOCO² 'pérola de superfície irregular' 1813 // **barr**OSSO 1844 //EM**barr**AR vb. 'encerrar, encurralar'/ en- XIV, *enbarar* XIV // ES**barr**ADA 1813 // ES**barr**AR vb. 'ir de encontro, topar, tropeçar' XVI // ES**barro** sm. 'inclinação dos ressaltos de uma parede' 1899; 'ação de esbarrar' XX // ES**barr**OND –AR vb. 'romper, desmoronar'/ esbo- XVI.
Guerra: *Barreiro*. Denominações usadas para as porções de terreno salobros ou salgados em áreas de várzeas próximas ao litoral, ou em áreas situadas em zonas de clima árido ou semi-árido, onde ocorre eflorescência salina. Em grande parte da bacia do rio São Francisco se encontram afloramentos de rochas com eflorescência salina, da qual os cablocos extraem o chamado sal da terra, e onde os animais passam algum tempo lambendo-o, daí a expressão "lambedouro" pelos cablocos. O termo regional *barreiro*, quando usado na descrição da paisagem física de uma região, indica o aparecimento de rochas ou de solos com eflorescência salina. No Nordeste brasileiro usa-se também esse termo para o tanque ou fosso escavado em terreno geralmente argiloso, no qual ficam retidas as águas pluviais da estação chuvosa, que serão consumidas na época da seca; ou ainda para o local onde se amassa o barro para a construção de casas de taipa.
DICIONÁRIO on line de Português: *Barreiro*. Substantivo masculino. Lugar onde existe barro ou de onde se retira o barro.Terreno salitroso onde o gado e animais de caça se nutrem de sal. Sinônimos de Barreiro. Barreiro é sinônimo de: barroca. Definição de Barreiro. Classe gramatical: substantivo masculino. Flexão do verbo barreirar na: 1ª pessoa do singular do presente do indicativo. Separação silábica: bar-rei-ro. Plural: barreiros. (BARREIRO, 2020).
IBGE: barreiro Denominação utilizada para as porções de terreno situado em áreas de várzea próximas ao litoral, onde ocorre eflorescência salina.
Machado: n/e.
Oliveira: barreiro. 1. Lugar donde o barro é extraído para fins de cerâmica. 2. Lugar salitroso, aonde os animais vêm lamber o sal. Ex: Barreiro, pov. (BA).
Pereira: Barreiro de tirar barro. *Argilletum, i.* Séc. XVII, p. 21.
Pinto: *Barreiro*. (s. m.) lugar donde se tira barro.
Romeiro: n/e.
Sampaio: n/e.
Silva: *Barreiro*. (s. m.) barreira de tirar barro.
Soares: *barreiro*. Sm. 1º lugar de onde se tira barro para as obras de pedreiro.// "terreno salitrado mui buscado pelos animais e sítios sabidos dos caçadores para a espera das antas." Sev. 1. 53. Ou. Como descreve Taunay2. Chama se barreiros algumas baixadas salino-salitrosas, de côr acinzentada puxando para o branco. Todos os animais buscam com verdadeira sofreguidão esses lugares: não só mamíferos, como aves e répteis. O gado lambe o chão e atolando-se nas poças, bebe com delícia aquela água e come o barro. Quando as vezes voltam a noite deste pastigo vêm com o ventre empanzinado como se estivessem prenhes. Não há melhor posto de espera para caçador: na verdade,

a abundância de pássaros e de caça grossa que se junta num barreiro é coisa de se pasmar. Também aí que sucuris vem se esconder para colheres as suas presas. *1865 RIH 1874. 220.* "sai em uma canoa a correr todos os barreiros que ficam ou se acha nas margens do Tietê, de cujo barro comem os gados, talvez por ser salgado, parece me que eles contem sua porção de muriato de soda, mas nunca salitre, como aqui tinham pensado... na volta encontrei o sujeito encarregado da fábrica de salitre, bom prático, que vinha examinar as ditas barreiras, a quem desenganei." Martin Franciso 1803. RIH. 1882. 28. "vim dormir nos campos e depois que anoiteceu embarcaram os dois remeiros e foram esperar caça em um barreiro, pois, que há muita pelas margens do rio, e mataram uma anta." *OI. B. 1810 RHI. 1839. 182.*" Atravessei o rio Deboque que vem da serra, e além dele encontrei barreiro mui ricos de salitre." *D'AL, 1825 RIH 1857. 340.* "Chegâmos a uma pequena e romântica ilha com um barreiro na ponta superior. Aonde afluía um bando imenso de pássaros. E aí pousâmos. *Elliot 1847. RIH 1843. 161.* Esses exs definem o barreiro que segundo o naturalista D'Alincourt, contém salitre, e segundo o naturalista Martín Francisco, não contém. */ /geogr. SP., Paraná, M.Gt., Goiás.*

15. CONTEXTO:

059. (L): ...eles fala que aqui tem esse nome Barrero purque ali dotro lado ali... tinha um lugá lá que.... cê cunhece aquele bicho do mato que eles fala viado?
061. (L): ...pois é... no lugá que eles ruía... cumia o barro... e por causa disso colocô o nome Barrero... (risos)...
064. (L): ...é... nesse tempo tinha muito... que os morador era muito poco... né?
066. (L): ...é... e esse aí... eles falava barrero... (AVS)

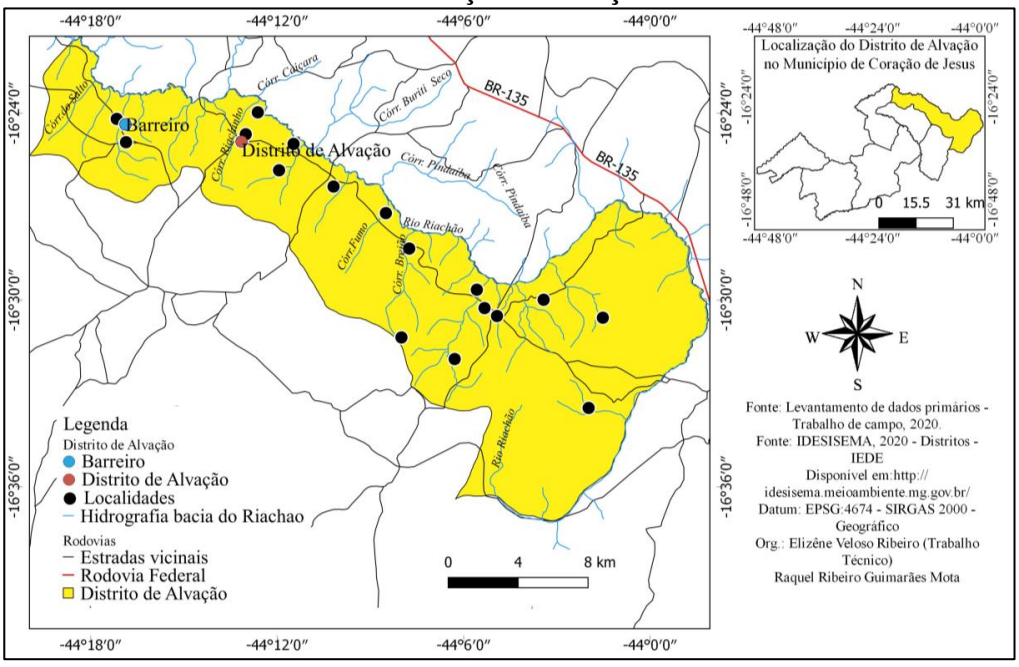
16. Data da coleta do topônimo: 30/09/2020.

17. Pesquisadora: Raquel Ribeiro Guimarães Mota.

18. Orientadora e revisora da pesquisa: Prof.ª Maria do Socorro Vieira Coelho.

19. Imagem do Mapa (Imagem 2)

Mapa 2 - Distrito de Alvação - Município de Coração de Jesus - Minas Gerais/Brasil: localização de Alvação



Fonte: Dados da pesquisa.

20. Fotos

Foto 1 – Represa com água e garças

Fonte: Fotografia da autora.

Foto 2 - Represa com água e vegetação

Fonte: Fotografia da autora.

21. Observações: n/e.

FICHA 3: BELA VISTA – MUNICÍPIO CORAÇÃO DE JESUS

1. Topônimo: Bela Vista.	1.1. Taxionomia: Dirrematotopônimo.
2. Legislação: n/e.	
3. Nome Oficial: Bela vista.	
4. Nome Paralelo: Curiango.	
5. Localização: Município Coração de Jesus.	
6. Área: rural.	
7. Acidente: povoado.	
8. Tipo de Elemento: físico.	
9. Variante: n/e.	
10. Histórico: n/e.	
11. Estrutura Morfológica: nome composto. Substantivo masculino, singular.	
12. Origem: latina (Cunha). Belo adj. 'bonito, encantador', 'elevado, sublime', 'bom, generoso' *bel XIII, belo XVI.* Do lat. *Bellus.* (CUNHA, 2010, p. 86). Ver vb. 'conhecer ou perceber pela visão', olhar para, contemplar', 'distinguir' *XIII*. Do lat. *Videre*. Vista sf. '*orig*. visão'. (CUNHA, 2010. p. 672).	
13. Registro Toponímico: registrado por Machado (2003, p. 234): "**Bela Vista**, *top*. muito frequente. Origem e significação evidentes."	
14. INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: **Barbosa:** Bela Vista. Povoado com esse nome existe nos municípios de Campina verde, Diogo de Vasconcelos, Esmeraldas, Moçambique, Ouro Branco, Presidente Olegário e São Vicente de Minas. **Beaurepaire-Rohan**: n/e. **Bluteau:** n/e. **Chaves:** n/e. **Costa:** n/e. **Cunha: n/e** **Guerra:** n/e. **DICIONÁRIO on line de Português:** n/e **Machado:** n/e. **Oliveira:** n/e. **Pinto:** n/e. **Romeiro:** n/e. **Sampaio:** n/e. **Silva**: n/e. **Soares:** n/e.	

15. CONTEXTO:

068. (L): ...ah... Bela Vista é purque cunstruiu a igreja lá... virô um cumercim e pricisava do nome... né? intão...
070. (L): ...lá é alto... intão colocô Bela Vista... (MRSF)
096. (L):...primero era Curiango... quando cumeçô lá o povo pôs apilido Curiango...
098. (L):...ah... que fica na maiada no alto lá... né? tinha aquele bichin que o povo fala Curiango... dimais lá... né?
100. (L): ...e quando cumeçô lá... né? tinha só um buteco assim... num tinha nome... o povo com brincadera pôs Curiango e aí agora Curiango ficô... né?
099. (D): ...tem gente que não gosta não... né seu Zé? que fala Curiango...
100. (L): ...é... mais esses daí num importa não... só tem um irmão meu que não gostava não...
102. (L): ...gostava que falava Curiango não... até que foi ele que colocô esse nome Bela Vista....
104. (L): ...mais a maioria aqui fala é Curiango...
105. (D): ...e eles fala Bela Vista é por causa da lugá lá que é alto?
106. (L):... é por conta do lugá que ficô avistoso... que de longe mermo cê vê... né?
107. (D):...é... lá é bem alto mesmo... né?
108. (L): ...é... aí agora ficô Bela Vista... (JMSF)

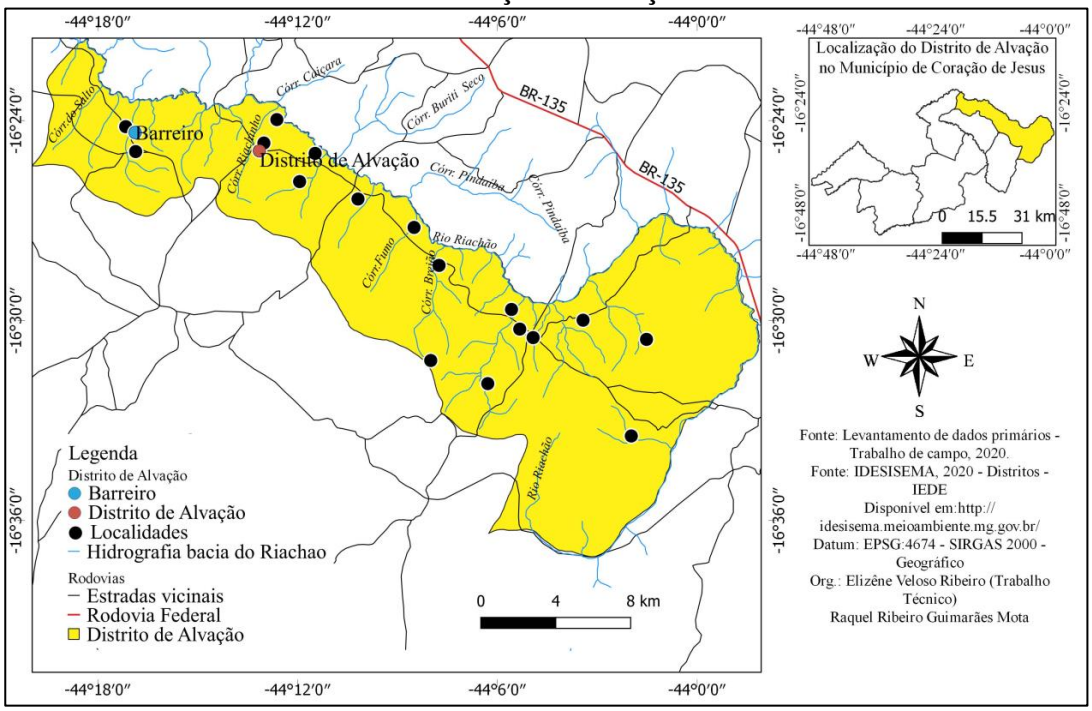
16. Data da coleta do topônimo: 30/09/2020.

17. Pesquisadora: Raquel Ribeiro Guimarães Mota.

18. Orientadora e revisora da pesquisa: Prof.ª Maria do Socorro Vieira Coelho.

19. Imagem do Mapa (Imagem 2)

Mapa 2 - Distrito de Alvação - Município de Coração de Jesus - Minas Gerais/Brasil: localização de Alvação



Fonte: Dados da pesquisa.

20. Fotos

Foto 1 – Escola Municipal Luíza Soares Fonseca

Fonte: Fotografia da autora.

Foto 2 – Igreja Católica de São João Batista

Fonte: Fotografia da autora.

21. Observações: n/e.

FICHA 4: BIBOCA– MUNICÍPIO CORAÇÃO DE JESUS

1. Topônimo: Biboca.	1.1. Taxionomia: Dimensiotopônimo.
2. Legislação: n/e.	
3. Nome Oficial: Biboca.	
4. Nome Paralelo: n/e.	
5. Localização: Município Coração de Jesus.	
6. Área: rural	
7. Acidente: Povoado*	
8. Tipo de Elemento: físico.	
9. Variante: n/e.	
10. Histórico: n/e.	
11. Estrutura Morfológica: nome simples. Substantivo feminino, singular.	
12. Origem: Tupi (Cunha e Machado). Cunha: sf. 'Buraco, cova; ext. ruela ou logradouro frequentado por indivíduo de baixa condição social' 1870. Do tupi *imi' moka (< i'mi 'terra, chão' + 'moka 'abertura, fenda') (CUNHA, 2010, p. 89). Machado: s. Do Tupi «*yby-boc*, alt. *bi-boc*, terra, chão, fendido ou rasgado, M. Soares; emprega-se também no sentido figurado com o significado *casinha de palha*, *casebre barreado*, neste caso, porém o vocábulo *biboca* c. *yby-b-oc*, se traduzirá *casa de terra* ou *de barro*», T. S. Séc. XIX: «Segue-o o vaqueiro. Cose-se-lhe no rastro. Vai com ele as últimas *bibocas*», Euclides da Cunha, *Sertões*, p. 128 (Alex.).	
13. Registro Toponímico: n/e.	
14. INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: **Barbosa:** n/e. **Beaurepaire-Rohan:** *Biboca. S.f.*, barranco, excavação formada ordináriamente por enxurradas ou movimento de águas subterrâneas, de sorte a tornar o trânsito, não só incomodo, como até perigoso, sobretudo as escuras: depois das últimas chuvas ficou a estrada cheia de bibocas. // em Pernambuco e outras províncias do norte também dizem boboca. // *etim.* Alteração do Tupi *igbigbóca*, significando igbig terra e boca, abertura ou fenda. No Guarani *igbigbog (Montoya).* // também dão o nome de biboca a qualquer terreno brenhoso de difícil trânsito. // *Fig*., casinha de palha (B. Homem de Melo). **Bluteau:** n/e. **Cunha:** biboca: sf. 'buraco, cova; *ext* ruela ou logradouro frequentados por indivíduos de baixa condição social' 1870. Do tupi *imi moka*.	

Guerra: n/e. *(< i'mi* 'terra, chão' + '*moka* 'abertura, fenda'); *v. ibiboca*// **biboc**AL XX // **biboqu**eira XX.
DICIONÁRIO on line de Português: substantivo feminino. [Brasil] Buraco, fenda, grota. Barranco escavado por enxurrada. Local de difícil acesso. Casa pequena. Casa coberta de palha. Pequena venda ou taberna modesta. Habitação situada muito longe. Sinônimos de Biboca Biboca é sinônimo de: cova, casebre, buraco, rancho, barroca, fundão, grota, batuca. Definição de Biboca Classe gramatical: substantivo feminino. Separação silábica: bi-bo-ca. Plural: bibocas. (BIBOCA, 2020).
Oliveira: n/e.
Pinto: n/e.
Romeiro: n/e.
Sabater:
Silva: n/e.
Soares: *biboca*. Sf. 1º fenda, rasgão da terra: Cova estreita, comprida e funda: barroca, fundão. As plantas estão no maior desacôrdo com o terreno: onde tem uma biboca a planta do dt. C.... marca uma meia-laranja. Apd. JC. 13 set. 82.// 2º em S. Paulo no sentido de buraco ou toca, dão figuradamente o nome de biboca a uma casinhola de palha. BHM ap. BR// *ETIM. Br ibi terra + tp. Boca = guar. Bog. Rasgão, fenda, abertura violenta.*

15. CONTEXTO:

040. (L): ...ah... sei lá... sei purque ês puseram esse nome... eu acho assim que era um lugá meio largado...intão o povo... que tem esse ditado assim... hora que mora uma pessoa num lugá mei isquicido assim... o povo fala lá naqués biboca lá... aí tinha esse nome aqui de Biboca...
041. (D): ...ah... intão era um lugá isquicido? longe?
042. (L): ...era um lugá isquicido... longe...
043. (D): ...é verdade... pode sê que seja isso... né?
044. (L): ...eu credito que sim... né?
045. (D): ...é... e hoje o pessoal não fala aqui Biboca mais não? quê dizê... né? sim tem muita gente que inda fala... mais cês aqui num usa mais esse nome Biboca?
046. (L): ...nunca que isquece... né? não... hoje já fala Nova Buquerão...
047. (D): ...e purque esse nome... será? Nova Buquerão... purque mudô esse nome? num gostava do nome?
048. (L): ...não... que aqui. num sei pruque arrumaram esse nome... iscolheram esse nome pra colocá aqui... Nova Buquerão... aqui antigamente... antigamente não... direto... é fazenda Arvação... né?
049. (D): ...é... é purque é do distrito de Alvação... né?
050. (L): ...é distrito de Alvação... aí colocô Nova Buquerão e pegô esse nome...
051. (D): ...e aí... mais o senhô não sabe purque esse nome Nova Buquerão... não?
052. (L): ...não...
053. (D): ...e o senhô cunheceu os primero moradô daqui? da região qui?
054. (L): ...não... os primero não...
055. (D): ...não?
056. (L): ...não...
057. (D): ...foi... e os que o senhô cunheceu?
058. (L): ...ah... eu cunheci foi meus avô...
059. (D): ...hum... mais num foi os primero não?
060. (L): ...não...
061. (D): ...aqui tem muito tempo...né? que mora gente nessa região...

062. (L): ... sim... já cunheci meus bisavô... uns ti... umas tia de meu pai que morava por aqui... tinha mais uns vizim que morava por aqui... cunheci também...
063. (D): ...e assim... essa terra qui que o senhô mora não... não foi doada... num é doação... mais a terra ondé que tem a igreja é doação?
064. (L): ...nao... ali é doação...
065. (D): ...quem doô?
066. (L): ... ali foi Zé Vicente...
067. (D): ...Zé Vicente... né? e assim... como essa terra é doada... ela é doada pra algum santo... né? que se torna o santo padroero do lugá... né? e o santo padroero daqui...
068. (L): ...é...
069. (D): ...e tem os festejo?
070. (L): ...tem...
061. (D): ...todo ano? esse ano não que...
062. (L): ...num teve por causa desse Coronavíru aí...
135. (D): ...seu Juaquim... esse lugá qui... que nem o senhô falô... faz parte da fazenda Alvação... né? do distrito de Alvação... senhô ja oviu alguma história sobre esse nome de Alvação?
136. (L): ...não... num sei purque que tem essas fazendas... todas fazenda Arvação aqui...
137. (D): ...senhô nunca oviu falá nada sobre esse nome Alvação... não?
138. (L): ...eu acho que purque de premero o cartóro era em Alvação... todo mundo que tinha as terra aqui registava em Alvação...
139. (D): ...ũhum...
140. (L): ...aí ficô todos fazenda Alvação... fazenda Alvação...
141. (D): ...é... e Coração de Jesus é o municípo todo... né? aí nos tamo no municípo de Coração de Jesus... sobre esse nome... Coração de Jesus... senhô já oviu falá? sempre que o senhô cunheceu foi Coração de Jesus?
142. (L): ...sempre que eu conheci foi Coração de Jesus...
143. (D): ...é até um nome religioso... né? Coração de Jesus... mais o purque desse nome senhô num sabe...
144. (L): ...num sei... (JJAO)

071. (D): ...essa terra... ondé que tem a igreja ela foi doada?
072. (L): ...foi doada...
073. (D): ...sinhora sabe por quem?
074. (L): ...por... por dona Mirtes e Zé Vicente...
075. (D): ...ah... e aqui tem algum rio? aqui perto?
076. (L): ...ãnhan... não...
077. (D): ...córrego?
078. (L): ...não...
079. (D): ...lagoa?
080. (L): ...também não... aqui tudo era brejo... aqui imbaixo tudo era brejo... era rio... lagoa... lá no fundo... lá ondé que Ana mora... ali era uma lagoa imensa...
081. (D): ...mais hoje secô tudo...
082. (L): ...secô tudo... num tem nada... agora hoje é poço artesiano...
083. (D): ...que abastece... né?
084. (L): ...é...
085. (D): ...o tempo hoje está muit seco... né? tudo muito seco...
086. (L): ...aqui era ótimo... cê pricisa de ver a lagoa que tinha...
087. (D): ...é...
088. (L): ...aqui curria água... aqui tinha uma nacente todinha... secô tudo... (MMS)

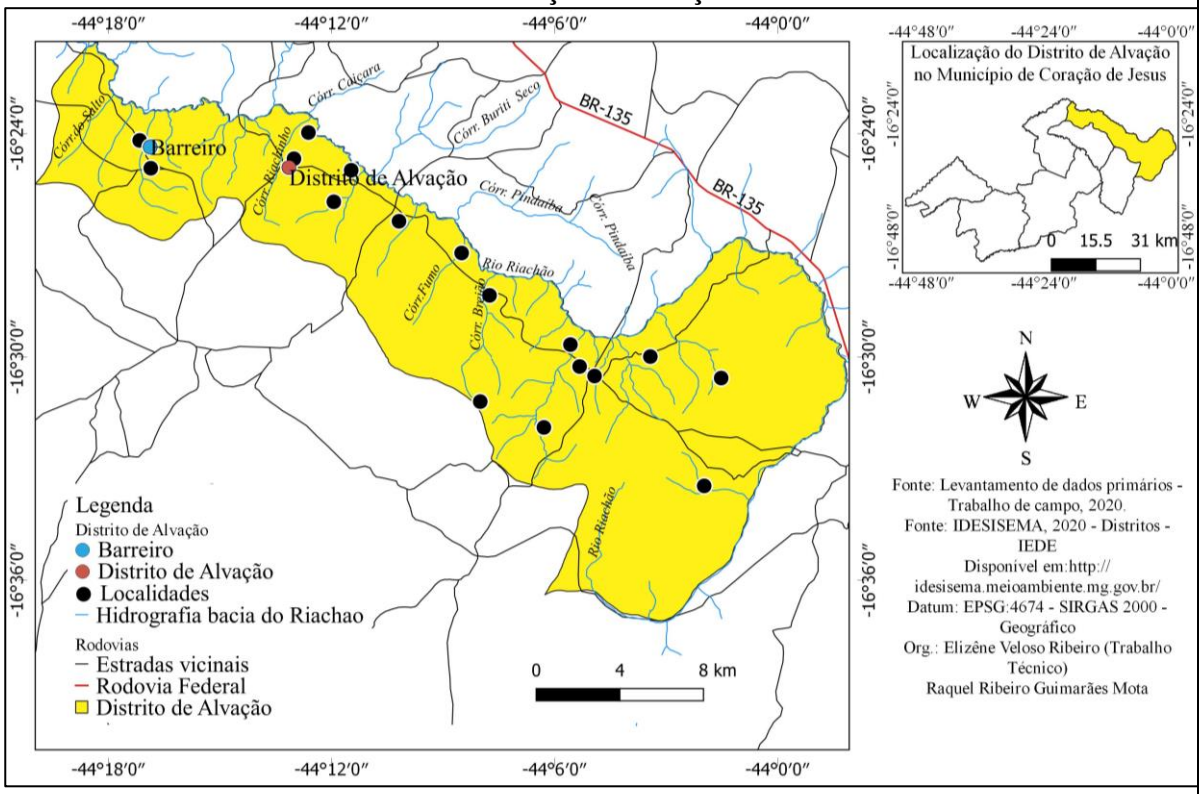
16. Data da coleta do topônimo: 30/09/2020.

17. Pesquisadora: Raquel Ribeiro Guimarães Mota.

18. Orientadora e revisora da pesquisa: Prof.ª Maria do Socorro Vieira Coelho.

19. Imagem do Mapa (Imagem 2)

Mapa 2 - Distrito de Alvação - Município de Coração de Jesus - Minas Gerais/Brasil: localização de Alvação



Fonte: Dados da pesquisa.

20. Fotos

Foto 1 – Igreja católica e casa de morador

Fonte: Fotografia da autora.

Foto 2 – Tanque com água

Fonte: Fotografia da autora.

Foto 3 - Placa do sítio Torres e Farias

Fonte: Fotografia da autora.

21. Observações:

*Esclarecemos que, com base em dados passados pelos informantes da localidade, é possível inferir que o lugar pode ser classificado como povoado. Pois, registramos uma igreja católica (Igreja do Bom Jesus) em espaço doado por um dos fazendeiros, uma casa comercial com variedades de produtos, sítios, ranchos, casas de alvenaria com arquitetura de moradias do meio rurbano. Percebe-se que, conforme a definição político-geográfica, o logradouro encontra-se em crescimento rumo a ocupar, em breve, a categoria povoado.

FICHA 5: BREJÃO – MUNICÍPIO CORAÇÃO DE JESUS

1. Topônimo: Brejão.	1.1. Taxionomia: Hidrotopônimo.
2. Legislação: n/e.	
3. Nome Oficial: Brejão.	
4. Nome Paralelo: n/e.	
5. Localização: Município Coração de Jesus.	
6. Área: rural.	
7. Acidente: povoado.	
8. Tipo de Elemento: físico.	
9. Variante: n/e.	
10. Histórico: n/e.	
11. Estrutura Morfológica: nome simples. Aumentativo. Substantivo masculino, singular.	
12. Origem: De origem controvertida (CUNHA; MACHADO). Cunha: brejo. sm. Pantâno' XVI. De origem controvertida. (CUNHA, 2010, p. 101) Machado: brejo, *s*. Kleinhans (cit. Por v. Wartburg, FEW), apresenta o címbrio *brag-wair* e *brag-welt*, nomes de plantas aquáticas, e menciona a palavra **bracum*, com abundante descendência em França (afr. *brai*. aprov. *brac*. etc., «boue, fange»), a qual seria de origem céltica. Brejo, terra húmida, lodosa, alagadiça, que serve para arrozais», é vocábulo do sul de Portugal, pelo que não parece difícil admitir na sua evolução o intermédio moçarábico: *á>* e *g>j*, vj.: J. Hubschmid, na *E. L. H*., I, p. 141. Em 1176: «...pelo *brejo*, et per affimentum de *Cotelo*», doc. das Salzedas (cit. por *Eluc*., s. v. *affimento*); como top, *bregium* em 1257 (Leges, p. 673).	
13. Registro Toponímico: BREJO – Nm [Ssing] • português < origem controversa • Litotopônimo.• Lugar úmido, próximo às nascentes e olhos d' água. • Nomeia → Distrito de Planalto de Minas – sitio. • *o meu mesm' ali, o meu tem (qu'eu declaro todo ano) o meu sitiozim chama sítio Brejo.* (E.16, L.164). (MENDES, 2010, p. 168) BREJÃO – Nm [Ssing] • português < origem controversa • Geomorfotopônimo.• define brejo como: "terra úmida, lodosa, alagadiça, que serve para arrozaes [...], mas, também, não cita brejão. • Nomeia → Fazenda no munícipio de Montes Claros • *Brejão, tem uma fazenda lá que chama Brejão né? PESQUISADORA: ah, fazenda Brejão? INFORMANTE: é (Cf. Anexo 1 – Entrevista 13 – p. 87, l. 154-160*) (CARVALHO, 2010, p. 85). Machado (2003, p. 282) registra: "**Brejão**, *top.* Monquique, Aument.d ebrejo (ver *Brejo*). Também se diz *Brijão* (q. v,) Ver *Brejões*." "**Brejo**, top. frequente, tal como *Brejos*: Galiza há *Brejo* e *Breijo* (Corunha). Do s. m. *Brejo*. Em 1257.	

Bregium (Leges, p. 273).”

14. INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Barbosa: *Brejão.* Povoado nos municípios de Careaçu, Coromandel e Teófilo Otoni.

Beaurepaire-Rohan: n/e.

Bivar: Brejão. s.m. Bras. Grande extensão de brejos.

Bluteau: n/e.

Cunha: *Brejal.* sm. ‘brejo grande’.

Freire: Brejo, s.m. B. lat. Braium. Urze. 2. Terra que só dá urzes; matagal. 3. Terreno alagadiço ou pantanoso; paul. 4Terreno onde os rios se conservam mais ou menos permanentes. 5. Lugar frio.

Guerra: Brejo. Terreno plano, encharcado, que aparece nas regiões de cabeceiras ou em zonas de transbordamento de rios.

DICIONÁRIO on line de Português: substantivo masculino. Variação de brejal. Etimologia (origem da palavra brejão). Brejo + ão. Classe gramatical: substantivo masculino. Separação silábica: bre-jão. Plural: brejões. Femininos: brejã, brejoa, brejona. (BREJÃO, 2020).

Oliveira: Brejão. Brejo grande. Ex: Brejão, cid. (PE).

Pereira: Brejos. Locus *vligno/us.* Vligo, inis. Séc. XVII, p. 21.

Pinto: n/e.

Romeiro: n/e.

Silva: Brejo. Sm. Planta silvestre semelhante ao alecrim. Terra úmida, lodosa, alagadiça que serve para arroz.

Soares: n/e.

15. CONTEXTO:

048. (L): ...ó na verdade eu num sei purque tem esse nome não... mais tem um brejão ali... que agora ele tá até seco...

049. (D): ...um brejo... né?

050. (L): ...um brejo grande que tinha li... um pantanal... tinha muita água que nacia... curria dento desse brejo e aí eu cunheci... toda vida... desdeu minina ovi falá Brejão... e quando eu passei a cunhecê esse brejo aí eu já imagei assim... o nome Brejão deve sê por causa desse brejo... (ASP).

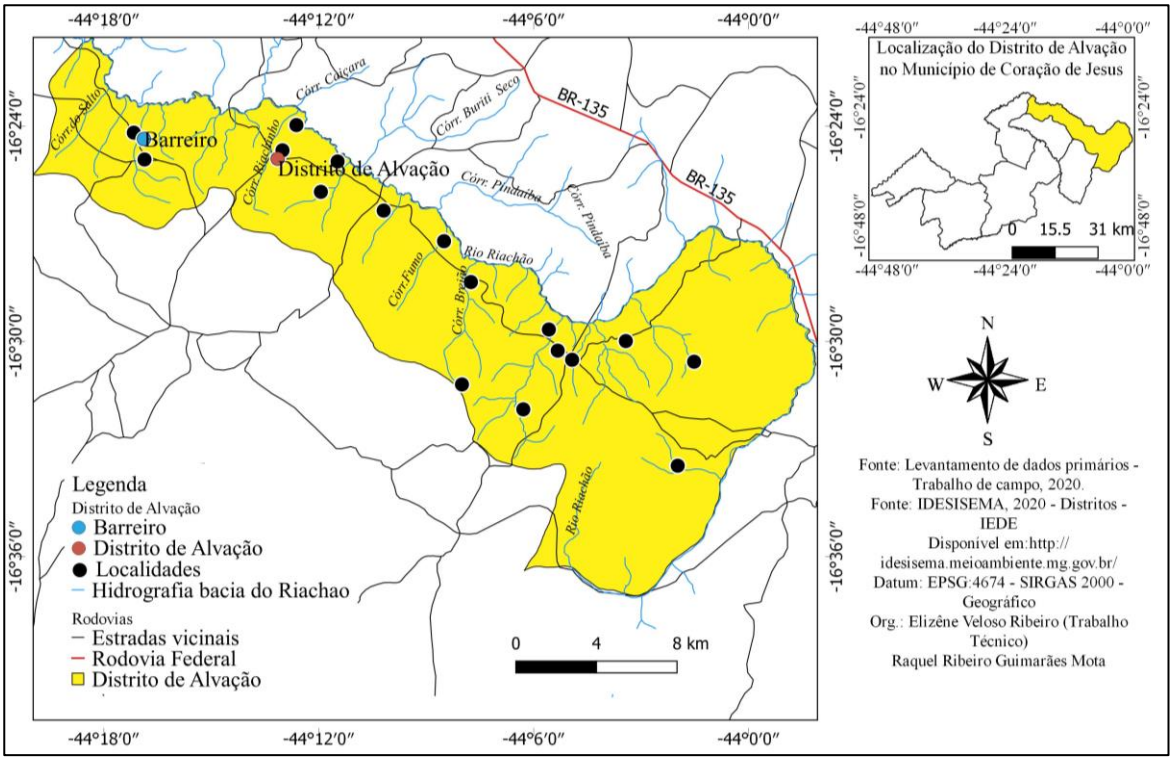
16. Data da coleta do topônimo: 30/09/2020.

17. Pesquisadora: Raquel Ribeiro Guimarães Mota.

18. Orientadora e revisora da pesquisa: Prof.ª Maria do Socorro Vieira Coelho.

19. Imagem do Mapa (Imagem 2)

Mapa 2 - Distrito de Alvação - Município de Coração de Jesus - Minas Gerais/Brasil: localização de Alvação



Fonte: Dados da pesquisa.

20. Fotos

Foto 1 - Povoado

Fonte: Fotografia da autora.

Foto 2 - Igreja Católica de São Sebastião

Fonte: Fotografia da autora.

Foto 3 - Escola municipal

Fonte: Fotografia da autora.

Foto 4 - Praça

Fonte: Fotografia da autora.

Foto 5 - Casas moradores

Fonte: Fotografia da autora.

21. Observações: n/e.

FICHA 6: BREJINHO – MUNICÍPIO CORAÇÃO DE JESUS

1. Topônimo: Brejinho.	1.1. Taxionomia: Hidrotopônimo.
2. Legislação: n/e.	
3. Nome Oficial: Brejinho.	
4. Nome Paralelo: n/e.	
5. Localização: Município Coração de Jesus.	
6. Área: rural.	
7. Acidente: povoado.	
8. Tipo de Elemento: físico.	
9. Variante: n/e.	
10. Histórico: n/e.	
11. Estrutura Morfológica: Nome simples. Diminutivo. Substantivo masculino, singular.	
12. Origem: De origem controvertida (Cunha e Machado). (CUNHA, 2010, p. 101) **brejo** sm. 'pântano' XVI. De origem controvertida. Diminutivo de brejo, brej + -inho = brejinho. Machado: brejo, *s*. Kleinhans (cit. Por v. Wartburg, FEW), apresenta o címbrio *brag-wair* e *brag-welt*, nomes de plantas aquáticas, e menciona a palavra **bracum*, com abundante descendência em França (afr. *brai*. aprov. *brac*. etc., «boue, fange»), a qual seria de origem céltica. Brejo, terra húmida, lodosa, alagadiça, que serve para arrozais», é vocábulo do sul de Portugal, pelo que não parece difícil admitir na sua evolução o intermédio moçarábico: *á*> e *g*>*j*, vj.: J. Hubschmid, na *E. L. H*., I, p. 141. Em 1176: «...pelo *brejo*, et per affimentum de *Cotelo*», doc. das Salzedas (cit. por *Eluc*., s. v. *affimento*); como top, *bregium* em 1257 (Leges, p. 673).	
13. Registro Toponímico: BREJO – Nm [Ssing] • português < origem controversa • Litotopônimo.• Lugar úmido, próximo às nascentes e olhos d' água. • Nomeia → Distrito de Planalto de Minas – sitio. • *o meu mesm' ali, o meu tem (qu'eu declaro todo ano) o meu sitiozim chama sítio Brejo.* (E.16, L.164). (MENDES, 2010, p. 168) BREJÃO – Nm [Ssing] • português < origem controversa • Geomorfotopônimo.• define brejo como: "terra úmida, lodosa, alagadiça, que serve para arrozaes [...], mas, também, não cita brejão. • Nomeia → Fazenda no munícipio de Montes Claros • *Brejão, tem uma fazenda lá que chama Brejão né? PESQUISADORA: ah, fazenda Brejão? INFORMANTE: é (Cf. Anexo 1 – Entrevista 13 – p. 87, l. 154-160*) (CARVALHO, 2010, p. 85).	

Machado (2003, p. 282) registra: "**Brejinho**, *top.* Grandôla. Pombal. Santiago de Cacém, Sines. Dimitdo s. m. *brejo* (ver *Brejo*)."

"**Brejo**, top. frequente, tal como *Brejos*: Galiza há *Brejo* e *Breijo* (Corunha). Do s. m. *Brejo*. Em 1257. *Bregium* (Leges, p. 273)."

14. INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Barbosa: n/e.
Beaurepaire-Rohan: n/e.
Bivar: Brejo. s.m. O m. q. Urze. Sítio plano, mal drenado, com águas depositadas de inverno, com alguma ervagem espontânea. Pântano, paul. Lugar frio.
Bluateau: n/e.
Cunha: Brejo.sm. pântano. XVI. De origem controvertida.

Freire: Brejo, s.m. B. lat. Braium. Urze. 2. Terra que só dá urzes; matagal. 3. Terreno alagadiço ou pantanoso; paul. 4Terreno onde os rios se conservam mais ou menos permanentes. 5. Lugar frio.

Guerra: Brejo. Terreno plano, encharcado, que aparece nas regiões de cabeceiras ou em zonas de transbordamento de rios.
DICIONÁRIO on line de Português: Significado de Brejo. substantivo masculino.Paul, pântano, terra em que só dá urze. [Brasil: Nordeste] Terreno geralmente fértil, onde os rios se conservam mais ou menos permanentes. [Brasil: Maranhão] Lugar baixo onde há nascentes. [Brasil: Bahia] Plantação de arroz. [Figurado] e Fam. Lugar muito frio e batido de vento. Ir para o brejo, cair no esquecimento, ser abandonado ou não dar em nada, não ter consequência. (BREJO, 2020).
Oliveira: Brejo. Local onde o rio transborda durante as chuvas, criando uma área propícia a agricultura.
Pereira: Brejos. Locus *vligno/us.* Vligo, inis. Séc. XVII, p. 21.
Pinto: n/e.
Romeiro: n/e.
Silva: Brejo. Sm. Planta silvestre semelhante ao alecrim. Terra úmida, lodosa, alagadiça que serve para arroz.
Soares: n/e.

15. CONTEXTO:

048. (L): ...é purque tinha um corgo aí...tinha um brejo aí... secô mais tinha... (LVM)
030. (L): ...não... o significado de Brejim... aí eu vou jogá no escuro... deve sê que antes era um brejo... um brejo piqueno... né? era um Brejim piqueno... que na verdade é piqueno o brejo... hoje não é brejo mais... secô... não tem água mais... mas o brejo é aquele ali em cima o quês fala Brejo de Geraldin... é um Brejim... o sintido no causo é que é um Brejo piqueno... de menos... menas água... (JFG).

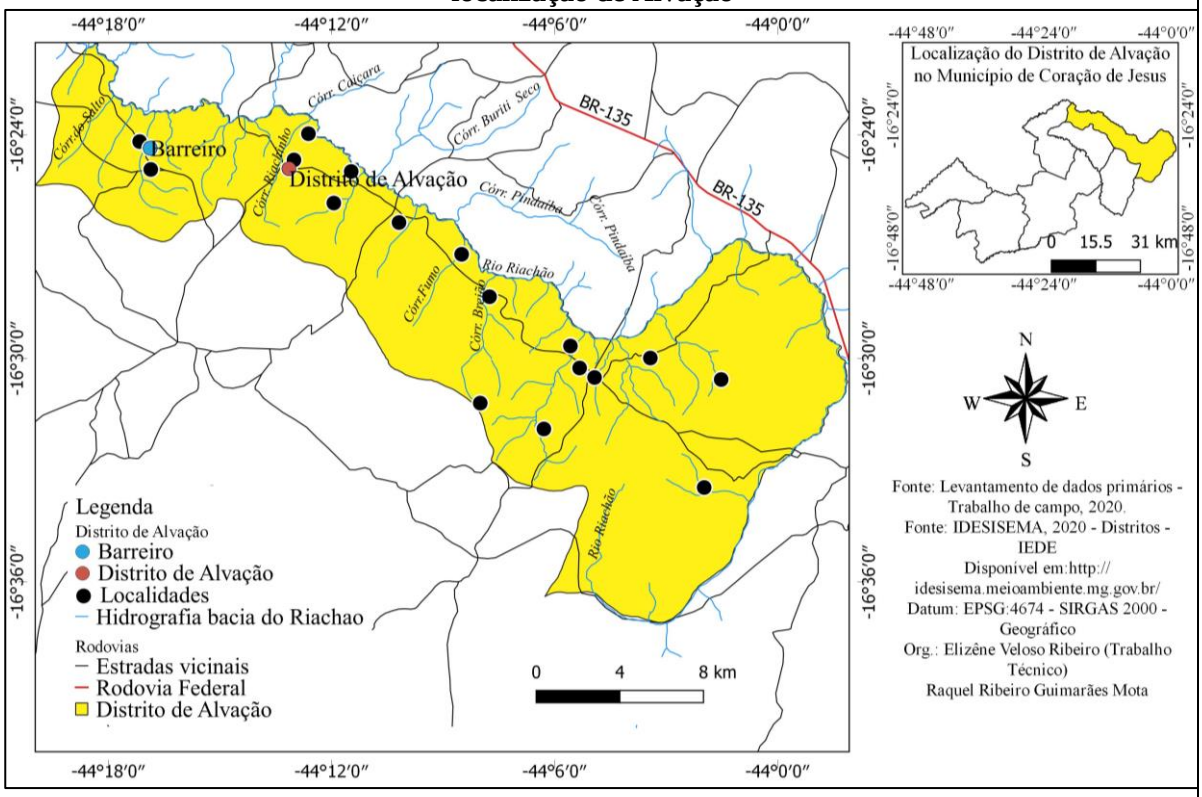
16. Data da coleta do topônimo: 30/09/2020.

17. Pesquisadora: Raquel Ribeiro Guimarães Mota.

18. Orientadora e revisora da pesquisa: Prof.ª Maria do Socorro Vieira Coelho.

19. Imagem do Mapa (Imagem 2)

Mapa 2 - Distrito de Alvação - Município de Coração de Jesus - Minas Gerais/Brasil: localização de Alvação



Fonte: Dados da pesquisa.

20. Fotos

Foto 1 - Escola Estadual São Sebastião

Fonte: Fotografia da autora.

Foto 2 - Posto de saúde

Fonte: Fotografia da autora.

Foto 3 - Igreja de Bom Jesus (antiga e atual)

Fonte: Fotografia da autora.

Foto 4 - Igreja de Deus Avivamento Bíblico

Fonte: Fotografia da autora.

Foto 5 - Igreja Assembleia de Deus

Fonte: Fotografia da autora.

21. Observações: n/e.

FICHA 7: CANTA GALO – MUNICÍPIO CORAÇÃO DE JESUS

1. Topônimo: Canta Galo.	1.1. Taxionomia: Zootopônimo.
2. Legislação: n/e.	
3. Nome Oficial: Canta Galo.	
4. Nome Paralelo: n/e.	
5. Localização: Município Coração de Jesus.	
6. Área: rural.	
7. Acidente: povoado.	
8. Tipo de Elemento: físico.	
9. Variante: n/e.	
10. Histórico: CANTAGALO: Minas Gerais – MG. Conforme dados do IBGE, com base em informações, por volta de 1900 faleceu nas proximidades de onde hoje se localiza a sede do município de Cantagalo um tropeiro que era conhecido pelos seus amigos como Cantagalo. O senhor era muito alegre e querido por todos. Daí passaram a chamar tal região de Cantagalo em homenagem ao falecido tropeiro. Lentamente Cantagalo foi se transformando em um povoado e em 27 de dezembro de 1948, pela Lei Estadual nº 336, foi elevado à condição de Distrito de Peçanha, emancipando a município pela Lei Estadual nº 12.030, de 21 de dezembro de 1995. (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2021a) CANTAGALO: município do Rio de Janeiro. "distrito criado com a denominação de São Pedro de Cantagalo, por Alvará de 09-10-1806, e Decretos Estaduais n.ºs 286, de 29-07-1891 e 1, de 08-05-1892 e 1-A, de 03-06-1892, subordinado ao município de Santo Antônio de Sá. Elevado à categoria de vila com a denominação de São Pedro de Cantagalo, por Alvará de 09-03-1814, desmembrado dos termos das antigas vila de Santo Antonio de Sá, depois Santana de Japuíba, atualmente Cachoeira de Macacu e Campos. Constituído do distrito sede. Elevado à condição de cidade com a denominação de Cantagalo, pela Lei Provincial ou Decreto Provincial n.º 965, de 01-10-1857. A partir de 31-XII-1994, o município é constituído de 5 distritos: Cantagalo, Boa Sorte, Euclidelândia, Santa Rita da Floresta, São Sebastião do Paraíba. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2014. Fonte: Cantagalo (RJ). Prefeitura. 2015. (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2021c). CANTAGALO: município do Paraná – PR. "Em 14 de novembro de 1951, pela Lei Estadual nº 790, foi criado o Distrito Administrativo de Cantagalo, com seu território pertencendo ao Município de Guarapuava. Pela Lei Estadual nº 7.575, de 12 de maio de 1982, o distrito foi elevado à categoria de município, com território desmembrado do Município de Guarapuava. A instalação oficial deu-se no dia 1º de fevereiro de 1983.A região consolidou-se com o surgimento da Freguesia de Nossa Senhora do Belém de Guarapuava, mais tarde Guarapuava. Os tropeiros provocavam grande tráfego e faziam suas pousadas em diversos pontos das estradas, sendo que de um pouso surgiu a primeira formação do que hoje é a cidade de Cantagalo. Durante muito tempo o povoado não evoluiu satisfatoriamente, servindo apenas de ponto de parada de viajantes e tropeiros, e o surto desenvolvimentista deu-se de forma lenta e gradual, com a vinda esporádica de novas famílias, principalmente oriundas dos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Segundo crença regional, o nome Cantagalo origina-se de antigo pouso de tropeiros, onde, nas frias madrugadas de inverno, se ouvia uníssona cantiga de galo. Outra versão apresentada é que os tropeiros cantarolavam e apreciavam a melodia sertaneja	

denominada ?? Cantiga de Galo??. (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2021b).

11. Estrutura Morfológica: nome composto. Substantivo masculino, singular.

12. Origem: latina (Cunha).

Cantar. *vb*. 'executar com a voz um trecho musical. XIII. Do latim Cantãre (CUNHA, 2010, p. 122)
Galo. *Adj*. *Sm*. Relativo a, ou indivíduo dos galináceos, ordem das aves de patas não palmadas, bico curto e não adunco' *gallinaceo 1858*. Do latim gallinaceus. (CUNHA, 2010, p. 309).

13. Registro Toponímico:

Machado (2003, p. 338) registra: "**Cantagalo**, *top*. Região no estado do Rio do Rio de Janeiro (Brasil); outras povoações no mesmo estado e em Paraná, Minas Gerais, São Paulo, Maranhão, Piauí, Baiá, Sergipe, Amazonas, Ceará. Para um dos casos, *Nasc. -II*, s. v., reproduz esta explicação: «na segunda metade do século XVIII foram descobertas minas no distrito de Macacu. Da capitania de Minas Gerais dirigiu-se para aquele ponto um grupo de contrabandistas que tinha à frente um tal Manuel Henrique, alcunhado de *Mão de Luva*. Para captura-los, o vice-rei pediu a intervenção do governador de Minas. Perdidas as esperanças de acertarem os soldados com o esconderijo dos contrabandistas, estavam resolvidos a abandonar a diligência, quando, num lugar aparentemente dasabitado ouviram cantar um galo, que lhes revelou o almejado sítio. Canta galo, mora gente, naturalmente pensaram os soldados. Daí o nome mais tarde dado à freguesia, hoje cidade». Notar a existência de uma povoação *Felgueira de Cantagalo* ou *Caldas da Felgueira*. Nelas, e de outra, *Cantagallo*, em Espanha (Salamanca) ..."

14. INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Barbosa: *Cantagalo*. Distrito do município de Peçanha. Foi criado pela lei Nº. 336, de 27 de dezembro de 1943.
Beaurepaire-Rohan: n/e.
Bluteau: n/e.
Cunha: n/e.
Guerra: n/e.
DICIONÁRIO on line de Português: *cantagalo*. adj (do ital Cantagallo, np) Diz-se de certa maneira de atar a cauda do cavalo. Cantar de galo expr. Querer mandar onde não tem autoridade: o diretor não deixa ninguém cantar de galo no estúdio dele. Agir de forma. (CANTAGALO, 2020).
Machado: n/e.
Oliveira: n/e.
Pinto: n/e.
Romeiro: n/e.
Silva: n/e.
Soares: n/e.

15. CONTEXTO:

068. (L): ...antigamente eu via os povo falá que passô...andava uns vaquero...né? mexeno com gado...aí passô aqui e viu um galo em cima dum cupim e cantô... aí agora ês pôs nome de Canta Galo...(risos)...
069. (D): ...cupim a senhora fala aquês que tem... né?
070. (L): ...os murudum que dá no meio da... das manga... (MJGM).

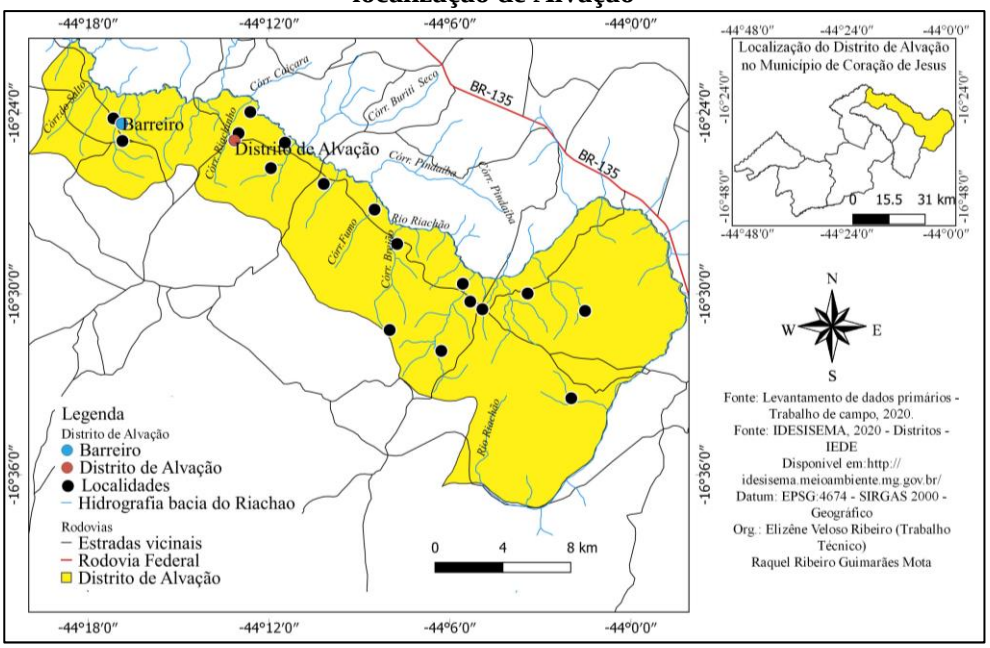
16. Data da coleta do topônimo: 30/09/2020.

17. Pesquisadora: Raquel Ribeiro Guimarães Mota.

18. Orientadora e revisora da pesquisa: Prof.ª Maria do Socorro Vieira Coelho.

19. Imagem do Mapa (Imagem 2)

Mapa 2 - Distrito de Alvação - Município de Coração de Jesus - Minas Gerais/Brasil: localização de Alvação



Fonte: Dados da pesquisa.

20. Fotos

Foto 1 - Cupim

Fonte: Fotografia da autora.

Foto 2 - Igreja Católica de Bom Jesus e Nossa Senhora do Rosário

Fonte: Fotografia da autora.

Foto 3 - Igreja Congregação Cristã no Brasil

Fonte: Fotografia da autora.

Foto 4 - Praça 1

Fonte: Fotografia da autora.

Foto 5 - Praça 2

Fonte: Fotografia da autora.

21. Observações: n/e.

FICHA 8: CHUMBADO – MUNICÍPIO CORAÇÃO DE JESUS

1. Topônimo: Chumbado.	1.1. Taxionomia: Litotopônimo.
2. Legislação: n/e.	
3. Nome Oficial: Chumbado.	
4. Nome Paralelo: n/e.	
5. Localização: Município Coração de Jesus.	
6. Área: rural.	
7. Acidente: fazenda.*	
8. Tipo de Elemento: físico.	
9. Variante: n/e.	
10. Histórico: n/e.	
11. Estrutura Morfológica: nome simples. Adjetivo, singular.	
12. Origem: latina (Cunha). Cunha: Chumbo. Sm. (Quím.) elemento de número atômico 82, metálico, muito denso, de grande aplicação na industria' XIII. Do lat. *Plumbum.* (CUNHA, 2010, p. 101)	
13. Registro Toponímico: Machado (2003, p. 410) registra o topônimo: "**Chumbado**, *top*. No Brasil: Goiás, Maranhão. Do adj. *chumbado*: alc. tornada top.?"	
14. INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: **Barbosa:** n/e. **Beaurepaire-Rohan:** n/e. **Bluteau:** *chumbado*. Látegos chumbados. Entre os tromentos dos antigos martyres era huma espécie de acoute, ou disciplina com muitas pernas, de cujas extremidades pendião humas pequenas bólas de chumbo. *Flagellun funculis plumbatis*. Domingos Macro no seu *Hierolexicon* lhes chama numa palavra *Plumbate, arion. Fem.*(deve sobenteder algum substantivo do gênero feminino.) açoutar com látegos chumbados. *Plumbatis cedere,* he frase do martyrol. Romano. Aos quaes mandou acoutar, com látegos *chumbados* até, que espirarão, martyril. Vulg. Pag.28. **Cunha:** chumbado. 'selado com chumbo' XIV; sério, grave' XVII; fig. 'embriagado' 1858; 'soldado com chumbo', XX. **Guerra:** n/e. **DICIONÁRIO on line de Português:** *Chumbado.* Adjetivo. Soldado ou pegado com chumbo; tapado ou obturado com chumbo ou outro metal: dente chumbado. Ferido com chumbo ou bala. [Figurado] Embriagado. [Brasil] Diz-se do boi que tem o pêlo branco, vermelho ou castanho com manchas pretas. [Brasil] Pop. Tomado de paixão amorosa ou atingido por doença contagiosa, venérea, ou grave. Sinônimos de Chumbado. Chumbado é sinônimo de: preso, ligado, grito, soldado, bêbedo, embriagado. Definição de Chumbado. Classe gramatical: adjetivo. Flexão do verbo chumbar no: particípio. Separação silábica: chum-ba-do. Plural: chumbados. Feminino: chumbada. (CHUMBADO, 2020).	

Machado: n/e.
Oliveira: n/e.
Pereira: Chumbado. Plumbatus,a,ium. Gravu, & vc. Séc. XVII, p. s/n.
Pinto: *Chumbado*. adj. Da cór de chumbo. Diz se também do bêbado que não se pode mover bem.
Romeiro: n/e.
Silva: *Chumbado*. p. pass. de chumbar. Da cor de chumbo. *Lategos chumbados*; i. é, açoutar os mártires. E. *fallar chumbado*: é, serio, fazendo reflexões graves, sisudas. *Arte de fartar*, *Deprecação*. O que está bêbado de sorte, que se move pesadamente. quem tem chumbeira: v.g. rede chumbada.
Soares: n/e.

15. CONTEXTO:

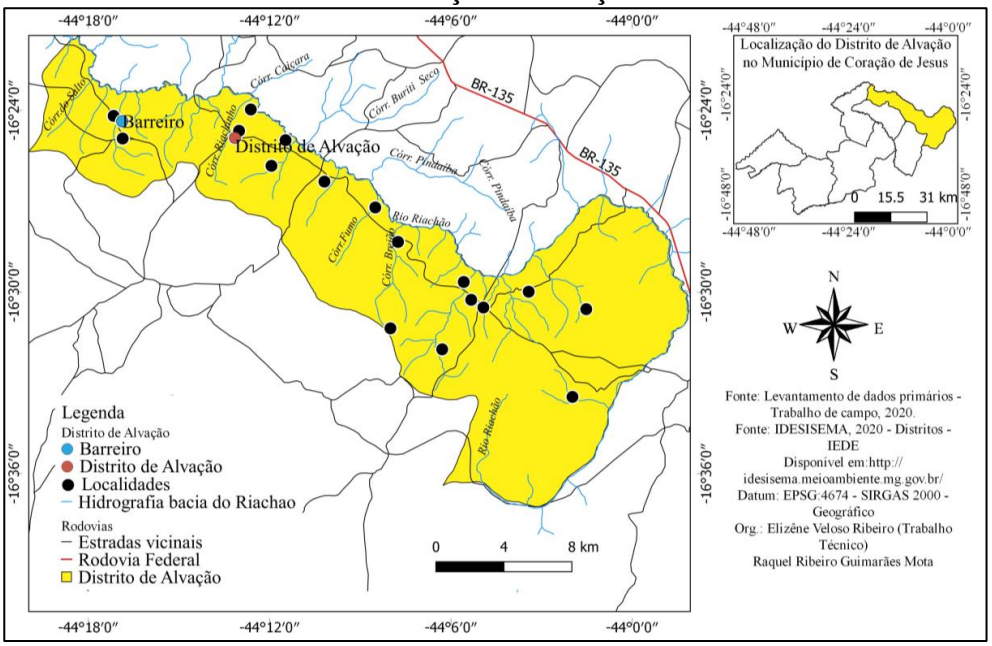
038. (L): ...eu.. eu tenho uma ispritânça que aqui... ali pra fora mermo... no Chumbado mermo... é um lugá que tinha muito estanho...
039. (D): ...estanho?
040. (L): ...é... até acha estanho por riba da terra...
041. (D): ...ah...
042. (L): ...da natureza... da terra...
043. (D): ...é um elemento... é... sei...
044. (L): ...é aquele treim que faz chumbo...
045. (D): ...ah é isso mermo...
046. (L): ...aquele negocim parece ferro mais é mole...
047. (D): ...ah... intão senhô acha que pode ser por causa disso?
048. (L): ...eu acho que pode ser mode isso... né?
049. (D): ...por causa do estanho que tem muito... intão a gente acha inda assim?
050. (L): ...acha... tem lugá que acha... (SAR).

16. Data da coleta do topônimo: 30/09/2020.

17. Pesquisadora: Raquel Ribeiro Guimarães Mota.

19. Imagem do Mapa (Imagem 2)

Mapa 2 - Distrito de Alvação - Município de Coração de Jesus - Minas Gerais/Brasil: localização de Alvação



Fonte: Dados da pesquisa.

20. Fotos

Foto 1 - Sítio

Fonte: Fotografia da autora.

Foto 2 - Casas de moradores

Fonte: Fotografia da autora.

Foto 3 - Igreja Congregação Cristã no Brasil

Fonte: Fotografia da autora.

Foto 4 - Casa de animal

Fonte: Fotografia da autora.

21. Observações: n/e.

FICHA 9: DUAS BARRAS – MUNICÍPIO CORAÇÃO DE JESUS

1. Topônimo: Duas Barras.	1.1. Taxionomia: Numerotopônimo.
2. Legislação: n/e.	
3. Nome Oficial: Duas Barras.	
4. Nome Paralelo: n/e.	
5. Localização: Município Coração de Jesus.	
6. Área: rural.	
7. Acidente: fazenda.	
8. Tipo de Elemento: físico.	
9. Variante: n/e.	
10. Histórico: n/e.	
11. Estrutura Morfológica: nome composto. numeral + substantivo feminino. Plural.	
12. Origem: latina (Cunha) Dois num. '2. *II'. XVI, dous*; **duas** num f. XIII. Do lat. *Dua, duae* (*no acus. duos, duas*). (CUNHA, 2010, p. 227). Barro sm. 'tipo de argila' 'substancia utilizada no assentamento da alvenaria de tijolo em obras provisórias, obtida pela mistura de argila com água' XIV. De origem pré-romana. **Barra** sf. 'debrum, fita' 'acúmulo de material aluviônico', 'entrada estreita de um porto' *XIII*.). (CUNHA, 2010, p. 82).	
13. Registro Toponímico: DUAS BARRAS – NCf [NUMpl+Spl] • português < latim + pré-românico • Numerotopônimo • Duas formações de banco de areia e sedimentos trazidos pelas águas. • Nomeia → Distrito de Senador Mourão – Lugar. • *[...] tem Água Verde que vai lá, tem Duas Barras, ( ) tem o'tro que chama Inhacica Grande, Inhacica Pequena, quer dizê tudo ês bota um nome, (os nome que ês pusero, né?) um agoa um corgo menor, Inhacica Pequena, o o'tro o corgo maior, Inhacica Grande, um lugá muito bonito, né? ( ) danado!* (E.19, L.267). • Registro escrito: Duas Barras (1770), Córrego das Duas Barras (1788). (MENDES, 2010, p. 178). Machado (2003, p. 522) considera o topônimo "Duas, Duas Barras, no Brasil, frequente;"	
14. INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: **Barbosa:** n/e. **Beaurepaire-Rohan:** n/e. **Bluteau:** n/e. **Cunha:** n/e.	

Guerra: n/e.
DICIONÁRIO on line de Português: n/e.
Machado: n/e.
Oliveira: n/e.
Pinto: n/e.
Romeiro: n/e.
Silva: n/e.
Soares: n/e.

15. CONTEXTO:

064. (L): ...não sei te explicá porque e de onde surgiu viu... (ZMF)
064. (L): ...uai... eu num sei purque não... que isso era os véi que falava Duas... Barra... Duas Barra...
065. (D): ...o pai do senhô que colocô esse nome?
066. (L): ...foi...
067. (D): ...o senhô não sabe purque esse nome intão não?
068. (L): ...num sei purque... (JMF)

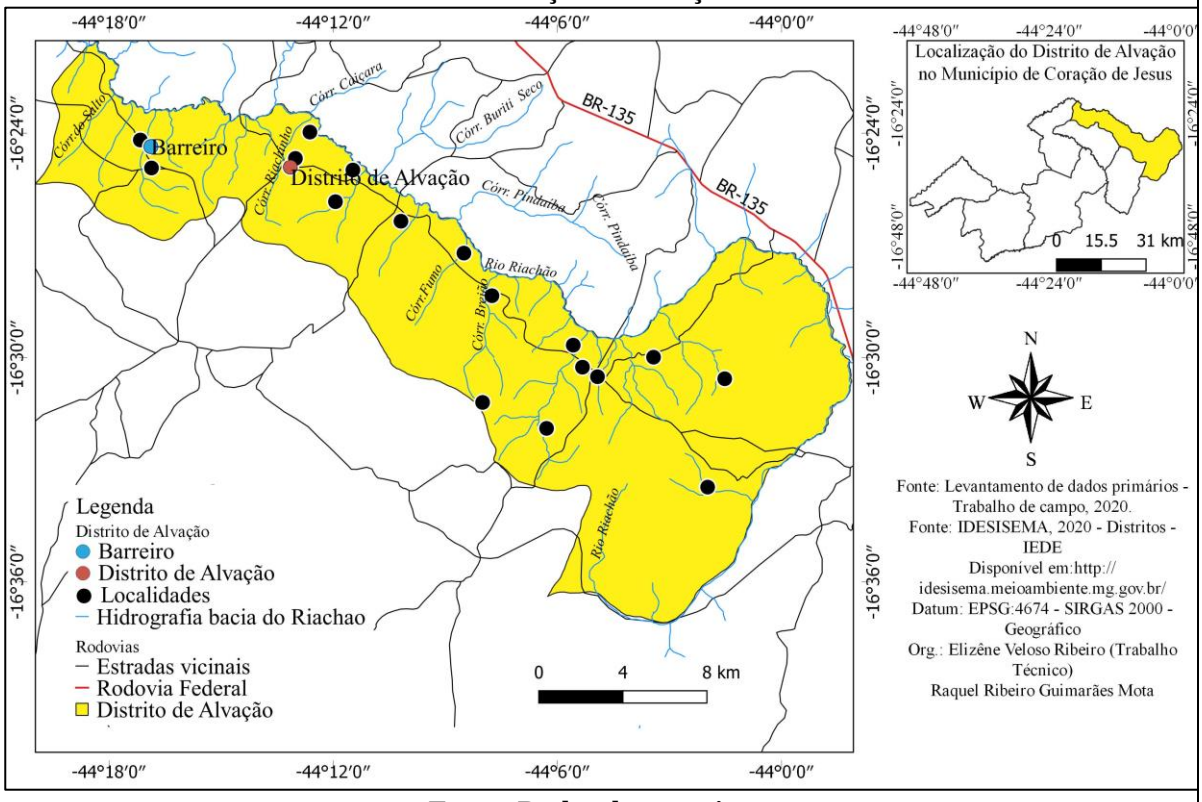
16. Data da coleta do topônimo: 30/09/2020.

17. Pesquisadora: Raquel Ribeiro Guimarães Mota.

18. Orientadora e revisora da pesquisa: Prof.ª Maria do Socorro Vieira Coelho.

19. Imagem do Mapa (Imagem 2)

Mapa 2 - Distrito de Alvação - Município de Coração de Jesus - Minas Gerais/Brasil: localização de Alvação



Fonte: Dados da pesquisa.

20. Fotos

Foto 1 - Córrego seco

Fonte: Fotografia da autora.

Foto 2 - Sítio 1

Fonte: Fotografia da autora.

Foto 3 - Ponte sobre o córrego Tamboril

Fonte: Fotografia da autora.

Foto 4 - Sítio 2

Fonte: Fotografia da autora.

21. Observações: n/e.

FICHA 10: ESPORAS – MUNICÍPIO CORAÇÃO DE JESUS

1. Topônimo: Esporas.	1.1. Taxionomia: Ergotopônimo.
2. Legislação: n/e.	
3. Nome Oficial: Esporas.	
4. Nome Paralelo: São Luís.	
5. Localização: Município Coração de Jesus.	
6. Área: rural.	
7. Acidente: povoado.	
8. Tipo de Elemento: físico.	
9. Variante: n/e.	
10. Histórico: n/e.	
11. Estrutura Morfológica: nome simples. Substantivo feminino, plural.	
12. Origem: gótica (Cunha e Machado). espora. *Sf.* Instrumento de metal que se põe no tacão do calçado para incitar o animal que se monta' XIII. Espola XIV. Do gót. *spaura. (CUNHA, 2010, p. 266). Espora: *s.* Do gót. **spaúra*, mesmo sentido; vj.: E. Gamillscheg, na *R. F. E.*, XIX, p. 236. Em 968: «Continens sólidos quibentos *sporas* fuziles de ouro de CC.^{aa} et XXi almetegales», *Dipl*., p. 62. (MACHADO, 1977, p. 469)	
13. Registro Toponímico: Machado (2003, p. 590) em seu dicionário onomástico etimológico, registra o topônimo Espora no Brasil, "riachos na Baia, Goiás, Minas Gerais. Do s. f. *espora*, sugerido pela forma?".	
14. INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: **Barbosa:** n/e. **Beaurepaire-Rohan:** n/e. **Bluteau:** n/e. **Cunha:** espora. sf. 'instrumento de metal que se põe no tacão de calçado para incitar o animal que se monta' / XIII, *espola* XIV/ do gót. *Spaura //* **espor**ada // **espor**ão / *sporão* 1570 / do a. prov. *Esporan,* deriv. Do ant. alt. al. *Sporo //* **espor**E.AR XVI // **espor**EIRA 1881 // **espor**ÍFERO 1899. **Guerra:** n/e. **DICIONÁRIO on line de Português:** *Esporas*. Vem do verbo esporar. Etimologia (origem da palavra esporar.). Espora+ar. Flexão do verbo esporar na 2ª pessoa do singular do presente do indicativo. Singular: espora. (ESPORA, 2020). **Oliveira:** n/e. **Pereira: Eſpora.** *Calca,aris. Séc. XVII, p. s/n.* **Pinto:** n/e.	

Romeiro: n/e.
Silva: n/e.
Soares: n/e.

15. CONTEXTO:

056. (L): ...oia... o que a gente via os mais véi falá de primero... né?
057. (D): ...ãnham...
058. (L): ...é que tinha um córrego aqui...
059. (D): ...ãn...
060. (L): ...que nesse córrego aí... tinha uma passage e num tinha ponte... né?
061. (D): ...ãnham... passava dentro... né?
062. (L): ...passava dentro... aí diz que uma pessoa... não sei se era um vaquero ou era... era... perdeu uma ispora...
063. (D): ...ãn...
064. (L): ... aí naquele tempo... né? os material dessas coisa era mais valiosa... né?
065. (D): ...ah... era... né?
066. (L): ...era metal... ela era prata... né?
067. (D): ...ũhum...e
068. (L): ... aí ês disse que procuraram e num pôde encontrá a ispora
069. (D): ...ãn...
070. (L): ...aí ês foi falano que ia lá na ispora... que ia lá caçá a ispora... passá... ir lá e de repente ês já falô que ia lá no córgo da ispora e com isso ficô... né?
071. (D):...aí o pessoal foi chamano... né?
072. (L):...aí pegô...
073. (D): ...aí ficô Ispora? mais assim...
074. (L):... hoje a cumunidade... a gente mudô nome aqui do povoado... né? pra São Luiz...
075. (D):...ah... hoje chama São Luíz? mais não é um que a gente chama São Luiz de Minas não?
076. (L): ...é...
077. (D): ...é São Luiz de Minas? mais esse nome que mudõ? intão esse nome Ispora já não é mais Ispora... é São Luiz de Minas?
078. (L): ...a cumunidade é o seguinte... a região aí e o córrego da Ispora...
079. (D): ...ãn...
080. (L): ... agora o povoado... iscola... a igreja é São Luiz...
081. (D): ...ah... tem muita gente que conhece também como Isporas... né?
082. (L): ...é...
083. (D): ...e assim? porque que mudô para esse nome São Luiz?
084. (L): ...uai... nós mudamo por homenage o dono da terra... do terreno...
085. (D): ...o doador?
086. (L): ...é...
087. (D): ...o doador chamava como?
088. (L): ...era Luiz Rêgo... (JLFS).

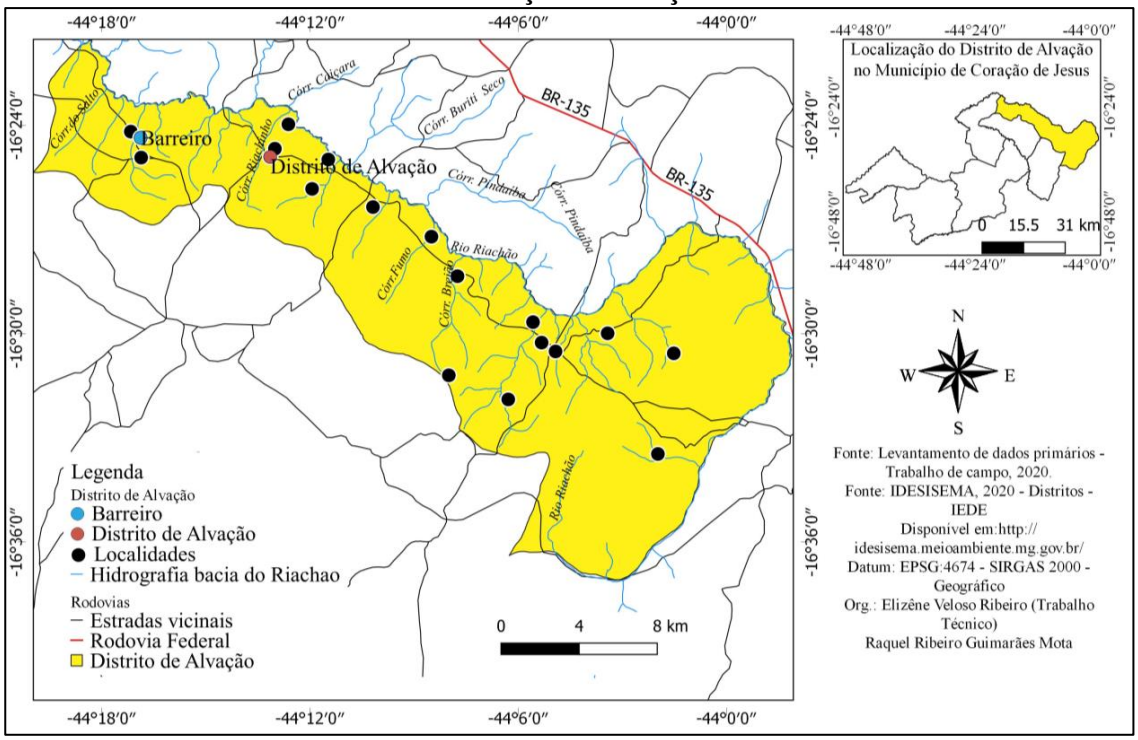
16. Data da coleta do topônimo: 30/09/2020.

17. Pesquisadora: Raquel Ribeiro Guimarães Mota.

18. Orientadora e revisora da pesquisa: Prof.ª Maria do Socorro Vieira Coelho.

19. Imagem do Mapa (Imagem 2)

Mapa 2 - Distrito de Alvação - Município de Coração de Jesus - Minas Gerais/Brasil: localização de Alvação



Fonte: Dados da pesquisa.

20. Fotos

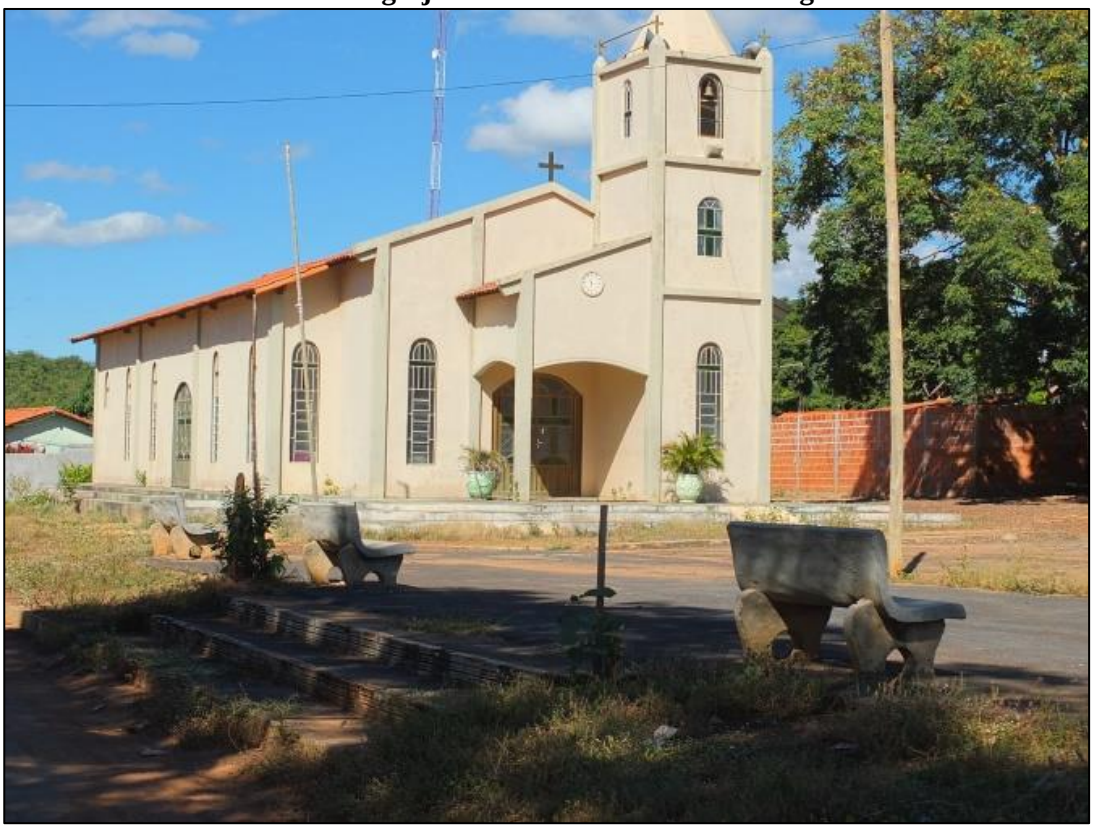
Foto 1 - Escola Estadual São Luís

Fonte: Fotografia da autora.

Foto 2 - Igreja Católica de São Luís Gonzaga (antiga)

Fonte: Fotografia da autora.

Foto 3 - Igreja Católica de São Luís Gonzaga



Fonte: Fotografia da autora.

Foto 4 - Igreja Congregação Cristã no Brasil

Fonte: Fotografia da autora.

Foto 5 - Rua de entrada do povoado

Fonte: Fotografia da autora.

21. Observações: n/e.

FICHA 11: FONSECA – MUNICÍPIO CORAÇÃO DE JESUS

1. Topônimo: Fonseca.	1.1. Taxionomia: Antrotopônimo.
2. Legislação: n/e.	
3. Nome Oficial: Fonseca.	
4. Nome Paralelo: n/e.	
5. Localização: Município Coração de Jesus.	
6. Área: rural.	
7. Acidente: povoado.	
8. Tipo de Elemento: físico.	
9. Variante: n/e.	
10. Histórico: n/e.	
11. Estrutura Morfológica: nomes composto. Substantivo masculino, singular.	
12. Origem: portuguesa (Guérios). Guérios: Fonseca sobr. port. top.; **Fonte Seca**; em catalão: **Fontseca**, sobr. - Os Fonsecas "vêm de Gracia Rodrigues..., o qual fez assento na Honra de Fonseca, que deu a seus descendentes o nome, sendo o primeiro que o tomou Mem Gonçalo da Fonseca, que fundou e dotou o mosteiro de Mancelos". (GUÉRIOS, 1981, p. 122-123.)	
13. Registro Toponímico: Machado (2003, p. 654) registra o topônimo Fonseca em "Baião, Lisboa (pátio), Loures (*Quinta do Fonseca*), Montemor-o-Novo, Resende, Santarém, Torres Novas, Vila Franca de Xira; no Brasil: Ceará, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, São Paulo. Em quase todos os casos de *Fonte Seca*; em alguns, como o de Loures, pelo menos, de Fonseca. *Fonsecas*, Lisboa; no Brasil: Minas Gerais; alusões a famílias locais com o apel. *Fonsecas*, Como antr., no *D.N.* de 7-VII-1982, p. 18 «*Fonseca José Neves de Brito*».”	
14. INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: **Barbosa:** *Fonseca*. Distrito de Alvinópolis. Foi criado pelo decreto Nº. 365, de 5 de fevereiro de 1891. **Beaurepaire-Rohan:** n/e. **Bluteau:** n/e. **Cunha:** n/e. **Guerra:** n/e. **DICIONÁRIO on line de Português:** n/e. **Oliveira:** n/e. **Pinto:** n/e. **Romeiro:** n/e. **Silva:** n/e.	

Soares: n/e.

15. CONTEXTO:

115. (D): ...sinhora sabe purque que ele chama Fonseca?
116. (L): ...eu não...
117. (D): ...o povo fala uma história de umas fonte... uma fonte que... ao redor sempre todo lugá tinha fonte... e aí lá num tinha... lá num tinha água... e aí passô a chamá de fonte... fonseca... fonte seca... será?
118. (L): ...capaz.. e o povo punha apilido nesse trem aí todo jeito... era guenrê... era um tanto de trem...
119. (D): ...ah... intão antes de Fonseca era como?
120. (L): ...Guenrê...
121. (D): ...guenrê era as jandaia?
122. (L): ...é... que lá é o lugá das jandaia botá...
123. (D): ...ah... as jandaia botava lá... né? aí colocô nome de Guenrê?
124. (L): ...é...
125. (D): ...aí depois colocô Fonseca?
126. (L): ...Fonseca... (CRS)

042. (L): ...uai... eu num sei... quês trocô... ês trocô que o véi que pôs esse nome morreu... né? que era dos Bandera li da Ermidinha... aí foi ele que fez uma casa pra Palão aqui e botô esse nome... aí... aí... quele fez a casa de Paulo ali... uma casinha ali... depois tinha essa de cumpade Paulo dali... e depois ês fez uma de Paulo ali... ele inventô esse nome... ele era muinto brincaião... aí ele inventô esse nome e pôs esse nome aí...
043. (D): ...porque Fonseca também é um sobrenome... tem gente que tem esse sobrenome... talvez... será que esse homem que colocô esse nome ele num tinha esse sobrenome?
044. (L): ...nessa épuca? tinha não...
045. (D): ...tinha nada a vê...
046. (L): ... esse nome foi ele que inventô primero... né? aí quando mancipô aqui... aí comecô vim as política pra cá... que... aqui era pra sê da igreja... né? mais cumo num dava pra igreja registá... aí passô pra prefeitura... intão a prefeitura... o véi Miguel passô pra prefeitura e o prefeito pegô e tomô conta... aí já foi mudano as coisa... não ficô do jeito que é... mais...
047. (D): ... esse Fonseca... senhô já ouviu alguma história relacionada a ser uma fonte seca? do lugá que tinha alguma fonte e secô? alguma coisa relacionada a isso?
048. (L): ... tinha não... tinha fonte assim pruque... que aqui perto chamava Bananal... né? que aqui era Bananal... e é até hoje... aí... ês tinha que tê posto Bananal... né? aí pôs Fonseca... (RCS).

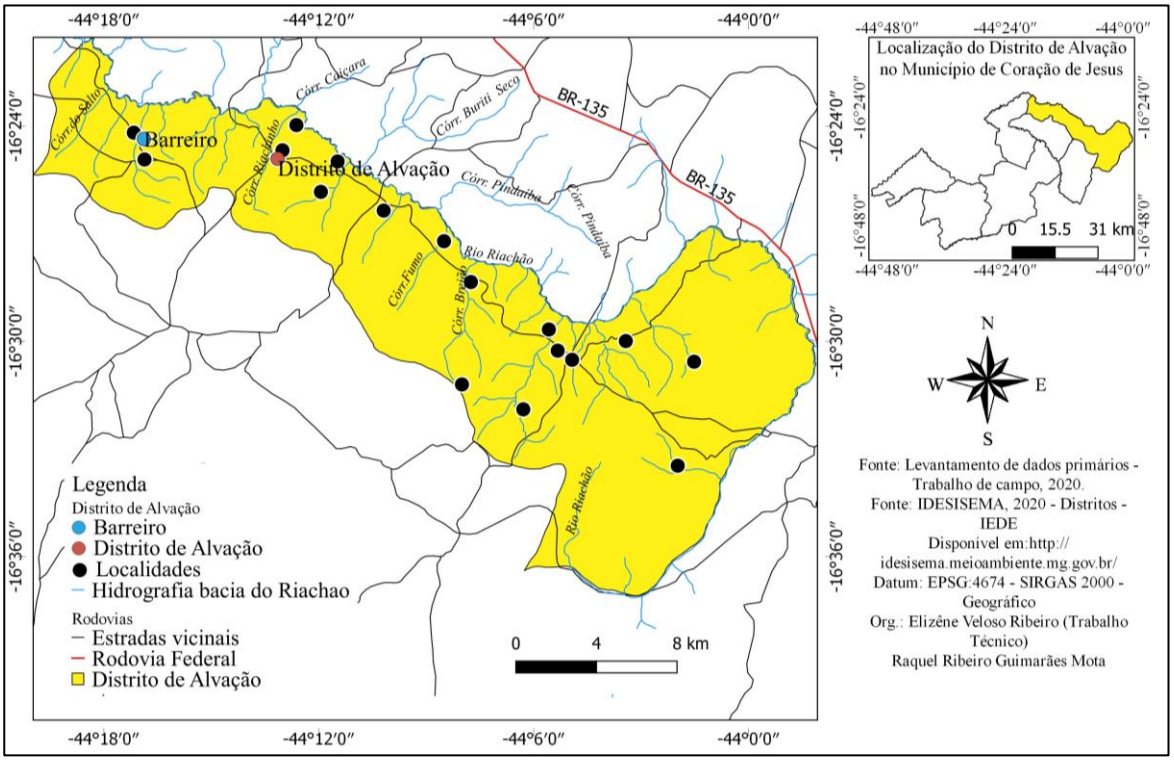
16. Data da coleta do topônimo: 30/09/2020.

17. Pesquisadora: Raquel Ribeiro Guimarães Mota.

18. Orientadora e revisora da pesquisa: Prof.ª Maria do Socorro Vieira Coelho.

19. Imagem do Mapa (Imagem 2)

Mapa 2 - Distrito de Alvação - Município de Coração de Jesus - Minas Gerais/Brasil: localização de Alvação



Fonte: Dados da pesquisa.

20. Fotos

Foto 1 - Placa da saída de Brejinho para Fonseca

Fonte: Fotografia da autora.

Foto 2 - Igreja Católica Divino Espírito Santo

Fonte: Fotografia da autora.

Foto 3 - Ponto de ônibus

Fonte: Fotografia da autora.

Foto 4 - Rua principal pavimentada

Fonte: Fotografia da autora.

Foto 5 - Escola municipal

Fonte: Fotografia da autora.

21. Observações: n/e.

FICHA 12: FUMO – MUNICÍPIO CORAÇÃO DE JESUS

1. Topônimo: Fumo.	1.1. Taxionomia: Fitotopônimo.
2. Legislação: n/e.	
3. Nome Oficial: Fumo.	
4. Nome Paralelo: n/e.	
5. Localização: Município Coração de Jesus.	
6. Área: rural.	
7. Acidente: Fazenda.	
8. Tipo de Elemento: físico.	
9. Variante: n/e.	
10. Histórico: n/e.	
11. Estrutura Morfológica: nome simples. Substantivo masculino, singular.	
12. Origem: latina (Cunha e Machado). fumo. *Sm.* Vapor que se eleva dos corpos em combustão' 'tabaco', 'faixa de crepe para luto' XIII. Do lat. fumus –i. (CUNHA, 2010, p. 304) Fumo, *s.* Do lat. *fūmo-*, «fumo». Séc. XIII: «Quand'eles oyron aquesta razon, / como *fumo* se desfezero enton», *St. Maria*, N.º 82 vol. I, p. 239. O sentido brasileiro de «tabaco» já aparece em 1873, em *D. V.* (MACHADO, 1977, p. 101)	
13. Registro Toponímico: Conforme Machado (2003,p. 677), "**Fumo**, *top*. No Brasil,riachos em Goiás e Minas Gerais. Do s.m. *fumo* (= «tabaco» ou sentido ant. e port.?0. Em Portugal, *Fumos*, Resende."	
14. INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: **Barbosa:** **Beaurepaire-Rohan:** **Bluteau:** *Fumo*. humidade, que com o vapor do fogo se exhala, em vapor negro. faz muyto fumo nesta casa. **Cunha:** Fumo. s.m. vapor que se eleva dos corpos em combustão. tabaco. faixa de crepe para luto. **Guerra:** n/e **DICIONÁRIO on line de Português:** Classe gramatical: substantivo masculino. Flexão do verbo fumar na: 1ª pessoa do singular do presente do indicativo. Separação silábica: fu-mo. Plural: fumos. (FUMO, 2020). **Oliveira:** n/e. **Pereira:** *Fumo, i.* Séc. XVII. p. 55. **Pinto**: fumo, s. m. As partes oleosas húmidas e de diversas naturezas que exhalam os corpos expostos ao fogo. vapor que exhalam os líquidos quando fervem e tudo o que fermentam. *fig*. Presumpção. Vaidade. Certo tecido fino e transparente de cor preta de que se usa nos lutos. **Romeiro:** n/e. **Silva:** Fúmo. s.m. A humidade, e outras partes oleosas. e heterogenea, que o fogo desenvolve, e faz	

subir ao ar em corpo mais ou menos denso. o vapor denso que se exhala: v.g. do vinho, do esterco. Vaidade, presunção.

15. CONTEXTO:

043. (D): ...e esse nome Fumo... será purque seu Gino?
044. (L): ...uai... pai falava que... uma vez quemô na cabecera aí... lá na varge e... pegô fogo lá e quemô e ficô aquele quemado... ês samiaram uma semente de fumo lá e pegô um fumal lá dentro... lá na baxa... aí... ficaram... os mais véi... meu avô... e falava a baxa do fumo...
045. (D): ...baxa do fumo.... fumo é aquele que o povo usa...
046. (L): ...cigarro...
047. (D): ...faz cigarro pra fumá?
048. (L): ...é... isso...
049. (D): ...ah... e tem algum pé por aqui?
050. (L): ...tem não... cabô tudo...
051. (D): ...ah... é... intão sempre que o senhô cunheceu qui foi Fumo?
052. (L): ...foi... (ISV)

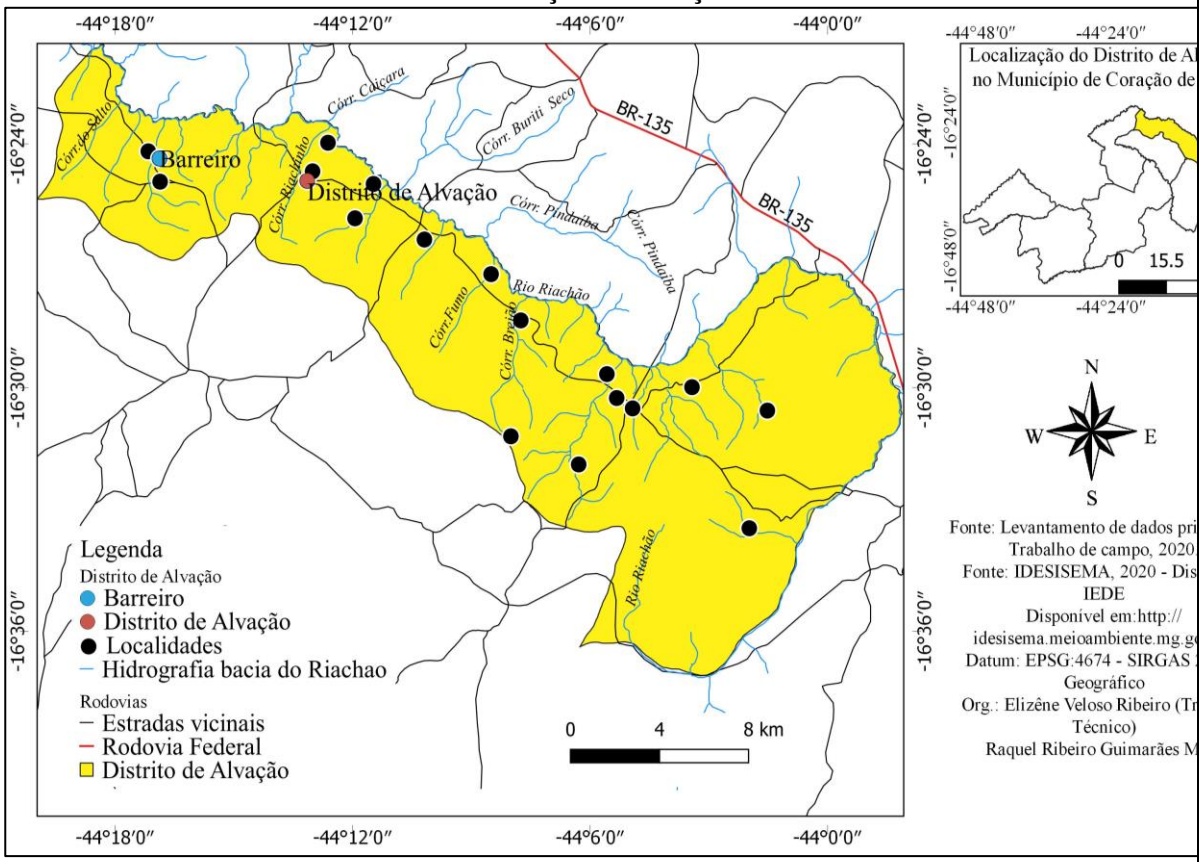
16. Data da coleta do topônimo: 30/09/2020.

17. Pesquisadora: Raquel Ribeiro Guimarães Mota.

18. Orientadora e revisora da pesquisa: Prof.ª Maria do Socorro Vieira Coelho.

19. Imagem do Mapa (Imagem 2)

Mapa 2 - Distrito de Alvação - Município de Coração de Jesus - Minas Gerais/Brasil: localização de Alvação



Fonte: Dados da pesquisa.

20. Fotos

Foto 1 - Sítio

Fonte: Fotografia da autora.

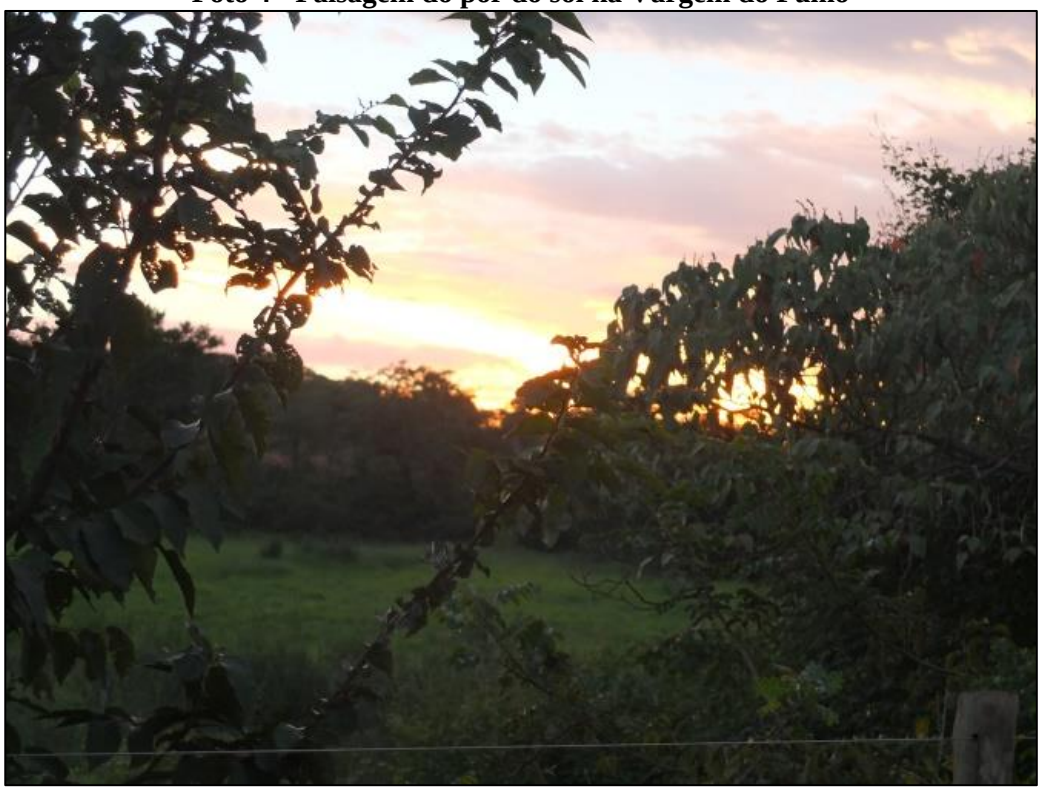
Foto 2 - Cancela de entrada para sítios

Fonte: Fotografia da autora.

3 - Estrada de terra que liga os sítios

Fonte: Fotografia da autora.

Foto 4 - Paisagem do pôr do sol na Vargem do Fumo



Fonte: Fotografia da autora.

21. Observações: n/e.

FICHA 13: LAMARÃO – MUNICÍPIO CORAÇÃO DE JESUS

1. Topônimo: Lamarão.	1.1. Taxionomia: Fitotopônimo.
2. Legislação: n/e.	
3. Nome Oficial: Lamarão.	
4. Nome Paralelo: n/e.	
5. Localização: Município Coração de Jesus.	
6. Área: rural.	
7. Acidente: fazenda.	
8. Tipo de Elemento: físico.	
9. Variante: n/e.	
10. Histórico: n/e.	
11. Estrutura Morfológica: nome simples. Substantivo masculino, singular.	
12. Origem: portuguesa (DICIONÁRIO on line de Português). Lamarão, s. De *lama*. Séc. XVI: «Estes caranguejos habitão nas tocas das árvores, que estão nos *lamarões* do mar...», Cardim, p. 92. (MACHADO, 1977, p. 377)	
13. Registro Toponímico: LAMARÃO – Nm [Ssing] • português < latim • Litotopônimo • Lamaçal. • Nomeia → Distrito de São João da Chapada – Córrego, lugar, garimpo. • *[...] bem pra cima das lajes, Lamarão já é virando para Curumataí [...].* (E. 10, L. 122). (MENDES, 2010, p. 184). LAMARÃO - Segundo dados do IBGE, há um município denominado Lamarão no estado da Bahia. Na divisão administrativa de 1911, o município aparece formado pelo distrito da sede. Em 1920 já era constituído dos distritos de Serrinha, Biritinga, Pedras e Lamarão foi criado pela lei municipal nº 148, de 14 de agosto de 1922, aprovada pela Lei Estadual nº 1631, de 26 de julho de 1923. Nas divisões administrativas seguintes até 1938 o município de Serrinha aparece formado por quatro distritos: Serrinha, Biritinga, Lamarão e Araci. Sua emancipação político-administrativa se deu através da Lei Estadual nº 1737, de 20 de julho de 1962. "Habitado inicialmente pelos índios biritingas, o sitio onde hoje se ergueu Lamarão tem como primeira referência de presença branca o estabelecimento dos irmãos Antônio e José Celestino de Oliveira, os quais construíram moradia em ponto que mais tarde viria a ser povoado de tropeiros e viajantes, que na época se deslocavam de Nova Rainha (atual cidade de Senhor do Bonfim) para Santo Amaro transportando mercadorias para vender. O nome Lamarão originou-se de uma lagoa temporária que havia no local mais baixo da cidade, normalmente um lamaçal pelos períodos constantes de estiagem. Após ter secado totalmente, o local continuou sendo denominado como Lamarão." *(*INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2021e). Machado (2003, p. 850) noticia: " **Lamarão**, *top.* Alcácer do Sal, Coimbra, Guimarães, Santo Tirso; no Brasil: Baía. Der, de *lama*,já atestável no séc. XVII: « Estes caranguejos habitão nas tócas das	

árvores,que estão nos *lamarões* do mar...» Cardim, p. 92. "**Lamarões**, *top*. Sabugal, Sever do Vouga. Pl. de Lamarão (q.v.), aument. De *lamar* (q.v. como apel.), der.de *lama*.

14. INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Barbosa: n/e.
Beaurepaire-Rohan: n/e.
Bluteau: *Lamarão*. *vid*. lamaçal. (*O Lamarão, que vai de Sacavem até Alverca. Micellan. De leitão, pag. 99).*
Cunha: n/e.
Guerra: n/e.
DICIONÁRIO on line de Português: *Lamarão.* Substantivo masculino. (Portugal) Grande mentira. Mexerico, bisbilhotice. substantivo masculino. Grande lamaçal. Grande porção de lodo, que a baixa mar deixa a descoberto. etimologia (origem da palavra lamarão). do rad. de lama. (LAMARÃO, 2020).
Oliveira: lamarão. 1. Lamaçal grande. Ex.: Lamarão, cid. (BA). 2. Lagoa temporária, muito rasa.
Pereira: Lamarão. vide Lamaçal. *caeno/uslocus. Luculenta terra.* Sec. XVII. p. 61.
Pinto: *Lamarão*. s. m. ões no plural. Grande lamaçal.
Romeiro: n/e.
Silva: *Lamarão*. (s. m.) grande lamaçal. Leitão.
Soares: n/e.

15. CONTEXTO:

034. (L): ... uai... toda vida nós cunhecia aqui Riachão... né? aí tem o corgo que dece lá perto de Luisão... aí lá chamava corgo Lamarão...
035. (D): ...aí por isso ficô esse nome Lamarão... né?
036. (L): ...aí decia água direto assim... né?
037. (D): ...ãnham...
038. (L): ...decia assim na istrada onde cês passô... né? hoje não tem isso lá mais... mais sempre falava o corgo de Lamarão tá cheio... (SSLO)
076. (L): ...aí agora esse nome aí eu sei... que parece que tinha era um mato que chamava Lamarão lá na nacente da água...
077. (D): ...ãn...
078. (L): ...aí o povo pôs...
079. (D): ...ah é o nome de um mato?
080. (L): ...é... Lamarão...
081. (D): ...ãn... e antes de tê esse nome já teve otro nome?
082. (L): ...não que eu saiba não... (ASO).

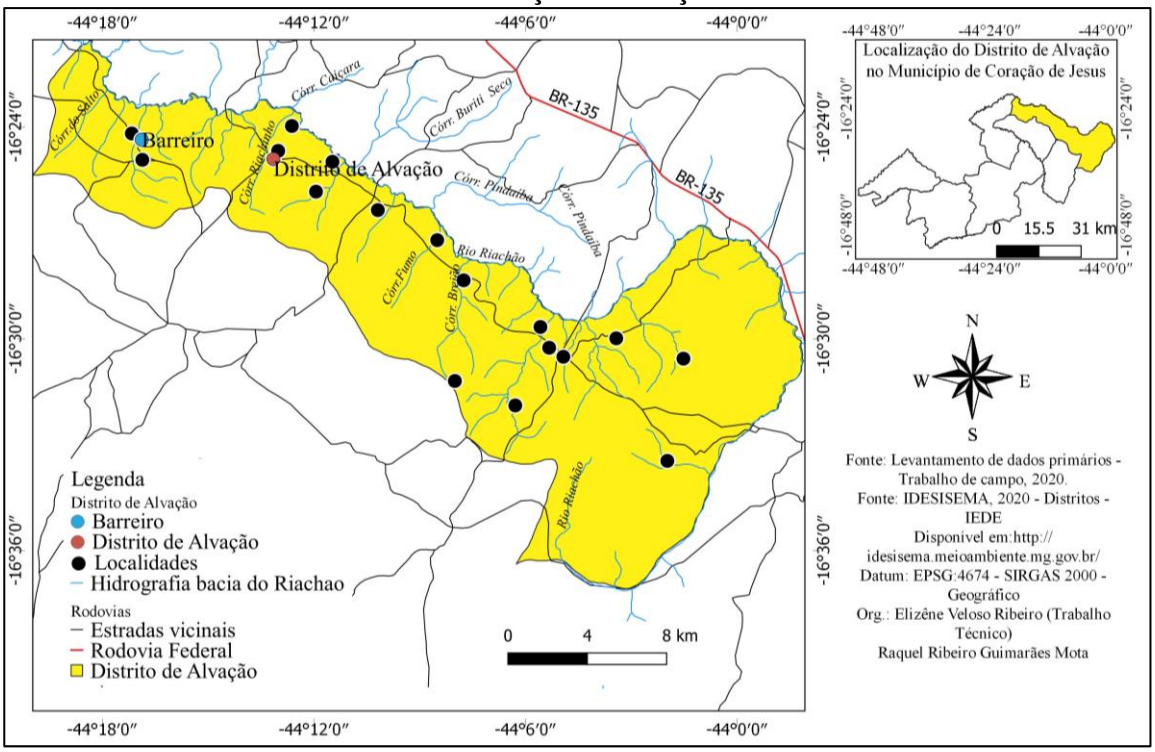
16. Data da coleta do topônimo: 30/09/2020.

17. Pesquisadora: Raquel Ribeiro Guimarães Mota.

18. Orientadora e revisora da pesquisa: Prof.ª Maria do Socorro Vieira Coelho.

19. Imagem do Mapa (Imagem 2)

Mapa 2 - Distrito de Alvação - Município de Coração de Jesus - Minas Gerais/Brasil: localização de Alvação



Fonte: Dados da pesquisa.

20. Fotos

Foto 1 - Córrego Lamarão 1

Fonte: Fotografia da autora.

Foto 2 - Córrego Lamarão 2

Fonte: Fotografia da autora.

Foto 3 - Ponte sobre o córrego Lamarão

Fonte: Fotografia da autora.

Foto 4 - Sítio

Fonte: Fotografia da autora.

Foto 5 - Estrada do Lamarão

Fonte: Fotografia da autora.

21. Observações: n/e.

FICHA 14: LOBO – MUNICÍPIO CORAÇÃO DE JESUS

1. Topônimo: Lobo.	1.1. Taxionomia: Fitotopônimo.
2. Legislação: n/e.	
3. Nome Oficial: Lobo.	
4. Nome Paralelo: Vargem do Lobo.	
5. Localização: Município Coração de Jesus.	
6. Área: rural.	
7. Acidente: fazenda.	
8. Tipo de Elemento: físico.	
9. Variante: n/e.	
10. Histórico: n/e.	
11. Estrutura Morfológica: nome simples. Substantivo masculino, singular.	
12. Origem: latina (Cunha, Guérios e Machado). Cunha: lobo. *Sm*. Animal carnívoro, selvagem, da fam. Dos canídeos. Do lat. *lupus –i*. (CUNHA, 2010, p. 397). Guérios: Lobo, sobr. port., primit. alcunha. Cp. lat. **Lupus**, **Lupinus**. Na Itália, o n. Lupo, "lobo", foi comum nos tempos feudais. – "Atribui-se sua ascendência a Dona Gomes Nunes". (GUÉRIOS, 1981, p. 163). Machado: Lobo, *(ô)*, s. Do lat. *lŭpu-*, «lobo, *animal*; certo tipo de peixe; espécie de aranha; freio armado de pontas; croque, arpéu, fateixa; pequena serra demão; o lúpulo; *masculino de lupa*, cortesã». Em 965: «In uila de... paretes de *lobos*», *Dipl*., p. 56. O feminino *loba* já se documenta em 1258, como top. (*Inq*., p. 363 *b*); daí, por evolução semântica, *loba*, «prostituta», sentido que, de resto, já se documenta em em lat. para o voc. correspondente, *lupa*. Séc. XVI, Morais. (MACHADO, 1977, p. 434-435)	
13. Registro Toponímico: Machado aponta o Lobo,"*top*. Almeida (*Pai Lobo*), Arganil, Arraiolos, Beja, Coimbra, Elvas, Évora, Faro, Montemor-o-Novo, Nelas (*Lapa do Lobo*), Sabugal (*Pena de Lobo*), Serpa, Tavira, Torres Vedras,V. N. de Gaia (Rio do Lobo);Lobo Joanes, Castro Daire;Lobo Morto	
14. INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: **Barbosa:** n/e. **Beaurepaire-Rohan:** n/e. **Bluteau:** *Lobo*. Animal feroz, astuto, carnívoro, e muito daninho. He uma espécie de cão bravo. Tem a cabeça quadrada e as costas dispostas conforme o cumprimento do corpo id est, paralelas ao	

espinhaço. A casta dos lobos he tam fecunda, que as femes parem até treze, porem não multiplica mais que os outros animaes, porque as lobas são tão poucas, que com trze filhos, apenas sahe hua femea, e os lobos se fazem cruel guerra, e se matam huns aos outros. Simão Phares escreve, que no Reynado de Luis XI. Rey de França, os lobos comião a gente , e erão tantos, que por cada pelle de lobo dava Elrey vinte foldos daquela moeda, que naquele tempo era mais dinheiro que hoje uma pataca. Antigamente na Inglaterra havia muito lobo, para exterminarem este bicho, pediram ao rey um tributo de cabeça de lobo, como cousa muito rara; toda nobreza se ocupou de caçar lobos. Os degredos, e certas penas capitães se trocarão em certo número de cabeça de lobos. Os criminosos se fizeram destros na caça deles, e livrando se das mãos da justiça, chegarão a mayor número, e a serem mais temidos que os lobos. *In auglia luppi nulli, assiduis venationibus stirpitus excifi. Polydor. Virgil.Lib.* I. Escocia, que confina com Inglaterra, he cheya de lobos, e se a passagem não fora estreita, e guardada por hum número infinito de Dogues, ou cães de fila, brevemente tornarião os lobos a infestar a Inglaterra. O pó do intestino desse animal deste animal he excelente nas cólicas ordinárias; a mesma virtude tem o seu excremento. Curvo. Obersavaç. Medic. Pag 475. Entre as patranhas da Antiguidade se conta, que os Arcadios passando a nado certa lagoa, se converteram em lobos, e abstendo se da carne humana, passando none anos, se tornavão homens, tornando a própria lagoa a nado. Daqui tomou varrão motivo, para crer, que na Arcadia Jupiter, e Pan forão chamados Lycai, do Grego Lycos, que quer dizer lobo, porque era opinião q'elles transformavão os homens em lobos. Conta se da loba, que andado os lobos no cio, dormem ao redor dela, não se atrevendo algum intentar gozalla, de medo dos outros, e que ella quando os vê que dorme, se levanta, e espertando ao mais velho, feyo e asqueroso, faz eleyção dele para seu gosto, a cujas queyxas espertando os demais ofendidos, vão onde a sentem, e achando-o com ella, o fazem pedaços. A Aldovrando, no lugar onde devia fazer menção disto, lhe escapou esta notícia, eu a achei em um livro Portuguez, escrito a mão. Seria observação de algum curioso caçador de lobos. Cousa semelhante a esta escreve o P.D. Pio Rossi, italiano na I. parte do seu convite moral, pag. 270. Col. I. *Lupus, i. mase. cie*

Cunha: lobo[1]. Sm. ' animal carnívoro, selvagem, da fam. dos canídeos' XII. Do lat. *Lupus* –i // **lob**A[2] sf. ' a fêmea do lobo' 'meretriz' 1572. Do lat. *lupa –ae. Lobo[2].* sm 'parte arredondada e saliente de qualquer órgão do corpo animal ou vegetal' XVI. Do lat. cient. *lobus*, deriv. Do gr. *lobos.*

Guerra: n/e.

DICIONÁRIO on line de Português: *Lobo*. Substantivo masculino. Parte arredondada e saliente de qualquer órgão: os lobos do cérebro. [Anatomia] parte inferior, flexível, pendente da orelha; lobo da orelha [Odontologia] uma das principais divisões da coroa do dente. [Botânica] Porçõ mais arredondada da folha. Etimologia (origem da palavra lobo). Talvez do francês *lobe*, ao grego *lobos*. Lobo. Substantivo masculino. Mamífero que se alimenta de carne, *canis lúpus*, que vivem em grupos, pode chegar aos dois metros de comprimento, com pelagem cinza. [figurado] aquele que expressa perversidade, maldade. [figurado] pessoa que prefere se esquivar do convívio social. Etimologia (origem da palavra lobo). Do latim *lúpus, i.* (LOBO, 2020).

Oliveira: lobo. segmento de uma projeção que, assim, tem o aspecto de uma estrela.

Pinto: *Lobo*. s. m. Animal feroz. Constelação de vinte e nove estrelas. Jogo de meninos.

Romeiro: n/e.

Silva: *Lobo*. S.m. Animal feroz, astuto, carnívoro e mui daninho, é espécie de cão bravo. Lobo asnal: lobo grande. Lobo cerval. Animal, que tem muita semelhança com o gato, caça cervos e veados; é mais pequeno que o asnal. Lobos: pensão, que nos foraes significa a obrigação de ir às caçadas, e emprazamentos de lobos, para evitar a destruição dos gados; pensão que se commutava por dinheiro, ou outros serviços.

Soares: n/e.

15. CONTEXTO:

068. (L): ...num intendo... no já vei pra cá... todo mundo cunhece aqui no Lobo... dicerto é dos mais véi... né? todo mundo cunhece aqui por Lobo...
069. (D): ... será purquê ês colocô esse nome Lobo?
070. (L): ... ninguém intende pruque..
071. (D): ...será que foi alguma planta que chama lobo?
072. (L): ...aqui tinha muito lobo... mais de todo canto tem... e aqui só que apariceu esse nome?
073. (D): ...aqui tinha muito lobo?
074. (L): ...tem... de vez em quando aparece os pé aí...
075. (D): ...é que tem o lobo animal... né? e a planta lobo... e aqui na região tem muita planta pé lobo?
076. (L): ...sim... decerto é.... ingraçado que ali perto já é Jangada...
077. (D): ...e além desse nome Lobo dona Ilca... teve oto nome antes?
078. (L): ...não... eu já cheguei pra cá... que foi criada num foi aqui... né? eu nunca vi ês falá ne oto aqui... já achô esse nome... já achei esse nome...
079. (D): ...já chegô qui com esse nome? Lobo...
080. (L): ...é... (MIL)

001. (D): ... e o nome desse lugá aqui seu Juarez?
002. (L): ...fazenda Lobo...
003. (D): ...Fazenda Lobo... e purque será... senhô já pensô purque que tem esse nome? lobo?
004. (L): ...num sei fia...
005. (D): ...que que vem a sê lobo?
006. (L): ...lobo aquela fruta... né?
007. (D): ...é uma fruta?
008. (L): ...é... aquela fruta lobo que nós conhece...
009. (D): ...e tem muito aqui dela? na região tinha?
010. (L): ...tem lobo demais minina... aí tem ela... cê num cunhece não? aquele que tem...
011. (D): ...que dá um fruto assim?
012. (L): ...é... quele trem inté ingasga gado se dexá... ele maduro a goma dele serve até pra remédio...
013. (D): ...remédio... né? intão será pro isso seu Juarez?
014. (L): ...eu acho... num sei o que que é não fia... eu só... desde de João Carritele véi que era o... (JAF).

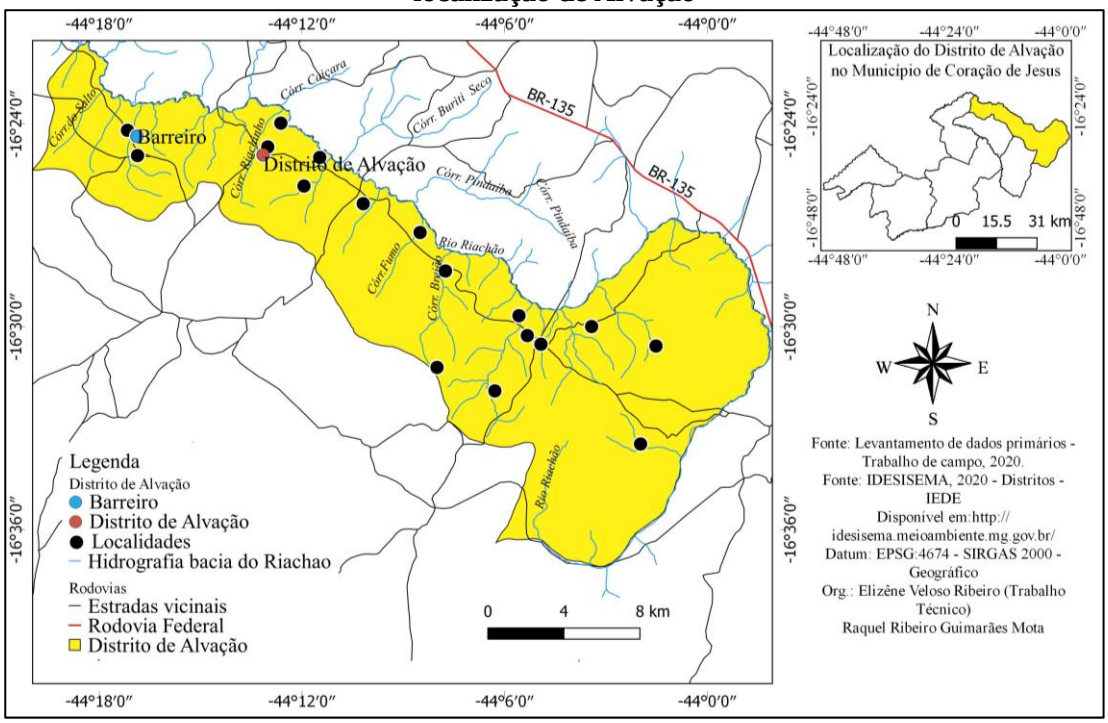
16. Data da coleta do topônimo: 30/09/2020.

17. Pesquisadora: Raquel Ribeiro Guimarães Mota.

18. Orientadora e revisora da pesquisa: Prof.ª Maria do Socorro Vieira Coelho.

19. Imagem do Mapa (Imagem 2)

Mapa 2 - Distrito de Alvação - Município de Coração de Jesus - Minas Gerais/Brasil: localização de Alvação



Fonte: Dados da pesquisa.

20. Fotos

Foto 1 - Planta intitulada como Lobo

Fonte: Fotografia da autora.

Foto 2 - Entrada da Fazenda Lobo

Fonte: Fotografia da autora.

Foto 3 - Carro puxado por cavalo

Fonte: Fotografia da autora.

21. Observações: n/e.

FICHA 15: PASSAGEM LARGA – MUNICÍPIO CORAÇÃO DE JESUS

1. Topônimo: Passagem Larga.	1.1. Taxionomia: Hidrotopônimo.
2. Legislação: n/e.	
3. Nome Oficial: Passagem Larga.	
4. Nome Paralelo: n/e.	
5. Localização: Município Coração de Jesus.	
6. Área: rural.	
7. Acidente: fazenda.	
8. Tipo de Elemento: físico.	
9. Variante: Passage Larga. [paˈsajɪ].	
10. Histórico: n/e.	
11. Estrutura Morfológica: nome composto. Substantivo feminino, singular.	
12. Origem: latina (Cunha). Passar *vb*. 'Atravessar, transpor, exceder'. XIII. Do lat. *passare, de passus***. passagem**.). (CUNHA, 2010, p. 480). Larga *adj*. *sm*. 'que tem extensão transversal relativamente ampla' 'espaçoso, extenso, considerável, demorado'. *XIV*. Do lat. *largus*.). (CUNHA, 2010, p. 382).	
13. Registro Toponímico: n/e.	
14. INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: **Barbosa:** n/e **Beaurepaire-Rohan:** n/e. **Bluteau:** n/e. **Cunha:** n/e. **Guerra:** n/e. **DICIONÁRIO on line de Português:** n/e. **Machado:** n/e. **Oliveira:** n/e. **Pinto:** n/e. **Romeiro:** n/e. **Silva:** n/e. **Soares:** n/e.	
15. CONTEXTO: 080. (L): ...aqui é... por causa da passage que tinha lá antigamente... ela secõ mais tinha... né? anté quando nós chegô pra qui inda tinha água lá... o rio curria lá... 081. (D): ...aí é bom... quando tinha água era bom... né?	

082. (L): ...beleza... tinha hora que a gente passava lá subino na cerca... tinha cerca daqui e daqui... né? agora não tirava o sapato... tinha que subir nos arame... as veze num quiria tirá os sapato... mais esse trem secô... virô só... igual tá qui... né? (DRJ)

016. (L): ... ó... eu até... eu quondo eu cheguei pra essa região aqui já encontrei esse nome...
017. (D): ...Passage Larga?
018. (L): ...é... Passagem Larga...
019. (D): ...mais tem alguma coisa que pudia tê dado esse nome? alguma passage de água? alguma passage?
020. (L): ...é... eu... é um coisa que não vô falá com você... sempe que quondo cheguei qui incontrei... né? esse nome aqui Passage Larga... (AFR)

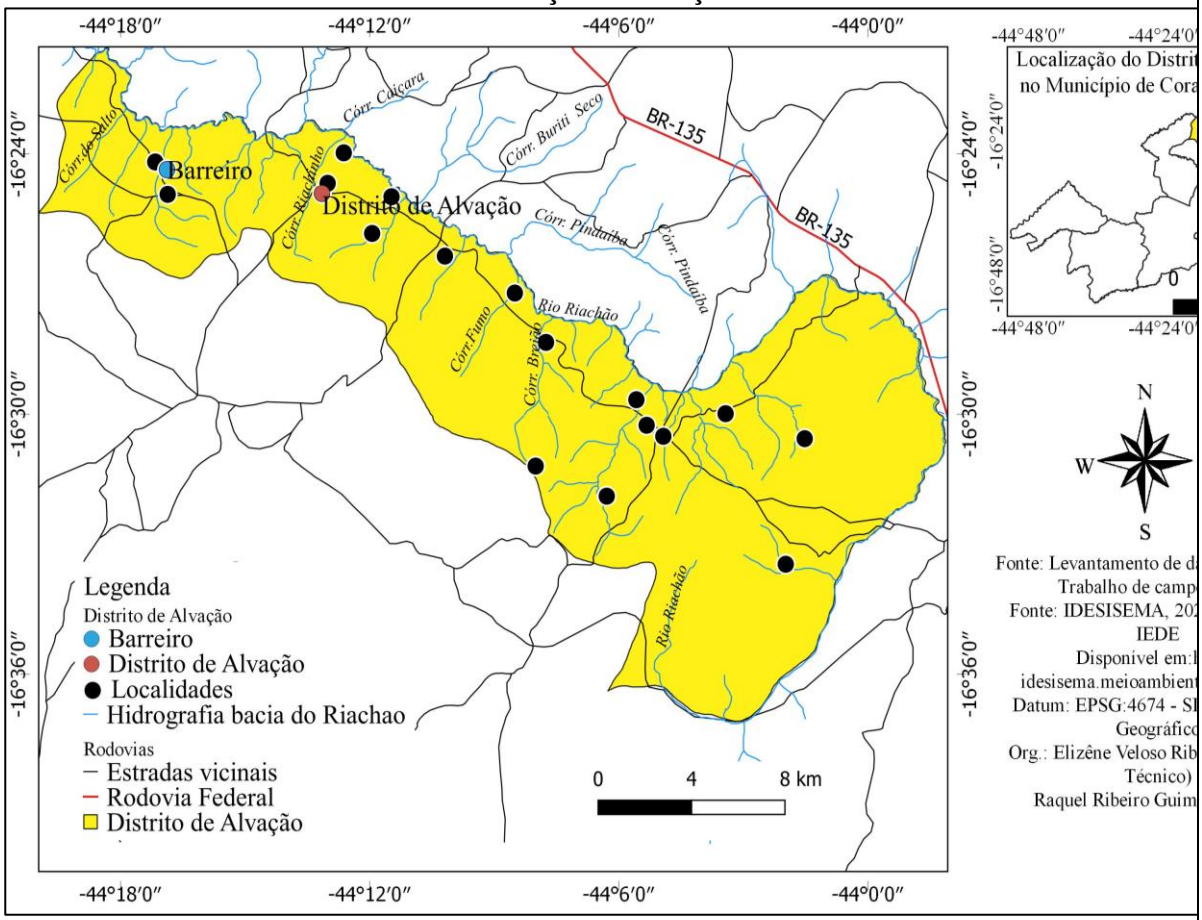
16. Data da coleta do topônimo: 30/09/2020.

17. Pesquisadora: Raquel Ribeiro Guimarães Mota.

18. Orientadora e revisora da pesquisa: Prof.ª Maria do Socorro Vieira Coelho.

19. Imagem do Mapa (Imagem 2)

Mapa 2 - Distrito de Alvação - Município de Coração de Jesus - Minas Gerais/Brasil: localização de Alvação



Fonte: Dados da pesquisa.

20. Fotos

Foto 1 - Mata-burro

Fonte: Fotografia da autora.

Foto 2 - Estrada de terra

Fonte: Fotografia da autora.

21. Observações: n/e.

FICHA 16: POÇÃO – MUNICÍPIO CORAÇÃO DE JESUS

1. Topônimo: Poção.	1.1. Taxionomia: topônimo.
2. Legislação: n/e.	
3. Nome Oficial: Poção.	
4. Nome Paralelo: Novo Horizonte.	
5. Localização: Município Coração de Jesus.	
6. Área: rural.	
7. Acidente: fazenda.	
8. Tipo de Elemento: físico.	
9. Variante: Porção, [pɔrˈsãw.]	
10. Histórico: POÇÃO: "distrito criado com a denominação de Poção, pela lei provincial nº 1230, de 24-041876, e por lei municipal de 04-03-1893 em 1911. Em divisão administrativa referente ao ano de 1933, o distrito de Poção figura no município de Pesqueira ex-Cimbres. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 1-VII-1950. Elevado à categoria de município com a denominação de Poção, pela lei estadual nº 1819, de 30-12-1953, desmembrado de Pesqueira. Sede no antigo distrito de Poção. Constituído do distrito sede. Instalado em 22-05-1954. Em divisão territorial datada de 1-VII-1955, o município é constituído do distrito sede. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 1-VII-1960. Pela lei municipal nº 57, de 23-06-1959, é criado o distrito de Pão de Açúcar e anexado ao município de Poção. Em divisão territorial datada de 31-XII-1963, o município é constituído de 2 distritos: Poção e Pão de Açúcar. Pela resolução municipal nº 2, de 06-07-1965, o distrito de Pão de Açúcar passou a denominar-se Pão de Açúcar do Poção. Em divisão territorial datada de 1-I-1979, o município é constituído de 2 distritos: Poção e Pão de Açúcar de Poção. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2005. (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2021g).	
11. Estrutura Morfológica: nome simples. Aumentativo. Substantivo masculino, singular.	
12. Origem: latina (Cunha e Machado). poção. *Sf*. Medicamento líquido para se beber' qualquer bebida' poçam XVI. Do lat. *põtiõ –õnis*. (CUNHA, 2010. p. 506) Poção, s. De poço. Poço, s. Do lat. pŭtĕ-, «buraco, fossa; poço de mina; chaminé; poço». (MACHADO, 1977. 387)	
13. Registro Toponímico: POÇO – Nm [Spl]• português • Hidrotopônimo • "lugar, no leito de um igarapé, rego ou lago, onde é maior a profundidade; de poço + -ão". • Nomeia → Fazenda minicípio de Montes Claros. • *então tinha muita samambaia, pra todo lado que eles ia, era samambaia, era samambaia, deve sê[r] isso, então foi isso né, nessa época es dividiu/ aqui tinha área que chama fazenda Samambaia, deve sê uma área de cinqüenta alquere, sessenta alquere, e ficô fazenda Samambaia... aqui perto tem otra área aí de mais uns cinqüenta ou cem alqueres, já chama Poções, fazenda Poções, né? mas tudo isso,*	

tá com alguma sentença da fazenda Canabrava...(Cf. Anexo 1 – Entrevista 11 – p. 75, l. 47-50) (CARVALHO, 2010, p. 128).

14. INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Barbosa: *Alvação.* Distrito do munícipio de Coração de Jesus. Foi criado pela lei Nº 336, de 27 de dezembro de 1948.
Beaurepaire-Rohan: n/e.
Bluteau: Poço. Terra profundamente cavada em redondo, e guarnecida de pedras, donde a água, ainda que manancial, como a de fonte, não corre, e ainda que parada,como a da cisterna, não mendiga dos telhados as gotas que cahem, mas na sua própria prisão tem todo o seu cabedal.
Cunha: *Poção*. sf. 'medicamento líquido, para se beber', qualquer bebida'/ *poçam* XVI / Do lat. *potio -onis*
Guerra: n/e.
DICIONÁRIO on line de Português: *Poção.* Substantivo masculino. [Brasil] O lugar mais fundo de rio, lago, ou igarapé. Sinônimos de Poção. Poção é sinônimo de: remédio, bebida, xarope. Definição de Poção. Classe gramatical: substantivo de dois gêneros. Separação silábica: po-ção. Plural: poções. (POÇÃO, 2020).
Oliveira: poção. poço fundo. Ex.: Poções, lug. (BA).
Pereira: Poça de agoa: *Lacuna.* Poço: *Puteus, ei. Puteaum, ei*. Séc. XVII, p. 76.
Pinto: Poção. (s.f.) ões no plur. Bebida medicinal.
Romeiro: n/e.
Silva: Poção. (s.f.) Bebida medicinal. E *Fig. Poção da tribulação. (Arraes, I. 13). V. Calix.*
Soares: n/e

15. CONTEXTO:

086. (L): ...isso aí eu num sei direito... que quando eu... acho quando eu naci... que eu naci lá em Tabocal... quando eu naci já tinha esse lugá aqui por esse nome... muitos amigos do meu pai que morava aqui tudo... por esse nome... eu cunhici aqui toda vida por esse nome...
094. (L): ...o poço mais fundo que tinha aqui na região era ele...
095. (D): ...ah... o poço mais fundo? então pode ser por isso... né?
096. (L): ...purque aqui na região tinha ano que a água ficava direto... tinha água direto correno ai ó... mais de uns ano pra cá... mermo antes de nós ir imbora daqui ela já num ficava assim... poco fraca... correno aí água pa todo mundo... meu marido trôxe um moço... foi até meu fi que indicô e ele troôxe um moço e abriu um poço lá encostadin da porta... acho que até deu 10 metro da casa... da cozinha no poço... porque já tava eu já de idade e ele já de saúde... aí meu filho falô não papai... vamo caçá um jeito de caçá fulano lá pa esses lado de Zareia... que teve um moço que abria e abriu punha pessoa lá e... que deu água e vamo abrir pa livrá a mãe de tá com os tambor cheio... (VAB)

072. (L): ...uai... é... vem dos mais véi... né? meu avô... meu avô... ele morava é... lá na bera do rio... daqui até na bera do rio é Poção... de lá de Santinha pra lá chama corgo de laje...
073. (D): ...Córrego de laje?
074. (L): ... é... é mermo pegado aqui com os Poção... vai aqui ó... aqui é Poção... lá embaixo é Córgo de laje e passa Poção vermeio e Tabocal... o ôto lado tem Iscaraíba... aí tem até... uma histora...tem Iscaraíba dos Bernado...Iscaraíba preta... Iscaraíba branca que é lá dos Carrero... (SMS).

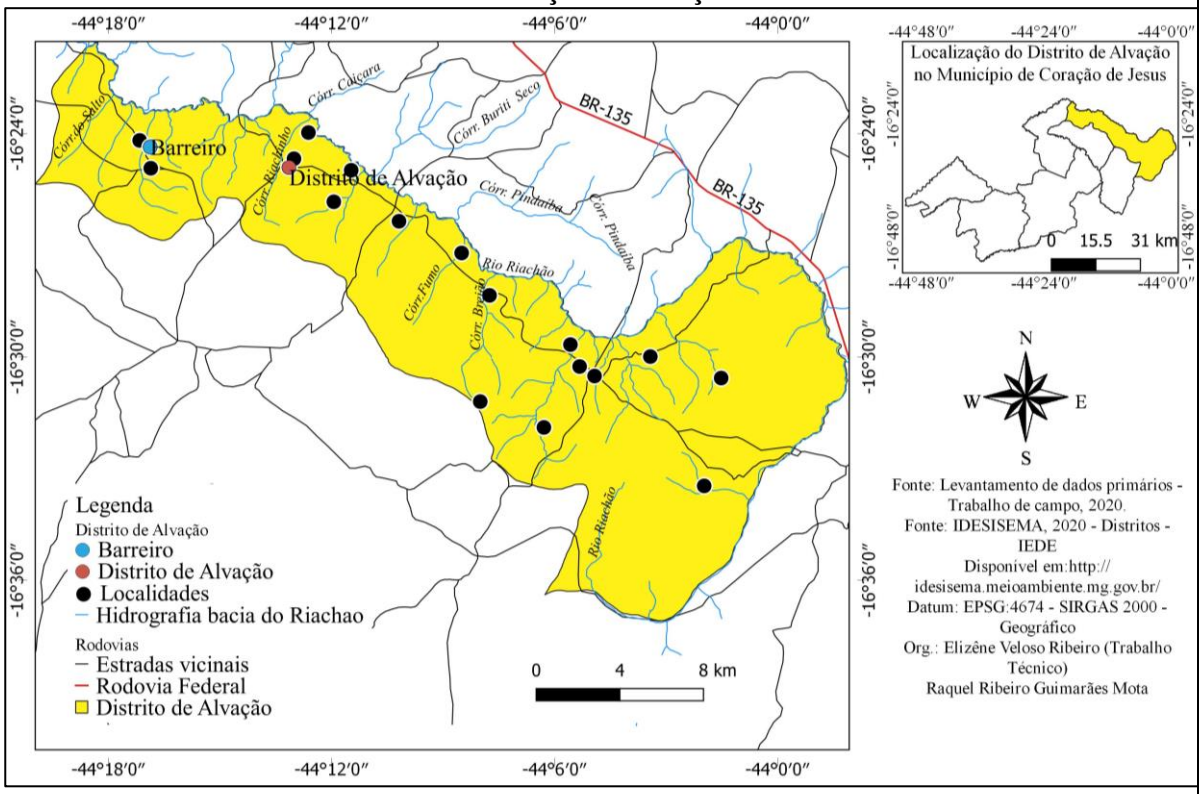
16. Data da coleta do topônimo: 30/09/2020.

17. Pesquisadora: Raquel Ribeiro Guimarães Mota.

18. Orientadora e revisora da pesquisa: Prof.ª Maria do Socorro Vieira Coelho.

19. Imagem do Mapa (Imagem 2)

Mapa 2 - Distrito de Alvação - Município de Coração de Jesus - Minas Gerais/Brasil: localização de Alvação



Fonte: Dados da pesquisa.

20. Fotos

Foto 1 - Mata-burro

Fonte: Fotografia da autora.

Foto 2 - Entrada de um sítio

Fonte: Fotografia da autora.

Foto 3 - Sítio de morador

Fonte: Fotografia da autora.

21. Observações: n/e.

FICHA 17: RIACHINHO– MUNICÍPIO CORAÇÃO DE JESUS

1. Topônimo: Riachinho.	1.1. Taxionomia: Hidrotopônimo.
2. Legislação: n/e.	
3. Nome Oficial: Riachinho.	
4. Nome Paralelo: n/e.	
5. Localização: Município Coração de Jesus.	
6. Área: rural	
7. Acidente: fazenda.	
8. Tipo de Elemento: físico.	
9. Variante: Riachim. [riaˈʃĩ].	
10. Histórico: RIACHINHO: Município de Minas Gerais. "Riachinho foi criado em 1972, no vale do Urucuia, integrando o município de São Romão. Dez anos depois, foi elevado a distrito. Sua emancipação política acontece em abril de 1992. Distrito criado com a denominação de Riachinho (ex-povoado), pela Lei Estadual nº 8285, de 08-10-1982, subordinado ao município de São Romão Elevado à categoria de município com a denominação de Riachinho, pela Lei Estadual nº 10704, de 27-04-1992, desmembrado de São Romão. Sede no antigo distrito de Riachinho. Constituído do distrito sede. Instalado em 01-01-1993. Em divisão territorial datada de 1995, o município é constituído do distrito sede. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2007. (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2021h). RIACHINHO: município e distrito do Tocantins. Lei estadual nº 251, de 20-02-1991, alterada em seus limites pela Lei Estadual nº 498, de 21-12-1992, desmembrado do município de Ananás. Sede no atual distrito de Riachinho. (ex-povoado). Constituído do distrito sede, instalado em 01-01-1993. Em divisão territorial datada de 1997, o município é constituído do distrito sede.	
11. Estrutura Morfológica: nome simples. Diminutivo. Substantivo masculino, singular.	
12. Origem: latina (Cunha). Cunha: riacho. Ver Rio. Rio. Sm. Curso de água natural' XIII. Do Latim rivus –i. ria. Sf. Braço navegável do rio' XV. Riacho XVI. (CUNHA, 2010, p. 564)	
13. Registro Toponímico: n/e.	
14. INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: **Barbosa:** n/e	

Beaurepaire-Rohan: n/e.
Bluteau: rio pequeno. *Parvus amnis.*
Cunha: riacho. Rio. Sm. Curso de água natural' XIII. Do Latim rivus –i. ria. Sf. Braço navegável do rio' XV. Riacho XVI.
Guerra: rio. corrente de água resultante da concentração do lençol de água num vale.
DICIONÁRIO on line de Português: Significado de Riacho. substantivo masculino. Pequeno rio; ribeiro, regato. [Gramática] Forma diminutiva irregular de rio, curso de água. Etimologia (origem da palavra riacho). De rio, do latim rivu, + acho. (RIACHO, 2020).
Machado: n/e.
Oliveira: riacho. Curso d'água menor que de um rio. Ex.: *Riacho da mata. Lug. (CE).*
Pinto:riacho. Sm. Rio pequeno.
Romeiro: n/e.
Silva: riacho. Sm. Rio pequeno.
Soares: n/e.

15. CONTEXTO:

060. (L): ...ah... eu num sei... desde que vim pra cá eu num passei saber não... né? eu passava mais saber era lá adonde eu morava...
061. (D): ... mas a sinhora falô que tem um rio...
062. (L): ... é tem um Riachão... um rio chamado Riachão...
063. (D): ... e um riozinho aqui chamado...
064. (L): ...Riachinho...
065. (D): ... então o nome vem daí desse... desse...
066. (L): ... agora não sei se eles colocaram esse nome Riachinho por causa do Riachão... não sei... (MMC)

072. (L): ...é Riachinho...
073. (D): ...e o senhô sabe o purquê desse nome? da onde é que vei esse nome?
074. (L): ...ô... eu não sei não... Arvação eu sei mais Riachinho eu não sei não... tem um corguinho... o corguinho chama Riachinho...
075. (D): ...ah... intão o nome do lugá é por causa desse córrego... né?
076. (L): ...é... é por causa do corguinho... Riachinho... (VSSC).

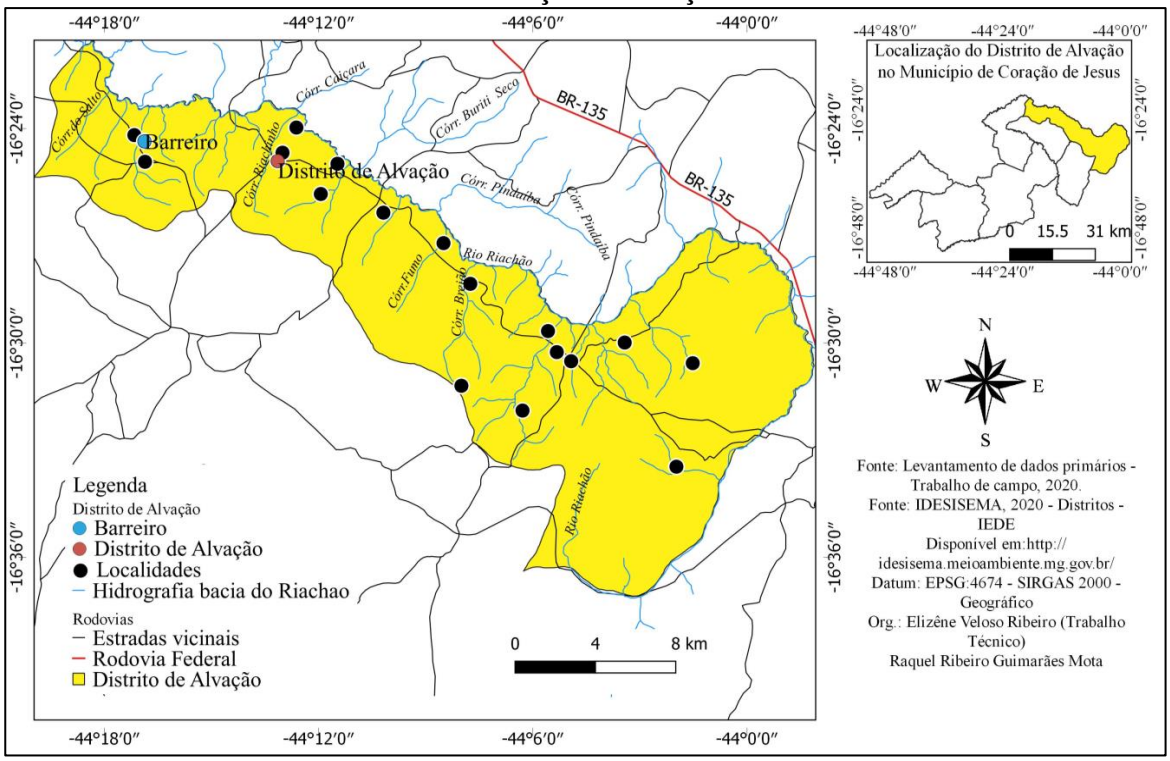
16. Data da coleta do topônimo: 30/09/2020.

17. Pesquisadora: Raquel Ribeiro Guimarães Mota.

18. Orientadora e revisora da pesquisa: Prof.ª Maria do Socorro Vieira Coelho.

19. Imagem do Mapa (Imagem 2)

Mapa 2 - Distrito de Alvação - Município de Coração de Jesus - Minas Gerais/Brasil: localização de Alvação



Fonte: Dados da pesquisa.

20. Fotos

Foto 1 - Córrego Riachinho 1

Fonte: Fotografia da autora.

Foto 2 - Ponte sobre o córrego Riachinho

Fonte: Fotografia da autora.

Foto 3 - Córrego Riachinho 2

Fonte: Fotografia da autora.

Foto 4 - Casa em sítio

Fonte: Fotografia da autora.

Foto 5 - Pastagem às margens da estrada

Fonte: Fotografia da autora.

21. Observações: n/e.

FICHA 18: SALTO– MUNICÍPIO CORAÇÃO DE JESUS

1. Topônimo: Salto.	1.1. Taxionomia: Hidrotopônimo.
2. Legislação: n/e.	
3. Nome Oficial: Salto.	
4. Nome Paralelo: n/e.	
5. Localização: Município Coração de Jesus.	
6. Área: rural.	
7. Acidente: fazenda.	
8. Tipo de Elemento: físico.	
9. Variante: n/e.	
10. Histórico: n/e.	
11. Estrutura Morfológica: nome simples. Substantivo masculino, singular.	
12. Origem: latina (Cunha). Saltar *vb*. 'dar saltos'' brotar' 'atravessar pulando' XIII. Do lat. saltare. **Salto** *XV*. Do lat. *saltus*. (CUNHA, 2010, p. 578).	
13. Registro Toponímico: Machado (2003, p. 1300): "**Salto**, *top*. Frequente, em Portugal, na Galiza e no Brasil. Do s.m. *salto*, «lugar eminente;certo, outeiro»; não creio que se trate.diretamente, do lat. *salu-* (*G. Enc*., 39.˚, p. 211), que originaria *Souto* (q. v.). *Saltos*, ilha da Madeira."	
14. INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: **Barbosa:** n/e. **Beaurepaire-Rohan:** n/e. **Bluteau:** *Salto.* A acção, e movimento de quem salta. *Saltus, us. Mase. Cit.* **Cunha:** n/e. **Guerra:** *Salto.* Denominação genérica dada a todos os tipos de desnivelamento ou degraus encontrados no perfil longitudinal de um rio, ex.: cascata, catarata, catadupa, queda d'água, cachoeira, corredeira etc. Ao geomorfólogo o que mais interessa não é propriamente o termo usado na descrição, mas sim a explicação da razão de ser da existência de semelhantes degraus ou simples desnivelamento. Alguns autores definem *os saltos* como sendo apenas uma queda súbita das águas de um rio, como que havendo uma separação das partes: superior da inferior. As corredeiras e cascatas são formadas por fracos desnivelamentos em relação as cataratas, cachoeiras e quedas d'água. **DICIONÁRIO on line de Português:** *Salto.* Substantivo masculino. Ação ou efeito de saltar; pulo: salto em distância, em altura, salto de vara. Movimento de reflexão por efeito de queda em uma superfície: os saltos da bola. Catadupa, queda de água. Passagem brusca e sem graus intermediários, mudança brusca: a natureza às vezes procede por saltos. Tacão de calçado: sapatos de salto alto. No calculador eletrônico, modificação da sequência normal das instruções de um programa. [Brasil] Padreação do touro ou do cavalo. Salto mortal, volta completa do corpo no ar sem tocarem as mãos	

no chão. Salto triplo, prova de salto em distância na qual o atleta, após o impulso, dá três saltos seguidos. Salto de (ou com vara), salto em altura no qual o atleta transpõe o sarrafo apoiando-se em uma vara que finca no chão. Ver atletismo. Dar um salto a (algum lugar), ir a algum lugar com a intenção de aí demorar-se pouco tempo. Sinônimos de Salto. Salto é sinônimo de: pinote, pincho, cabriola, pulo. Definição de Salto: Classe gramatical: substantivo masculino. Flexão do verbo saltar na: 1ª pessoa do singular do presente do indicativo. Separação silábica: sal-to. Plural: saltos. (SALTO, 2020).

Machado: n/e.

Oliveira: salto. Catarata de grandes proporções. Ex: Salto das sete quedas (MS)

Pinto: *Salto.* s.m. Acção de saltar pela qual o animal se levanta da terra com esforço e se levanta ao ar, ou se lança de alto abaixo. Ação de saltear. A peça que fica por baixo do talão da çapata. *Fig*. disgressão, fora de propósito.

Romeiro: n/e.

Silva: *Salto*. s.m. Ação pela qual animal se levanta da terra com esforço, e se eleva ao ar. Ou salva alguma altura, ou cova, ou se lança de alto a baixo: *v.g*. dar um salto do muro abaixo; dar saltos ao ar, as cabras saltão, por-se de salto em um cavalo, de salto: *Adv*. Sem passar pelas casas, ou indivíduos, ou estados, que ficão de permeio nas series, ou graduações. *V.g*. no xadrez: o rei não pode prender de salto o movimento do cavalo he de salto, porque se move de três em três casas; chegar de salto a maió dignidade. Ato de saltear nas estradas, ou em acção hostil , e bellica. Barros, 2.8.1. gente que vive de rapina, e saltos: saltos que fizeram na terra firme. *D. Z. F. 16. E 190.* " faze salto no inimigo." *Castan, 2. F. 148*. Dar de salto em 600 lanças: Ined. I. 557. Salto, com o navio de guerra. B. 3. 3. Fazer saltos. "Tanadar trazua fustas ao salto*." Cron. F. III. Vol.2 e. 8. e P. 3. e 71*. "andavão ao salto de Argediva para Baticalá. Maforma andou no salto Arraes, 4. 30. Tomar o salto, o lugar pequeno onde se vai assaltar. *Ined. II. F. 334*. Salto de sapato, a peça que fica debaixo do talão, e o faz erguer do chão por essa banda, E. caixa de salto, a que tem mola, que tocada de certo modo a faz levantar a tampa com força. E. Ir, ou vir no salto, i. é, de pressa. E. na volat a correia do falcão, que vai do tornel as lágrimas, ou contas. *Arte da caça*, f.2. E. na música, subida repentina da voz fora do mesmo compasso. E. Fig. Na conversação. d gressã, desvio fora de propósito. *Lobo.* " desvião-se de tal sorte do príncipio da prática que do primeiro salto vão para Flandes." E. Salto nos rios. Catadupa. *V.V. do Aic. L. 5. c. 21. E. Esperar o salto a alguma coisa*, ou pessoa; no fig. Esperar a mudança que ella si faz, ou sofre. *Freire, Elystos f. 258*.

Soares: n/e.

15. CONTEXTO:

116. (L): ...uai... eu num sei purque que é não... uns fala que é por causa do córgo que saltava e o corgo... saltava o córgo e colocô esse nome de Salto... mais eu... num foi no meu tempo... eu num morava qui... algumas pessoas fala isso... que é purisso...
117. (D): ...fala que é...
118. (L): ...Salto que é purque tinha o corguim istreitim... a gente saltava o córgo... acho que purisso que ficô esse nome... hoje quarquer coisa é mutivo pra gente por apilido numa coisa... né? (JEA)
084. (L): ...ó... orige não... desde quando eu naci... fala que por causa do córgo... Córgo Salto... tem a nacente de água... porisso... né?
085. (D): ...ah... aí o córrego do Salto eo lugá chama Salto?
086. (L): ...Salto... (HCA).

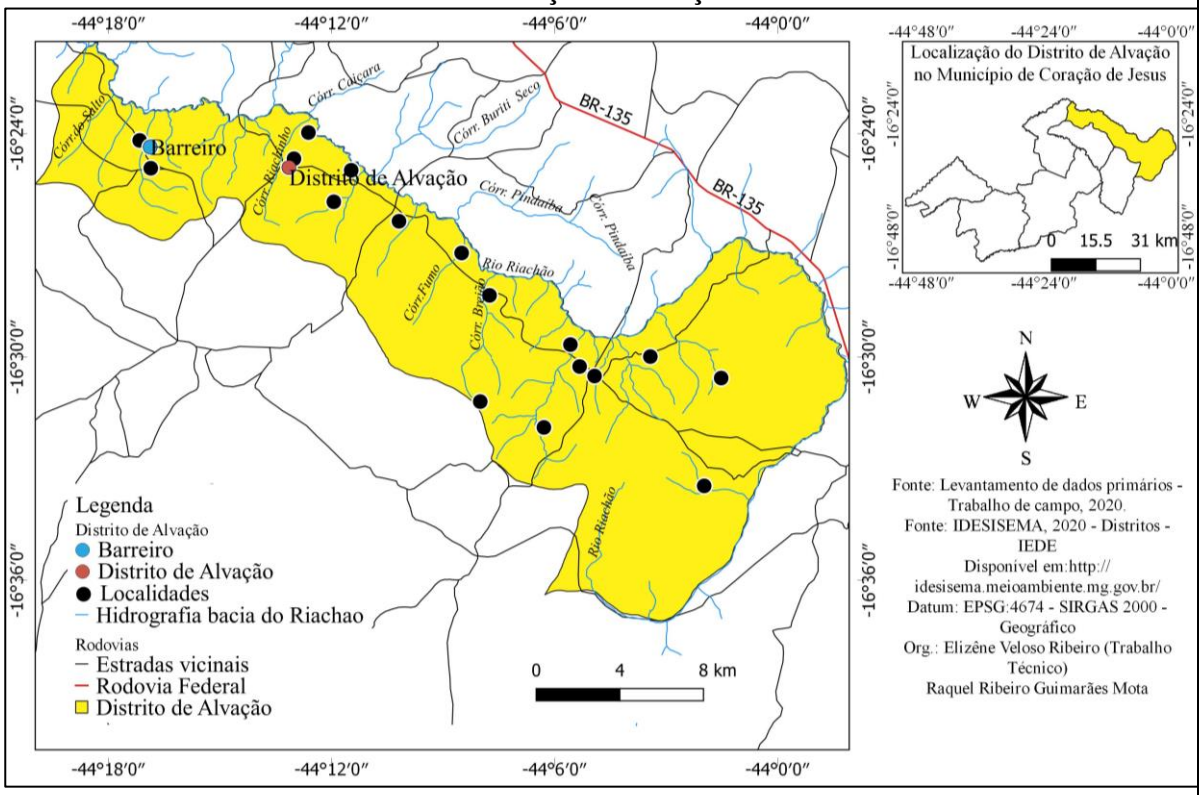
16. Data da coleta do topônimo: 30/09/2020.

17. Pesquisadora: Raquel Ribeiro Guimarães Mota.

18. Orientadora e revisora da pesquisa: Prof.ª Maria do Socorro Vieira Coelho.

19. Imagem do Mapa (Imagem 2)

Mapa 2 - Distrito de Alvação - Município de Coração de Jesus - Minas Gerais/Brasil: localização de Alvação



Fonte: Dados da pesquisa.

20. Fotos

Foto 1 - Córrego Salto

Fonte: Fotografia da autora.

Foto 2 - Represa de água

Fonte: Fotografia da autora.

Foto 3 - Igreja Católica

Fonte: Fotografia da autora.

Foto 4 - Banheiros e salão anexos a igreja

Fonte: Fotografia da autora.

Foto 5 - Sítio

Fonte: Fotografia da autora.

21. Observações: n/e.

FICHA 19: TAMBORIL – MUNICÍPIO CORAÇÃO DE JESUS

1. Topônimo: Tamboril.	1.1. Taxionomia: Fitotopônimo.
2. Legislação: n/e.	
3. Nome Oficial: Tamboril.	
4. Nome Paralelo: n/e.	
5. Localização: Município Coração de Jesus.	
6. Área: rural.	
7. Acidente: fazenda.	
8. Tipo de Elemento: físico.	
9. Variante: tamborile [tãbuˈrile].	
10. Histórico: Árvore icônica do Inhotim, o tamboril também conhecido como “orelha-de-macaco” fica na área central do parque e tem nada menos que entre 80 e 100 anos. Já é uma árvore madura, com cerca de 20 metros de altura e uma copa ampla e frondosa, que dá uma ótima sombra no verão para quem precisa de uma pausa na caminhada. Sua madeira, de corte macio, é usada na fabricação de barcos e canoas. Um dos cartões postais do Inhotim, o Tamboril oferece um bom lugar de descanso para contemplação da paisagem. (INSTITUTO INHOTIM, 2020). **Fonte: (INHOTIM, 2020).** Nome científico: Enterolobium contortisiliquum Família: Fabaceae Foto: João Marcos Rosa/Nitro	
11. Estrutura Morfológica: nome simples. Substantivo masculino, singular.	

12. Origem: brasileira (Machado).

Tamboril, s. De *tambor*. Em 1519, como nome de peixe: «E gracia de resende/feyto peyxe *tamboril*/ e inda que tudo entende/yraa dizendo por ende / quem me dera hum araabil», Gil Vicente, *Cortas de Júpiter*, na *Copilaçam*, fl. 167 a; o sentido de «pequeno tambor» deve ser mais ant., mas só o posso, por agora, documentar nos fins do séc. XVI: «Quando nas festas fazem os officioscios Divinos, cantão a coros como nòs: usão de *tamboril*, & pamndeyro em lugar de órgãos..., *Aveiro*, cap. P. 153. (MACHADO, 1977, p. 265)

13. Registro Toponímico:

TAMBORIL: nomeia município no Ceará. Segundo dados do IBGE. Distrito criado com a denominação de Tamboril, pelo ato provincial de 18-03-1842, e por lei provincial nº 629, de 17-12-1853, subordinado ao município de Ipu. Elevado à categoria de município com denominação de Tamboril, pela lei provincial nº 664, de 04-10-1854, desmembrada de Ipu. Sede no núcleo de Tamboril. Constituído do distrito sede. Em divisão territorial datada de 31-XII-1968, o município é constituído de 7 distritos: Tamboril, Boa Esperança, Carvalho, Curatis, Holanda, Oliveiras e Sucesso. (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2021d).

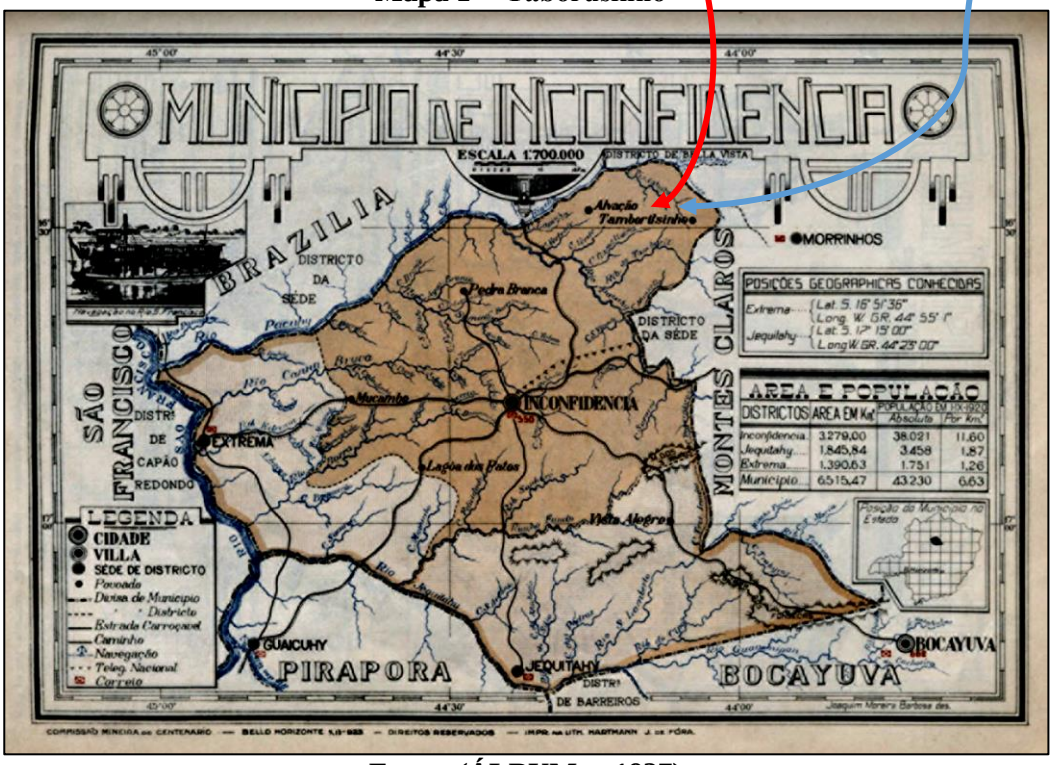
TAMBORIL DE PIAUÍ: localidade elevada à categoria de município e distrito com a denominação de Tamboril do Piauí, em 1995, desmembrado de Canto do Buriti. (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2021f).

Localizamos dois registros do topônimo 'Tamborusinho', como nomeação de um povoado e, também, de um 'rio do Tamborile' no *Álbum Chorográphico municipal de Minas Geraes: estudos críticos*, 1927 (Mapa 1, a seguir). A grafia do referido topônimo foi alterada ao longo do tempo e, atualmente, é 'Tamboril', conservando o status geográfico de povoado do município de Inconfidência. Inconfidência, denominada Coração de Jesus atualmente. (ÁLBUM..., 1927).

Povoado Tamborusinho

Rio do Tamborile

Mapa 1 - 'Taborusinho'



Fonte: (ÁLBUM..., 1927)

14. INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Barbosa: n/e
Beaurepaire-Rohan: n/e.
Bluteau*:* *Tamboril.* Peixe muito alvo, e capaz para picar, porque tem feveras como carne. *Mas o peixe* Tamboril*/ que não val todo hum ceitil/ he de almondegas gentil.*
Cunha: tamboril. sm. 'tamborim'.
Guerra: n/e.
DICIONÁRIO on line de Português: *Tamboril.* Substantivo masculino. Tambor pequeno, tamborim. [Botânica] Planta da família das leguminosas cuja madeira é usada no fabrico de canoas. Zoologia. Peixe marinho comestível, de enorme cabeça coberta de apêndices e espinhos; xarroco, peixe-sapo. (Família dos lofiídeos.). Definição de Tamboril. Classe gramatical: substantivo masculino. Separação silábica: tam-bo-ril. Plural: tamboris. (TAMBORIL, 2020).
Oliveira: n/e.
Pinto: *Tamboril*. s.m. Tambor pequeno, de que se usam nas festas os aldeãos. Nome de hum peixe.
Romeiro: n/e.
Silva: *Tamboril.* s.m. Um tambor pequeno, que se toca por festas nas aldeias: *usão de tamboril, e pandeiro*. *D' Aveiro. t. 32. Galhegos.* Certo peixe.
Soares: n/e.

15. CONTEXTO:

032. (L2): por conta do corgo que desceu aí... tem muito tamburile nele...
041. (D): ...muito tamburil... né?
042. (L2): ...aquela ponte cês passô li...
043. (D): ...ah... e Tamburil é uma árvore?
044. (L2): ...é uma arvre...
032. (L): ...tem essa arvre... mais eu num sei se é por conta desse arvre que tem o nome... (MAFC)
058. (L): ...eu acho que é pruque a região tem muito tamburile aí nas bera dos corgo... esses trem... né?
059. (D): ...tamburil é uma árvore... né?
060. (L): ...é uma arvre...
061. (D): ...grande?
062. (L): ...é essa arvre aí ó... (JSV).

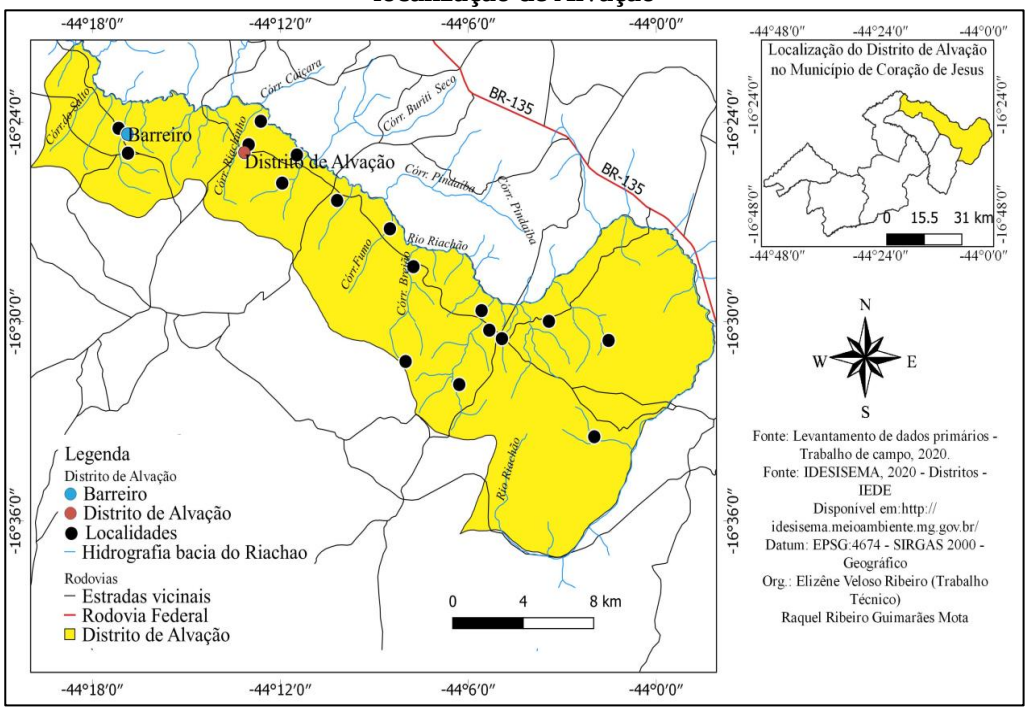
16. Data da coleta do topônimo: 30/09/2020.

17. Pesquisadora: Raquel Ribeiro Guimarães Mota.

18. Orientadora e revisora da pesquisa: Prof.ª Maria do Socorro Vieira Coelho.

19. Imagem do Mapa (Imagem 2)

Mapa 2 - Distrito de Alvação - Município de Coração de Jesus - Minas Gerais/Brasil: localização de Alvação



Fonte: Dados da pesquisa.

20. Fotos

Foto 1 - Árvore Tamboril

Fonte: Fotografia da autora.

Foto 2 - Cancela de entrada para sítio

Fonte: Fotografia da autora.

Foto 3 - Entrada de sítio

Fonte: Fotografia da autora.

21. Observações: n/e.

5.3 Análise e resultados da proposta de práticas de ensino

Apresentamos, nesta seção, uma breve análise dos resultados encontrados nas etapas desenvolvidas no estudo, com o objetivo de fechar nosso trabalho, sem aprofundamentos como

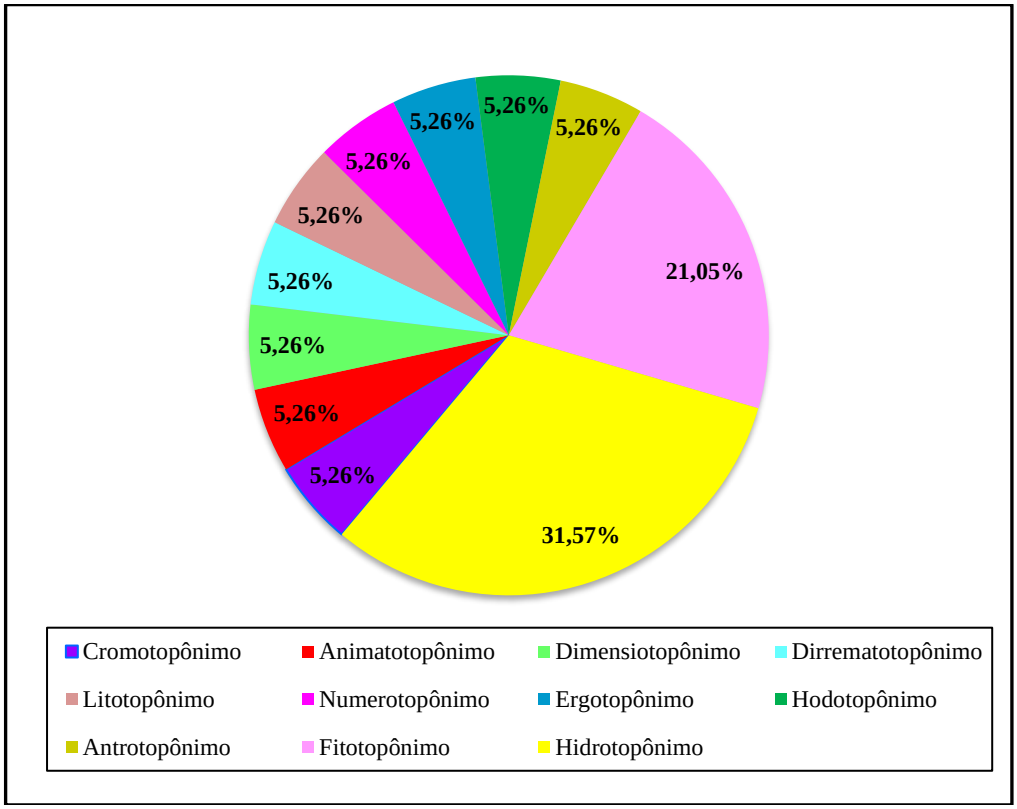
requer uma pesquisa de tal natureza.

As fichas lexicográfico-toponímicas revelaram que dos 19 topônimos estudados, 07 (36,84 %) classificam-se em povoados, 11(57,89 %%) em fazenda e 01 (5,26%) fazenda em processo de povoamento. As taxionomias encontradas foram:

a) 06 (31,57%) Hidrotopônimos: *Barreiro, Brejão, Brejinho, Poção, Riachinho, Salto*.
b) 04 (21,05%) Fitotopônimos: *Fumo, Lobo, Lamarão, Tamboril*.
c) 01 (5,26%) Cromotopônimo: A*lvação*.
d) 01 (5,26%) Dimensiotopônimo: *Biboca*.
e) 01 (5,26%) Litotopônimo: *Chumbado*.
f) 01 (5,26%) Animatopônimo: *Bela Vista*
g) 01 (5,26%) Dirrematopônimo: *Canta Galo.*
h) 01 (5,26%) Numerotopônimo: *Duas Barras.*
i) 01 (5,26%) Hodotopônimo: *Passagem Larga.*
j) 01 (5,26%) Ergotopônimo: *Esporas.*
k) 01 (5,26%) Antropotopônimo: *Fonseca.*

O Gráfico 8, a seguir, mostra estes resultados.

Gráfico 8 - Taxonomias encontradas



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Dessa forma, os topônimos mais produtivos são os hidrotopônimos (31,57%) seguidos dos Fitotopônimos (21,05%). Isso parece se explica pela presença significativa de rios e córregos na região, como mostra o Mapa 6 - *Características dos rios e córregos de Alvação*. Percebemos, também, a existência de uma flora rica e diversificada que compreende a uma área de transição entre os biomas, o cerrado e a caatinga.

Quanto à natureza motivacional do topônimo, dos 19 topónimos, encontramos 13 de natureza física, que equivalem à 13 (68,42%), e 06 (31,58%) de natureza humana. Destacamos a predominância toponímica de natureza física.

Em relação à estrutura do topônimo, existem 15 (78,9%) simples e 04 (21,1%) composto, sendo que dos topônimos de estrutura simples, 10 (52,6%) tem a classificação morfológica de substantivo masculino, 03 (15,7%) de substantivo feminino e 02 (10,5%) de adjetivos. Nos topônimos de formação composta, observamos o seguinte: 01 (5,26%) Adjetivo + Substantivo feminino, 01 (5,26%) Verbo + Substantivo masculino, 01 (5,26%) Numeral + Substantivo feminino e 01 (5,26%) Substantivo feminino + Adjetivo.

Quanto à origem das palavras que formam os topônimos predominam aquelas de origem latina, sendo dez topônimos: Alvação, Bela Vista, Canta Galo, Chumbado, Fumo, Lobo, Passagem Larga, Poção, Riachinho e Salto. Com origem controversa há três topônimos - Barreiro, Brejão e Brejinho. Dois topônimos têm origem portuguesa, Fonseca e Lamarão. Apenas um topônimo tem origem tupi, Biboca. De origem gótica há o topônimo Esporas. Tamboril tem origem brasileira, enquanto que o topônimo composto, Duas Barras é de origem latina e pré-romana.

O registro onomástico dos topônimos do nosso Corpus foi identificado quase que total mente. Dos 19 nomes de lugares, apenas três não foram encontrados nas referências consultadas. São elas: Biboca, Passagem Larga e Riachinho.

No tocante à semântica dos topônimos, o depoimento dos moradores revelou que a maioria coincide com o sentido dicionarial, o denotativo/dicionarístico. Ressalvamos, porém, alguns topônimos a seguir: Lamarão, que no dicionário é registrado como lamaçal, os moradores consideram como vegetação rasteira de margem de rio; Lobo, que o dicionário registra como um animal, mas que para a população local diz respeito a uma planta; e Tamboril que foi registrado na pesquisa em dicionários como um peixe, nas entrevistas os moradores revelaram ser uma árvore de grande porte.

Nas fichas lexicográfico-toponímicas, incluímos o registro fotográfico do local estudado, com o objetivo de apresentar o local e sua toponímia, e acrescentar mais informações. No mapa encontramos, também, a marcação de cada topônimo. Na parte referente às

observações, acrescentamos informações peculiares aos topônimos estudados.

5.4 Avaliação da proposta de práticas de ensino realizada pelos alunos

Aplica-se a Resolução nº 003/2020 – Conselho Gestor, de 02 de junho de 2020.

Com essas breves observações reveladas pelos nossos dados, fechamos, por ora, nossas investigações. Precisamos esperar o retorno das atividades escolares presenciais para ‘contarmos’ aos nossos alunos um capítulo da história dos lugarejos que moramos.

Foto 10 - Placa sinalizadora do povoado de Fonseca

Fonte: Fotografia da autora.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa, realizada no âmbito escolar por ser esta uma das exigências do Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Letras, surgiu do nosso desejo e da necessidade de pesquisarmos e registrarmos a toponímia local, porque esta pesquisadora nasceu, cresceu, trabalha e reside em Brejinho, um dos logradouros do distrito em estudo. Além disso, estudamos na Escola Estadual São Sebastião, do primário ao ensino médio. Este estudo é uma forma de contribuirmos para o desenvolvimento dos alunos da escola em questão, em especial os do 6º ano de 2019, participantes de nossa pesquisa, e também para o de toda a região.

Para realizar essa investigação, levantamos a primeira hipótese de estudar e registrar os nomes das comunidades rurais de Coração de Jesus, com alunos do 6º ano do ensino fundamental, cumprindo assim parte da proposta curricular para esse ano escolar, isto é, a de produzir conhecimentos ainda não desenvolvidos nem divulgados cientificamente, o que foi plenamente atendido, uma vez que a história dos nomes das comunidades ainda não havia sido registrada, consoante as pesquisas que desenvolvemos e que ratificaram não existirem registros dos logradouros cujos topônimos estudamos, fato evidenciado pelo elevado número das informações não encontradas dos topônimos registrados em Coração de Jesus. Localizamos notícias dos topônimos em outros lugares do Brasil e de, principalmente, Portugal. Quanto à segunda hipótese, a de desenvolver um trabalho interdisciplinar proposto na pesquisa documental, e desenvolvido por meio de documentos oficiais norteadores da educação para alunos do 6° ano do ensino fundamental II, foi comprovada, por termos oferecido, mediante a interdisciplinaridade, conhecimentos sobre toponímia inéditos e pertinentes à formação holística destes alunos. Vale ressaltar que, por não os termos encontrado em fontes abalizadas pesquisadas, este estudo nos levou a criar mapas, municipal e do distrito, o que constitui uma contribuição nossa para os governos, porquanto esses mapas podem ser utilizados futuramente para fins de planejamento de gestão territorial do munícipio, e com finalidades didático-pedagógicas, em atividades de disciplinas como história e geografia, e também como uma contribuição para o ensino interdisciplinar, a exemplo do desenvolvido nesta pesquisa.

O objetivo geral da pesquisa, ou seja, estudar o léxico-toponímico dos nomes das comunidades rurais de Coração de Jesus com alunos do 6º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual São Sebastião, alcançado.

Para comprovar as hipóteses levantadas, e atingir os objetivos definidos para a investigação e o tipo de pesquisa realizado, recorremos às teorias linguísticas do léxico, onomástica e toponímia para atualizar e produzir conhecimentos acerca da toponímia da região

estudada, dessa forma atingindo o primeiro objetivo específico, o de atualizar e produzir conhecimentos da área de Letras, estudos linguísticos: léxico e toponímia.

Por ter sido esta pesquisa desenvolvida em duas etapas, a primeira, a diagnóstica que possibilitou que o segundo objetivo específico, o de identificar as habilidades propostas nos documentos oficiais que norteiam o processo de ensino e aprendizado não sedimentadas pelos alunos 6º ano, fosse alcançado. A referida etapa diagnóstica compreendeu um conjunto de atividades escritas nas quais detectamos os problemas de escrita dos alunos da turma participante desta pesquisa.

Na segunda etapa da pesquisa cumprimos com os outros objetivos específicos da pesquisa, a saber, registrar a história dos logradouros da área rural de Coração de Jesus, por meio do estudo dos topônimos, uma vez que a proposta de práticas de ensino elaborada registrou os topônimos dos logradouros do distrito de Alvação, Coração de Jesus- MG. As fichas lexicográficas toponímicas compõem a proposta de práticas de ensino. Inicialmente, elas seriam produzidas conjuntamente aos alunos participantes, entretanto, devido à pandemia do Covid-19, essa atividade foi desenvolvida pela própria pesquisadora, porque precisávamos atingir o objetivo geral da pesquisa.

Quanto ao objetivo específico de descrever características dos topônimos e a relação existente entre nome e espaço denominado, considerando os aspectos históricos, geográficos e culturais da região estudada, também foi alcançado na proposta de práticas de ensino, tendo em vistas que a atividade de elaboração das fichas lexicográficas toponímicas contou com a realização de entrevistas com dois moradores de cada logradouro em estudo, e essas entrevistas nos levaram a descrever e estabelecer a relação entre nome e espaço.

A proposta de práticas de ensino também nos permitiu atingir o objetivo específico de revisar conhecimentos gramaticais e ortográficos do ensino fundamental I, por intermédio do registro do léxico onomástico-toponímico dos nomes dos logradouros da área rural de Coração de Jesus. Isso seria possível através de uma oficina sobre o uso de letras maiúsculas e minúsculas na redação de nomes próprios.

Durante a realização da pesquisa, seguimos todos os protocolos exigidos, como, por exemplo, a autorização de realização da pesquisa, que ocorreu com a submissão do projeto ao comitê de Ética da Universidade Estadual de Montes Claros e aprovado sob o parecer de número 3.650.697 de 18 de outubro de 2019.

Nessa mesma direção, o estudo procurou atender não apenas às exigências do Programa de Pós Graduação Mestrado Profissional em Letras, mas, também, as da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), assunto tratado no capítulo 1,

Introdução, desta dissertação.

Este trabalho, cremos, contribui, e poderá contribuir, para o ensino local, em Minas Gerais, e até mesmo no país, haja vista que gerou conhecimentos ainda não publicados, ou seja, inéditos. Acrescentamos que, até onde chega o nosso conhecimento, este é primeiro trabalho na área da toponímia e, também, da toponímia e ensino, do curso de Letras no âmbito da graduação e pós-graduação da Unimontes. Portanto, desejamos também que esta pesquisa estimule o surgimento de novos estudos toponímicos e toponímicos relacionados à educação.

Acreditamos ter cumprido com os objetivos do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras, entre eles aquele que determina o investimento na formação do professor, para que ele repense sua prática docente e a inove, E, também, cremos ter acatado as exigências da CAPES, dado o caráter inovador da pesquisa e a abrangência da atuação local, regional e até mesmo nacional, pois confirmamos que os dados toponímicos do distrito de Alvação ainda não haviam sido publicados. Promovemos, ainda, um trabalho interativo entre o Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras e a escola de ensino fundamental e médio onde realizamos a pesquisa.

Ao final deste trabalho de mestrado, percebemos o quão importante ele foi para nosso crescimento pessoal e profissional, na medida em que ampliou nossos conhecimentos sobre língua e alicerçou nossa prática docente. A partir da pesquisa, a língua não mais será vista como outrora, pois muitos paradigmas foram rompidos, principalmente em relação ao tratamento a ela atribuído em sala de aula, dada a necessidade de se alinhar a teoria à prática rotineira.

Porque estivemos discutindo uma relação sempre presente entre pesquisa, língua, escola, ação docente, ensinagem e aprendizagem, podemos afirmar que nem nossas argumentações são exaustivas, nem nossas conclusões definitivas, ao final da análise dos discursos nos depoimentos das entrevistas e dos resultados da pesquisa.

Admitimos, por isso, que essas análises encerram em si mesmas uma minúscula partícula de conhecimento no vastíssimo universo que nosso objeto de estudo descortina e desafia. Porém, se as reflexões teóricas, as análises aqui feitas, e, especialmente, nossa proposta de práticas de ensino, vierem, pelo menos, a instigar um ponto de partida sobre os estudos toponímicos nas escolas, principalmente no sentido de auxiliar os docentes e alunos dos cursos de Letras e as pessoas que trabalham com educação em geral, já terá cumprido honesta e humildemente seu papel.

REFERÊNCIAS

ABBADE, Celina Márcia de Souza; SANTOS, Márcia Maria Duarte dos; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. **Simpósio 5**: estudos de nomes próprios: resumo. Belo Horizonte: UFMG, 2019. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/eventos/diverminas4/Simp%C3%B3sio5.C%C3%A2ndiaCelinaMarcia.pdf. Acesso em: 14 jun. 2021.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Vocabulário ortográfico da língua Portuguesa:** acordo ortográfico. São Paulo: Global, 2009.

ALBUM Chorographico Municipal do Estado de Minas Geraes. [Belo Horizonte]: Serviço de Estatística da Secretaria de Estado da Agricultura, 1927. Disponível em: http://www.albumchorographico1927.com.br/. Acesso em: 14 jun. 2021.

ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos; CORREIA, Margarita. Terminologia. *In*: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Faculdades de Letras. **Grupo de trabalho de Lexicologia, Lexicografia e terminologia da ANPOLL**. Belo Horizonte: UFMG, 2008. Disponível em: ttp://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/?web=gtlex&lang=1&page=2331&menu=1549&tipo=1. Acesso em: 15 maio 2021.

ALVAÇÃO (CORAÇÃO DE JESUS). *In*: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [San Francisco, CA: Wikimedia Fonudation], 2020. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Alva%C3%A7%C3%A3o_(Cora%C3%A7%C3%A3o_de_Jesus). Acesso em: 25 ago. 2020.

ALVAÇÃO. *In*: DICIONÁRIO on line de Português. [*S. l.*]: Dicio, 2021. Disponível em: https://www.dicio.com.br/alvacao/. Acesso em: 25 ago. 2021.

ALVARENGA, Daniel *et al.* Da forma sonora da fala à forma gráfica da escrita uma análise linguistica do processo de alfabetização**. Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 16, p. 5-30, out./ dez. 1989. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636748. Acesso em: 14 jun. 2021.

ALVES. Ieda Maria. **Neologismos**: criação lexical. São Paulo: Ática, 2007.

ANTUNES, Irandé. **Aula de português**: encontro e interação. São Paulo: Parábola, 2003.

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

ARAÚJO, Ana Paula de. **Onomástica**. [*S. l.*]: InfoEscola, 2021. Disponível em: https://www.infoescola.com/linguistica/onomastica/. Acesso em: 20 fev. 2021.

ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO. **Carta de Pêro Vaz de Caminha.** Lisboa, Gavetas, Gav. 15, mç. 8, n.º 2, 1 maio 1500. Disponível em: https://antt.dglab.gov.pt/wp-content/uploads/sites/17/2010/11/Carta-de-Pero-Vaz-de-Caminha-transcricao.pdf. Acesso em: 14 jun. 2021.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LINGUÍSTICA. A pesquisa toponímica no Brasil: estudos contemporâneos. [*S. l.*]: ABRALIN, 2021. Disponível me: https://www.facebook.com/abralin.oficial/posts/1296974683806066/. Acesso em: 20 jun. 2021.

BARBOSA, Anagrey. **A segmentação e a juntura na escrita de alunos do ensino fundamental**: é possível intervir? Dissertação (Mestrado em Letras)- Programa de Pós Graduação Mestrado Profissional em Letras, Unimontes, Montes Claros, p. 187. 2015.

BARBOSA, Waldemar de Almeida. **Dicionário histórico-geográfico de Minas Gerais.** Belo Horizonte: Editora Itatiaia LTDA, 1995.

BARREIRO. *In*: DICIONÁRIO on line de Português. [*S. l.*]: Dicio, 2020. Disponível em: https://www.dicio.com.br/alvacao/. Acesso em: 25 ago. 2020.

BATTISTI, Elisa. Redes sociais, identidade e variação linguística. *In*: FREITAG, Raquel Meister Ko (org.). **Metodologia de coleta e manipulação de dados em sociolinguística**. São Paulo: Edgard Blücher, 2014.

BEAUREPAIRE ROHAN, Henrique de. **Dicionário de vocábulos brasileiros**. 2.ed. Salvador: Progresso, 1956.

BECHARA, Evanildo. **Dicionário da língua portuguesa Evanildo Bechara**. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2011.

BIBOCA. *In*: DICIONÁRIO on line de Português. [*S. l.*]: Dicio, 2020. Disponível em: https://www.dicio.com.br/alvacao/. Acesso em: 25 ago. 2020.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. *In*: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (org.). **As ciências do léxico:** lexicologia, lexicografia e terminologia. 2. ed. Campo Grande: UFMS, 2001, p. 131-144.

BIVAR, Artur. **Dicionário geral e analógico da língua portuguesa**. Vol. I. Porto: edições Ouro.

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario portuguez & latino:** aulico, anatomico, architectonico [...] Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712-1728. 8 v. Disponível em: http://di-cionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/1 Acesso em: maio 2020.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Do campo para a cidade**: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais. São Paulo: Parábola, 2011. (Coleção educação linguística; 6).

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna**: a sociolingüística na sala de aula. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador***:* introdução á pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris; OLIVEIRA, Tatiana. Corrigir ou não variantes não padrão na fala do aluno? *In*: BORTONI-RICARDO, Stella Maris; MACHADO, Veruska Ribeiro (org.). **Os doze trabalhos de Hércules**: do oral para o escrito. São Paulo: Parábola, 2013. (Estratégias de ensino; 37).

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidência da República, [2021]. Disponível em: Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm. Acesso em: 25 out. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Relatório do seminário de meio termo:** área linguística e literatura. Brasília: MEC, 2019a. Disponível em: Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf. Acesso em: 25 out. 2020.
BRASIL. Ministério da Cultura. Departamento Nacional do Livro. **A carta de Pero Vaz de Caminha.** Brasília: MC, 2019b. Disponível em: http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/carta.pdf. Acesso em: 25 out. 2019.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais, terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental:** língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf. Acesso em: 25 out. 2019.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais, Ensino médio:** língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 2000.

BRASIL. **Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003.** Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, [2017]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm. Acesso em: 30 jan. 2020.

BREJÃO. *In*: DICIONÁRIO on line de Português. [*S. l.*]: Dicio, 2020. Disponível em: https://www.dicio.com.br/alvacao/. Acesso em: 25 ago. 2020.

BREJO. *In*: DICIONÁRIO on line de Português. [*S. l.*]: Dicio, 2020. Disponível em: https://www.dicio.com.br/alvacao/. Acesso em: 25 ago. 2020.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando e linguística**. 10. ed. São Paulo: Scipione, 2005. (Coleção Pensamentos e Ação no Magistério).

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 2009.

CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização e pobreza. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, SP, v. 8, n. 1, p. 25-48, 1986.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o ba-be-bi-bo-bu.** São Paulo: Scipione, 1998.

CANTAGALO. *In*: DICIONÁRIO on line de Português. [*S. l.*]: Dicio, 2020. Disponível em: https://www.dicio.com.br/cantagalo/. Acesso em: 25 ago. 2020.

CARVALHO, Ana Paula Alves de. **Hagiotoponímia em Minas Gerais**. 2014. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos)- Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

CARVALHO, Ana Paula Alves de. Língua e identidade cultural: o estudo da toponímia local na escola. *In*: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA, 1., 2012, Uberlândia, **Anais** [...] Uberlândia: EDUFU, 2012.

CARVALHO, Mônica Emmanuelle Ferreira de. **Língua e Cultura no Norte de Minas:** a toponímia do município de Montes Claros. Tese - Programa de Pós Graduação em Estudos Linguísticos - FALE - UFMG, Belo Horizonte, 2010.

CARVALINHOS, Patrícia de Jesus. Onomástica e lexicologia: o léxico toponímico como catalisador e fundo de memória. Estudo de caso: os sociotopônimos de Aveiro (Portugal). **Revista USP,** São Paulo, n. 56, p. 172-179, 2002-2003. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/33819. Acesso em: 14 jun. 2021.

CHOMSKY, Noam. A propósito das estruturas cognitivas e de seu desenvolvimento: uma resposta a Piaget. *In:* PIATTELLI-PALMARINI, Massimo (org.). **Teorias da linguagem, teorias da aprendizagem**: o debate entre Jean Piaget & Noam Chomsky. São Paulo: Cultrix, 1983.

CHUMBADO. *In*: DICIONÁRIO on line de Português. [*S. l.*]: Dicio, 2020. Disponível em: https://www.dicio.com.br/chumbado/. Acesso em: 25 ago. 2020.

CORAÇÃO DE JESUS (MINAS GERAIS). *In*: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [San Francisco, CA: Wikimedia Fonudation], 2020. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Cora%C3%A7%C3%A3o_de_Jesus_(Minas_Gerais). Acesso em 25 ago. 2020.

COSTA, Dinah de Ângelis Santos Vieira e. **Por um ambiente novo de ensino e aprendizagem da ortografia para a "geração polegar".** 2016. Dissertação (Mestrado em Letras)- Programa de Pós Graduação Mestrado Profissional em Letras, Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, p. 137. 2016.

COSTA FILHO, Orando Antônio da. **Marcas de oralidade na escrita de alunos do ensino fundamental:** gênero carta do leitor. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras)- Programa de Pós Graduação Mestrado Profissional em Letras, Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2015.

COSTA, Karina Rodrigues da. **As formas nominais na escrita de alunos do ensino fundamental II:** Chico Bento aprende a escrever. 2018. Dissertação (Mestrado em Letras)- Programa de Pós Graduação Mestrado Profissional em Letras, Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2018.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

CUNHA, Claudio de Assis da; AGUILERA, Vanderci de Andrade. Tipologia das obras lexicográficas e o léxico histórico do português brasileiro. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 99-114, jan./jun. 2019. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/157934. Acesso em: 14 jun. 2021.
DICIONÁRIO on line de Português. [*S. l.*]: Dicio, 2020. Disponível em: https://www.dicio.com.br. Acesso em: 25 ago. 2020.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **A motivacao toponimica e a realidade brasileira**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990a.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **A motivação toponímica:** princípios teóricos e modelos taxeonômicos. 1980. Tese (Doutorado em Semiótica e Lingüística Geral)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1980.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. A terminologia nas ciências onomásticas: estudo de caso: o projeto ATESP (Atlas Toponímico do Estado de São Paulo). *In*: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria (org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande, MS: Ed. UFMS; São Paulo, SP: Humanitas, 2007. v. 3.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Aspectos de etnolinguística - a toponímia carioca e paulistana: contrastes e confrontos**. Revista USP**, São Paulo, n. 56, p. 180-191, dez./fev. 2002-2003.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Entrevista da Profa. Dra. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick. [Entrevista cedida] a Linha D'Água. **Linha D'Água**, n. 21, p. 13-18, 2008. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/37311. Acesso em: 14 jun. 2021.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Fundamentos teóricos da toponímia: estudo de caso: o Projeto ATEMIG: Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais (Variante regional do Atlas Toponímico do Brasil). *In*: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. (org.). **O léxico em estudo**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006, p. 91-117.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Métodos e questões terminológicas na Onomástica: estudo de casos. **Investigações Lingüísticas e Teoria Literária**, v. 9, p. 119-148, 1999.

DICK, Maria Vicentina de Paula de Amaral. **Toponímia e antroponímia no Brasil**: coletânea de estudos. 2. ed. São Paulo: USP, 1990b.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Toponímia e antroponímia no Brasil. **Coletânea de Estudos.** São Paulo: Impresso pelo serviço de Artes Gráficas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1986.

ESPORA. *In*: DICIONÁRIO on line de Português. [*S. l.*]: Dicio, 2020. Disponível em: https://www.dicio.com.br/espora/. Acesso em: 25 ago. 2020.

FARACO, Carlos Alberto. **Escrita e alfabetização**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem escrita e alfabetização**. São Paulo: Contexto, 2018.

FAYOL, Michel. **Aquisição da escrita**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014

FRANÇA, Junia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. **Manual para normalização de publicações técnico-científicas**. 9. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 20194.

FREIRE, Laudelino. Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa. Vol. IV. 2. ed. Rio de Janeiro – São Paulo – Belo Horizonte – Recife – Porto Alegre: José Olympio, 1954.

FUMO. *In*: DICIONÁRIO on line de Português. [*S. l.*]: Dicio, 2020. Disponível em: https://www.dicio.com.br/fumo/. Acesso em: 25 ago. 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GUÉRIOS, Rosario Farani Mansur. **Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes**. São Paulo: Ave Maria LTDA, 1981.

GUERRA, Antonio Teixeira; GUERRA Antonio José Teixeira. **Novo dicionário geológico-geomorfológico**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

HAENSCH, Günter. *La Lexicografia:* de la lingüística teórica a la lexicografia práctica. (Org.). Madrid: Editorial Gredos, 1982.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cantagalo - Minas Gerais:** história. Rio de Janeiro: IBGE, 2021a. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/cantagalo/historico. Acesso em: 18 jun. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cantagalo - Paraná:** história. Rio de Janeiro: IBGE, 2021b. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/cantagalo/historico. Acesso em: 11 set. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cantagalo - Rio de Janeiro:** história. Rio de Janeiro: IBGE, 2021c. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/cantagalo/historico. Acesso em: 11 set. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Ceará**: Tamboril - história. Rio de Janeiro: IBGE, 2021d. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/tamboril/historico. Acesso em: 25 jul. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Coração de Jesus**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/coracao-de-jesus/panorama. Acesso em: 18 jan. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Divisão territorial brasileira. Rio de Janeiro: IBGE, 2002. Disponível em: http://www.ipeadata.gov.br/doc/DivisaoTerritorialBrasileira_IBGE.pdf. Acesso em: 18 jan. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. Rio de Janeiro: IBGE, 1957-1964. v. 24. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=227295&view=detalhes. Acesso em: 18 jan. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Estatísticas de gênero**: uma análise dos resultados do Censo Demográfico 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2014. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/notas_metodologicas.html?loc=0. Acesso em: 25 maio 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Glossário dos termos genéricos dos nomes geográficos utilizados no mapeamento sistemático do Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. v. 1. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101626_v1.pdf. Acesso em: 14 jun. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **História**. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/coracao-de-jesus/historico. Acesso em: 25 nov. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. XI Recenseamento geral do Brasil: **Manual de delimitação dos setores de 2000**. Rio de Janeiro: IBGE, 2000. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/instrumentos_de_coleta/doc0210.pdf. Acesso em: 25 maio 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Lamarão:** história. Rio de Janeiro: IBGE, 2021e. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/lamarao/historico. Acesso em: 25 jul. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Mesorregião geográfica**. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: https://metadadosgeo.ibge.gov.br/geonetwork_ibge/srv/api/records/3158f5cc-4650-4777-81e8-f8d81885a3b1. Acesso em: 25 maio 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Piuaí**: história: Tamboril do Piuaí. Rio de Janeiro: IBGE, 2021f. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/tamboril-do-piaui/historico. Acesso em: 25 jul. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Poção:** história. Rio de Janeiro: IBGE, 2021g. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/pocao/historico. Acesso em: 11 set. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Riachinho:** história. Rio de Janeiro: IBGE, 2021h. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/riachinho/historico. Acesso em: 11 set. 2021.

INSTITUTO INHOTIM. Destaque botânico: tamboril: nome científico: enterolobium. Brumadinho: Inhotim, 2021. contortisiliquum. Disponível em: https://www.inhotim.org.br/item-do-acervo/tamboril/. Acesso em: 27 ago. 2021.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Sistema de Avaliação da Educação Básica. **Resultados**. Brasília: INEP, 2016. Disponível em: http://portal.inep.gov.br/web/guest/educacao-basica/saeb/resultados. Acesso

em: 26 jan. 2020.

ISQUERDO, Aparecida Negri; CASTIGLIONI, Ana Cláudia. Em busca de um modelo de dicionário onomástico-toponímico. *In:* ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria. **As ciências do léxico:** lexicologia, lexicografia e terminologia. Campo Grande: Editora UFMS, 2008, p. 291-310. v. 4.

KATO, Mary Aizawa. **No mundo da escrita**: uma perspectiva psicolinguística. 5. ed. São Paulo: Editora Afiliada, 1995.

KRIEGER, Maria da Graça. Tipologias de dicionários: registros de léxico, princípios e tecnologias. **Calidoscópio**, v. 4, n. 3, p. 141-147, set/dez. 2006. Disponível em: http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/6000/3176. Acesso em: 14 jun. 2021.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pedreira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008. (Linguagem; 26).

LAMARÃO. *In*: DICIONÁRIO on line de Português. [*S. l.*]: Dicio, 2020. Disponível em: https://www.dicio.com.br/alvacao/. Acesso em: 25 ago. 2020.

LEMLE, Miriam. **Guia teórico do alfabetizador.** 17. ed. São Paulo: Ática, 2007.

LEXICOGRAFIA. *In*: DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa. [*S. l.*]: Do Autor, 2020. Disponível em: https://dicionario.priberam.org/Lexicografia. Acesso em: 23 fev. 2020.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 47. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

LIMA, Giullyano José Nunes. **Ensino da ortografia da língua portuguesa:** o uso de maiúsculas e minúsculas na escrita de alunos do Ensino Fundamental. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós Graduação Mestrado Profissional em Letras, Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2016.

LIMA, Larissa. **Entenda como funciona a Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MC, 2020. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/component/content/article/211-noticias/218175739/85151-entenda-como-funciona-a-base-nacional-comum-curricular?Itemid=164. Acesso em: 25 out. 2020.

LOBO. *In*: DICIONÁRIO on line de Português. [*S. l.*]: Dicio, 2020. Disponível em: https://www.dicio.com.br/alvacao/. Acesso em: 25 ago. 2020.

LYONS, John. **Linguagem e linguística***:* uma introdução. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981.

MACHADO, José Pedro. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 3 ed. Lisboa: Livros Horizonte, Ltda, 1977.

MACHADO, José Pedro. **Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa**. 3 ed. Lisboa: Editorial Confluência e Livros Horizonte, Ltda, 2003.

MAGALHÃES, José Sueli de; TRAVAGLIA, Luiz Carlos (org.). **Múltiplas perspectivas em linguística [...].** Uberlândia: ILEEL, 2006. p. 1953-1960.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2010.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis; CAGLIARI, Luiz Carlos**. Diante das letras**: a escrita na alfabetização. São Paulo: Mercado de Letras, 1999.

MENDES, Tatiana Martins. **Léxico toponímico de Diamantina:** língua, cultura e memória. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós Graduação em Estudos Linguísticos - FALE - UFMG, Belo Horizonte, 2010.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação. **Currículo de Referencia de Minas Gerais**. Belo Horizonte: BNC, 2020. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/curriculos_estados/documento_curricular_mg.pdf. Acesso em: 23 fev. 2021.

MINAS GERAIS. **Conteúdo Básico Comum**: português. Educação Básica: Ensino Fundamental I (1º ao 5º) Belo Horizonte: SEE, 1997.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais. **Conteúdo Básico Comum (CBC) de língua portuguesa do Ensino Médio:** Exames Supletivos/2018**.** Belo Horizonte: SEE, 2018. Disponível em: https://www2.educacao.mg.gov.br/images/Progr._L.Portuguesa_M%C3%A9dio_2018.pdf. Acesso em: 23 fev. 2020.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais. **CBC**: Currículo Básico Comum do Ensino Fundamental: anos iniciais: ciclos de alfabetização e complementar. Belo Horizonte: SEE, 2014. Disponível em: https://srefabricianodivep.files.wordpress.com/2017/02/cbc-anos-iniciais.pdf. Acesso em: 14 jun. 2021.

MINAS GERAIS. Matriz curricular de português: Ciclo Complementar da alfabetização 4° e 5° anos do ensino fundamental: versão preliminar. Itajuba: SEE, 2019. Disponível em: http:// http://sreitajuba.educacao.mg.gov.br. Acesso: 20 jun. 2019.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. *In*. MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (org.). **Introdução à sociolinguística:** o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003, p. 9-14.

MORAIS, Arthur Gomes de. **Ortografia**: ensinar e aprender. São Paulo: Editora Ática, 2007.

OLIVEIRA, Cêurio de. **Dicionário cartográfico**. 4. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1993.

OLIVEIRA, Eliane Vitorino de Moura. A análise de redes sociais de interação e o letramento: contributos para o ensino de língua portuguesa. **Estudos da Linguagem**, Londrina, v. 19, n. 1, p. 267-292, jun. 2016. DOI: 10.5433/2237-4876.2016v19n1p267
OLIVEIRA, Eliane Vitorino de Moura. A análise de redes sociais: elo entre pesquisa e o ensino. **SIGNUM: Estudos da Linguagem**, Londrina, n. 19/1, p. 267-292, jun. 2016.

OLIVEIRA, Marco Antônio de. **Conhecimento linguístico e apropriação do sistema de escrita**. Belo Horizonte: CEALE, 2005. (Alfabetização e letramento).

OLIVEIRA, Marco Antônio de; NASCIMENTO, Milton do. Da análise de "erros" aos mecanismos envolvidos na aprendizagem da escrita. **Educação em Revista**, n. 12 , p. 33-43, dez. 1990.

PAIVA, Vera Lúcia de Oliveira e. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2019.

PAULA, Claúdia dos Reis Otoni. **O uso de letras maiúsculas na escrita de alunos do ensino fundamental II**: proposta pedagógica de intervenção. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras)- Programa de Pós Graduação Mestrado Profissional em Letras, Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, p. 163. 2016.

PEREIRA, Bento. Thesouro da lingoa portuguesa. Lisboa: Officina de Paulo Craesbeeck, 1647.

PINTO, Luiz Maria da Silva. **Diccionario da lingua brasileira**. Ouro Preto: Na Typographia de Silva, 1832. Disponível em: https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5414. Acesso em: 15 maio 2020.

POÇÃO. *In*: DICIONÁRIO on line de Português. [*S. l.*]: Dicio, 2020. Disponível em: https://www.dicio.com.br/pocao/. Acesso em: 25 ago. 2020.

POLGUÈRE, Alain. **Lexicologia e semântica lexical**: noções fundamentais. Trad. Sabrina Pereira de Almeida. São Paulo: Contexto, 2018.

RIACHO. *In*: DICIONÁRIO on line de Português. [*S. l.*]: Dicio, 2020. Disponível em: https://www.dicio.com.br/riacho/. Acesso em: 25 ago. 2020.

ROMEIRO, Adriana; BOTELHO, Angela Vianna. **Dicionário histórico das Minas Gerais:** Pe-ríodo Colonial. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SABATER, Roberto Faure. **Diccionario de nombres geográficos y étnicos del mundo**. Madrid: Espasa Calpe, S. A., 2004.

SALTO. *In*: DICIONÁRIO on line de Português. [*S. l.*]: Dicio, 2020. Disponível em: https://www.dicio.com.br/salto/. Acesso em: 25 ago. 2020.

SAPIR, Edward. **A lingüística como ciência**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa. **15° papos cartográficos**: toponímia histórica de Minas Gerais. Rio de Janeiro: GeoCart UFRJ, 14 maio 2021. 1 vídeo (2h 15 min). Publicado por GeoCart UFRJ. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=nbJO0Td4xMk&t=3643s. Acesso em: 7 jun. 2021.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa. **A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais a toponímia da Região do Carmo.** 2004. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

SEABRA, Maria Cândida Trindade. Referência e onomástica. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL E SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA, 11., 2006, Uberlândia;

SILVA, Antonio Moraes. **Diccionario da lingua portuguesa:** recompilado dos vocabularios impressos ate agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado, por Antonio de Moraes Silva. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813. Disponível em: http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/2. Acesso em: 10 maio 2020.

SILVA, Patrícia Martins da. **Desvios ortográficos na escrita de alunos do ensino fundamental***:* ensino e reflexões. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras)- Programa de Pós Graduação Mestrado Profissional em Letras, Universidade Estadual de Montes Claros,, Montes Claros, p. 177. 2016.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. **Contradições no ensino de português: a** língua que se fala X a língua que se ensina. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

SOARES, Antônio Joaquim de Macedo. **Dicionário brasileiro da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Leuzinger, 1889.

SOARES, Magda Becker. **Alfabetização**: a questão dos métodos. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

SOARES, Magda Becker. A reinvenção da alfabetização. **Revista Presença Pedagógica**, v. 9, n. 52, jul./ago. 2003.

SOARES, Magda Becker. **Realfabetização**: 1 Parte 2. [São Paulo]: Reeduca, 18 abr. 2014. 1 vídeo (8 min). Publicado por Rioeduca SME. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=bIWJCttAuTk. Acesso em: 8 jun. 2019.

SOUSA, Alexandre Melo de. Para a aplicação da toponímia na escola. **Cadernos do CNLF**, Rio de Janeiro, v. XVII, n. 2, p. 294-306, 2013. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xvii_cnlf/cnlf/02/24.pdf. Acesso em: 8 jun. 2019.

SOUSA, Alexandre Melo de. **Toponímia e ensino**: propostas para a aplicação no nível básico. [*S. l.*]: Filolofia, 2012. Disponível em: http://www.filologia.org.br/iijnlflp/textos/Topon%C3%ADmia_e_ensino_propostas_ALEXANDRE.pdf. Acesso em: 8 jun. 2019.

SOUSA, Alexandre Melo de; DARGEL, Ana Paula Tribesse Patrício. Onomástica. **Revista GTLex**, v. 3, n. 1, p. 7-22, 20 abr. 2017.

SOUSA, Alexandre Melo de; GOUVEIA, Ana Paula Teixeira. Toponímia e memória: uma proposta de atividade para as aulas de Língua Portuguesa no Ensino Médio. **Revista Digital dos Programas de Pós-Graduação do Departamento de Letras e Artes da UEFS**, Feira de Santana, v. 18, n. 3, p. 241-253, set./dez. 2017.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1985.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa,** São Paulo, v. 31, n. 3, set./dez. 2005, p. 443-466.

VALLE, Maristela do. **Costa do descobrimento**: frota carregava fragmentos da cruz primeiro nome do Brasil derivou da fé. Folha de S. Paulo, São Paulo, 14 abr. 1997. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/fsp/turismo/fx140409.htm. Acesso em: 8 jun. 2019.

WEINREICH, Weinreich; LABOV, William; HERZOG, Marvin. Empirical Foundations for Theory of Language Change. *In*: LEHMANN, Paul; MALKIEL, Yakov. (ed.). **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno, revisão técnica de Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006.

ZAVAGLIA, Adriana; WELKER, Herbert. Lexicografia. *In*: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Faculdades de Letras. **Grupo de trabalho de Lexicologia, Lexicografia e terminologia da ANPOLL**. Belo Horizonte: UFMG, 2008a. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/gtlex/. Acesso em: 15 maio 2021.

ZAVAGLIA, Adriana; WELKER, Herbert. **Lexicologia**. *In*: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Faculdades de Letras. **Grupo de trabalho de Lexicologia, Lexicografia e terminologia da ANPOLL**. Belo Horizonte: UFMG, 2008b. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/gtlex/. Acesso em: 15 maio 2021.

APÊNDICE A - Questionário nº. 1 - Primeiras informações dos alunos sobre Toponímia

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

PESQUISA: A TOPONÍMIA NO ENSINO FUNDAMENTAL: um estudo dos nomes dos logradouros de Alvação, Distrito de Coração de Jesus/MG.

ORIENTADORA: Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Vieira Coelho
MESTRANDA/PESQUISADORA: Prof.ª Raquel Ribeiro Guimarães Mota
ESCOLA: Estadual São Sebastião - **TURMA:** 6º Ano - **DATA:__/___/_____**
DISCIPLINA: Língua Portuguesa

QUESTIONÁRIO Nº.1 – Primeiras informações dos alunos sobre Toponímia

1.Nome:_____
1.1 Você tem apelidos(s)? Qual(is)? _____
2. Idade_____
3.Gênero: ( ) Feminino ( ) Masculino
4. Nome do pai:_____
5. Nome da mãe:_____
6. Qual o nome do lugar onde você nasceu?_____
7. Qual o nome do lugar em que você mora?_____

8 Você sabe o significado do nome da localidade em que mora? ( ) SIM ( ) NÃO.

b) 8.1 Se você sabe o significado do nome da localidade em que mora, escreva qual é o significado: _____

9. Você gosta do nome do lugar em que mora?
a) ( ) NÃO. Por quê?
_____

b) ( ) SIM. Por quê?
_____

10. Há quanto tempo você mora nessa localidade?
_____

11. Você conhece alguém que possa lhe contar sobre a história e o nome da localidade em que mora?
c) ( ) NÃO.
d) ( ) SIM. Quem?_____

12. É importante conhecer a história dos nomes de seu povoado?
c) ( ) NÃO. Por quê?
_____
d) ( ) SIM. Por quê?
_____

13. Há algum rio no lugar onde você mora? ( ) SIM ( ) NÃO.

b) ( ) SIM. Qual(is) o(s) nome(s)? _____

14. Há alguma lagoa no lugar onde você mora? ( ) SIM ( ) NÃO.

b) ( ) SIM. Qual(is) o(s) nome(s)? _____

15. Há algum córrego no lugar onde você mora? ( ) SIM ( ) NÃO.

b) ( ) SIM. Qual(is) o(s) nome(s)? _____

16. Há algum poço no lugar onde você mora? ( ) SIM ( ) NÃO.

b) ( ) SIM. Qual(is) o(s) nome(s)? _____

17. Existe alguma ponte no lugar onde você mora? ( ) SIM ( ) NÃO.

b) ( ) SIM. Qual(is) o(s) nome(s)? _____

18. Você participa de algum evento/festa que acontece na localidade em que mora?

c) ( ) NÃO

d) ( ) SIM. Qual ou quais?_____

19. O lugar em que você mora tem santo padroeiro?

c) ( ) NÃO.

d) ( ) SIM. Qual ou quais?_____

20. Qual o nome da cidade onde localiza sua comunidade?

_____

21. Você sabe porque a cidade onde se localiza sua comunidade tem esse nome?

APÊNDICE B - Questionário nº. 2 - Ouvindo os moradores contar sobre Toponímia

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

PESQUISA: A TOPONÍMIA NO ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO SOBRE OS NOMES DOS LOGRADOUROS DE ALVAÇÃO, DISTRITO DE CORAÇÃO DE JESUS – MG

ORIENTADORA: Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Vieira Coelho
MESTRANDA/PESQUISADORA: Prof.ª Raquel Ribeiro Guimarães Mota
ESCOLA: Estadual São Sebastião
DATA:__/___/_____
DISCIPLINA: Língua Portuguesa

QUESTIONÁRIO Nº. 2 Ouvindo os moradores contar sobre Toponímia

C. DADOS DO PARTICIPANTE

20. Entrevista Nº :
21. Gravador:
22. Data:
23. Hora:
24. Duração:
25. Local de realização da entrevista:
26. Nome do Participante:
27. Código:
28. Gênero: ( ) M ( )F

D. ROTEIRO DE ENTREVISTA

29. Qual é o nome completo do senhor/ da senhora?
30. Qual a Idade do senhor/ da senhora?
31. Quando o senhor/ a senhora nasceu?
32. Onde o senhor/ a senhora nasceu?
33. Qual é o estado civil do senhor/ da senhora
34. O senhor/ a senhora faz parte de alguma religião:
35. Qual o grau de escolaridade do senhor/ da senhora?
36. Qual ou quais atividades o senhor/ a senhora exerce ou exerceu? É aposentado (a)?

37. Há quanto tempo o senhor/ a senhora mora neste lugar?

38. Qual o nome deste lugar?
18.3 O senhor/ A senhora sabe o significado deste nome?
18.4Qual o significado?

43. O senhor/ A senhora sabe dizer se este lugar sempre teve esse nome?

19.1 Qual ou quais outros nomes este lugar já teve?

a_____

__

b_____

_

c_____

_

19.2 Quais os significados destes nomes?

a_____

_____

_____

____

b_____

_____

_____

___

c_____

_____

_____

___

44. O senhor/ A senhora conhece ou conheceu os primeiros moradores deste lugar?

45. Esta terra foi doada?

46. O senhor/ A senhora sabe quem foi o doador desta terra?

47. O doador desta terra ainda é vivo?

48. O senhor/ A senhora pode informar se existe um rio neste lugar?

48.1 E na região próxima tem rios?

49. O senhor/ A senhora pode informar se existe uma ponte neste lugar?

50. O senhor/ A senhora pode informar se existe uma lagoa neste lugar?

51. O senhor/ A senhora pode informar se existe um córrego neste lugar?

52. O senhor/ A senhora pode informar se existe algum poço neste lugar?
53. Este lugar tem santo padroeiro? Qual?
54. Quais os tipos de festas e festejos existem neste lugar?
55. O senhor/ A senhora participa de algum deles?
56. Este povoado fica localizado em qual distrito?
57. O senhor/ A senhora conhece os outros lugares que formam o distrito de Alvação?
58. Este povoado fica localizado em qual munícipio?
59. O senhor/ A senhora sabe por que o município tem este nome?
60. As crianças e jovens daqui estudam onde?
61. Aqui tem posto de saúde?
62. O senhor/ A senhora quando necessita vai a qual posto de saúde?
63. O senhor/ A senhora gosta de morar neste lugar?
64. O senhor/ A senhora gosta do nome deste lugar? Por quê?
65. O que o senhor/ a senhora considera este lugar bom para viver?
66. De que O senhor/ A senhora não gosta neste lugar?
67. O senhor/ A senhora considera importante conhecer a história do nome do povoado?

67.1Por quê?

APÊNDICE C - Questionário informante: (M.D.O.M)

Figura 1 - Questionário informante: (M.D.O.M)

QUESTIONÁRIO Nº.1

1 Nome: ______________________

1.1 Você tem apelidos(s)? Qual(is)? ______________________

2 Idade 14 3 Gênero: ( ) Feminino (X) Masculino

4 Nome do pai: ______________________

5 Nome da mãe: ______________________

6 Qual o nome do lugar onde você nasceu? montes claros

7 Qual o nome do lugar em que você mora? santa gulee

____

8 Você sabe o significado do nome da localidade em que mora? ( ) SIM (X) NÃO.

a) 8.1 Se você sabe o significado do nome da localidade em que mora, escreva qual é o significado:

____

____

9 Você gosta do nome do lugar em que mora?

a) ( ) NÃO. Por quê?

____

____

b) (X) SIM. Por quê?

por que o nome ten nome de anival e er dirrente dos outros

10 A quanto tempo você mora nessa localidade? tem 14

11 Você conhece alguém que possa lhe contar sobre a história e o nome da localidade em que mora?

a) ( ) NÃO.

b) (X) SIM. Quem? meu avô

12 É importante conhecer a história dos nomes de seu povoado?

a) ( ) NÃO. Por quê?

b) b)(X) SIM. Por quê?

e bom por que eu conheço o lugar mesmo.

13 Tem algum rio no lugar onde você mora? ( ) SIM (X) NÃO.

a) ( ) SIM Qual(is) o(s) nome(s)?

14 Tem alguma lagoa no lugar onde você mora? ( ) SIM (X) NÃO.

a) ( ) SIM. Qual(is) o(s) nome(s)?

15 Tem algum córrego no lugar onde você mora? ( ) SIM (X) NÃO.

a) ( ) SIM. Qual(is) o(s) nome(s)?

16 Tem algum poço no lugar onde você mora? (X) SIM ( ) NÃO.

a) ( ) SIM. Qual(is) o(s) nome(s)? não tem nome não

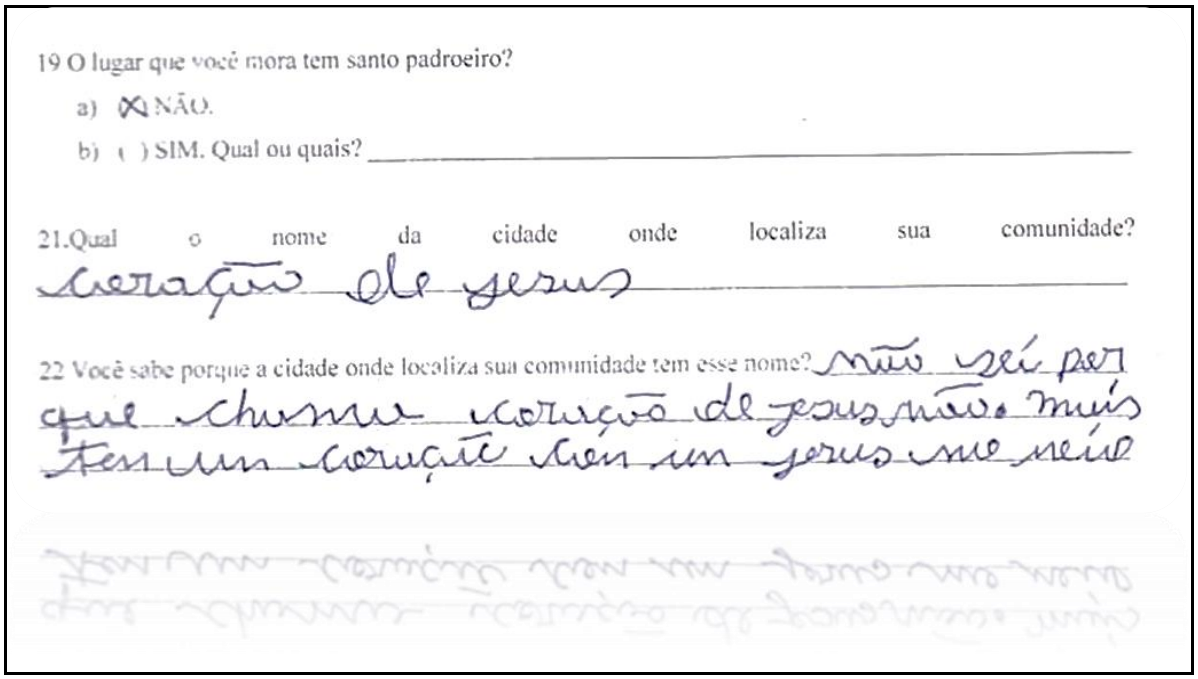
17 Tem alguma ponte no lugar onde você mora? (X) SIM ( ) NÃO.

a) (X) SIM. Qual(is) o(s) nome(s)? gongado

18 Você participa de algum evento/festa que acontece na localidade em que mora?

a) (X) NÃO

b) ( ) SIM. Qual ou quais?



19 O lugar que você mora tem santo padroeiro?

a) (X) NÃO.

b) ( ) SIM. Qual ou quais? _____

21.Qual o nome da cidade onde localiza sua comunidade?

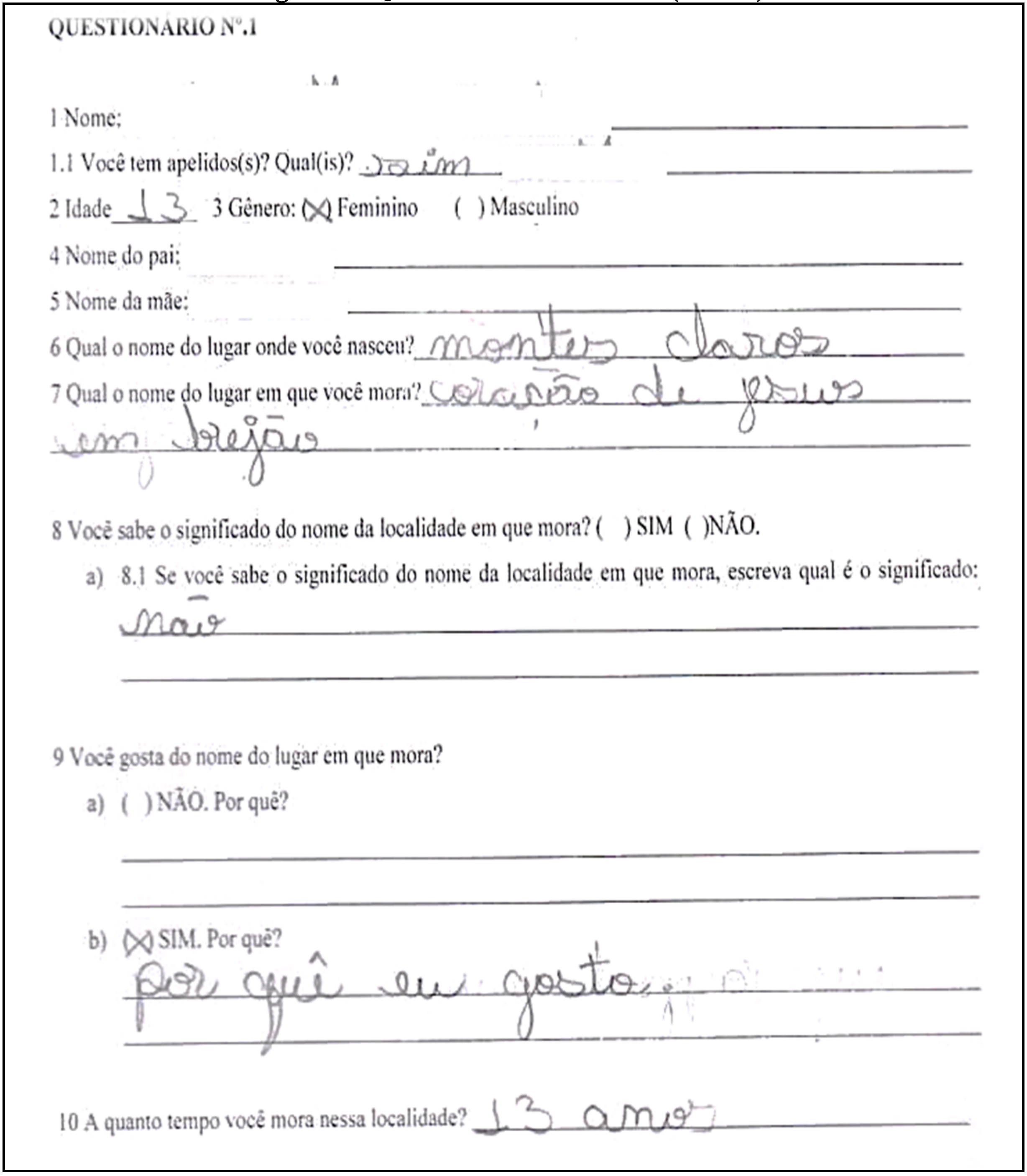
coração de jesus

22 Você sabe porque a cidade onde localiza sua comunidade tem esse nome? não sei por que chama coração de jesus não. mais tem um coração com um jesus no meio

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, 2019.

APÊNDICE D - Questionário informante: (M.A.R)

Figura 1 - Questionário informante: (M.A.R)



QUESTIONÁRIO Nº.1

1 Nome:

1.1 Você tem apelidos(s)? Qual(is)? Sim

2 Idade 13 3 Gênero: (X) Feminino ( ) Masculino

4 Nome do pai:

5 Nome da mãe:

6 Qual o nome do lugar onde você nasceu? montes claros

7 Qual o nome do lugar em que você mora? coração de jesus em brejão

8 Você sabe o significado do nome da localidade em que mora? ( ) SIM ( )NÃO.

a) 8.1 Se você sabe o significado do nome da localidade em que mora, escreva qual é o significado:

Não

9 Você gosta do nome do lugar em que mora?

a) ( ) NÃO. Por quê?

b) (X) SIM. Por quê?

Por quê eu gosto

10 A quanto tempo você mora nessa localidade? 13 anos

11 Você conhece alguém que possa lhe contar sobre a história e o nome da localidade em que mora?

a) (X) NÃO.

b) ( ) SIM. Quem?_____

12 É importante conhecer a história dos nomes de seu povoado?

a) ( ) NÃO. Por quê?

_____

_____

b) b) (X) SIM. Por quê?

Por quê eu queria conhecer a
historia do Brejão

13 Tem algum rio no lugar onde você mora? ( ) SIM (X) NÃO.

a) ( ) SIM.Qual(is) o(s) nome(s)? _____

14 Tem alguma lagoa no lugar onde você mora? ( ) SIM (X) NÃO.

a) ( ) SIM. Qual(is) o(s) nome(s)? _____

15 Tem algum córrego no lugar onde você mora? ( ) SIM (X) NÃO.

a) ( ) SIM. Qual(is) o(s) nome(s)? _____

16 Tem algum poço no lugar onde você mora? (X) SIM ( ) NÃO.

a) ( ) SIM. Qual(is) o(s) nome(s)? poço do brejão

17 Tem alguma ponte no lugar onde você mora? (X) SIM ( ) NÃO.

a) ( ) SIM. Qual(is) o(s) nome(s)? riacão

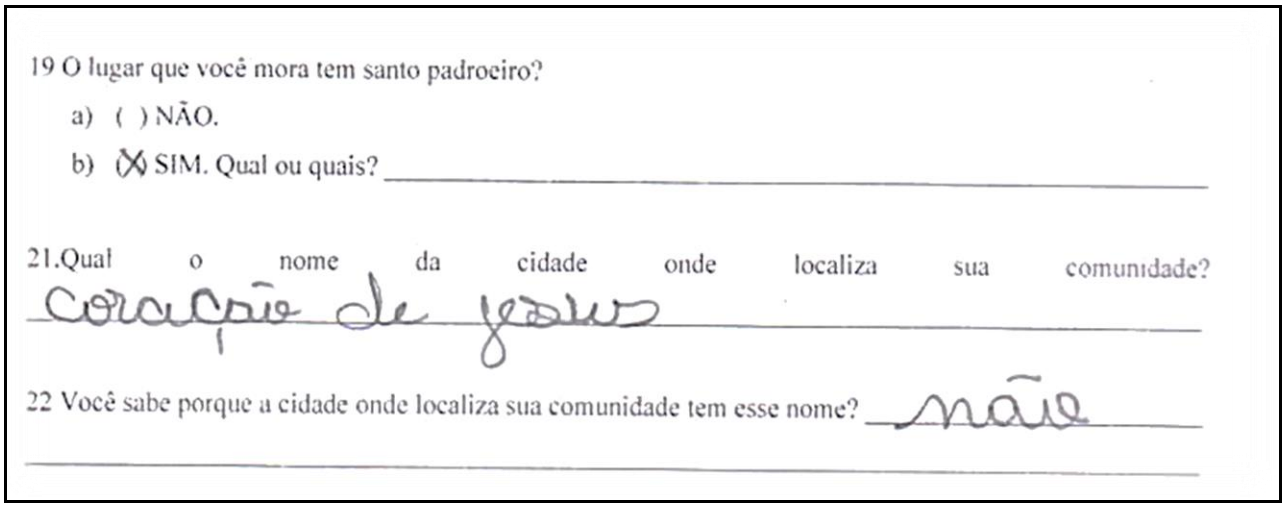
18 Você participa de algum evento/festa que acontece na localidade em que mora?

a) ( ) NÃO

b) (X) SIM. Qual ou quais?

na festa da caroagada

_____



19 O lugar que você mora tem santo padroeiro?

a) ( ) NÃO.

b) (X) SIM. Qual ou quais? _____

21.Qual o nome da cidade onde localiza sua comunidade?

Coração de Jesus

22 Você sabe porque a cidade onde localiza sua comunidade tem esse nome? mãe

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, 2019.

APÊNDICE E - Parecer de Aprovação do Comitê de Ética

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS - UNIMONTES

Plataforma Brasil

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A toponímia no ensino fundamental: ouvir, contar, pesquisar e escrever a história dos nomes dos povoados rurais de Coração de Jesus ¿ MG.

Pesquisador: RAQUEL RIBEIRO GUIMARAES MOTA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 19869719.2.0000.5146

Instituição Proponente: Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.650.697

Apresentação do Projeto:

A presente pesquisa pretende pesquisar a toponímia dos nomes dos povoados de Coração de Jesus proposta de pesquisa justifica-se por buscar preencher uma lacuna no aprendizado dos alunos do 6º ano da Escola Estadual São Sebastião, no processo de escrita, e também possibilitar o conhecimento formal da toponímia dos povoados rurais de Coração de Jesus/ Minas Gerais

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Pesquisar a toponímia dos nomes dos povoados rurais de Coração de Jesus em que estão inseridos os alunos do 6° ano, da Escola Estadual São Sebastião, Coração de Jesus- MG, bem como trabalhar as dificuldades ortográficas por meio da atividade de retextualização.

Objetivo Secundário:

a- Atualizar conhecimentos da área de Letras, estudos linguísticos: léxico, toponímia. b- Explorar, por meio de atividades,as habilidades propostas para o 6° ano nos documentos oficiais que norteiam o processo de ensino e aprendizado.c - Registrar a história dos povoados da área rural de Coração de Jesus, através do estudo dos topônimos.d - Descrever características dos topônimos e a relação existente entre nome e espaço denominado, considerando os aspectos históricos e culturais da região estudada. e - Revisar conhecimentos gramaticais e ortográficos do ensino fundamental I através do registro do léxico-toponímico dos nomes dos povoados da área

Endereço: Av.Dr Rui Braga s/n-Camp Univers Profª Darcy Rib
Bairro: Vila Mauricéia **CEP:** 39.401-089
UF: MG **Município:** MONTES CLAROS
Telefone: (38)3229-8180 **Fax:** (38)3229-8103 **E-mail:** smelocosta@gmail.com

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS - UNIMONTES

rural de Coração de Jesus.f - Escrever um livro narrando a história dos nomes das comunidades rurais de Coração de Jesus.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Há riscos dos participantes se sentirem constrangidos, com vergonha ou cansaço ao responder às perguntas. Caso haja algum desconforto ou risco, o participante da pesquisa terá garantia plena de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa sem qualquer penalização.

Benefícios:

O conhecimento/valorização pelo aluno/morador dos povoados de Coração de Jesus da toponímia; a promoção da educação linguística e produção de um livro com a história dos nomes dos povoados.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A proposta possui mérito e relevância científica, podendo contribuir para o avanço do conhecimento científico, gerando produtos de importância para a pesquisa, ensino e extensão.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Adequados.

Recomendações:

Apresentação de relatório final por meio da plataforma Brasil, em "enviar notificação".

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Apresentação do TCLE individual assinado e com endereço do pesquisador responsável, folha de rosto assinada pelo pesquisador e pró-reitor de pesquisa, Termo de concordância institucional. Todos os documentos estão adequados. A conclusão é de aprovação do projeto de pesquisa.

Considerações Finais a critério do CEP:

O projeto respeita os preceitos éticos da pesquisa envolvendo seres humanos, sendo assim somos favoráveis à aprovação do mesmo.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_P	07/10/2019		Aceito

Endereço: Av.Dr Rui Braga s/n-Camp Univers Profª Darcy Rib
Bairro: Vila Mauricéia **CEP:** 39.401-089
UF: MG **Município:** MONTES CLAROS
Telefone: (38)3229-8180 **Fax:** (38)3229-8103 **E-mail:** smelocosta@gmail.com

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS - UNIMONTES

Continuação do Parecer: 3.650.697

Básicas do Projeto	ETO_1420736.pdf	20:49:53		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO.pdf	07/10/2019 20:48:26	RAQUEL RIBEIRO GUIMARAES MOTA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMODECONCORDANCIA2.pdf	07/10/2019 20:43:41	RAQUEL RIBEIRO GUIMARAES MOTA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMODECONCORDANCIA1.pdf	07/10/2019 20:43:13	RAQUEL RIBEIRO GUIMARAES MOTA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMODEASSENTIMENTO2.pdf	07/10/2019 20:41:11	RAQUEL RIBEIRO GUIMARAES MOTA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMODEASSENTIMENTO1.pdf	07/10/2019 20:40:31	RAQUEL RIBEIRO GUIMARAES MOTA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE2.pdf	07/10/2019 20:39:33	RAQUEL RIBEIRO GUIMARAES MOTA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE1.pdf	07/10/2019 20:38:58	RAQUEL RIBEIRO GUIMARAES MOTA	Aceito
Outros	termoderesponsabilidade.pdf	28/08/2019 21:39:11	RAQUEL RIBEIRO GUIMARAES MOTA	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	28/08/2019 20:56:40	RAQUEL RIBEIRO GUIMARAES MOTA	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

Endereço: Av.Dr Rui Braga s/n-Camp Univers Profª Darcy Rib
Bairro: Vila Mauricéia **CEP:** 39.401-089
UF: MG **Município:** MONTES CLAROS
Telefone: (38)3229-8180 **Fax:** (38)3229-8103 **E-mail:** smelocosta@gmail.com

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS - UNIMONTES

Continuação do Parecer: 3.650.697

MONTES CLAROS, 18 de Outubro de 2019

Assinado por:
SIMONE DE MELO COSTA
(Coordenador(a))

APÊNDICE F - Grafia dos nomes próprios de lugares.

Quadro 1 - Grafia dos nomes próprios de lugares.

Número	"Código"	Grafia do nome do lugar em que nasceu	Grafia do nome do lugar em que mora
1	AVMS.	Maiúsculo	Maiúsculo
2	ANSF.	Minúsculo	Minúsculo
3	ACLR	Maiúsculo	Maiúsculo
4	ASMB	Maiúsculo	Minúsculo
5	CDRR	Minúsculo	Minúsculo
6	DGB	NR	Minúsculo
7	EEDC	Maiúsculo	Maiúsculo
8	GSF	Minúsculo	Maiúsculo
9	JPMM	Minúsculo	Minúsculo
10	MDOM	Minúsculo	Minúsculo
11	MASL.	Minúsculo	Minúsculo
12	MPS	Minúsculo	Minúsculo
13	MCPS	Minúsculo	Minúsculo
14	MEFS	Minúsculo	Maiúsculo
15	MVBS	Maiúsculo	Maiúsculo
16	MAR	Minúsculo	Minúsculo
17	NFV	Maiúsculo	Maiúsculo
18	PGVG	Maiúsculo	Maiúsculo
19	PHFJ	Minúsculo	Minúsculo
20	RPS	Minúsculo	Minúsculo
21	RFM	Minúsculo	Minúsculo
22	SJGC	Minúsculo	Maiúsculo
23	VFS	Maiúsculo	Minúsculo
24	WAR	Minúsculo	Minúsculo
25	WCR	Maiúsculo	Maiúsculo
Total de inadequações e (percentual)		15 (62%)	15 (60%)

Quadro 2 - Descrição de atividade diagnóstica produção textual

IDENTIFICA-ÇÃO	**TIPO DE INADEQUAÇÃO**						
	Troca de letras	Supressão de letras	Juntura	Segmentação indevida	Acréscimo de letras	Uso indevido de minúscula	Redução verbal
AVSM	3	0	2	0	0	0	0
ANSF	3	2	0	0	0	1	0
ACLR	0	0	0	0	0	0	0
CDRR	6	12	0	0	1	0	1
DGB	-	-	-	-	-	-	-
EEDC	2	0	1	0	0	0	0
MDOM	3	0	0	0	1	0	0
MASL	5	1	0	0	1	0	1
MCPS	3	0	0	0	2	0	0
MEFS	6	0	0	0	0	0	0
MVBS	2	0	0	0	2	0	0
MAR	2	0	1	0	0	0	1
NFV	10	0	0	0	2	0	0
PGVG	0	1	0	0	0	0	1
PHFJ	-	-	-	-	-	-	-
RPS	-	-	-	-	-	-	-
RFM[1]	-	-	-	-	-	-	-
SJGC	2	1	1	0	0	0	0
VFS	4	0	0	0	1	0	0
WCR	9	11	0	1	0	0	0
Total	60	28	5	1	10	1	4

	OUTROS CASOS MENOS RECORRENTES					
IDENTIFICAÇÃO	**INADEQUAÇÃO**					
	Rotação de letras	Supressão de “S” na 1ª pessoa do plural	Troca de tempo verbal	Ditongação	Regência nominal	Uso indevido de maiúscula
MAR	1	6				3
ANSF			1			
MDOM				1		
EEDC					1	
MCPS						
Total	1	6	1	1	1	3

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2019.

Quadro 3 - Normas para transcrição do *corpus* da oralidade

A. Dados da gravação e do registro.

1. Participante
2. Data da gravação
3. Código
4. Sexo do informante
5. Procedência geográfica

I- Para preservar o anonimato dos informantes, os nomes foram substituídos pelos códigos estabelecidos no Quadro1 – Perfil dos alunos participantes da pesquisa; os demais nomes citados nos áudios foram assim codificados: Professores P1, P2, P3...; alunos A1, A2, A3..., a servidora S1.

B - Aspectos registrados

1. Concordância nominal variável. Ex.: *Porque todos os aluno...*
2. Concordância verbal variável. Ex.: *Nós viu o chorume.*
3. Marcadores discursivos seguidos de ponto de interrogação. Ex.: *sabe né?*
4. Os pronomes ele, ela, eles, elas, você são grafados como realizados: ex: eis = eles; ea = ela; eas = elas; ocê = você; cê = você.
5. Variação fonética do s – é grafada como efetivamente realizada.
   Ex.: mermo = mesmo
6. Redução de ditongos, tanto em posição final, quanto em posição medial, utilizando o acento circunflexo na sílaba tônica.
   Ex.: falô; pôco; ôtro; dêxa; trôxe. Exceções: a conjunção ou será transcrita por ou e não ô.
7. Redução específica de certos ditongos como em truxe [trusi] por trouxe, em que o corre também a elevação da vogal.
8. Redução do morfema de diminutivo -inho. Ex.: copim por copinho.
9. Aglutinação, com apóstrofo. Ex.: p'cê = para você
10. Os fáticos são registrados com h. Ex.: éh... e não é.
11. Iotização, grafada com i. Ex.: *muiezinha = mulherzinha.*
12. Inserção de semivogal após vogal tônica final seguida de [s]. Ex.: nóis = nós; treis = três; mais = mas.
13. Supressão de semivogal e consoante será grafada como efetivada. Ex.: embaxadinha = embaixadinha; tamém = também; particulamente = particularmente.
14. Supressão do 'r' final. Ex.: fazê; fô; amô; professô. Exceção: A forma do verbo ir deve ser sempre transcrita como ir.
15. Nasalização. Ex.: ingual por igual.
16. Redução de terminações verbais. Ex.: brincano por brincando.
17. Inserção ou supressão de segmento no início do vocábulo. *Ex.: tudo enquanto = tudo quanto; marra = amarra; ta = está; tamo= estamos; teja=esteja*.
18. As variações do vocábulo 'para' serão grafadas como efetivadas. Ex.: pra, pa, para = para
19. As variações do vocábulo 'não' serão grafadas como efetivadas. Ex.: num, não = não.
20. Redução de proparoxítonas, com a manutenção do acento para facilitar o entendimento da forma, quando necessário. Ex.: psicóla = psicóloga
21. Vocalização da consoante lateral pós-vocálica, por ser genérico, será mantida a grafia com "l". Ex.: tal, e não táu; legal, e não legau.
22. Elevação das vogais médias em posição átona final, por ser genérico, não será marcado. Ex.: nome, e não nomi; prato, e não pratu.
23. Elevação da vogal na conjunção 'e', no artigos 'o(s)', na preposição "de", na conjunção "que" não será transcrita.
24. Elevação das vogais médias em distribuição pré-acentuada, quer no interior de um mesmo vocábulo, quer no interior de um grupo de força (como no caso das sequências com a preposição em), e pós-acentuada não-final. Ex: iscola, cumida, minino, buneca, tiatro.
25. As vogais abertas e fechadas serão marcadas. Ex.: atê = até

C- Aspectos da interação

a) Incompreensão de palavras ou segmentos: ( )
b) Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre): /
c) Prolongamento de vogal: ::podendo aumentar para :::::
d) Interrogação: ?
e) Qualquer pausa: ...
f) Comentários descritivos do transcritor: ((minúscula))
g) Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou para siglas.
h) Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados.
i) Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa)

Fonte: Coelho (2021).[15]

[15] Orientadora da pesquisa.

APÊNDICE G - Fotos

Foto 1 - Entrada do povoado Alvação

Fonte: Fotografia da autora.

Foto 2 - Igreja Congregação Cristã no Brasil

Fonte: Fotografia da autora.

Foto 3 – Represa com água

Fonte: Fotografia da autora.

Foto 4 – Rua da chegada

Fonte: Fotografia da autora.

Foto 5 - Entrada do Rancho da gente

Fonte: Fotografia da autora.

Foto 6 - Palhoça e academia da praça

Fonte: Fotografia da autora.

Foto 7 - Ponte sobre o córrego Jangada

Fonte: Fotografia da autora.

Foto 8 - Entrada de um sítio

Fonte: Fotografia da autora.

Foto 9 - Cancela de entrada de sítio

Fonte: Fotografia da autora.

Foto 10 - Sítio a beira da estrada - 1

Fonte: Fotografia da autora.

Foto 11 - Sítio a beira da estrada - 2

Fonte: Fotografia da autora.

Foto 12 - Represa de água

Fonte: Fotografia da autora.

ANEXO A - Resolução nº 003/2020 - Conselho Gestor, de 02 de junho de 2020

PROFLETRAS
Rede Nacional

RESOLUÇÃO Nº 003/2020 – CONSELHO GESTOR, de 02 de junho de 2020.

Define as normas sobre a elaboração do Trabalho de Conclusão do Curso para a sexta turma do MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

A COORDENAÇÃO NACIONAL DO PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS (PROFLETRAS) faz saber que, usando das atribuições que lhe confere,

CONSIDERANDO o enfrentamento da pandemia do Covid 19, no âmbito da esfera acadêmica e, particularmente, na pós-graduação;

CONSIDERANDO o contexto de crise sanitária que impacta a realização das atividades presenciais de intervenção que visam à elaboração do trabalho de conclusão da sexta turma do ProfLetras;

RESOLVE aprovar as seguintes normas:

PROFLETRAS

Rede Nacional

Art. 1o. Os trabalhos de conclusão da **sexta turma** poderão ter caráter propositivo sem, necessariamente, serem aplicados em sala de aula presencial.

Art. 2o. O trabalho de conclusão deverá, necessariamente, apresentar **um produto** (proposta de sequência didática, criação de material didático, desenvolvimento de software etc.) a ser sistematizado a partir, por exemplo, da análise de livros e materiais didáticos, da reflexão advinda de trabalhos de conclusão no âmbito do ProfLetras e da intervenção na modalidade remota.

Art.3o. Os produtos a serem sistematizados devem seguir os diferentes formatos previstos tanto no âmbito do programa quanto aqueles apresentados nos documentos de área.

Art. 4º: Esta Resolução entra em vigor a partir da data de sua publicação.

02 de junho de 2020.

Profa. Dra. Maria da Penha Casado Alves
PRESIDENTE DO CONSELHO GESTOR

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN | Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS (Rede Nacional) | 1º andar, Campus Universitário, s/n Lagoa Nova, CEP 59078-970, Natal/RN
Telefone: (84) 3342.2262 / 99224.0006 | E-mail: contato@profletras.ufrn.br | http://www.profletras.ufrn.br/

Fonte: (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE, 2020).

ANEXO B - Evento organizado durante a realização da pesquisa

UNIMONTES – CCH – DCL – CAMPUS JANUÁRIA

GRUPO DE PESQUISA – O VOCABULÁRIO DO PORTUGUÊS FALADO PELOS GURUTUBANOS: UM ESTUDO FUNCIONAL DO LÉXICO

PALESTRA

TOPONÍMIA EM MINAS GERAIS: A INFLUÊNCIA DE ASPECTOS SOCIOCULTURAIS NA NOMEAÇÃO DOS LUGARES

PALESTRANTE:
PROF.ª DR.ª ANA PAULA M. A. CARVALHO
IFMG/UFMG

MEDIADORA:
PROF.ª RAQUEL R. GUIMARÃES MOTA
EESS/ProfLetras/Unimontes

07/06/2021-Às 19h:15

Link: https://meet.google.com/hfo-fonh-rdh

ORGANIZADORAS/Unimontes: M.ª Socorro V. Coelho – Ros'elles M. Felício

ANEXO C - Declaração revisão - Normas ABNT

Eu, Roziane do Amparo Araujo Michielini, declaro que a dissertação da aluna Raquel Ribeiro Guimarães Mota, intitulada *A toponímia no ensino fundamental: um estudo sobre os nomes dos Logradouros de Alvação, Distrito de Coração de Jesus – MG,* foi revisada de acordo com as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). A aplicabilidade compreendeu a apresentação gráfica, citar e referenciar.

Roziane do Amparo Araujo Michielini
Bibliotecária - CRB / 2563
e-mail: rozziane@outlook.com
Revisora Normas da ABNT

Belo Horizonte, 29 de setembro de 2021.